



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

João Bosco Ferreira Brandão

**Senhoras e senhores, os Beatles!**  
A reinvenção global de um ícone pop em tempos de peregrinações laicas.

Florianópolis, SC

2024

João Bosco Ferreira Brandão

**Senhoras e senhores, os Beatles!**

A reinvenção global de um ícone pop em tempos de peregrinações laicas.

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Maria Bernardete Ramos Flores, Dr<sup>a</sup>

Florianópolis, SC

2024

Brandão, João Bosco Ferreira

Senhoras e senhores, os Beatles! : A reinvenção global de um ícone pop em tempos de peregrinações laicas. / João Bosco Ferreira Brandão ; orientadora, Maria Bernardete Ramos Flores , 2024.

241 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Memória. 3. The Beatles . 4. Nostalgia. 5. Peregrinação laica. I. Flores , Maria Bernardete Ramos . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

João Bosco Ferreira Brandão

**Senhoras e senhores, os Beatles!** A reinvenção global de um ícone pop em tempos de peregrinações laicas.

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 23 de fevereiro de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Reinaldo Lindolfo Lohn, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina - UDESC

Prof.(a) Aline Dias da Silveira, Dr<sup>a</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof.(a) Márcio Roberto Voigt, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof.(a) Lauro Wanderley Meller, Dr.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em História

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Prof.(a) Maria Bernardete Ramos Flores, Dr<sup>a</sup>.  
Orientadora

Florianópolis, 2024.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço pelo apoio incondicional, cheio de amor e dedicação de minha esposa, Sílvia Sobral Costa. Ombro amigo nas horas mais complicadas sempre dizendo as palavras certas e não me deixando abater com os contratempos.

Aos meus pais, Djalma Pinto Brandão e Maria Zélia Ferreira Brandão, suportes fundamentais em minha vida em todos os sentidos.

A minha orientadora Maria Bernardete Ramos Flores que acreditou na minha proposta, que dialogou comigo, me acolheu, respeitou meus pontos de vista e me indicou o bom caminho. Não tenho palavras para expressar minha gratidão.

A todos os professores que de forma direta ou indireta possibilitaram este momento tão importante em minha vida.

## RESUMO

Os Beatles foram um conjunto musical formado por John Lennon (guitarra base), Paul McCartney (baixo), George Harrison (guitarra solo) e Ringo Starr (bateria). Eram de Liverpool, importante cidade portuária inglesa, que por ter característica multicultural, foi fundamental em sua formação. Em sua curta carreira (1962-1970) alcançaram sucesso e deixaram marcas, tornando-se ícones da cultura pop. A criatividade artística, inovação técnica e engajamento social os fizeram símbolos de uma geração. Sua influência ultrapassou as fronteiras territoriais e linguísticas e as músicas por eles compostas são ainda ouvidas, não só pelos seus contemporâneos, mas também pelas novas gerações. No entanto, o que justifica o contínuo interesse pelo grupo e seu trabalho, mesmo passados mais de 50 anos do fim do conjunto? O objetivo principal desta tese é entender esse fenômeno. Percebeu-se que não há uma única resposta para o questionamento proposto. Liverpool tornou-se cidade-ícone, repleta de monumentos, memoriais, museus e outros lugares de memória, visitados constantemente por fãs que muitas vezes se comportam como peregrinos. É a cultura pop revestida de características religiosas, transformando viagens e passeios em peregrinações laicas, onde certas localidades tem aspectos sagrados e certos objetos se tornam relíquias. Esse intenso turismo cultural e suas consequências econômicas, tornaram o grupo elemento central da identidade hegemônica da urbe. Conceitos como produção de presença e de sentido (Hans Gumbrecht), *travelling memories* (Astrid Erll), lugar de memória (Pierre Nora, revisitado por Aleida Assmann), nostalgia - *golden age thinking* - e sua indústria (Matthew Cooper, Maribel Carvalho Suarez, entre outros), aura e autenticidade (Walter Benjamin) foram fundamentais no esclarecimento dessa proposição. Outro fator fundamental foi a *Apple Corps.*, empresa criada pelos músicos e administrada por eles e seus herdeiros, que tem como papel o gerenciamento da marca beatle e de seus produtos. Apoiados em uma indústria musical e de nostalgia e de um marketing planejado, os Beatles continuam presentes na mídia, lançando novos ou repaginados produtos e mantendo o nome do grupo em evidência. A associação de todos esses fatores explica a manutenção da importância do grupo como ícone pop e referência nas artes globais.

**Palavras-chave:** Beatles, Liverpool, memória, nostalgia, peregrinação laica.

## ABSTRACT

The Beatles were a musical group formed by John Lennon (rhythm guitar), Paul McCartney (bass), George Harrison (lead guitar) and Ringo Starr (drums). They were from Liverpool, an important English port city, which due to its multicultural characteristics, was fundamental in its formation. In their short career, (1962-1970) they achieved success and left marks, becoming pop culture icons. Artistic creativity, technical innovation and social engagement made them symbols of a generation. Their influence went beyond territorial and linguistic boundaries and the music they composed is still heard not only by their contemporaries, but also by new generations of listeners. Their importance is clear in the cultural scenario, but what justifies the continued interest in the group and its work, even more than 50 years after the end of their career? Why is this interest renewed by the younger generations? The main objective of this thesis is to understand this phenomenon. One of the possible answers is related to their hometown. Liverpool has become an iconic city, full of monuments, memorials, museums and other places of memory, constantly visited by fans who often behave like pilgrims. It is pop culture coated with religious characteristics, transforming trips and tours into secular pilgrimages, where certain locations have sacred aspects and certain objects become relics. Nowadays this intense cultural tourism and its economic consequences made the group a central element of the city's hegemonic identity. Concepts such as production of presence and meaning (Hans Gumbrecht), traveling memories (Astrid Erll), place of memory (Pierre Nora revisited by Aleida Assmann), nostalgia – golden age thinking – and its industry (Matthew Cooper, Maribel Carvalho Suarez among others), aura and authenticity (Walter Benjamin) were fundamental in clarifying this proposition. Another fundamental factor was Apple Corps, a company created by the musicians and managed by them and their heirs, whose role is to manage the Beatle brand and its products. Supported by an industry of music, nostalgia and by planned marketing, the Beatles continue to be present in the media, launching new or redesigned products and keeping the group's name in the spotlight. The association of all these factors explains the maintenance of the group's importance as pop icons and as a reference in global arts.

**Key-words:** Beatles, Liverpool, memory, nostalgia, secular pilgrimages.

## LISTA DE FIGURAS

Fig. 01	Mural com fotografias dos quatro Beatles dentro do <i>Cavern Club</i> , Liverpool, 2018.....	18
Fig. 02	Programa das apresentações que ocorreram na festa paroquial no dia em que John Lennon conheceu Paul McCartney.....	27
Fig. 03	Os <i>Quarrymen</i> em ação! Primeira foto conhecida de Paul McCartney e John Lennon.....	28
Fig. 04	“Cadê o baterista?” Os adolescentes George, John e Paul: animando uma festa de família, 1958.....	33
Fig. 05	“1,2,3,4!”. Stuart Sutcliffe, Paul McCartney, George Harrison, Pete Best e John Lennon. Os Beatles em Hamburgo.....	35
Fig. 06	“Os cinco rapazes de Liverpool em Hamburgo”. Foto tirada por Astrid Kirchherr.....	36
Fig. 07	“Beatles prontos para o consumo”. A nova imagem da banda com Brian Epstein.....	38
Fig. 08	“Senhoras e Senhores, os Beatles!” A banda com seu novo visual e novo baterista.....	39
Fig. 09	Capa do album <i>Please, Please me</i> . Lançado em 22 de março de 1963.....	42
Fig. 10	Os fãs em ação! Bem-vindos à Beatlemania!.....	46
Fig. 11	Capa do disco <i>With The Beatles</i> . Lançado em 22 de novembro de 1963.....	50
Fig. 12	<i>A Hard Day's Night</i> . Lançado em 10 de julho de 1964.....	53
Fig. 13	<i>Beatles For Sale</i> . Lançado em 4 de dezembro de 1964.....	58
Fig. 14	<i>Help!</i> Lançado em 6 de agosto de 1965.....	60
Fig. 15	<i>Rubber Soul</i> . Lançado em 3 de dezembro de 1965.....	63
Fig. 16	<i>Revolver</i> . Lançado em 5 de agosto de 1966.....	71
Fig. 17	<i>Sgt. Peppers' Lonely Hearts Club Band</i> . Lançado em 26 de maio de 1967.....	73
Fig. 18	<i>Magical Mystery Tour</i> – Lançado em 27 de novembro de 1967.....	79
Fig. 19	<i>The Beatles</i> . Lançado em 22 de novembro de 1968.....	81
Fig. 20	Detalhe da capa do disco <i>The Beatles</i> com o nome do quarteto em alto relevo.	82
Fig. 21	<i>Yellow Submarine</i> – Lançado em 17 de janeiro de 1969.....	86
Fig. 22	<i>Get Back</i> .....	89
Fig. 23	<i>Abbey Road</i> . Lançado em 26 de setembro de 1969.....	91
Fig. 24	<i>Let it Be</i> Lançado em 13 de maio de 1970.....	93
Fig. 25	<i>Bawarchi Khana — Renuka Singha, Zahra Assim</i> .....	101
Fig. 26	Pôster do filme “Meia-Noite em Paris” de 2010.....	104
Fig. 27	Mapa que possibilita a visualização da distância entre Londres e Liverpool.....	110
Fig. 28	“As Três Graças”.....	113
Fig. 29	Danos causados por ataques aéreos da força aérea nazista em Liverpool.....	117
Fig. 30	<i>International Slavery Museum</i> . Imagem feita dentro do museu.....	126
Fig. 31	Capa da revista <i>Rolling Stone</i> de setembro de 1974 noticiando a primeira Beatlefest realizada em Nova York.....	133
Fig. 32	Pôster do primeiro encontro de fãs dos Beatles em Liverpool em 1977.....	133



Fig. 33	Pôster do filme <i>Yesterday</i> .....	134
Fig. 34	Foto 34A Museu Beatles Story. Foto 34B Ônibus do Magical Mystery Tour. Foto 34C Cavern Club.....	150
Fig. 35	Memorial situado no <i>Central Park</i> em Nova Iorque dedicado a John Lennon..	155
Fig. 36	<i>Mendips</i> . 36A – Vista geral da casa. 36B – Grupo aguardando a entrada para uma visita guiada. 36C - Placa no muro de entrada da casa onde se lê: “A casa de infância de John Lennon”.....	162
Fig. 37	<i>Forthlin Road</i> : Casa de Paul McCartney. 37A - A casa em que o músico morou. 37B – Grupo aguardando a entrada para uma visita guiada. 37C – Placa na frente da casa onde se lê: “A casa da orgulhosa família McCartney: Jim, Mary, Paul e Mike.....	163
Fig. 38	“ <i>Two up and two down</i> ”, <i>Arnold Grove</i> : Casa de George Harrison. 38A – Vista geral do beco. 38B – Placa com o endereço na entrada do beco. 38C- Casa em que morou a Família Harrison.....	164
Fig. 39	Bloco de casas em reforma. A antiga casa de Ringo Starr encontra-se do lado direito.....	164
Fig. 40	Igreja de St. Peter em Wolton. Na placa está escrito: “Neste salão, em 6 de julho de 1957, John e Paul se conheceram”.....	165
Fig. 41	<i>The Grapes</i> . 41A – Fachada do bar situado na <i>Mathew Street</i> . 41B - A placa pode ser assim traduzida: “[...] Os Beatles frequentemente vinham aqui tomar algumas antes de tocar no Cavern [...]”. 41C- Local em que os Beatles sentavam.....	166
Fig. 42	LIVERPOOL ECHO. <i>Looking back at Liverpool's Casbah Coffee Club</i> .....	167
Fig. 43	Propaganda de lançamento do single <i>Strawberry Fields Forever/Penny Lane</i> .	168
Fig. 44	<i>Penny Lane</i> . 44A – Turistas tiram fotos, moradores utilizam a ciclovia e passeios guiados acontecem. 44B – Vista da rua com o ônibus do Magical Mystery Tour. 44C - Placa de rua.....	169
Fig. 45	45A - Portão de entrada de <i>Strawberry Field</i> . 45B -Portão original de <i>Strawberry Field</i> . Agora, peça do museu The Beatles Story em Liverpool.....	171
Fig. 46	<i>Mathew Street</i> . 46A - Fila para entrar no novo Cavern Club em uma noite chuvosa de outubro de 2018. 46B - Local do <i>Cavern Club</i> original. 46C – Folder do Cavern Club de 2018 com imagens de uma banda cover dos Beatles e horários de apresentação.....	174
Fig. 47	Palco do <i>Cavern Club</i> . 47A - Os Beatles em ação no <i>Cavern Club</i> original, (1962). 47B- Show em um dos palcos do novo <i>Cavern Club</i> .....	176
Fig. 48	48A - <i>Cavern Club</i> em <i>Buenos Aires</i> . 48B- <i>The Beatles Museum</i> . Réplica do <i>Cavern Club</i> original.....	181
Fig. 49	<i>Abbey Road</i> . 49A - Vista mais conhecida da faixa de pedestres. 49B - Faixa de pedestres por outro ângulo. 49C - Turistas fotografando a entrada principal do estúdio. 49D – Foto tirada por ocasião da primeira visita à <i>Abbey Road</i> em 1997.....	185
Fig. 50	Estúdios <i>Abbey Road</i> . 50A - A entrada da loja fica na lateral do estúdio. 50B- <i>Earth Cam apontada para a faixa</i> : a faixa de pedestres está online 24 horas por dia. 50C- Placa localizada em frente ao estúdio com pichação e os seguintes dizeres: “NÃO ENTRE”. 50D- Mensagens deixadas pelos fãs nos muros de <i>Abbey Road</i> .....	186

Fig. 51	51A – O prédio da gravadora dos Beatles, <i>Apple</i> . 51B – Placa oficial que registra local de interesse histórico na cidade de Londres.....	187
Fig. 52	<i>Four lads who shook the world</i> , de Arthur Dooley (1974). Metal, pedra, plástico e tecido. 52A – A primeira versão antes da morte de John Lennon com um querubim representando Paul McCartney. 52BA segunda versão com o boneco com a inscrição “Lennon lives” (Lennon vive).....	188
Fig. 53	<i>Mathew Street Lennon</i> , de David Webster (1996).....	191
Fig. 54	Conjunto de estátuas representando os Beatles dentro do <i>Cavern Walks</i> .....	192
Fig. 55	55A <i>Pier Head Beatles Statue</i> , Andy Edwards (2016). Bronze. 55 B – Turistas interagindo com as estátuas. 55C – Família se posiciona próxima ao monumento. ....	193
Fig. 56	56A - <i>Eleanor Rigby</i> - “ <i>All the lonely people</i> ”. <i>Tommy Steele</i> , (1982). 56B – Vista geral do monumento. 56C – Placa indicativa do título da obra e trecho da canção “Eleanor Rigby”.....	195
Fig. 57	<i>John Lennon</i> , por Tom Murphy (2002). Bronze.....	196
Fig. 58	<i>Peace and Harmony</i> , por Lauren Voiers (2008). Alumínio.....	197
Fig. 59	<i>Yellow Submarine</i> , Aprendizes de Cammell Lairds, 2005.....	198
Fig. 60	<i>George Harrison Memorial</i> .....	199
Fig. 61	<i>Beatles Platz</i> , de Doshe & Stich (2008). Aço e granito preto. Hamburgo.....	203
Fig. 62	<i>Strawberry Fields Memorial</i> em New York. 62A – Vista geral com o edifício Dakota ao fundo. 62B – Turistas ocupando os bancos e fotografando os mosaicos. 62C – Detalhes do mosaico.....	205
Fig. 63	<i>The John Lennon Wall</i> , anônimo, (1980). Concreto e tintas variadas.....	207
Fig. 64	Imagens de três ícones da cultura inglesa. Curitiba- Paraná.....	208
Fig. 65	Praça “John Lennon”. São Paulo.....	209
Fig. 66	<i>Beatle Bums</i> , Thrussell & Thrussell (2016). Moldes de cobre. Plymouth, Reino Unido.....	210
Fig. 67	Capas de discos de diferentes artistas influenciados pelos Beatles. 67A ‘ <i>Their Satanic Majesties Request</i> ’, Rolling Stones 67B Álbum “ <i>Tropicália ou Panis et Circencis</i> ”, Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outros. 67C Disco de Frank Zappa and the Mothers of Invention intitulado “ <i>We’re only in it for the Money</i> ”. 67D “ <i>The Abbey Road EP</i> ”, The Red Hot Chilli Peppers. 67E “ <i>Metallica</i> ” também conhecido como “ <i>Black Album</i> ”. 67F “ <i>Let it Be</i> ”, Laibach.....	216
Fig. 68	Alguns produtos lançados pelos Beatles após o término da banda. 68A - O game RockBand. 68B - O lançamento de seus álbuns em streaming. 68C - Propaganda do documentário <i>Anthology</i> ,.....	218
Fig. 69	Dois folders de turismo da cidade de Liverpool em dois momentos de história. Esquerda: Produzido em 1997. Direita: Produzido em 2018.....	220
Fig. 70	Tijolo original do Cavern Club, leiloado em 2009.....	221
Fig. 71	Imagens atuais do Ashram frequentado pelos Beatles em 1968. 71A - Placa indicativa do lugar hoje nomeado de <i>Beatle’s Ashram</i> .71B - Salão de reuniões do Ashram. 71C Salão com turistas sentados no chão. 71D Cabanas em Rishikesh, na Índia, onde os Beatles meditavam.....	223

## LISTA DE QRcode

QR code 1	Canção <i>Maggie Mae</i> .....	114
QR code 2	Canção <i>Strawberry Fields Forever</i> .....	168
QR code 3	Canção <i>Penny Lane</i> .....	168
QR code 4	Canção <i>Eleanor Rigby</i> .....	172
QR code 5	Demolição do Cavern Club.....	175

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
CAPÍTULO 1	<b>HISTÓRIA DOS BEATLES: A CAMINHO DA BEATLEMANIA.....</b>	<b>26</b>
1.1	DEIXE-ME APRESENTAR A BANDA QUE VOCÊS CONHECEM HÁ TANTO TEMPO.....	26
1.2	JOHN, PAUL, GEORGE, PETE E STUART.....	32
1.3	BRIAN EPSTEIN.....	36
1.4	OS BEATLES: SUA DISCOGRAFIA E FILMOGRAFIA.....	39
1.5	1ª FASE: OS REIS DO IÉ, IÉ, IÉ (1962-1965).....	41
1.5.1	<b>Please, Please me (1963).....</b>	<b>41</b>
1.5.2	<b>With The Beatles (1964).....</b>	<b>48</b>
1.5.3	<b>A Hard Day's Night (1964).....</b>	<b>52</b>
1.5.4	<b>Beatles for Sale (1964).....</b>	<b>56</b>
1.5.5	<b>Help! (1965).....</b>	<b>58</b>
1.6	SEGUNDA FASE: LIBERDADE CRIATIVA.....	61
1.6.1	<b>Rubber Soul (1965).....</b>	<b>62</b>
1.6.2	<b>Revolver (1966).....</b>	<b>68</b>
1.6.3	<b>Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (1967).....</b>	<b>71</b>
1.6.4	<b>Magical Mystery Tour (1967).....</b>	<b>77</b>
1.6.5	<b>The Beatles (1968).....</b>	<b>80</b>
1.6.6	<b>Yellow Submarine (1968).....</b>	<b>85</b>
1.6.7	<b>Get Back (projeto inacabado – 1969).....</b>	<b>87</b>
1.6.8	<b>Abbey Road (1969).....</b>	<b>90</b>
1.6.9	<b>Let it Be (1970).....</b>	<b>92</b>
1.6.10	<i>And in the end.....</i>	94
CAPÍTULO 2	<b>OS BEATLES E A MANUTENÇÃO DO MITO.....</b>	<b>96</b>
2.1	<i>THOSE WERE THE DAYS: A NOSTALGIA CULTURAL A SERVIÇO DA MANUTENÇÃO DO MITO BEATLE.....</i>	98
2.1.1	<b><i>Golden age thinking.....</i></b>	<b>103</b>
2.1.2	<b>A indústria da nostalgia.....</b>	<b>105</b>
2.2	YOU CAN TAKE A BOY OUT OF LIVERPOOL, BUT YOU CAN NEVER TAKE LIVERPOOL OUT OF THE BOY: CONHECER LIVERPOOL PARA CONHECER OS BEATLES.....	108
2.2.1	<b>Liverpool: uma longa história e diferentes identidades hegemônicas.....</b>	<b>111</b>
2.2.2	<b>As identidades urbanas hegemônicas de Liverpool.....</b>	<b>118</b>
2.2.3	<b>Liverpool como cidade-porto.....</b>	<b>120</b>
2.2.4	<b>Liverpool e o tráfico de escravizados.....</b>	<b>122</b>
2.2.5	<b>Os Beatles e a nova identidade hegemônica de Liverpool.....</b>	<b>127</b>

2.3	LIVERPOOL: 8 DE DEZEMBRO DE 1980.....	131
2.3.1	<b>Visitar, ver e sentir Liverpool.....</b>	133
2.3.2	<b>A peregrinação: do sagrado religioso ao sagrado laico.....</b>	136
2.3.3	<i>As Travelling Memories.....</i>	142
2.3.4	<b>A produção de presença.....</b>	144
2.4	LIVERPOOL E OS BEATLES: UMA UNANIMIDADE?.....	148
CAPÍTULO 3	<b>OS MONUMENTOS, MEMORIAIS, MUSEUS E LUGARES DE MEMÓRIA: A MANUTENÇÃO DA POPULARIDADE DOS BEATLES.....</b>	153
3.1	LUGARES DE MEMÓRIA EM LIVERPOOL: MANUTENÇÃO DA POPULARIDADE DOS BEATLES.....	156
3.1.1	<b>Casas museu.....</b>	160
3.1.2	<b>Lugares e acontecimentos.....</b>	165
3.1.3	<b>Músicas e locais.....</b>	167
3.2	O <i>CAVERN CLUB</i> : UMA EXPERIÊNCIA “AUTÊNTICA”.....	172
3.3	LUGARES DE MEMÓRIA FORA DE LIVERPOOL: MANUTENÇÃO DO MITO BEATLE.....	183
3.4	O REFORÇO NA MANUTENÇÃO DA POPULARIDADE DOS BEATLES EM LIVERPOOL: OS MONUMENTOS E OS ESPAÇOS MEMORIAIS.....	188
3.5	MEMORIAIS E MONUMENTOS BEATLE FORA DE LIVERPOOL.....	200
	<b>E NO FIM... FIM?.....</b>	212
	CODA.....	223
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	224
	FONTES PRIMÁRIA.....	224
	<b>Entrevistas.....</b>	224
	<b>Discografia.....</b>	224
	<b>Filmes e vídeos.....</b>	225
	BIBLIOGRAFIA REFERENTE AOS BEATLES.....	226
	BIBLIOGRAFIA.....	233

## INTRODUÇÃO

*Is there anybody going to listen to my story? – Girl – Lennon/ McCartney*

Essa é uma tese sobre um grupo musical.

Uma aventura regada a sons, harmonias, melodias, dissonâncias e silêncios. Claves, pausas, notas, bemóis, sustenidos, ritmos e contrapontos. Trechos afinados e outros nem tanto assim. Mas, lembre-se: “no peito dos desafinados também bate um coração”.<sup>1</sup> Há personagens fortes, reviravoltas e constatações relevantes. A tese fala de nostalgia, de lugares, de peregrinações, de turismo, de memórias, de afetos, de sentidos e de presenças. É uma pesquisa que tem como objeto os Beatles e a manutenção da sua popularidade global através da invenção e reinvenção do mito *beatle* ao longo do tempo.

Os Beatles foram uma das bandas mais conhecidas da música popular do século XX. Era formada por John Lennon (1940-1980), Paul McCartney (1942- ), George Harrison (1943-2001) e Ringo Starr (1940- ). Os quatro integrantes nasceram durante a Segunda Guerra Mundial em Liverpool, uma das cidades inglesas mais castigadas pela *Luftwaffe*. O grupo teve uma curta carreira, com início no mercado fonográfico em 5 de outubro de 1962, com o lançamento do compacto *Love me do/P.S. I love you*, e encerrou oficialmente suas atividades em maio de 1970, com o último álbum *Let it be*. Muito já foi discutido sobre eles em documentários, livros, revistas, jornais, blogs e podcasts. Porém, o que se busca nesta tese é analisar metodologicamente algumas questões-base para a pesquisa, quais sejam, o porquê de os Beatles ainda serem populares e relevantes para tantas pessoas, em diferentes lugares do mundo, mesmo passados 50 anos após seu fim? Como essa popularidade se mantém? Por que o interesse pelo grupo e sua obra se renova perante as novas gerações? Quais os motivos que levam fãs do mundo inteiro a se dirigirem a lugares de memória relacionados ao grupo? Por quais motivos essas visitas têm características de peregrinações religiosas? Qual o papel da cidade de Liverpool na manutenção do mito *beatle*? Como o interesse pelo grupo fez aumentar o turismo de massa nessa mesma cidade?

De maneira mais ampla nos deparamos com poucas análises científicas, sendo que a maioria delas preocupa-se em avaliar, principalmente, os impactos culturais da obra e a postura artística. A escassez de pesquisas sobre artistas populares, se deu, durante certo tempo, porque

---

<sup>1</sup> Trecho da canção “Desafinado”, composta por Antônio Carlos Jobim e Newton Mendonça. JOBIM, Antonio Carlos; MENDONÇA, Neuton. *Desafinado*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tCMhuN3053o>. Acesso em: 22 mar. 2023.

a música pop e seus representantes não eram considerados temas de interesse da história, tidos como, produto descartável de consumo de massas, obra menor/ inferior e sem valor artístico. O próprio grupo Beatles, por exemplo, não percebia a importância de sua arte ou postura. Em uma entrevista, a bordo de um avião, durante uma turnê em 1964, Paul McCartney, baixista do grupo, foi questionado:

Repórter: Esta história dos Beatles, que impacto na história cultural ocidental vocês terão no futuro?

Paul McCartney: Você está brincando com essa pergunta, não é? Cultura, isso não é cultura!

Repórter: O que é então?

Paul McCartney: (Rindo) Uma risada!<sup>2</sup>

A resposta dada ao jornalista, “Uma risada” nos faz entendê-la como “entretenimento”. Esse “divertimento” produzido pelos Beatles, porém, revolucionou várias áreas de nossa sociedade, como o comportamento, a moda e a própria indústria da música em escala global, além, de na atualidade terem influenciado diversos compositores nos quatro cantos do mundo e em diversos gêneros musicais. Não há dúvidas de que a música popular, bem como o entretenimento em geral, se consolidou como fonte de questionamentos e hipóteses relevantes para a compreensão da sociedade. Essas práticas culturais são encaradas como um objeto de pesquisa pertinente e esclarecedora da história social. “[...] a canção (e a música popular como um todo) [...] ajuda a pensar a sociedade e a história. A música não é apenas ‘boa para ouvir’, mas também é ‘boa para pensar’”.<sup>3</sup> Assim, constata-se que a produção artística popular, da mesma forma que qualquer outra arte, gera apreciação dependendo de sua intensidade, aceitação e difusão, pode se transformar em uma experiência social e política, indo além da esfera individual, derrubando as barreiras linguísticas e atravessando fronteiras territoriais.

Na busca por compreender como esse grupo de rock/pop conseguiu tamanha popularidade global – que continua a atingir novos interessados por suas obras e como elas se mantêm como foco de interesse, – decidiu-se por uma abordagem metodológica exploratória (favorecida pela viagem a Liverpool), interpretativa (pois mostramos algumas comparações com outras realidades similares), qualitativa (através da análise de documentos) e analítica de fontes variadas como discos, filmes, jornais, revistas e sites. Foram realizados trabalhos de campo por meio de entrevistas com visitantes/peregrinos dos lugares de memória *beatle*, das casas museus e dos monumentos associados aos Beatles, com habitantes de Liverpool e

<sup>2</sup> 8 DAYS A WEEK. Direção: Ron Howard. Escrito por Mark Monroe. Apple films, Imagine Entertainment, White Horse Pictures, 2016, NTSC, colorido. 97 minutos. Título original: 8 days a week.

<sup>3</sup> NAPOLITANO, Marcos. *História e Música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 11.

trabalhadores associados a empreendimentos diretamente conectados à banda e, ainda, com professores da *Liverpool University*, que fazem pesquisas sobre o tema.

Buscamos, desde o início, escrever esta tese observando os parâmetros da História Pública que, de acordo com Argyri Panezi, é a pesquisa historiográfica “apresentada de forma acessível ao grande público”.<sup>4</sup> O próprio tema (música popular, Beatles) acaba por interagir com um público mais amplo. Por essa razão o primeiro capítulo traz a biografia do grupo. Pensamos naqueles que não conhecem a jornada dos Beatles e nos utilizamos de uma forma narrativa para uma melhor compreensão e acessibilidade dos motivos de sua popularidade global que seriam tratados com mais detalhamento nos outros capítulos. Nesse sentido, Umberto Eco escreveu que a clareza é fundamental e não há vergonha por se querer explicar bem as coisas. A tese é, segundo o escritor italiano, um “texto potencialmente endereçado a toda a humanidade”.<sup>5</sup> Outros pontos pertinentes à História Pública estão relacionados à análise dos “[...] impactos globais das culturas de memória e presença, identidade e demandas de orientação no tempo [...]” fundamentais nesta pesquisa.<sup>6</sup> Assim, buscando a clareza citada, optou-se por dividir a tese em três capítulos, sendo que o primeiro trata da história da banda.

Que se abram as cortinas...

*15 de agosto de 1965*

*Um barulho ensurdecedor e contínuo de um público de aproximadamente 55 mil pessoas quase cobre as palavras de um apresentador que anuncia:*

*Atenção, senhoras e senhores!*

*Homenageados por seu país, condecorados por sua rainha e amados aqui na América, aqui estão os Beatles!*<sup>7</sup>

A primeira parte da tese intitulada “História dos Beatles: a caminho da Beatlemania” analisa as origens urbanas dos quatro integrantes e suas influências artísticas. Para compreendermos como a banda se tornou conhecida, aqui, ali e em todos os lugares do mundo é importante contextualizar o momento histórico de seu surgimento. Após o devastador *blitzkrieg* nazista, Liverpool, a cidade natal do conjunto, viu surgir uma nova forma de expressão musical: o *Merseybeat*. Esse movimento, predominantemente jovem, teve como seu

<sup>4</sup> BONALDO, Rodrigo Bragio. *O que é história pública?* Disponível em: <<https://historiapublica.sites.ufsc.br/o-que-e-historia-publica/>> . Acesso em 01 out. 2023.

<sup>5</sup> ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 140-141.

<sup>6</sup> BONALDO, Rodrigo Bragio. *O que é história pública?* Disponível em: <<https://historiapublica.sites.ufsc.br/o-que-e-historia-publica/>> . Acesso em 01 out. 2023.

<sup>7</sup> Ed Sullivan, apresentador de TV estadunidense, introduzindo os Beatles no show realizado no Shea Stadium, 1965.



principal representante os Beatles. Os quatro rapazes atingiram uma gama considerável de categorias sociais – histórica, sociológica, cultural e musical.<sup>8</sup>

Neste primeiro capítulo, utilizamos, especialmente no item “Deixe-me apresentar a banda que vocês conhecem há tanto tempo...”, do auxílio teórico de Eric Hobsbawm e de suas análises econômicas e históricas da década de sessenta do século XX. Este foi um momento em que “[...] as regras e convenções que governavam as relações humanas se desmancharam [...]” e “[...] a combinação de novas tecnologias e consumo de massa não só criou o cenário cultural geral em que vivemos [...]”, mas, possibilitou que um grupo musical inglês se dispusesse a assumir um lugar de destaque, através da música e do comportamento, tornando-se ícone daquele período.<sup>9</sup> Ian Inglis, *Senior Lecturer* em Sociologia da Universidade de Northumbria, analisa a carreira dos Beatles sob um viés sociológico, em sua tese de doutorado *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. A história da banda tem como um dos maiores especialistas, o pesquisador Mark Lewisohn. Seus livros, artigos e palestras foram importantes fontes sobre a história do grupo e sua rotina de gravações e shows pelo mundo. Lewisohn participou de projetos como *Anthology*, lançado em 1995 pelos próprios Beatles em que atuou como consultor.

Destacamos, também, nesse capítulo o aparecimento do *rock* oriundo dos Estados Unidos e como esse país foi fundamental para o surgimento de um novo mercado consumidor, que consolidou outra faixa etária que não havia sido alvo prioritário do marketing: o jovem. Os Beatles se tornaram objeto de consumo dessa população que começava a tornar-se independente economicamente, e que via nesses artistas modelos (por meio das suas letras e canções) a expressão de seus desejos e opiniões. Bruce Springsteen, cantor e compositor estadunidense afirmou em entrevista sobre os Beatles: “Isso foi diferente, mudou a configuração do terreno. Quatro caras, tocando e cantando, escrevendo seu próprio material... O rock ‘n’ roll chegou à minha casa onde parecia não haver saída... e abriu todo um mundo de possibilidades”.<sup>10</sup>

Ainda neste capítulo tenta-se deixar claro que o grupo não se fez sozinho. Em seu caminho surgiram duas figuras que consideramos fundamentais em sua popularização: Brian Epstein e George Martin. O primeiro foi o empresário da banda. Dono de lojas de departamentos em Liverpool, que se propôs a trabalhar com o grupo após vê-los tocando no

<sup>8</sup> INGLIS, Ian (org.). *The Beatles, Popular Music and Society: a thousand voices*. London: Palgrave, 2000, p.15. (Tradução nossa).

<sup>9</sup> HOBBSAWN, Eric. *Tempos fraturados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 9; 14.

<sup>10</sup> Bruce Springsteen, cantor e compositor americano. NSF MAGAZINE. *What Famous People Said About Beatles: 33 Celebrities Quotes on Beatles*. Disponível em: < <https://www.needsomefun.net/what-famous-people-said-about-beatles-celebrity-quotes-on-beatles/> > . Acesso em: 15 set. 2023. (Tradução nossa).

*Cavern Club*, um típico *pub* inglês de sua cidade natal. Este local tornou-se um ponto de referência na cultura *beatle*, como pode ser percebido na decoração atual do clube. (Figura 1).



Fig 1 Mural com fotografias dos quatro Beatles dentro do *Cavern Club*, Liverpool, 2018. Fotografia de Sílvia S. Costa.

O empreendedorismo de Epstein possibilitou a aparição dos Beatles nos Estados Unidos, alavancando sua carreira a um patamar global. O segundo, George Martin, foi o produtor musical de praticamente todas as canções gravadas pelos Beatles. Músico erudito, sério e focado, ele era, ao mesmo tempo, criativo e aberto às aventuras musicais propostas pelos compositores. Soube colocar no papel e nos rolos de fitas as ideias que os quatro propunham e, juntamente, indicava soluções para os questionamentos composicionais trazidos para o estúdio.

A liberdade musical e comportamental exposta pelo grupo gerou, aquilo que ficou conhecido como a *beatlemania*, comportamento sem precedentes na cultura pré-internet que acompanhava o grupo. Fosse na Europa, nos Estados Unidos, no Japão ou Austrália, a confusão e adoração eram frequentes. Até no chamado “mundo árabe”, o grupo deixou sua marca.

*“Those Khanafes are in style!” “Esses Khanafes estão na moda!”*

A frase acima foi retirada de um artigo publicado na década de sessenta. O cabelo dos integrantes da banda foi definitivamente uma característica marcante, levando muitos homens no mundo árabe a deixarem suas madeixas crescerem no que era então chamado de “corte

de cabelo de Khanafes”. No mundo árabe Os Beatles eram mais conhecidos como “Al Khanafes” uma tradução do nome da banda.<sup>11</sup>

Os gritos contínuos, em volumes, por vezes, ensurdecadores, encobriam as músicas que eram tocadas em suas performances, tal comportamento, como veremos, levou à decisão do grupo de não mais tocar ao vivo. Em resposta a essa situação, a banda dedicou maior tempo ao trabalho em estúdio, o que resultou em composições mais elaboradas e criativas. No subcapítulo intitulado “Os Beatles: sua discografia e filmografia”, analisamos parte considerável da sua produção. Para tanto, discorremos sobre algumas canções específicas e, também, sobre a arte de capa de alguns dos discos para compreendermos com mais clareza os objetivos e o momento histórico de seu lançamento.

Para alçar voos artísticos, os *fab four* partiram de um lugar, de uma origem que os influenciou profundamente. É difícil citar um sem lembrar do outro. Por isso, decidimos ir a Liverpool e observar até que ponto as origens dos Beatles auxiliaram na sua formação e refletiram em sua popularidade. Surge um novo capítulo.

1963

*Uma garota pega o disco “Please, please me” dos Beatles e coloca a agulha no vinil. Escolhe a sexta canção do lado B. Ela começa com vocais em harmonia:*

*Theeeere  
There’s a place  
Where I can go  
When I feel low  
When I feel blue*

*There’s a place – Lennon/ McCartney*

No capítulo 2, intitulado “Os Beatles e a manutenção do mito” apresentamos a cidade de Liverpool. Na invisibilidade de seu cotidiano, a cidade contém sua própria história: “[...] como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras”.<sup>12</sup> Esses são signos memoriais, de tempos esquecidos, de lembranças perpetradas. Cidades são cheias de pistas de sua história e da de seus habitantes.

<sup>11</sup> NASSAR, Nourhan. *Arabs love the Beatles too, here's how the mania hit the region.* <[<sup>12</sup> CALVINO, Ítalo. \*As cidades invisíveis\*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 14-15.](https://stepfeed.com/arabs-love-the-beatles-too-here-s-how-the-mania-hit-the-region-2020#:~:text=They%20took%20the%20Arab%20world%20by%20storm.&text=Crowds%20of%20admiring%20%2D%20sometimes%20even,fever%20hit%20the%20Arab%20world.></a>. Acesso em: 30 set. 2023. (Tradução nossa).</p>
</div>
<div data-bbox=)

Devido à sua localização, Liverpool teve uma existência de constantes contatos transnacionais. Assim, como outros centros portuários, solidificou uma identidade associada ao intercâmbio marítimo. O porto e seus arredores tornaram-se bases para a formação de uma sensibilidade coletiva, de um imaginário social, de uma memória marcada pela associação da urbe e de sua gente com o mar, com o rio Mersey, com a multiculturalidade, a diversidade e a inovação. Diferentes povos, das mais variadas localidades, como Irlanda, China, Jamaica, Caribe e Índia, atracavam diariamente em seus arredores. A constante presença dessa população flutuante fez com que Liverpool crescesse apoiada na pluralidade e na diferença. Além, da constante presença de estrangeiros e do comércio, outro ponto marcou sua jornada: o tráfico de escravizados e a riqueza obtida com essa prática.

Diante disso, demonstraremos como a cidade teve importância na formação cultural do grupo que se orgulhava de citá-la em entrevistas. Hoje ela tornou-se um ponto de visitação para aqueles que têm o desejo de conhecer as origens dos Beatles e os lugares que fizeram parte da sua história. Com as leituras e análises o/a leitor/leitora perceberá, que Liverpool tem lugar considerável na compreensão da mitologia *beatle*, lugar de origem, fortalece a popularidade do grupo com seu turismo de massa, ligado ao consumo, a herança, aos monumentos, aos museus e aos lugares de memória.<sup>13</sup> Pode fortalecer as lembranças daqueles que a visitam e que levam sua experiência em memórias que podem ser compartilhadas.

Na seção, “*Those where the days*: a nostalgia cultural a serviço da manutenção do mito *beatle*”, discutimos dois pontos-chave desta tese: a globalização e o turismo profissional/de massa.

O primeiro pode ser conceituado como a integração das economias, políticas e culturas do mundo baseado no desenvolvimento de novas tecnologias – particularmente nos domínios das comunicações e dos transportes – e à adoção de políticas comerciais liberais por muitos países. [...] Os aspectos centrais da globalização são interconexões, intensificação, distanciamento espaço-tempo (condições que permitem que estes elementos sejam organizados de uma forma que conecte presença e ausência), supraterritorialidade, [...] e aceleração da interdependência.<sup>14</sup>

Assim, entendemos que o conceito da globalização é importante no debate sobre a expansão da popularidade dos Beatles em diferentes localidades do globo. Já, o conceito do turismo, tem sua significância, por envolver essencialmente movimento de pessoas e atendimento a suas necessidades, “[...]. é o fenômeno de interação entre o turista e o núcleo

<sup>13</sup> RICHARDS, Greg. The scope and significance of Cultural Tourism. In: *Cultural Tourism in Europe* (Edited by Greg Richards). UK: Atlas, 2005, pp. 19-20. (Tradução nossa).

<sup>14</sup> BRITANNICA. *Globalization*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/money/topic/globalization>>. Acesso em: 10 out. 2023. (Tradução nossa).

receptor e de todas as atividades decorrentes dessa interação. É uma atividade multidisciplinar [...]”.<sup>15</sup> Esse movimento, ocorre desde a antiguidade, inicialmente de maneira espontânea e casual, mas tornou-se profissional a partir do século XIX, com Thomas Cook, sendo considerado o pai do turismo moderno.<sup>16</sup> Hoje, tratamos também do turismo de massa, que tem como alvo principal a classe média, e que gera contradições: de um lado há a geração de empregos e lucros, mas do outro existe a diminuição da oferta de moradias, aumento de aluguéis e o comércio local priorizando as necessidades dos turistas.<sup>17</sup>

Verifica-se que devido à sua popularização, (reforçada pelas *travelling memories*) ao acesso globalizado, a profissionalização e a massificação do turismo, a urbe natal da banda se consolidou como um ponto de peregrinação laica. Liverpool passou a fazer parte da memória afetiva de muitas e muitos apreciadores, que buscam uma materialização da satisfação das necessidades que surgem, junto a nostalgia cultural associada à banda e ao período de sua existência. A discussão da “Nostalgia Cultural” é um dos pontos focais desse subcapítulo. Ele mostra como, para muitos, o passado e suas produções artísticas são considerados superiores/melhores, quando comparados aquelas que temos acesso no presente e as que esperase que virão. Gera-se o chamado *golden age thinking*. Para os visitantes, o estar no local poderia amplificar as sensações trazidas pelas memórias afetivas relacionadas ao grupo, aproximando de maneira palpável os peregrinos a um momento específico do (de seu) passado. Essa sensação foi apropriada pela sociedade capitalista e, devido a isso, no item “Indústria da Nostalgia” nos preocupamos em mostrar como essas necessidades são supridas através do consumo.

As memórias afetivas (conexão sentimental voluntária com algum aspecto do passado) são selecionadas e transmitidas. Segundo a pesquisadora alemã Astrid Erll, são cinco as diferentes dimensões de transmissão. Elas acontecem pelos seus portadores; pelas mídias; pelas histórias compartilhadas; pelos modos de acesso às mesmas ou ainda, por suas formas internas.<sup>18</sup> Essas dimensões transformam-se em *travelling memories*, que são, também, responsáveis pela manutenção da popularidade dos Beatles, visto que não são estanques, modificam-se com o passar do tempo, adaptando-se, acomodando-se.

<sup>15</sup> BARRETO, Margarita. *Planejamento e Organização em Turismo*. Campinas, SP. Papirus, 1991, p. 43.

<sup>16</sup> SOUSA COLANTUONO, Aline Correia de. O processo histórico da atividade turística mundial e nacional. *Cadernos da Fucamp*, v.14, n.21, 2015, p. 34.

<sup>17</sup> DW. *Os efeitos perversos do turismo de massa*. Disponível em: <[<sup>18</sup> TITCHENER, E.B. Affective Memory. In: \*The Philosophical Review\*, Vol. 4, No. 1 \(Jan, 1895\), pp. 65-76. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/2175845>>. Acesso em: 03 out. 2023. \(Tradução nossa\).](https://www.dw.com/pt-br/os-efeitos-perversos-do-turismo-de-massa/a-45156496#:~:text=Sobretudo%20o%20n%C3%BAmero%20de%20viagens,parecidos%20com%20os%20da%20gentrificac%C3%A7%C3%A3o.></a> Acesso em: 04 dez. 2023.</p>
</div>
<div data-bbox=)

As noções de indústria da nostalgia, associada ao *golden age thinking* e às *travelling memories* estão presentes nesse segundo capítulo por considerarmos fundamentais para o fortalecimento da popularidade dos Beatles.<sup>19</sup> No momento em que temos uma desmedida aceleração temporal no campo das ideias e da cultura, como propõe Reinhart Koselleck, associadas a uma intensa fragmentação cultural e o pessimismo em relação ao futuro, tanto a memória afetiva quanto a nostalgia cultural tornam-se elementos remediadores de sofrimentos do cotidiano, estabilizadores de emoções.

Em 2018, foi realizada uma viagem para Liverpool, visando, também, realizar entrevistas *in loco*. Na oportunidade, foram feitos questionamentos não padronizados com fãs, turistas e trabalhadores que estavam pelas ruas e pontos de interesse *beatle* na cidade. Além disso, houve a possibilidade, mediante contatos prévios, de conversar com dois professores da Universidade de Liverpool, a professora Dr<sup>a</sup> Sara Cohen<sup>20</sup> e o professor Michael Jones<sup>21</sup>, que trouxeram informações para a compreensão da visão local sobre o fenômeno. De autoria da professora Cohen, utilizamos na tese as obras *Liverpool's Musical Landscapes (Historic England)* (2018) e *Decline, Renewal and the City in Popular Music Culture: Beyond the Beatles* (2007). Ambos os livros possuem importantes análises sobre o cenário musical da cidade e da sombra dos Beatles que paira sobre a música lá produzida. O obtido dessas conversas e refletido na escrita da tese foi o esclarecimento a respeito das visões da população local sobre o turismo e a postura do governo sobre o tema.

A visita possibilitou, também, o contato direto com os lugares relacionados ao passado dos Beatles, importantes fontes para a análise proposta. A partir da década de setenta, Liverpool tornou-se um centro de peregrinação para fãs de todo o mundo, criando um círculo virtuoso onde a cidade se alimenta do turismo cultural, ao mesmo tempo, em que é combustível para os peregrinos que a visitam. Não há dúvida de que este tipo de viagem torna-se cada vez mais importante na economia global.<sup>22</sup> De maneira indireta, os lugares são “[...] absorvidos com emoção estética e espiritual, pelo indivíduo-cidadão, ou, como hoje é mais provável, por turistas-peregrinos que frequentam seus lugares santos”.<sup>23</sup> A necessidade de se estar nos lugares

---

<sup>19</sup> A indústria da nostalgia trata das representações e produtos que podem ser de alguma forma consumidos para satisfazer as necessidades associadas a este sentimento. O *Golden Age Thinking* pode ser entendido como a ideia de que algum momento do passado é considerado uma “era dourada”, melhor do que o presente em que se vive.

<sup>20</sup> Doutora em música e pós-doutora em Antropologia Social pela Universidade de Oxford, Inglaterra e especializada em etnografia e música popular.

<sup>21</sup> Membro da UNESCO e da agência municipal local que cuida do legado dos Beatles em Liverpool.

<sup>22</sup> HOBBSAWN, Eric. *Tempos fraturados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.41; p.69.

<sup>23</sup> HOBBSAWN, Eric. *Idem*, 2013, p.41; p.182.

é explicada por conceitos de dois pesquisadores que foram fundamentais nesta tese: “produção de presença” e “aura” de Hans Ulrich Gumbrecht e Walter Benjamin respectivamente.

O primeiro escreveu a obra *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir* (2004) que nos facilitou esclarecer algumas das motivações que levam os indivíduos a buscar locais que estão associados aos Beatles, de querer conhecer fisicamente os lugares. Para isso, nos valem da importância da “presença” para a completude da experiência de fruição. Já Benjamin, nos auxiliou por meio do seu conceito de “aura” que, ao se conectar diretamente com a “produção de presença” explica a necessidade dos peregrinos/turistas quererem visitar os lugares associados aos Beatles, tornando Liverpool, a meca de fãs. Esses conceitos juntos esclarecem o porquê de alguns lugares fascinarem e ganharem importância e outros serem simplesmente esquecidos, sendo, portanto, elucidativos para a tese.

Outro ponto observado e discutido ainda no capítulo dois da tese é a questão das disputas identitárias na cidade. Com mais de 1000 anos, Liverpool esteve associada a diferentes fatos históricos (comércio marítimo e escravidão também analisados nessa parte) e o surgimento dos Beatles fez emergir uma nova identidade hegemônica que entra em confronto com outras relevantes visões sobre a urbe. Com a visita realizada percebemos com clareza as disputas identitárias ali presentes. População local, governo, peregrinos laicos, turistas casuais, todos têm opiniões e desejos sobre como lidar com as questões turísticas e confrontos de ideias são frequentes.

2023

*Um garoto pega o celular, abre um programa de streaming, escolhe uma canção.  
Não sabe de que álbum ela é originalmente. Ele gosta do grupo e daquela música específica.*

*There are places I remember*

*(...)*

*all these places have their moments*

*(...)*

*In my life I love them all*

*In my life – Lennon/ McCartney*

O terceiro capítulo intitulado “Os monumentos, memoriais, museus e lugares de memória: manutenção da popularidade dos Beatles” aprofundamos as discussões relacionadas à permanência da influência dos Beatles em escala global. Além das músicas, dos filmes, dos clipes, das fotografias e dos livros, temos os lugares, os monumentos, os memoriais e os museus que se reportam aos “quatro rapazes de Liverpool”. Esses lugares e objetos não estão somente em sua cidade natal. Encontramos-os espalhados pelo mundo, com diferentes aspectos e objetivos. Para melhor entendermos esses locais e construtos utilizamos alguns conceitos que

esclareceram suas existências e propósitos. Um deles é o lugar de memória, conceito desenvolvido originalmente pelo pesquisador Pierre Nora.

Os lugares de memória têm uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas; e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva se expressa e se revela.<sup>24</sup>

Iremos empregá-lo seguindo os parâmetros propostos por Aleida Assmann, em sua obra “Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural” (2011). Para ela, o lugar de memória não está restrito a questões de identidade nacional, mas, também, se associa aos mais variados aspectos sociais como a religião e a arte, vistos por um viés globalizado, focando nos indivíduos e nas suas particularidades.

A memória é outro importante conceito para a produção desta tese. Segundo Assmann ela tem sido reconhecida como um dos principais conceitos nos estudos culturais.<sup>25</sup> Estamos tratando de *Mnemosyne*, que Joel Candau caracteriza como “chave da consciência”.<sup>26</sup> Outro conceito que se destaca para esta pesquisa é a memória coletiva. Para alguns, como Susan Sontag, ela não passa de ficção.<sup>27</sup> Porém, seguiremos os passos de Assmann quando ela afirma que memórias conectam indivíduos e linguagens; podendo ser compartilhadas, corroboradas, corrigidas, disputadas, ressignificadas e escritas, tornando-as acessíveis àqueles que vivem em uma diferente dimensão temporal e espacial. Não há dúvida de que as memórias são feitas de lembranças e esquecimentos fundamentais para a formação da identidade.<sup>28</sup>

Mas além de lugares de memória associados aos Beatles, presentes em várias localidades do mundo, há ainda os monumentos e memoriais. Nesse capítulo tratamos desses símbolos que delineiam nossa experiência histórica, memória, argumentos e identidades coletivas.<sup>29</sup> Eles são signos que nos lembram fatos e pessoas que de alguma forma são importantes perante um grupo ou indivíduo. Marcantes pela memória de ações ou omissões,

<sup>24</sup> NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO. Lugares de Memória. Disponível em: <[http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/colecoes/lugares-memoria#:~:text=Os%20lugares%20de%20mem%C3%B3ria%20t%C3%AAm,se%20expressa%20e%20se%20revela\\_>](http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/colecoes/lugares-memoria#:~:text=Os%20lugares%20de%20mem%C3%B3ria%20t%C3%AAm,se%20expressa%20e%20se%20revela_>)>. Acesso em: 30 mar. 2024.

<sup>25</sup> ASSMANN, Aleida. Transformations between History and Memory. In: *Social Research: An International Quarterly*, vol. 75 no. 1, 2008, pp. 49-72. (Tradução nossa).

<sup>26</sup> CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 16.

<sup>27</sup> Susan Sontag, citada por Aleida Assmann (2010, p. 36) “Todas as memórias são individuais, não reproduzíveis, - elas morrem com as pessoas”. Discordamos desta ideia em alguns aspectos. As memórias são individuais, mas podem ser partilhadas. ASSMANN, Aleida, *idem*, p. 49-72. (Tradução nossa).

<sup>28</sup> CANDAU, Joel, *op.cit.*, p. 18.

<sup>29</sup> ASSMANN, Aleida. *How history takes place*. Disponível em: <[https://perspectiva.net/servlets/MCRFileNodeServlet/ploneimport\\_derivate\\_00000169/assmann\\_history.pdf](https://perspectiva.net/servlets/MCRFileNodeServlet/ploneimport_derivate_00000169/assmann_history.pdf)> . Acesso em: 09 out. 2023. (Tradução nossa).



estes pontos no espaço podem permanecer ou não. No caso dos Beatles, estão espalhados pelo mundo, auxiliando na preservação de sua imagem, formando uma rede de trocas que alimenta e mantém sua popularidade.

Um dos subitens desse último capítulo trata das casas museu: “Residências museificadas”. Esse, não é um fenômeno recente, mas garante um tipo de autenticidade não encontrada nos museus em geral. Elas prometem uma experiência de aproximação só possível naquele lugar. Wolfgang Amadeus Mozart teve sua casa em Salzburgo transformada em um museu. *Graceland*, local onde Elvis Presley viveu e morreu tornou-se ponto de parada obrigatória para seus fãs, casa museu, ponto de peregrinação. Dois dos Beatles (John Lennon e Paul McCartney) tiveram casas de sua infância/adolescência transformadas em casas museu. Visitamos esses lugares/espacos e as/os analisamos em detalhes.

Estamos em 2023. A banda acabou, assim como a *beatlemania*. Mas a cada ano que nos afastamos daquele momento, mais claramente se configura a importância musical do grupo, sua influência perante as novas gerações de artistas permanece e os fãs continuam surgindo em todos os cantos do planeta. Compreendemos que a globalização apoiada na tecnologia de comunicação, que facilita o acesso a suas imagens, filmes e músicas, é uma das responsáveis pela notoriedade do grupo. Os monumentos e memoriais espalhados pelo mundo integram os músicos ao cotidiano de muitas pessoas e os apresentam a outras. Associada a tudo isso ainda existe a possibilidade, para aqueles que assim desejam, visitar *Penny Lane*, *Strawberry Fields* ou o lugar que John Lennon conheceu Paul McCartney com um guia falando as mais diversas línguas, inclusive o português! Mas será que somente estes argumentos esgotam uma explicação sobre a popularidade dos Beatles? Como veremos nos três capítulos a seguir, com certeza não.

Um aviso: dispusemos alguns QR *codes* para a imersão ser mais profunda e seu passeio mais interessante.

Após estes apontamentos é hora de iniciar nossa viagem...

Entre no submarino amarelo e mergulhe nas histórias e músicas e de John, Paul George e Ringo. Afinal é deles que estamos falando.

## CAPÍTULO 1 HISTÓRIA DOS BEATLES: A CAMINHO DA BEATLEMANIA

Imagine-se a bordo de um barco, navegando num lago com seus amigos, a caminho da cidade de Como, Itália. Com você estão Erich Katz, Franz Sachs, Friedrich Simon e Walter Benjamin. Esse último relata: “A nossa calma despreocupada desperta a atenção da Guarda do porto. Alguma coisa de extraordinário anima a cidade. Ouve-se música [...]”.<sup>30</sup> Sons, notas, silêncios, harmonias, tons, arte que de alguma forma nos aproxima, e podem ser desfrutados de variadas formas, pessoais, universais. Pois a música, assim, como um texto criativo, é, segundo Umberto Eco, uma “Obra Aberta”.<sup>31</sup> Sua tarefa é “mostrar a pluralidade contraditória de suas conclusões”, deixando-nos livres para compreender e, na vontade de abraçar e guardar suas vibrações, ou simplesmente descartá-las. Não interessa se Benjamin ouviu Mozart ou Jimi Hendrix. Pixinguinha ou Bjork. Ou os Beatles.

Todo mundo pensou que eles eram para os adolescentes, que eles iriam acabar rapidamente. Mas era óbvio para mim que eles tinham vindo para ficar. Eu sabia que eles estavam apontando a direção para onde a música deveria ir.

Bob Dylan<sup>32</sup>

Os Beatles eram, então, apenas quatro rapazes naquele palco mal iluminado, malvestidos e sua apresentação – bem, deixou um pouco a desejar, no que me diz respeito. Mas, entre tudo isso, fiquei imediatamente impressionado com eles, sua música, sua batida e seu senso de humor, na verdade, no palco.

Brian Epstein<sup>33</sup>

### 1.1 DEIXE-ME APRESENTAR A BANDA QUE VOCÊS CONHECEM HÁ TANTO TEMPO...

Sábado, 6 de julho de 1957.

Neste dia, dois adolescentes ingleses se conheceram.

John Winston Lennon tinha 16 anos e James Paul McCartney havia completado 15. Lennon estava se apresentando com o seu grupo de *skiffle*, de nome *Quarrymen*, em uma quermesse de igreja chamada “Wolton Village Fête”, no bairro de Wolton, na cidade de Liverpool. McCartney estava na plateia.<sup>34</sup> A divulgação da festa foi realizada por meio de

<sup>30</sup> BENJAMIN, Walter. Diários de Viagem. Porto: Porto Editora, 2022, p. 38.

<sup>31</sup> ECO, Umberto. Interpretação e Superinterpretação. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 165.

<sup>32</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches*: Sociology, popular culture and the Beatles. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, p. 59. (Tradução nossa).

<sup>33</sup> THE COMPLETE BEATLES. Direção: Patrick Montgomery. Escrito por: David Silver. Distribuído pela MGM, 1982. 1 VHS (119 min), NTSC, colorido e preto-e-branco. Título Original: The Complete Beatles. (Tradução nossa).

<sup>34</sup> *Skiffle* era estilo de música tocado em instrumentos rudimentares, popularizado pela primeira vez nos Estados Unidos na década de 1920, mas revivido por músicos britânicos em meados da década de 1950.[...] Na Grã-Bretanha dos anos empobrecidos do pós-Segunda Guerra Mundial, os jovens músicos ficaram encantados ao

panfletos com data, local e programação. (Figura 2). Coincidentemente, o show foi gravado por um rapaz que estava testando seu gravador durante a quermesse. No intervalo, um amigo em comum os apresentou. John já era líder de uma banda. Paul tocava violão e sabia de cor a letra de *Twenty Flight Rock*.

**GARDEN FETE**  
ST. PETER'S CHURCH FIELD

WOOLTON PARISH CHURCH Rector: M. Pryce Jones

**Saturday, 6th July, 1957**  
at 3 p.m.

ADMISSION BY PROGRAMME  
**CHILDREN 3d.**

PROCEEDS IN AID OF CHURCH FUNDS.

**Woolton Parish Church**  
**Garden Fete**  
and  
**Crowning of Rose Queen**  
**Saturday, July 6th, 1957**

To be opened at 3p.m. by Dr. Thelwall Jones

PROCESSION AT 2p.m.

LIVERPOOL POLICE DOGS DISPLAY  
FANCY DRESS PARADE  
SIDESHOWS REFRESHMENTS  
BAND OF THE CHESHIRE YEOMANRY  
THE QUARRY MEN SKIFFLE GROUP

ADULTS 6d., CHILDREN 3d. OR BY PROGRAMME

**GRAND DANCE**  
at 8p.m. in the Church Hall  
GEORGE EDWARDS' BAND  
THE QUARRY MEN SKIFFLE GROUP  
Tickets 2/-

Fig. 2 Programa das apresentações que ocorreram na festa paroquial no dia em que John Lennon conheceu Paul McCartney. A principal atração era a apresentação dos cachorros da polícia de Liverpool. Disponível em: <<https://beatlesmagazineuk.com/john-met-paul-for-the-first-time-on-this-day-60-years-ago/>> Acesso em: 5 out. 2022.

Hoje, uma placa comemorativa celebra o local desse acontecimento; sendo visitado por turistas e oferecendo passeios especializados com guias. Dentre outras coisas, lá está escrito: “Na noite antes da apresentação, neste salão, Ivan Vaughan, que às vezes tocava com o grupo (*Quarrymen*) apresentou seu amigo Paul McCartney a John Lennon”.

Em entrevista, anos depois, John Lennon disse: “Era melhor ter um cara que era mais talentoso que as pessoas que estavam comigo –obviamente – ou não? Fazer o grupo mais forte

descobrir um estilo que poderia ser tocado com um violão barato, uma tábua de lavar raspada com dedais e um baixo de caixa de chá (um cabo de vassoura e corda presa a uma caixa de madeira usada para exportar chá). [...] Lennon e McCartney estavam entre os milhares de garotos britânicos que, inspirados por Donegan, formaram grupos skiffle – no caso deles, os Quarrymen – como um primeiro passo no caminho do rock and roll. Disponível em: <<https://www.britannica.com/art/skiffle>>. Acesso em 04 nov. 2022. (Tradução nossa).

ou continuar a ser o mais forte? Minha decisão foi deixar Paul entrar e tornar o grupo mais forte...”.<sup>35</sup> Desta forma, um novo membro se integrou ao conjunto. (Figura 3).



Fig. 3 Os *Quarrymen* em ação! Primeira foto conhecida de Paul McCartney (segundo da esquerda para a direita) e John Lennon (quarto da esquerda para a direita) no palco. Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/diego\\_sideburns/25951361897/](https://www.flickr.com/photos/diego_sideburns/25951361897/)>. Acesso em: 6 out. 2022.

Além dos gostos musicais similares, os dois garotos tinham o desejo, não apenas de tocar, mas, de compor suas próprias canções. Nasceu, assim, a parceria prolífica, “delineada a partir de uma rica variedade de influências, tanto literárias quanto musicais, e que o *rock’n’roll* era uma parte vital [...]”.<sup>36</sup> Mas, soa a pergunta, quais as contribuições pessoais influenciaram nessa parceria?

John Lennon apreciava desenhar e ler. Era fã ávido de Lewis Carroll e de seu surrealismo literário: “Em 1965, John foi convidado a listar os livros que mais lhe impressionaram ‘até a idade de onze anos’. Ele citou ‘Alice no País das Maravilhas’ e ‘Alice Através do Espelho’ de Lewis Carroll e ‘O vento nos Salgueiros’ de Kenneth Grahame”.<sup>37</sup> O humor anárquico e ácido que cultivou desde a adolescência, que foi compartilhado pelos outros Beatles, teve como referências os comediantes do *Goon Show*. Esse era um programa humorístico de rádio transmitido pela BBC (The British Broadcasting Corporation). Ao ser

<sup>35</sup> LEWISOHN, Mark. *All these years: Volume 1: Tune in*. London: Little, Brown Book Group, 2013, p. 132. (Tradução nossa).

<sup>36</sup> TURNER, Steve. *Beatles 1966: o ano revolucionário*. São Paulo: Benvirá, 2018, p. 53.

<sup>37</sup> LEWISOHN, Mark. *All these years: Volume 1: Tune in*. London: Little, Brown Book Group, 2013, p. 45. (Tradução nossa).

perguntado, John Lennon, respondeu: “Minhas principais influências na forma de escrever foram Lewis Carroll e o *Goon Show*, uma combinação das duas coisas”.<sup>38</sup>

Paul McCartney também gostava de desenhar e ouvir rádio. Seu pai era músico amador e tocava um piano de armário que ficava na sala da casa.

Para Paul, o *rock'n'roll* não significava desprezar a música popular que o precedera. Ele amava o som das *big bands* das décadas de 1930 e 1940 que seu pai tocava, bem como as canções vitorianas do teatro de variedades que seus parentes cantavam em volta do piano e as canções dos musicais dos anos 1940 e 1950 (TURNER, 2016, p. 72).

Todas essas influências se refletiriam na postura da banda que se formava: irreverente em sua atitude, aberta a novas aventuras musicais, no entanto, respeitando seu passado, suas raízes. Nesse período inicial, os dois adolescentes começaram a escrever juntos e resolveram se tornar uma dupla de compositores. Reconhecidas parcerias do passado como Rodgers (1902-1979) e Hammerstein (1895-1960), Rodgers e Hart (1895-1943) e Lerner (1918-1986) e Loewe (1901-1988) serviram como inspiração. Vemos nas respectivas carreiras essa reverência ao passado, como uma espécie de trampolim para as suas experiências e inovações.

Uma perspectiva da arte e da cultura pode articular-se em torno da tradição e da continuidade; outra, sobre a ruptura e a vontade de projeção. Mas até mesmo as vanguardas, esses programas do novo, costumam defrontar-se com o reordenamento do passado, fundando-se, é claro, em opções presididas pelo corte e pela exclusão. De qualquer maneira, as ideologias culturais se defrontam permanentemente como balanço, realizam reordenamentos, tornam a conferir lugares, organizam a antologia e se situam em relação a ela.<sup>39</sup>

No momento em que a dupla se conheceu, o *rock and roll* já era um poderoso produto de consumo da juventude. Ele surgiu em meados da década de 1950, “[...] irrompeu do gueto de catálogos de ‘raça’ ou ‘*Rhythm and blues*’ das gravadoras americanas dirigidos aos negros pobres, para tornar-se o idioma universal dos jovens, e notadamente dos jovens brancos”.<sup>40</sup> Originou-se no *blues* dos Estados Unidos e espalhou-se pelo mundo até tornar-se uma “linguagem global de nossa cultura”.<sup>41</sup> Goodall reforça essa ideia ao afirmar que “os anos de guerra marcaram um divisor de águas na música, pois a variante *swing* do jazz deu origem a uma nova forma, que varreria o planeta como nenhum outro fenômeno musical antes dele: o *rock and roll*”.<sup>42</sup>

<sup>38</sup> LEWISOHN, Mark, *idem*, 2013, p. 55. (Tradução nossa).

<sup>39</sup> SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

<sup>40</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos*: O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 324.

<sup>41</sup> HOBBSAWM, Eric J. *História Social do Jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 2012, p. 196.

<sup>42</sup> GOODALL, Howard. *The Story of Music From Babylon to the Beatles*: How Music Has Shaped Civilization. England: Pegasus Books, 2015, p. 298. (Tradução nossa).

A gente ia assistir aqueles filmes com Elvis quando ainda estávamos em Liverpool. Todo mundo ficava esperando para vê-los, certo? E eu estaria esperando lá também. Todos gritavam quando ele aparecia na tela, e pensei: “Este é um bom trabalho!”

John Lennon<sup>43</sup>

Até meados da década de cinquenta, os produtos direcionados ao consumo dos jovens não respondiam completamente às suas necessidades e não refletiam os seus pensamentos e interesses, inclusive a música. O mercado americano percebeu essa oportunidade e começou a investir nesse nicho. Músicos americanos como Fats Domino, Little Richard, Chuck Berry, Carl Perkins, Buddy Holly, Jerry Lee Lewis e Elvis Presley, lançaram seus primeiros discos de rock na década de cinquenta. Esses cantores eram desprezados pela maioria do público adulto, mas idolatrados por grande parte dos jovens, (e incluímos aí John e Paul) pois, preenchiam o espaço do “ídolo da juventude”, com atitudes que fugiam dos padrões pré-estabelecidos pela indústria do entretenimento. Seu carisma e ímpeto atraíam ambos os sexos. O rock por eles composto e tocado agregava “[...] sentimentos potencialmente subversivos, não apenas no embate político, mas especialmente como expressão visceral de sexualidade e total rejeição aos valores da classe média”.<sup>44</sup> Suas performances eram inovadoras, cheias de energia e de proximidade com a audiência.

Assim como os americanos, a juventude inglesa dos anos cinquenta, ainda estava fortemente ligada a tradições e costumes, não possuía um estilo próprio no seu vestir e frequentemente se trajavam como os seus pais.<sup>45</sup> Contudo, naquele momento, as coisas começaram a mudar.

Os anos 50 se tornaram a era em que os adolescentes ganharam seu espaço. [...] Até então, um jovem só podia ir ao bar para tomar sua primeira cerveja acompanhado pelo pai. Ele se vestia igual ao pai. Ele entrava para o sindicato do pai e fazia o mesmo trabalho do pai. As meninas iam para a cozinha aprender a preparar o café da manhã, limpar e tudo mais. Mas, de repente, os jovens estavam ganhando dinheiro e eles queriam gastar do jeito deles, fazendo o que eles queriam e não o que mandavam eles fazerem.<sup>46</sup>

<sup>43</sup> ANTHOLOGY, The Beatles. Direção: Bob Smeaton. Roteiro: Bob Smeaton. [S.I.]: Apple films, 1995. 5 DVDs (600 min), NTSC, colorido. Título Original: The Beatles Anthology. (Tradução nossa).

<sup>44</sup> MERHEB, Rodrigo. *O som da revolução: uma história cultural do rock (1965-1969)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 9.

<sup>45</sup> LEWISOHN, Mark. *All these years: Volume 1: Tune in*. London: Little, Brown Book Group, 2013. (Tradução nossa).

<sup>46</sup> O'DELL, Tom. *How The Beatles Changed The World*. 2018. (1h 30 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vo1XboQXOAE&t=2761s>>. Acesso em: 27 mar. 2019. (Tradução nossa).

Após a Segunda Guerra, “o aumento da cultura juvenil específica e extraordinariamente forte, indicava uma profunda mudança entre as gerações. A juventude [...] se tornava um agente social independente”.<sup>47</sup>

John Lennon afirmou em uma entrevista, em 1980 que,

[...] nossos pais nunca pararam de falar sobre a guerra. Sim, foi muito importante, mas não para nós. Nós estávamos vivos por causa do que nossos pais fizeram, mas isso era irrelevante, estávamos apenas vivos. Todas as vezes que eles disseram “por causa da guerra, nós não tínhamos fósforos, nós não tínhamos leite”, ok, muito ruim, mas eu tenho! Isso é tudo que ouvimos quando crianças na Inglaterra - como tivemos sorte por vivermos depois da porra da guerra.<sup>48</sup>

A geração inglesa que nasceu durante e após a Segunda Guerra cresceu sob a sombra do racionamento, se manteve saudável com o leite servido nas escolas e com o serviço de saúde estatal. Diferentemente de seus pais, os jovens daquele período começaram a ter dinheiro para consumir o que lhes aprazia.

De fato, a riqueza da América pós-guerra – e eventualmente da Europa – viu uma geração de adolescentes despreocupados com dinheiro para gastar, e eles queriam gastá-lo com rock and roll. Os rádios transistorizados e os toca-discos Dansette abriram um novo e movimentado mercado para as gravadoras e elas começaram a produzir música voltada especificamente para adolescentes. Tornou-se cada vez mais comum que os álbuns fossem para adultos e os compactos das paradas de sucesso fossem para os jovens.<sup>49</sup>

As vendas de discos na Inglaterra saltaram de 15 milhões de libras, em 1960, para 17 milhões, em 1962.<sup>50</sup> “O surgimento do adolescente como ator consciente de si mesmo era cada vez mais reconhecido, entusiasticamente, pelos fabricantes de bens de consumo [...]”.<sup>51</sup> O posicionamento da nova geração que nascera durante a guerra lembrava a de Lady Chatterley no romance de D.H. Lawrence (1885-1930):

Nossa época é essencialmente trágica, por isso nos recusamos a vê-la tragicamente. O cataclismo já aconteceu e nos encontramos em meio às ruínas, começando a construir novos pequenos habitats, a adquirir novas pequenas esperanças. É trabalho difícil: [...]. Precisamos viver, não importa quantos tenham sido os céus que desabaram.<sup>52</sup>

<sup>47</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 317.

<sup>48</sup> THE BEATLES. *Anthology*. San Francisco: Chronicle Books, 2000, (Tradução nossa).

<sup>49</sup> GOODALL, Howard. *The Story of Music From Babylon to the Beatles: How Music Has Shaped Civilization*. England: Pegasus Books, 2015, p. 301. (Tradução nossa).

<sup>50</sup> LEWISHOHN, Mark I wanna be your fan. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*, London: Penguin Company, 2006, p. 80. (Tradução nossa).

<sup>51</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Idem*, 1995, p. 318.

<sup>52</sup> LAWRENCE, D.H. *O amante de Lady Chatterley*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2010, p. 25.

Alimentos (como bacon e carne) foram racionados até julho de 1954. Os olhos que presenciaram todo o sofrimento acabaram se habituando com as sombras.<sup>53</sup> Mas, os novos olhares, buscavam novas perspectivas.

Após a guerra, as pessoas estavam esgotadas, tanto pela prolongada incerteza, quanto por viver constantemente com o perigo e outras privações. Levava tempo para se livrar dessa profunda exaustão e voltar à vida normal. Em todo caso, as circunstâncias da Grã-Bretanha mudaram imensamente. Após a euforia imediata pelo fim da guerra, houve uma longa luta não só para reconstruir o tecido do país como para refazer a estrutura da sociedade. [...] Regulamentações e restrições não deixaram de existir quando a guerra acabou. Elas continuavam na forma de licenças, formulários e controles. Ainda havia filas e racionamento.<sup>54</sup>

Após o término do conflito, a economia em Liverpool teve uma pequena melhora devido à reativação do comércio e da atividade portuária. Mas, já na década de cinquenta viu a introdução da chamada *containerization*, que levou à diminuição da necessidade da força de trabalho nas docas.<sup>55</sup> Assim, o panorama onde os Beatles surgiram era social e economicamente nebuloso, com mudanças profundas ocorrendo em suas estruturas. No final da década de quarenta, muito do que havia sido proposto no século XIX e no início do século XX (progresso capitalista ou teleologia socialista) tornou-se vago e instável. “O mundo do pós-guerra parecia pouco decidido sobre que nova forma assumir”.<sup>56</sup>

## 1.2 JOHN, PAUL, GEORGE, PETE E STUART

Nesse cenário de mudanças sociais, o *Quarrymen* fazia shows esporádicos com seu novo e talentoso integrante. Sem pretensão de venda, gravaram, em estúdio caseiro, duas composições: um cover de Buddy Holly e uma canção original, *In Spite of all the Danger*. Essa gravação contou com a participação de outro integrante: o guitarrista solo George Harrison. Amigo de Paul McCartney, ele passou a fazer parte do trio, após a saída de vários componentes. Nessa formação, começaram a se apresentar em festas de família e em concursos musicais, todavia, nunca venceram prêmio algum. (Figura 4). “Estes três permaneceram o núcleo do grupo em meio a inúmeras mudanças em sua formação e de nome (*Johnny and the Moondogs*,

<sup>53</sup> ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 9.

<sup>54</sup> MORGAN, Janet. *Agatha Christie: Uma biografia*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2018, pp. 328-329.

<sup>55</sup> COHEN, Sara, *idem*, 2007, pp. 42-43. O fenômeno conhecido como *containerisation* trata da utilização de containers para o transporte e armazenamento de produtos. Os produtos não precisam mais ser carregados individualmente e o tempo gasto com o carregamento/descarregamento passa a ser reduzido. “*Containerisation* economizava tempo e dinheiro, mas reduzia o número de empregos, levando milhares de trabalhadores das docas de Liverpool a perderem seus trabalhos”. LIVERPOOL, *idem*, 2012, p. 31. (Tradução nossa).

<sup>56</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Depois de 1945: latência como origem do presente*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 61; 105.



os *Silver Beetles*, os *Beatles*)”.<sup>57</sup> “Nós tocávamos em Liverpool, aqui e ali. [...] aparecíamos para os shows e os organizadores perguntavam: ‘Cadê o baterista?’ Para cobrir esta eventualidade nós respondíamos: ‘O ritmo está nas guitarras!’”.<sup>58</sup>



Fig. 4 “Cadê o baterista?” Os adolescentes George, John e Paul: animando uma festa de família, 1958. Disponível em: <[https://www.the-paulmccartney-project.com/\\_images/timeline/1958/01\\_big.jpg](https://www.the-paulmccartney-project.com/_images/timeline/1958/01_big.jpg)>. Acesso em 15 out. 2022.

No início da década de 1960, o grupo passou a ser empresariado. Alan Williams, empreendedor local, dono de um pub chamado *Jacaranda* que deixava os garotos tocarem em seu estabelecimento em troca de lanches e bebidas. Williams conseguiu, mediante contatos com empresários alemães, um contrato de dois meses para os garotos se apresentarem num bairro boêmio de Hamburgo, na Alemanha Ocidental.

Nesse momento, também, além de iniciarem um período de trabalho na cidade alemã, a banda, por exigência de contrato, passou a ter dois novos integrantes: o baterista Randolph Peter Best (Pete Best) e o baixista (que não sabia tocar, mas era amigo próximo de John

<sup>57</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, p. 37-38. (Tradução nossa).

<sup>58</sup> THE BEATLES. *Anthology*. San Francisco: Chronicle Books, 2000, p. 21. (Tradução nossa).

Lennon), Stuart Fergusson Victor Sutcliffe (Stuart Sutcliffe).<sup>59</sup> O bairro onde aconteciam as apresentações, chamava-se *Reeperbahn*; parte boêmia da cidade, com casas de prostituição e boates. Essa localidade é hoje visitada por fãs com interesse de conhecer em que localidade o grupo se profissionalizou.<sup>60</sup> (Figura 5). O jornal canadense *Toronto Star*, em 2007, publicou uma reportagem mostrando que entre 25 e 30 milhões de pessoas que visitaram o bairro boêmio naquele ano, grande parte esteve em Hamburgo devido aos Beatles.<sup>61</sup> Logo em 2008, foi inaugurada a *Beatles Platz*,<sup>62</sup> uma praça com as imagens dos Beatles feitas em metal com cinco componentes, simbolizando o período em que o grupo se apresentou em Hamburgo e, em maio de 2009, foi criado o *Beatlemania Museum*.<sup>63</sup>

O tempo que o grupo passou nessa cidade alemã, foi importante em sua formação profissional. Com essa experiência eles começaram a apurar sua forma de se apresentar, se adaptar ao palco e às exigências do público. Chegaram a tocar 6 horas por noite e apresentar músicas instrumentais para o *strip-tease* de dançarinas. Algumas vezes, tocaram com outras bandas de Liverpool, revezando-se no palco; dentre elas *Rory Storm and the Hurricanes*, que tinha como baterista Richard Starkey (Ringo Starr). Ringo substituiu Pete Best em algumas ocasiões e a amizade se consolidou entre os músicos que consideravam Ringo tecnicamente superior a Pete.

---

<sup>59</sup> “Era melhor ter um baixista que não sabia tocar do que não ter nenhum baixista”. Disse George Harrison. ANTHOLOGY, The Beatles. Direção: Bob Smeaton. Roteiro: Bob Smeaton. [S.I.]: Apple films, 1995. 5 DVDs (600 min), NTSC, colorido. Título Original: The Beatles Anthology. (Tradução nossa).

<sup>60</sup> “[...] O Toronto Star relatou em 2007 que entre 25 a 30 milhões de pessoas visitam anualmente o distrito de St. Pauli, embora tenha havido uma mudança visível não só em termos demográficos de visitantes, mas também na paisagem física nos últimos anos (Pigg, 2007). Isto é evidenciado pela maioria dos turistas da área, sendo composta por jovens, famílias e casais de meia-idade durante o dia. À noite, entre as luzes de neon iluminadas do Große Freiheit, é mais comum ver grupos de estudantes universitários [...] e um fluxo constante de adolescentes mais velhos posando com as estátuas dos Beatles-Platz. [...] o investimento do setor privado tem sido a principal força motriz na manutenção do reconhecimento do papel de Hamburgo na história dos Beatles”. FREMAUX, Stephanie; FREMAUX, Mark. Remembering the Beatles' legacy in Hamburg's problematic tourism strategy In: Journal of Heritage Tourism. Volume 8, Issue 4, 2013. (Tradução nossa).

<sup>61</sup> À noite, na Große Freiheit's iluminada pelo neon é comum ver grupos de universitários em festas nos bares, e um contínuo fluxo de adolescentes mais velhos posando com as estátuas dos Beatles na Beatles-Platz. FREMAUX, Stephanie; FREMAUX, Mark. Remembering the Beatles' legacy in Hamburg's problematic tourism strategy In: Journal of Heritage Tourism. Volume 8, Issue 4, 2013, p. 2. (Tradução nossa).

<sup>62</sup> Mais detalhes sobre este lugar no capítulo 3.

<sup>63</sup> FREMAUX, Stephanie; FREMAUX, Mark. Remembering the Beatles' legacy in Hamburg's problematic tourism strategy In: *Journal of Heritage Tourism*. Volume 8, Issue 4, 2013. “Em maio de 2009, Hamburgo deu um passo importante para recuperar a herança dos Beatles da cidade com a inauguração do Museu Beatlemania na área de Reeperbahn do distrito de St. Pauli. [...] O museu, juntamente com a Beatles-Platz (Beatles Square) no final de Große Freiheit em 2008, parecia sinalizar uma nova iniciativa para recriar Hamburgo como um lugar para o turismo familiar que enfraquece a reputação infame da cidade ligada à prostituição. Isso também é evidenciado pelo fato de o Museu da Beatlemania ocupar o prédio de cinco andares que uma vez abrigou o Museu de Arte Erótica. FREMAUX, Stephanie; FREMAUX, Mark. Remembering the Beatles' legacy in Hamburg's problematic tourism strategy In: Journal of Heritage Tourism. Volume 8, Issue 4, 2013. (Tradução nossa).



Fig. 5 “1,2,3,4!”. Da esquerda para a direita: Stuart Sutcliffe (sentado), Paul McCartney, George Harrison, Pete Best e John Lennon. Os Beatles em Hamburgo com suas jaquetas de couro e calças jeans, com exceção de Pete Best. Disponível em: <<https://www.edsullivan.com/the-beatles-before-and-after-the-ed-sullivan-show/>>. Acesso em: 6 out. 2022.

Durante o período que estiveram na Alemanha, iniciou-se a caracterização visual do grupo que ficaria conhecida mundialmente. A cultura jovem nas sociedades urbanas se tornou “internacionalizada”. “O *blue jeans* e o *rock* se tornaram marca da juventude ‘moderna’, das minorias destinadas a tornarem-se majorias. Em alguns países como a URSS esse vestuário não era tolerado”.<sup>64</sup> Os cabelos com o corte arredondado foram copiados de jovens alemães estudantes de arte que os músicos conheceram nas noites de shows no *Reeperbahn*. Esses amigos também usavam roupas de couro. Uma delas era Astrid Kirchherr, fotógrafa que registrou imagens icônicas do início da carreira dos Beatles. (Figura 6).

<sup>64</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 320.



Fig. 6 “Os cinco rapazes de Liverpool em Hamburgo”. Foto tirada por Astrid Kirchherr, amiga da banda e namorada de Stuart. Da esquerda para a direita: Pete Best, George Harrison, John Lennon, Paul McCartney e Stuart Sutcliffe.

Problemas com o patrão e com a minoridade de George Harrison (na época com 17 anos) fizeram o grupo voltar para Liverpool, mas Stuart Sutcliffe ficou em Hamburgo para se casar com Astrid. Nesse momento, Paul McCartney assumiu o baixo.<sup>65</sup>

### 1.3 BRIAN EPSTEIN

No dia 9 de novembro de 1961 o grupo conheceu Brian Samuel Epstein (1934-1967). A família de Epstein era dona de uma grande loja de departamentos na qual ele era responsável pela seção de discos. Brian propôs empresariar seriamente a banda após vê-los em ação em um *pub*, o *Cavern Club*. Os locais onde ocorriam shows musicais em Liverpool e seus arredores eram geralmente acometidos pela violência das gangues. O *Cavern Club* era livre desse tipo de problemas. Em suas origens foi um clube de *jazz e skiffle*. No entanto, com o surgimento do

<sup>65</sup> Stuart Sutcliffe se casou com Astrid Kirchherr, mas morreu de hemorragia cerebral em 10 de abril de 1962, aos 21 anos. Seu túmulo em Liverpool também é visitado por fãs do mundo todo.

*Mersey Beat*<sup>66</sup> o estabelecimento se rendeu ao *rock and roll*. Ali, os Beatles se apresentaram 275 vezes. “[...] o *Cavern* se tornou a segunda casa do grupo e em Liverpool os dois se tornaram sinônimos”.<sup>67</sup> Da mesma forma que ocorreu com a cidade alemã Hamburgo, a localidade onde existia *Cavern Club* (que posteriormente foi demolido e reconstruído nas proximidades) tornou-se um dos pontos de visitação mais conhecidos da cidade. Sob chuva ou sol, dia ou noite, turistas do mundo todo tiram fotos na porta do bar e em seu interior. Falaremos sobre esse local nos capítulos seguintes.

Quando questionado sobre o porquê resolveu se tornar empresário de uma banda de *rock*, apesar de ter uma formação teatral e preferir música erudita, Epstein afirmou que se impressionou com a música *beat*, mas, além disso, o charme e carisma dos rapazes o haviam conquistado. “[...] Ele conseguiu convencer o grupo, uma vez que se tornou seu empresário, que para que pudessem verdadeiramente contemplar carreiras na música popular, era essencial que começassem a criar impressões favoráveis dentro dessa indústria”.<sup>68</sup> Juntamente com os quatro músicos, desenvolveu a imagem que os fazia conhecidos no mundo inteiro. Eles deixaram de lado as roupas de couro e a atitude rebelde no palco (onde comiam, falavam palavrões e conversavam com o público) e começaram a trajar ternos feitos sob encomenda. Passaram, também, a agradecer, curvando-se após o término de cada música apresentada, como no teatro. O corte de cabelo inspirado nos amigos alemães continuou sendo utilizado e foi copiado por jovens no mundo inteiro. Com essa nova postura e visual, além de influenciar toda uma geração de músicos, foi possível ao grupo conseguir mais lugares para se apresentar e serem mais bem remunerados.<sup>69</sup> (Figura 7).

Enquanto lapidava a postura do grupo no palco, o novo empresário buscava um contrato com uma grande gravadora. Depois de várias tentativas frustradas, conheceu o produtor musical George Henry Martin, responsável pela *Parlophone*, subsidiária da gravadora EMI em Londres. Foi combinada uma audição com o grupo nos estúdios da EMI, localizada na chamada Abbey Road. Após o teste, o baterista Pete Best foi demitido, principalmente por suas

---

<sup>66</sup> WILLIAMS, Richard. The immaculate inception. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. London: Penguin Company, 2006, p. 57. O som proveniente de Liverpool ficou caracterizado pela marcação forte do bumbo. (Tradução nossa).

<sup>67</sup> LEWISOHN, Mark. *The complete Beatles chronicle: The only definitive guide to the Beatles' entire career on stage, in the studio, on radio, TV, film and video*. London: Hamlyn, 1996. (Tradução nossa).

<sup>68</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, p. 41. (Tradução nossa).

<sup>69</sup> Os ternos, o corte de cabelo, a postura e posicionamento no palco viraram referência para várias bandas de vários lugares do mundo, inclusive no Brasil, destacando-se no movimento musical que ficou conhecido como “Jovem Guarda”.

dificuldades técnicas nas gravações. Em agosto de 1962 assumiu Richard Starkey, conhecido como Ringo Starr.<sup>70</sup> Com essa formação, a banda ficaria conhecida mundialmente.



Fig. 7 “Beatles prontos para o consumo”. A nova imagem da banda com Brian Epstein. Da esquerda para a direita: Pete Best, George Harrison, Paul McCartney e John Lennon. Disponível em: <<http://www.rowboatsyndicate.com/2017/>>. Acesso em: 07 out. 2022.

Os Beatles lançaram oficialmente 12 álbuns, 13 *extended plays* e 22 *singles*. Nos subcapítulos que seguiremos apresentaremos uma breve análise cronológica dessa produção, e concomitantemente, descreveremos momentos importantes de suas carreiras. Faremos tal movimento, visando compreender a relevância da obra no contexto histórico de seu lançamento, observando como a sua história é importante para a manutenção da banda no cenário artístico global mesmo após o fim do grupo. Com essa imagem e formação a banda se tornaria conhecida mundialmente. (Figura 8).

<sup>70</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, p. 38. (Tradução nossa).



Fig. 8 “Senhoras e Senhores, os Beatles!” A banda com seu novo visual e novo baterista. Ternos sob medida que viraram modelos para uma nova geração de artistas. Da esquerda para a direita: George Harrison, Ringo Starr, John Lennon e Paul McCartney. Foto de 1963. Disponível em: <[https://twitter.com/beatles\\_here/status/1522629112304594944](https://twitter.com/beatles_here/status/1522629112304594944)>. Acesso em: 04 dez. 2022.

#### 1.4 OS BEATLES: SUA DISCOGRAFIA E FILMOGRAFIA

Foi, entre os anos de 1962 e 1970, que os Beatles criaram e lançaram seus discos e filmes. Juntando a esses, outros elementos, é possível compreender a longevidade, o respeito e o consumo da obra da banda, bem como, apreender a importância de sua influência para com as novas gerações de artistas, admiradores e consumidores.

Desde seu lançamento na década de 1960, os LPs dos Beatles dominaram as várias seleções e listas que rotineiramente pretendem identificar os álbuns mais populares/mais influentes/melhores da música popular. Ao longo de cada década subsequente, os veredictos expressos nas pesquisas de audiência, nas

escolhas dos críticos e nos comentários de outros músicos serviram para efetivamente manter e melhorar a reputação do grupo.<sup>71</sup>

Podemos dividir a produção discográfica em duas fases. A primeira delas, inicia com o compacto *Love Me Do* de 1962 e termina com o álbum *Help!*, lançado em 1965.<sup>72</sup> Nesse primeiro estágio de produção suas principais referências são o *rock and roll* americano, o *soul* e o *blues* (produzido pelas gravadoras *Stax* e *Motown*) e o *country and western*. As músicas são direcionadas aos fãs, com grande utilização de pronomes em seus títulos (*She Loves You*, *I Wanna Hold Your Hand*, *P.S.*, *I Love You*, *Hold me tight*, etc). “Seu público achava que eles estavam cantando sobre eles e para eles”.<sup>73</sup> Sobre isso, John Lennon afirmou que, “no começo não ligávamos para as letras, bastava ter algum tema vago. Ela ama você, ele o ama, eles se amam”.<sup>74</sup> Esse, também, foi o momento no qual o grupo fez a maioria de suas apresentações ao vivo, filmou seus dois primeiros filmes e consolidou seu sucesso comercial.

Já a segunda fase, começa com o disco *Rubber Soul*, lançado no final do ano de 1965, encerrando com o último disco *Let it Be*, lançado em 1970. Os temas das canções vão se tornando mais universais, influenciados pela contracultura, pela meditação e pelo psicodelismo.<sup>75</sup> Nessa conjuntura, começaram a utilizar a instrumentação erudita ocidental e oriental; uma experimentação possibilitada pela melhoria na tecnologia de gravação, proporcionando maior liberdade no estúdio.

Os Beatles se tornaram os músicos mais famosos e bem-sucedidos do século XX, principalmente, porque suas canções eram jovens, cativantes e imaginativas e, porque todos que as ouviam – milhões de pessoas em todo o planeta – sentiam que o mundo era um lugar melhor. E ao se tornar um fenômeno internacional, tudo o que eles escolheram fazer como aventura musical fluiu generosamente para o mainstream, então eles agiram – graças às comunicações modernas – como canais de experimentação e diversidade em uma escala rápida sem precedentes. [...] A mensagem que sua criatividade irreprimível enviou aos jovens de coração, nadando na cultura pop adolescente, era que o material antigo ainda tinha um papel a desempenhar, que o passado da música era relevante e cativante.<sup>76</sup>

<sup>71</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, p. 230. (Tradução nossa).

<sup>72</sup> Analisaremos somente gravações oficialmente lançadas pela EMI.

<sup>73</sup> ARTSANDARCH. Vincent Benitez and Walter Everett discuss the Beatles. *Youtube*, 2014 Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=WZgdYH648dU> >. Acesso em: 15 nov. 2022. (Tradução nossa).

<sup>74</sup> 8 DAYS A WEEK. Direção: Ron Howard. Escrito por Mark Monroe. Apple films, Imagine Entertainment, White Horse Pictures, 2016, NTSC, colorido. 97 minutos. Título original: 8 days a week. (Tradução nossa).

<sup>75</sup> As influências passam a ser não só do rock, mas também da música erudita (Luciano Berio, Stockhausen) e da música indiana (Ravi Shankar). As letras deixam de se preocupar com as relações superficiais e passam a tratar de questões filosóficas, críticas sociais, questões políticas, dentre outras. Mesmo quando a canção trata de relacionamentos amorosos, sua análise se torna mais universal e menos adolescente.

<sup>76</sup> GOODALL, Howard. *The story of music: from Babylon to the Beatles*. London: Pegasus Books, 2015. (Tradução nossa).



Com o passar dos anos, a banda se transformou, musical e visualmente, perante os olhos do público. Eles acompanharam as mutações e continuaram consumindo suas obras. Assim, visando uma análise didática chamaremos a primeira fase de sua produção discográfica de “Os reis do ié, ié, ié”.

### 1.5 1ª FASE: OS REIS DO IÉ, IÉ, IÉ (1962-1965)

O primeiro *single*, *Love Me Do*, foi lançado em 5 de outubro de 1962.<sup>77</sup> No entanto, foi somente com o segundo compacto, *Please, Please Me*, lançado em 11 de janeiro de 1963, que alcançaram o primeiro lugar das paradas britânicas. Nesse momento, os seguidores do grupo já enviavam de 50 a 200 cartas por dia para o fã-clube recém-criado em Liverpool.<sup>78</sup> Após o sucesso alcançado, decidiu-se por produzir um *long play*, que foi gravado em um único dia.

#### 1.5.1 Please, Please me (1963)

A capa do LP, *Please, Please Me*, mostra os quatro músicos com olhares confiantes, acima de nós em uma posição superior. (Figura 9). Por integrar o grupo recentemente, para substituir o antigo baterista, Ringo Starr é o único dos músicos que não possui o corte de cabelo francês, que seria a marca registrada do grupo em seus primeiros anos. “Vestidos de maneira idêntica em ternos e gravatas, olhando sorridentes para as câmeras, eles personificavam o *pop star* do período – inteligente, alegre, jovem e bonito.”<sup>79</sup> Essa imagem não foi uma escolha pessoal dos músicos, mas, sim, do seu produtor musical, George Martin. A primeira ideia de Martin foi tirar uma foto no zoológico, perto da seção dos insetos.<sup>80</sup> A direção do zoológico não aprovou. Decidiu-se então por tirar a foto no prédio da EMI. O nome em amarelo parece querer chamar a atenção para o grupo, para a energia da banda. A fotografia foi tirada por Angus McBean.

Quase sem exceção, as capas dos álbuns foram vistas como inovadoras em suas propriedades visuais e estéticas, foram reconhecidas por seus designs

<sup>77</sup> O *single* ficou conhecido no Brasil como compacto simples. Possuía duas músicas. Uma no “Lado A” e outra no “Lado B”.

<sup>78</sup> GOOD O’ FRIDA. Direção: Ryan White. Escrito por: Jessica Hargrave e Ryan White. Magnolia Pictures, 2013, NTSC, colorido. 86 minutos. Título original: Good Ol’ Freda. (Tradução nossa).

Em entrevista para um documentário, a secretária de Brian Epstein, Freda Kelly afirmou que o número chegou a 800 cartas por dia.

<sup>79</sup> INGLIS, Ian. *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, 2003, p. 232. (Tradução nossa).

<sup>80</sup> O nome *Beatles* não tem uma tradução. O som da pronúncia é idêntico a *beetles* que significa ‘besouros’.

criativos. Elas forneceram um ímpeto inicial para a expansão da indústria de design gráfico nas imagens de música popular, e têm sido vistas como as grandes responsáveis por permitir que as conexões entre arte e pop fossem consolidadas.<sup>81</sup>



Fig. 9 Capa do álbum *Please, Please me*. Lançado em 22 de março de 1963. O disco ficou 30 semanas em primeiro lugar nas paradas de sucesso.<sup>82</sup> Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/please-please-me>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

<sup>81</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches*: Sociology, popular culture and the Beatles. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, p. 230. Ian Inglis, afirma ainda que as capas não são elementos supérfluos e não podem ser descartadas durante a audição do disco. Sua apreciação faz parte de uma fruição total que auxilia e expande a experiência musical. INGLIS, Ian. *Burning matches, lifting latches*: Sociology, popular culture and the Beatles. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, 2003. p. 230-231. (Tradução nossa).

<sup>82</sup> 8 DAYS A WEEK. Direção: Ron Howard. Escrito por Mark Monroe. Apple films, Imagine Entertainment, White Horse Pictures, 2016, NTSC, colorido. 97 minutos. Título original: 8 days a week. (Tradução nossa).

Ter a imagem do artista (ou artistas) na capa teve uma importância na consolidação da banda, juntamente com a popularização dos *long players*.<sup>83</sup>

Em março de 1963 a música para jovens se concentrava nos compactos e muitos dos cantores americanos amados pelos Beatles não faziam sucesso no mercado de LPs, dominado por cantores sofisticados, canções instrumentais, musicais e trilhas sonoras. As conquistas dos Beatles fariam esta situação se modificar, demonstrando de maneira clara o potencial comercial do álbum pop e o seu alcance para a juventude consumidora.<sup>84</sup>

A partir de então, muitos músicos passam a ver os LPs como uma obra de arte estruturada (capa, ordem das músicas, etc.) planejada e organizada.

A primeira canção do disco é *I Saw Her Standing There*, correspondia ao início do “show”. As músicas faziam parte do repertório das apresentações em clubes; o que possibilitou que o disco fosse gravado em um único dia, pois o grupo conhecia o material. Com poucos *overdubs*<sup>85</sup> e edições, a obra nos remete a uma apresentação ao vivo que termina com a voz do vocalista em frangalhos. “Uma das grandes forças dos Beatles era o fato, de, ao lançarem o primeiro disco [...] já serem veteranos de palco, com mais de 900 shows só nos três anos anteriores e um repertório de 260 canções extraídas de álbuns e singles dos artistas que admiravam”.<sup>86</sup> Como principais representantes do *Mersey Beat*, desde o início de suas carreiras, já estavam concretamente associados à sua região, sendo descritos em revistas, jornais e na TV como “os quatro rapazes de Liverpool”.<sup>87</sup>

Liverpool não costumava prover cantores de *rock* para o mercado fonográfico. Fãs passaram a buscar informações e imagens em jornais e revistas e “de repente um lugar distante chamado Liverpool assumiu tons míticos. [...] Muitos fãs permaneceram anglófilos em toda a sua vida, ajudando a tornar o turismo relacionado aos Beatles na próspera indústria que é hoje”.<sup>88</sup> Essa conexão tornou a cidade natal da banda um ponto de peregrinação relacionado com o grupo. Uma fã americana relata, na obra de Candy Leonard *Beatleness: the fans’ eye view- how the Beatles and their fans remade the world*: “[...] Coisas relacionadas à Inglaterra

<sup>83</sup> THE BEATLES. Encarte. In: *Please, please me*. Londres: EMI, 1963, digital, estéreo, AA0012000. (Tradução nossa).

<sup>84</sup> THE BEATLES. *Idem*, EMI, 1963. (Tradução nossa).

<sup>85</sup> *Overdub* é a sobreposição de uma camada sonora sobre outra pré-gravada.

<sup>86</sup> TURNER, Steve. *The Beatles: todas as músicas, todas as letras, todas as histórias*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016, p. 22.

<sup>87</sup> Jornais musicais britânicos como o *New Musical Express* e o *Record Mirror*, chamavam a atenção para a região de origem do grupo e a participação vocal do baterista. Algo não muito comum na época. Conforme: WILLIAMS, Richard. *The immaculate inception*. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. London: Penguin Company, 2006, p. 58. (Tradução nossa).

<sup>88</sup> LEONARD, Candy. *Beatleness: the fans’ eye view- how the Beatles and their fans remade the world*. New York: Arcade Publishing, 2016, p. 38. (Tradução nossa).

me interessam muito. Eu fiz minha primeira viagem a Londres e Liverpool quinze anos atrás. Eu visitei todos os lugares relacionados aos Beatles e foi incrível”.<sup>89</sup>

A inspiração do grupo para as primeiras canções autorais vem principalmente do *rock* americano. Essa influência irá marcar toda a primeira fase de sua discografia. Paul McCartney admitiu que a linha de baixo de *I Saw Her Standing There* foi inspirada em Chuck Berry. Os covers, todos estadunidenses, mostram as principais influências no início da carreira do grupo. Os temas variam, mas, de maneira geral, tratam do amor adolescente que se perdeu ou se ganhou, da descoberta do sexo, ciúmes, da solidão, da alegria de ser jovem em tempos marcados pela esperança do pós-guerra. Algumas canções trazem dicas das formas composicionais que marcariam o grupo pelo resto da carreira. Dentre elas o cuidado com a harmonia vocal, (muito inspirado nos grupos vocais femininos como o *The Cookies* e as *The Shirelles* e nos *Everly Brothers*) e os jogos de palavras de duplo sentido (*Please, please me*). Outro ponto a destacar é a tentativa de colocar a gaita como uma espécie de marca registrada. Com o tempo eles perceberiam que isto não seria necessário.

Também gravado pelo grupo em 1963, o compacto *She Loves You*, merece importância. A canção abriu mão da gaita – presente em *Love me do, Please, please me* e *From Me To You*, dentre outras – mas, utilizou-se do *yeah, yeah, yeah*, “uma mistura inspirada do palavreado chique britânico urbano do pós-guerra e a glamorosamente atraente Americana [...]”.<sup>90</sup> *She Loves You* tornou-se uma importante marca registrada do grupo no período.

*From Me To You* (outro compacto), *She Loves You* e seu próximo *single*, *I Wanna Hold Your Hand* chegaram ao número 1 das paradas britânicas, com grande vendagem.<sup>91</sup> Nesse período a popularidade na Inglaterra era imensa. Em 12 de setembro de 1963, o *Radio Times* (uma revista de listas de programação) da BBC, fez uma promoção de venda de fotos – assim, como fazia com outros artistas–, cobrando 2 *shillings* por imagens dos Beatles. A quantidade de cópias de imagens superou as expectativas, chegando a 250.000 pedidos.<sup>92</sup>

Com uma performance cheia de energia, visual intrigante e músicas populares inéditas, compostas por seus integrantes, surgiu um fenômeno, que a imprensa nomeou *Beatlemania*.<sup>93</sup>

<sup>89</sup> LEONARD, Candy. *Idem*, 2016, p. 38. (Tradução nossa).

<sup>90</sup> LEWISHORN, Mark. I wanna be your fan. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. London: Penguin Company, 2006, p.64. O termo “Americana”, segundo o dicionário Oxford, seria “coisas associadas com a cultura e a história da América, especialmente dos Estados Unidos”. OXFORD LANGUAGES. *Americana*. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-en/>. Acesso em 17 fev. 2023. (Tradução nossa).

<sup>91</sup> *She Loves You* vendeu um milhão de cópias após o seu lançamento. O *single I wanna hold your hand* teve um milhão de pedidos antecipados.

<sup>92</sup> O número usual de cópias de outros *entertainers* era de aproximadamente de 10.000 de pedidos. LEWISHORN, Mark. *Idem*, 2006, p. 80. (Tradução nossa).

<sup>93</sup> “O termo ‘Beatlemania’ foi usado pela primeira vez em um tabloide britânico, The Daily Mirror. Os Beatles estavam se apresentando em Cheltenham, Inglaterra em 15 de outubro de 1963. De acordo com Andi Lothian, um

Várias teses foram criadas para explicar a intensidade e o descontrole associados à *Beatlemania* [...]. Uma delas dizia que a Inglaterra e os Estados Unidos tiveram uma explosão de nascimentos logo após a Segunda Guerra Mundial. A onda de popularidade refletiu um número excessivamente grande de pessoas chegando na adolescência.<sup>94</sup>

De maneira esdrúxula, psicólogos afirmaram que as garotas subconscientemente se preparavam para a maternidade e os gritos frenéticos eram ensaios para o momento. Outros viam um certo desejo sexual reprimido sendo liberado. A única certeza que temos é que esse fenômeno, relacionado com o grupo, começou localmente (Liverpool) e que por várias razões se espalhou pelo mundo.<sup>95</sup> Cada país testemunhou essas cenas de emoção em massa, situações nunca vistas, com tamanha intensidade e que dificilmente serão repetidas. É impossível exagerar a *Beatlemania* porque ela era em si um exagero.<sup>96</sup> (Figura 10).

Um dos motivos que atraía os olhares das/dos adolescentes para os Beatles era a sua espontaneidade. Um exemplo dessa postura estava no trato com a imprensa. A prática comum dos artistas no período em entrevistas se caracterizava pelo controle, sem emissão de opiniões, com formalidade na linguagem e nos modos. As entrevistas com os Beatles pareciam *sketches* de comédia dos *Goons*, onde eles com naturalidade brincavam com os repórteres e consigo mesmos. Não escondiam seu sotaque e se mostravam autênticos. Essa postura se tornou mais visível, até mesmo, quando se apresentaram para a realeza.

---

escocês envolvido no ramo de entretenimento na época, ‘A banda foi quase inundada por essas jovens mulheres’” (Tay, 2007). Quando um repórter perguntou a Lothian o que estava acontecendo, ele disse: ‘não se preocupe, é só a Beatlemania’. O termo apareceu na história subsequente publicada no *Mirror* e foi rapidamente escolhido pela imprensa para descrever o comportamento histórico testemunhado em relação aos Beatles. McCULLOUGH, Madeline. *Mass Hysteria Case Study: Don’t Worry it’s Just Beatlemania*, 2019, p. 3. (Tradução nossa).

<sup>94</sup> FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll: uma história social*. Rio de Janeiro: Record, 2015, p.125-126.

<sup>95</sup> LEWISOHN, Mark. I wanna be your fan. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*, 2006, p. 62. (Tradução nossa).

<sup>96</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, p. 44. (Tradução nossa).



Fig. 10 Os fãs em ação! Bem-vindos à Beatlemania! Disponível em: <<https://www.92ny.org/class/the-beatles-beatlemania-part-ii>>. Acesso em: 05 dez. 2022. Observe a presença de rapazes no meio da multidão.

Em 4 de novembro de 1963, o grupo se apresentou perante a Rainha e a família real no programa *Royal Variety Performance*. Na época, o antagonismo entre as classes era um assunto discutido e presente na Inglaterra. Por exemplo, obras literárias, como “*O amante de Lady Chatterley*” (1928), essa situação está presente. Esse livro havia sido proibido no Reino Unido até 1960. Quando liberado se tornou um sucesso de vendas. Nele, a esposa de um *Sir* se envolve com um guarda-caça. Além das descrições sexuais, consideradas indecentes, a obra trata das divisões na sociedade inglesa. Nesse contexto, antes do show, a imprensa, cobrou John Lennon, se eles iriam usar um inglês mais formal, em vez do *scouse*<sup>97</sup> pois estariam se apresentando para a realeza. Além de não se deixar abater pelas críticas à forma de falar dos liverpudlianos, John Lennon ainda fez uma piada. Durante o show pediu que “As pessoas nos assentos mais baratos batam palmas. As pessoas nos assentos mais caros, basta sacudirem as joias”.<sup>98</sup> Esse, foi um leve enfrentamento entre as classes, mas que diz muito sobre o momento. A juventude/classe trabalhadora mostrava sua cara. No filme *A Hard Day's Night*, lançado no

<sup>97</sup> *Scouse* é a forma como o inglês é falado por uma pessoa de Liverpool. CAMBRIDGE DICTIONARY. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/scouse>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

<sup>98</sup> ANTHOLOGY, The Beatles. Direção: Bob Smeaton. Roteiro: Bob Smeaton. [S.I.]: Apple films, 1995. 5 DVDs (600 min), NTSC, colorido. Título Original: The Beatles Anthology. (Tradução nossa).

ano seguinte, há uma cena onde o quarteto e um senhor disputam pela abertura/fechamento da janela do vagão do trem. O diálogo é esclarecedor:<sup>99</sup>

- Paul:* - *Você se importa se eu abrir a janela?*  
*Homem:* - *Sim, me importo.*  
*John:* - *Nós quatro a queremos aberta, se você não se importa.*  
*Homem:* - *Eu me importo. Eu viajo neste trem regularmente, duas vezes por semana... então eu suponho que tenho direitos.*  
*Ringo:* - *Nós também temos direitos.*  
*(Ringo liga o rádio):*  
*Homem:* - *Vamos desligar isso também! Quem conhece as Regras da Estrada de Ferro sabe que estou nos meus direitos!*  
*Paul:* - *Mas nós queremos ouvir. Somos uma comunidade, maioria de votos, trabalhadores e tudo mais.*  
*Homem:* - *Então eu sugiro que você leve esta maldita coisa para o corredor... ou para alguma outra parte do trem a qual você obviamente pertence.*  
*John:* - *Me dá um beijinho.*  
*Paul:* - *Você sabe, nós também pagamos nossas passagens.*  
*Homem:* - *Eu viajo neste trem regularmente, duas vezes por semana.*  
*John:* - *Desista Paul. Não dá para discutir com um tipo deste. Além disso, este trem é seu, não é senhor?*  
*Homem:* - *Não fale assim comigo, meu jovem. Eu lutei na guerra por vocês.*  
*Ringo:* - *E eu aposto que se arrependeu.*  
*Homem:* - *Eu vou chamar os guardas.*  
*Paul:* - *Vai mesmo? Eles não gostam de insultos. Vamos tomar um café e deixar o canil para a Lassie. Ei senhor, devolva a nossa bola!*

---

<sup>99</sup> Do you mind if we have it open? / Yes, I do. / Four of us want it open, if it's all the same to you. / It isn't. I travel on this train regularly twice a week... / So have we. / We'll have that thing off as well. Knowledge of the Railway Acts tell you I'm within my rights. / But we want to hear it. We're a community, majority vote, up the workers and all that stuff. / Then I suggest you take that damn thing into the corridor... ..or some other part of the train where you obviously belong. / Give us a kiss. / - Look, we paid for our seats too, you know. / I travel on this train regularly, twice a week. / Knock it off, Paul. You can't win with his sort. After all, it's his train. Isn't it, mister? / And don't take that tone with me, young man. I fought the war for your sort. / I bet you're sorry you won. / I shall call the guard. / Ah, but what? They don't take kindly to insults, you know. Let's go have some coffee and leave the kennel to Lassie. / Hey, mister, can we have our ball back? (Tradução nossa). Dialogo retirado do filme A HARD DAY'S NIGHT. Direção: Richard Lester. Fotografia: Gilbet Taylor. Miramax, 1964.

“Os fãs viam os Beatles respondendo com ousadia aos adultos, mas ao contrário dos *bad boys* rebeldes de *Blackboard Jungle*, *Juventude Transviada*, ou *West Side Story*, os Beatles desafiaram os adultos [...]” com humor e ironia.<sup>100</sup>

Em 1963 a política inglesa, também, passou a refletir as mudanças que ocorriam em outros setores da sociedade. Harold Wilson tornou-se líder do partido trabalhista e, em outubro de 1964, foi eleito Primeiro Ministro. “Wilson era retratado pela mídia como jovem, dinâmico e imponente. Um homem desprezioso da classe trabalhadora que ia sacudir o *establishment*”.<sup>101</sup> Com uma postura diferente dos políticos tradicionais “Wilson parecia representar os jovens do Reino Unido. Assim como os Beatles ele também veio do norte do país e parecia simbolizar um desejo de mudanças. Em maio de 1965 Wilson recomendou que os Beatles fossem condecorados com o MBE (Excelentíssima Ordem do Império Britânico)”.<sup>102</sup> Um telejornal da época noticiou no dia da entrega das medalhas:

O palácio da rainha foi testemunha de muitos eventos históricos e hoje temos o privilégio de ser testemunhas de algo transcendental, Os Beatles! Acabam de sair de uma audiência com a rainha e trazem medalhas que indicam que foram nomeados membros do Império Britânico. Os Beatles se transformaram em um dos principais produtos de exportação da Grã-Bretanha. Geraram mais trocas internacionais do que muitas indústrias e a Rainha considerou apropriado reconhecer sua contribuição econômica para a nação.<sup>103</sup>

Wilson também esteve presente em entregas de prêmios de música pop, assumindo a necessidade de associar-se, pelo menos em imagem, aos ídolos da juventude inglesa para se aproximar da população mais jovem, que como vimos, crescia cada vez mais em importância e em quantidade na sociedade.

### 1.5.2 With The Beatles (1964)

A inspiração para a capa do segundo álbum, *With the Beatles*, veio das fotos captadas pela amiga alemã, Astrid Kirchherr enquanto eles estavam em Hamburgo. (Figura 11). Em

<sup>100</sup> LEONARD, Candy. *Beatleness: the fans' eye view- how the Beatles and their fans remade the world*. New York: Arcade Publishing, 2016, pp. 63-64. (Tradução nossa).

<sup>101</sup> “Analistas viam sua ascendência como parte da mesma revolta social que tinha criado *mods*, *rockers*, *Carnaby Street*, *David Bailey*, *Terry Stamp*, *Twiggy* e os *Beatles*. [...] No papel, os Beatles e Wilson eram uma boa combinação. Eram todos do norte da Inglaterra, tinham um histórico de apoio ao Partido Trabalhista e reprovavam o esnobismo, os privilégios e o sistema de classes”. TURNER, Steve. *Beatles 1966: o ano revolucionário*. São Paulo: Benvirá, 2018, p. 132.

<sup>102</sup> Após os Beatles terem recebido suas medalhas, muitos militares devolveram as mesmas dizendo que a honraria havia sido diminuída.

<sup>103</sup> THE BEATLES AND INDIA. Ajoy Bose; Peter Compton. Escrito por Ajoy Bose; Peter Compton. Renoir Pictures, Silva Screen. 2021, NTSC, colorido. 92 minutos. Título original: *The Beatles and India*. (Tradução nossa).



entrevista, George Harrison afirmou que “Aquela capa foi o momento em que começamos a nos envolver ativamente nas artes de capa de nossos discos”.<sup>104</sup> O fotógrafo tentou conseguir o mesmo efeito desenvolvido por Kichherr em suas imagens.

Em 1964, ano do lançamento de *With the Beatles*, uma capa de disco tradicional seria uma fotografia colorida mostrando o artista sorrindo ou dançando e cantando. Muitas vezes, o título do álbum era tão grande quanto a foto. [...] *With the Beatles* foi uma das primeiras fotos de capa de álbum pop/rock and roll que experimentou posicionamento e sombra, e deixou de lado o nome da banda, revolucionando as capas de álbuns convencionais. Ele “descentralizou” a tradicional e convencional capa do álbum. Pegou os elementos necessários e redesenhou como eles deveriam ser apresentados.<sup>105</sup>

Essa influência pode ser sentida em capas icônicas lançadas depois, por outros artistas, como *Transformer* de Lou Reed, ou *Horses*, de Patti Smith.<sup>106</sup> Ainda hoje, muitos se dizem influenciados pelos designs produzidos pelos Beatles. Como pontua Etlinger, “[...] as capas de discos representam a banda e a música que estão ali dentro. A banda toca a música, mas como não podemos comprar a banda, compramos sua representação na forma de uma fotografia [...]”.<sup>107</sup>

*With The Beatles* foi o segundo álbum e o primeiro disco a vender mais de um milhão de cópias na Inglaterra.<sup>108</sup> A partir de então, as gravações receberam mais atenção e cuidado. Se *Please, please me* foi gravado em um dia, esse teve “sessões espalhadas em um período de três meses”.<sup>109</sup> Os músicos gravaram esse segundo lançamento, entre outros compromissos, que incluíram turnês, apresentações de rádio (com um programa exclusivo apresentado pela banda) e TV (incluindo o prestigioso *Sunday Night At The London Palladium*) e sua primeira turnê internacional para a Suécia.<sup>110</sup>

<sup>104</sup> MCGUINNESS, Paul. *The Beatles Album Covers Explained*. Disponível em: <<https://www.udiscovermusic.com/stories/the-beatles-album-covers-explained/>>. Acesso em: 15 out. 2022. (Tradução nossa).

<sup>105</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, p. 16-17. (Tradução nossa).

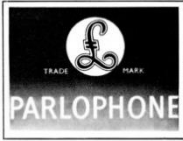
<sup>106</sup> HARRIS, John. Snanner’s delight. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*, London: Penguin Company, 2006, p. 80. (Tradução nossa).

<sup>107</sup> ETLINGER, S. A. *Além da música: repensando Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*. Per Musi, Belo Horizonte, n.30, 2014, p.44.

<sup>108</sup> THE BEATLES, Encarte. In: *With the Beatles*. Londres: EMI, 1963, digital, estéreo, AA0007000. (Tradução nossa).

<sup>109</sup> TURNER, Steve. *The Beatles: a história por trás de todas as canções*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

<sup>110</sup> WITH THE BEATLES. Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/beatles>>. Acesso em: 16 out. 2022. (Tradução nossa).



**with  
the  
beatles**

**mono**

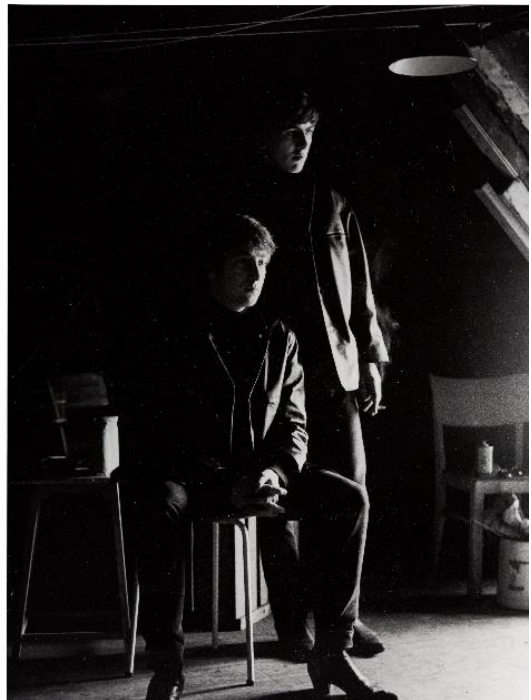


Fig. 11 Capa do disco *With The Beatles*. Lançado em 22 de novembro de 1963. A fotografia em preto e branco da banda, com suas faces na penumbra, foi inspirada nas fotos de Astrid Kircherr.<sup>111</sup> Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/beatles>>. Acesso em: 10 mar. 2023. Imagens que serviram como inspiração para a capa do referido disco: Esquerda: John Lennon. Direita: John Lennon (sentado) e George Harrison. Disponível em:

<[https://www.reddit.com/r/TheBeatles/comments/13583w/john\\_and\\_george\\_photographed\\_by\\_astrid\\_in\\_stuarts/](https://www.reddit.com/r/TheBeatles/comments/13583w/john_and_george_photographed_by_astrid_in_stuarts/)>. Acesso em: 22 out. 2022.

Os *covers* presentes no disco reforçam a influência musical americana no repertório formativo dos Beatles. Três deles são da gravadora *Motown*, de Detroit: *You really got to hold on me*, *Please Mr Postman* e *Money*. A canção *Till there was you* foi retirada de um musical da Broadway e *Roll over Beethoveen* de Chuck Berry. Oito canções do álbum são originais. Percebe-se que os compositores estavam aprimorando suas técnicas, atentos a fórmulas composicionais já testadas e que funcionaram no passado. Houve uma tentativa de repetir, em alguns aspectos, o sucesso do primeiro trabalho, com a presença da gaita em *Little child*, os *yeah, yeah, yeah* da canção de abertura do álbum *It won't belong* e o final do disco com *Money*, emulando o impacto de *Twist and Shout* do LP anterior. *With the Beatles* foi lançado no final do ano de 1963, seguindo o planejamento industrial do empresário e do produtor, que propunham gravar dois *Long Plays* por ano. O disco ficou 21 semanas em primeiro lugar nas paradas de sucesso britânicas.

O *single I wanna hold your hand* foi gravado em 17 de outubro de 1963, e abriu as portas para a banda nos Estados Unidos. Eles venderam nos primeiros três dias, após seu lançamento, 250.000 cópias – 10.000 a cada hora na cidade de Nova York.<sup>112</sup> Iniciou-se a chamada “invasão britânica”.<sup>113</sup> Na primeira viagem para a América, o grupo, além de realizarem shows, se apresentaram em um popular programa de TV, atingindo a marca de 73 milhões de espectadores, um recorde para a época. Em 31 de março de 1964, eles ocuparam as cinco primeiras posições na parada de *singles* da Billboard.<sup>114</sup> O trabalho de marketing realizado pela gravadora da banda foi intenso, e com isso uma multidão de fãs os seguiram para

<sup>111</sup> MCGUIRE, Megan. *Covering Music: tracing the semiotics of Beatles album covers*. Thesis. Submitted to the Graduate College of Bowling Green State University in partial fulfillment of the requirements for the degree of MASTER OF ARTS, 2005, p. 17. (Tradução nossa).

<sup>112</sup> THE BEATLES BIBLE. *US single release: I Want To Hold Your Hand*. Disponível em: <<https://www.beatlesbible.com/1963/12/26/us-single-i-want-to-hold-your-hand/>>. Acesso em: 08 nov. 2022. (Tradução nossa).

<sup>113</sup> A “invasão britânica” refere-se à onda de grupos e artistas britânicos de pop e rock and roll que alcançaram sucesso em ambos os lados do Oceano Atlântico em meados da década de sessenta. As raízes da Invasão Britânica podem ser rastreadas a partir da cena musical skiffle que ocorreu durante década de 1950, que fundia blues americano, jazz e o folk. MASTERCLASS. *Inside the British Invasion: 5 Popular British Invasion Bands*. Disponível em: <<https://www.masterclass.com/articles/british-invasion-explained#7181RGjykaTUEkGF822z2o>>. Acesso em: 10 mar. 2023. (Tradução nossa).

<sup>114</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, p. 44-45. (Tradução nossa).

todos os lugares. Nos Estados Unidos a banda se consolidou e ampliou sua fama. Em um dos shows realizado em Washington em 11 de fevereiro de 1964, uma imagem captada pelas câmeras de TV chama a atenção: durante uma das canções o auditório grita e um adulto, no meio do mar de adolescentes, balança a cabeça e sorri como se não entendesse o que acontecia. A linguagem, a postura, o visual, as canções, tudo era direcionado aos jovens. E eles entendiam. Sobre esse mesmo período, uma fã estadunidense disse em entrevista a escritora Candy Leonard:

Lembro-me do assassinato de Kennedy e dos dias de luto que se seguiram. Lembro-me de ver Lee Harvey Oswald morto a tiros por Jack Ruby em rede nacional, mas não entendi o que eles tinham a ver comigo. Mas os Beatles eram para mim; eles eram o raio de eletricidade que carregava minha consciência cultural.<sup>115</sup>

Para parte da audiência de adolescentes

[...] os Beatles eram [...] cidadãos do mundo com autêntico carisma e habilidade natural de falar de improviso e encantar a multidão. Eles pareciam representar o futuro da mesma forma que Kennedy já havia feito. Mas acrescentaram a impaciência da juventude a essas qualidades e comunicaram essa inquietação, a sensação do ‘agora’ e da ‘liberdade’ para o seu público.<sup>116</sup>

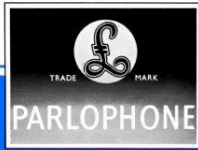
### 1.5.3 A *Hard Day's Night* (1964)

O terceiro álbum da banda foi a trilha sonora do filme *A Hard Day's Night*. A partir do final da década de 1950, era comum que astros do pop fizessem filmes de baixo orçamento, depois de emplacar alguns *hits*, assim, como Elvis Presley fez nos Estados Unidos, desde 1956.<sup>117</sup> A película encenada pelos Beatles, foi produzida em preto e branco, e começou a ser filmada oito dias após chegarem de sua primeira turnê na América do Norte. Essa produção cinematográfica visava, sobretudo, aproveitar a fama do grupo e ganhar dinheiro, principalmente com a trilha sonora, já que a produtora (*United Artists*) achava que a banda, como muitas outras do período, seria uma onda passageira. A capa do disco, segundo afirmou o fotógrafo Robert Wittaker, simula vários frames de uma filmagem, objetivando demonstrar dinamicidade e movimento. Devido à falta de controle nos lançamentos mundiais, no Brasil, a capa foi impressa com o fundo em vermelho, diferindo do fundo azul original e, nos Estados Unidos, ela apresentou mudanças não na composição da imagem, mas por possuir diferentes canções. (Figura 12).

<sup>115</sup> LEONARD, Candy. *Beatleness: the fans' eye view- how the Beatles and their fans remade the world*. New York: Arcade Publishing, 2016. (Tradução nossa).

<sup>116</sup> LEONARD, Candy. *Idem*, 2016, p. 55. (Tradução nossa).

<sup>117</sup> Elvis Presley fez 30 filmes durante sua carreira.



# THE BEATLES

mono

## A HARD DAY'S NIGHT

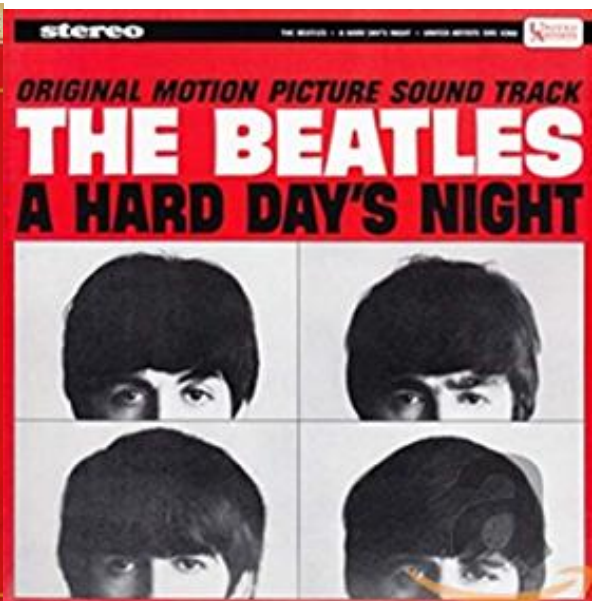


Fig. 12. *A Hard Day's Night*. Lançado em 10 de julho de 1964. O álbum ficou 21 semanas no topo das paradas de sucesso. Disponível em: < <https://www.thebeatles.com/hard-days-night-0> > . Acesso em: 10 mar. 2023. Capa da edição brasileira do filme (À esquerda). Capa da edição americana do filme (à direita). Os Beatles não tinham controle sobre como as capas eram lançadas fora da Inglaterra. Disponível em: < [https://www.google.com/search?q=beatles+a+hard+days+night+capa+versao+brasileira&tbm=isch&ved=2ahUKewj2vpayo9L9AhU\\_TbgEHSezC48Q2-cCegQIABAA&oq=beatles+a+hard+days+night+capa+versao+brasileira&gs\\_lcp=CgNpbWcQAzoECCMQJ1CXBfjGcmDZDmgAcAB4AIABoAGIAfsGkgEDMC42mAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&scient=immg&ei=H50LZLazLb-a4dUPp-au-Ag&bih=625&biw=1366&rlz=1C1CHZN\\_pt-BRBR947BR947#imgrc=7ouFoHiWU3JBzM](https://www.google.com/search?q=beatles+a+hard+days+night+capa+versao+brasileira&tbm=isch&ved=2ahUKewj2vpayo9L9AhU_TbgEHSezC48Q2-cCegQIABAA&oq=beatles+a+hard+days+night+capa+versao+brasileira&gs_lcp=CgNpbWcQAzoECCMQJ1CXBfjGcmDZDmgAcAB4AIABoAGIAfsGkgEDMC42mAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&scient=immg&ei=H50LZLazLb-a4dUPp-au-Ag&bih=625&biw=1366&rlz=1C1CHZN_pt-BRBR947BR947#imgrc=7ouFoHiWU3JBzM) > . Acesso em 10 mar. 2023.

O diretor escolhido para dirigir o filme foi o estadunidense Richard Lester. Ele havia trabalhado com os *Goons*, e tinha experiência com a produção de comerciais. Muito da linguagem desenvolvida no filme foi utilizada depois em produções de videoclipes, que se popularizaram, principalmente na década de oitenta com a MTV (*Music Television*)<sup>118</sup>. Nessa criação a edição é rápida, com a câmera na mão, se tira várias tomadas de imagens, tornando a obra dinâmica e diferente de outros filmes de *rock* da época. O filme, tem sua importância, também, por ajudar a espalhar, ainda mais, a imagem dos Beatles e a sua música, atingindo lugares onde nunca chegariam pessoalmente. Um fã estadunidense, comentou sobre o filme em uma entrevista:

Eles não estavam com raiva, mas eram *antiestablishment*. Isso foi atraente. Na verdade, eles se tornaram modelos atraentes - desenvolvendo um estilo e uma atitude que é rebelde, além de astuta e inteligente. [...] normas sociais e pressupostos são desafiados em todas as cenas, com humor, inteligência e energia frenética.<sup>119</sup>

Mas, apesar de todo alcance e popularidade que o filme, proporcionaria e proporcionou para a banda, um ponto preocupou os produtores, o sotaque *scouse*. Eles pensavam que o grande público poderia não compreender o que eles diziam. No entanto, ao contrário do esperado, o sotaque liverpudliano passou a ser reconhecido e copiado pelos fãs, que tentavam imitar como eles pronunciavam o inglês. Vê-se que o filme fomentou o caráter dos Beatles, dando uma personalidade unidimensional que duraria anos no imaginário do público. Uma fã americano confessa, “[...] parecia que eles estavam se divertindo, e eu também queria me divertir”.<sup>120</sup>

*A Hard Days' Night* foi o primeiro disco completamente autoral dos Beatles. O lado “A” contém as canções do filme (sete músicas) e o lado “B” possui outras seis faixas. A produção das canções era praticamente industrial, feitas por encomenda para as cenas do filme.

<sup>118</sup> Richard Lester recebeu da própria MTV um documento simbólico que o designava como o pai da mesma. O diretor pediu um teste de paternidade! Essa afirmação foi feita em um dos extras presentes na edição em DVD do filme.

<sup>119</sup>LEONARD, Candy. *Beatleness: the fans'eye view- how the Beatles and their fans remade the world*. New York: Arcade Publishing, 2016, p. 64. (Tradução nossa).

<sup>120</sup>LEONARD, Candy. *Beatleness: the fans'eye view- how the Beatles and their fans remade the world*. New York: Arcade Publishing, 2016, p. 27. (Tradução nossa).

A gaita voltou a aparecer em *I Should Have Known Better*, e as harmonias vocais se tornaram mais complexas. As músicas, *Things We Said Today*, e *If I Fell*, tratam de relacionamentos amorosos de uma forma mais madura neste mesmo álbum, George Harrison utilizou uma guitarra *Rickenbacker* de doze cordas que deu uma nova sonoridade ao grupo, sendo copiada por vários guitarristas no período.

Foi no ano de 1964 que a banda alcançou o topo de sua popularidade. Em 4 de abril, os cinco primeiros lugares da parada de sucesso americana eram gravações dos Beatles: *Can't buy me love*, *Twist and Shout*, *She loves you*, *I want to hold your hand* e *Please, please me*.<sup>121</sup> Naquele ano fizeram sua primeira turnê mundial, tocando na Dinamarca, França, Holanda, Suécia, China, Austrália e voltando aos Estados Unidos. Em Adelaide, cerca de 300.000 pessoas os receberam pelas ruas da cidade (mais da metade da população no período)<sup>122</sup>. Anos depois, comentando sobre aquele momento, John Lennon afirmou: “A imagem que tenho agora é de um navio a caminho do Novo Mundo. E os Beatles estavam na torre de vigia dizendo: “Terra à vista!”.<sup>123</sup> As palavras de um fã australiano, ainda jovem no período, tenta resumir: Nós vivíamos em um país conservador, com regras rígidas. Mas em algum lugar as garotas gritavam, bandas de rock tocavam canções e faziam loucuras. E quando os Beatles chegaram na Austrália sentimos que fazíamos parte daquilo, conectados com o mundo e que aquilo também era nosso.<sup>124</sup>

O cantor inglês Elvis Costello relatou que ser um fã dos Beatles era como torcer para um time que sempre ganhava.<sup>125</sup> Esse é um dos motivos de seu grande sucesso: a sensação de pertencimento experimentada pelos fãs, de fazer parte de algo global e positivo. Ainda hoje, fãs dos Beatles vestem camisetas com imagens do grupo, mostrando com orgulho sua ligação com a banda e de serem reconhecidos como admiradores.

Um fato importante a ser ressaltado durante a turnê mundial foi a postura do grupo perante a discriminação racial nos Estados Unidos. Ao tocar em Jacksonville, na Flórida, fizeram incluir no contrato uma cláusula afirmando que eles não tocariam para plateias segregadas – algo comum nesse período em várias regiões dos Estados Unidos. Conseguiram valer sua vontade, e existem relatos de vários negros e negras que assistiram ao show. “McCartney recordou uma vez, em 1964, quando os Beatles se recusaram a fazer um show com um público segregado. “Parecia errado. Dissemos ‘Não vamos fazer isso!’ e o concerto que

<sup>121</sup> TRUST, Gary. *April 4, 1964: The Beatles Control Entire Top Five On Billboard Hot*. Disponível em: <100https://www.billboard.com/pro/april-4-1964-the-beatles-control-entire-top-five-on-billboard/>. Acesso em 18 fev. 2023. (Tradução nossa).

<sup>122</sup> Em Melbourne, foram 200.000 pessoas recepcionando os Beatles. *The Beatles in Australia*. 1994.

<sup>123</sup> *8 DAYS A WEEK*. Direção: Ron Howard. Escrito por Mark Monroe. Apple films, Imagine Entertainment, White Horse Pictures, 2016, NTSC, colorido. 97 minutos. Título original: 8 days a week.

<sup>124</sup> *The Beatles in Australia. Beatles 1994 may 10 “In Australia” documentary original showing The Beatles in Australia*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=H1A9Ws5fqA8>. 1994. (Tradução nossa).

<sup>125</sup> *8 DAYS A WEEK*. Direção: Ron Howard. Escrito por Mark Monroe. Apple films, Imagine Entertainment, White Horse Pictures, 2016, NTSC, colorido. 97 minutos. Título original: 8 days a week. (Tradução nossa).

fizemos foi o primeiro para público não segregado”<sup>126</sup> Nos Estados Unidos a luta pelos direitos civis era intensa e violenta. Precisamos nos recordar, que, de maneira geral, artistas no período não se posicionavam politicamente. Esse foi mais um momento onde o grupo se colocou à frente dos demais e marcou seu espaço.

Os Beatles retornaram a Liverpool para o lançamento do filme no dia 10 de julho de 1964. Uma multidão, de aproximadamente 200.000 pessoas, os recebeu seguindo-os até a Prefeitura para uma recepção. Os quatro já não residiam em sua cidade natal. Viviam em Londres. Hoje, a prefeitura e sua sacada – onde os Beatles agradeceram aos fãs naquele dia – viraram ponto de visitação *Beatle*.

#### 1.5.4 Beatles for Sale (1964)

*Beatles for sale* foi o quarto álbum do grupo. “Beatles à venda: por que não? Lá fora havia papel de parede [...], jaquetas, perucas, botas, cartazes”<sup>127</sup> Depois da visita aos Estados Unidos, lençóis onde eles dormiram foram picados e vendidos. Restos de cigarros fumados eram guardados como relíquias. Assim, como, praticamente, todos os artistas de sucesso, o consumo relacionado à banda se expandiu com o passar do tempo. Hoje seu site oficial, <https://www.thebeatles.com/>, vende toalhas, camisetas, faixas para violão, bolsas, instrumentos musicais, mochilas, canecas, dentre inúmeros itens. O grupo sempre teve uma preocupação em não vincular seu nome e a sua marca com causas não populares, ou consideradas nocivas, garantindo a proteção de sua música e de sua imagem.

A postura e propostas comportamentais adotadas pelos Beatles, os tornaram um dos ícones dessa nova geração. Sua influência, importância e popularidade não se ateve somente àquele período. Ela continua hoje.

Há muitas razões culturais para que os Beatles ainda sejam importantes e presentes na sociedade hoje. A partir de 1964, e durante os seis anos seguintes, sua carreira marcou o mundo. Esse foi um período de muitos debates e mudanças culturais relacionadas à posição da mulher na sociedade, aos direitos civis, a Guerra do Vietnã, as revoltas estudantis. Eles influenciaram na moda, nos cortes de cabelos, principalmente dos seus fãs. Em muitos níveis, os Beatles estavam conectados com as mudanças culturais e sua música estava no centro dessas transformações. Muitas de suas letras falavam diretamente

<sup>126</sup> PETERS, Mitchell. *Paul McCartney Recalls The Beatles Refusing to Play for a Segregated Audience in 1964*. Disponível em: <<https://www.billboard.com/music/music-news/paul-mccartney-recalls-the-beatles-refusing-to-play-for-a-segregated-audience-in-1964-9397386/>>. Acesso em 11 nov. 2022. (Tradução nossa).

<sup>127</sup> “Beatles for Sale: Why not? Out there was Beatle wall-paper, jackets, wigs, boots, posters”. SPENCER, Neil. *Some Product*. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*, London: Penguin Company, 2006, p. 146. (Tradução nossa).



aos seus ouvintes para pensar sobre quem eles eram, sobre o que estavam fazendo, o que eles poderiam se tornar e o que eles poderiam fazer.<sup>128</sup>

A abundância de shows, programas de TV, entrevistas, sessões de fotos e outras “obrigações” trazidas pela fama, fizeram com que o número de canções originais de seu novo disco caísse para oito das catorze faixas. Algumas músicas do álbum possuem temas antes não abordados, como derrota e desconexão, a exemplo de *I'm A Loser* e *No Reply*. Depois da energia e positividade dos álbuns anteriores, temos o cinza de *Baby's In Black* e *I Don't Want To Spoil The Party*, que tratam de melancolia, rejeição e tristeza.<sup>129</sup> Há uma maior sofisticação no uso do estúdio, com a presença de tímpanos. Alguns *covers* como *Rock and Roll Music*, de Chuck Berry, *Kansas City (Hey, Hey, Hey)*, de Little Richard e *Mr. Moonlight*, do grupo Dr. Feelgood, são do período em que se apresentavam em clubes, como o *Cavern* e em Hamburgo. A capa do disco mostra os cabelos crescidos, olheiras e um certo cansaço, mas a unidade visual dos quatro integrantes ainda muito presente, apesar dos excessos da *Beatlemania* e suas consequências, que se refletiam em sua produção musical e visual.<sup>130</sup> (Figura 13).

---

<sup>128</sup>ARTSANDARCH. Vincent Benitez and Walter Everett discuss the Beatles. Youtube, 2014 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WZgdYH648dU>>. Acesso em: 15 nov. 2022. (Tradução nossa). (Tradução nossa).

<sup>129</sup> Segundo Neil Spencer (2006, p. 147), Em *Baby's Black* os Beatles usaram uma mistura de melodia folk de Liverpool e da Irlanda. SPENCER, Neil. Some Product. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. London: Penguin Company, 2006, p. 146. (Tradução nossa).

<sup>130</sup> THE COMPLET BEATLES. Direção de Patrick Montgomery. Estados Unidos: MGM, 1982. 1 VHS (119 min). (Tradução nossa).



Fig. 13 *Beatles For Sale*. Lançado em 4 de dezembro de 1964. Este disco ficou 11 semanas no topo das paradas. Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/beatles-sale>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

### 1.5.5 *Help!* (1965)

*Help!* é a trilha sonora do segundo filme. O álbum possui dez canções originais e dois *covers*. A dupla *Lennon e McCartney* continua dando sugestões um para o outro, mas começam a surgir composições com características individualizadas. John Lennon traz letras mais diretas, escrevendo com frequência na primeira pessoa, enquanto Paul, gosta de criar personagens ficticiais, utilizando-se mais da terceira pessoa. George Harrison tem duas composições no disco.<sup>131</sup>

<sup>131</sup> A primeira composição de George Harrison aparece no disco “With the Beatles”.

As duas grandes canções do álbum são *Help!*, de John Lennon e *Yesterday*, de Paul McCartney. (Figura 14) A primeira invoca um autêntico pedido de socorro perante uma realidade de exaustão e solidão. Já a segunda, é uma canção “pop adulta”, que utiliza do quarteto de cordas para lhe dar uma dimensão clássica e universal. Tem-se uma sensação de nostalgia permeando a obra. Suas letras que tratam de um passado, “em que os problemas pareciam distantes” e o cantor “se sentia mais completo”. Esse disco se tornou um dos mais regravados do mundo,<sup>132</sup> ficando 9 semanas em primeiro lugar nas paradas inglesas.<sup>133</sup>

A capa do álbum *Help!* lançado para acompanhar seu segundo filme, mostra a banda de Liverpool reprisando suas roupas de neve do filme e aparentemente enviando um sinal de socorro semafórico. Embora o fotógrafo, Robert Freeman, inicialmente planejasse fotografar os músicos sinalizando as letras H-E-L-P, ele acabou abandonando esse plano, preferindo um arranjo que funcionasse bem graficamente. A capa final do álbum, na verdade soletra N-U-J-V (ou possivelmente C).<sup>134</sup>

---

<sup>132</sup> “De acordo com o Guinness Book of Records, ‘Yesterday’, originalmente tocada pelos Beatles, tem o maior número de versões cover de qualquer música já escrita, enquanto a BMI afirma que foi tocada mais de sete milhões de vezes apenas no século 20”. AMAZON. Disponível em <<https://alexaanswers.amazon.com/question/6kplEDaMuA7pZJbe11dfgW>>. Acesso em: 15 nov. 2022. (Tradução nossa).

<sup>133</sup> 8 DAYS A WEEK. Direção: Ron Howard. Escrito por Mark Monroe. Apple films, Imagine Entertainment, White Horse Pictures, 2016, NTSC, colorido. 97 minutos. Título original: 8 days a week. (Tradução nossa).

<sup>134</sup> McGUINNESS, Paul. *The Beatles Album Covers Explained*. Acesso em: <<https://www.udiscovermusic.com/stories/the-beatles-album-covers-explained/>>. Disponível em: 15 nov. 2022. (Tradução nossa).



Fig. 14 *Help!* Lançado em 6 de agosto de 1965. Disponível em: < <https://www.thebeatles.com/help-0>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Aqui termina a primeira fase de álbuns no qual a banda tinha um comprometimento em agradar ao público. Como vimos, nesse período, a fama do grupo se tornou global, apoiada por uma rede de marketing bem elaborada. Uma forte propaganda midiática, talento bem direcionado e várias canções de sucesso que alcançaram os primeiros lugares das paradas de vários países do mundo. Veremos agora a segunda fase, em que os discos passam a ser mais experimentais, com arranjos arrojados, com tópicos filosóficos. As influências sonoras atravessam novas fronteiras e o contexto histórico possibilita diálogos profícuos com o psicodelismo, o experimentalismo e o movimento *flower power*.

## 1.6 SEGUNDA FASE: LIBERDADE CRIATIVA

Esta segunda fase da produção discográfica dos Beatles é marcada por uma maior inventividade nas composições e contemporaneidade de suas influências. Paul McCartney “[...] estava ansioso para consolidar o fato de que a parceria Lennon-McCartney era séria, delineada a partir de uma rica variedade de influências, tanto literárias quanto musicais, e que o *rock and roll* era uma parte vital das drásticas mudanças culturais que estavam acontecendo”.<sup>135</sup> Com a carreira consolidada, o que passou a existir foi uma busca constante pelo novo, “[...] o grupo não ficava satisfeito em repetir técnicas de sucesso anteriores e dar ao público exatamente o que ele queria”.<sup>136</sup> Apesar das inovações, os Beatles conseguiam, com exceções, altas vendas de seus discos. Mantiveram grande parte do público que já os acompanhava, e continuavam conquistando novos fãs.

O universo *pop* possuía regras específicas em sua produção, “[...] desde a duração de uma canção até a estrutura de estrofe/refrão e os tipos de instrumento que podiam ser usados”.<sup>137</sup> Nessa fase da discografia, o grupo passa a quebrar várias regras. Às vezes com sucesso, outras nem tanto. Essa postura de rebeldia perante o mercado será copiada por outros artistas com o passar dos anos.

O álbum seguinte, lançado em 1965, pode ser considerado um divisor de águas na carreira do grupo. *Rubber Soul* foi gravado em quatro semanas, e as experimentações musicais se tornaram mais frequentes. “Foi talvez a primeira grande tentativa de conseguir um trabalho orgânico”.<sup>138</sup> Em uma entrevista no período, John Lennon afirmou: “A música dos Beatles progrediu e está mais parecida com música dos Beatles. Antes, parecia mais com a música dos outros”.<sup>139</sup> Uma fã estadunidense da época acrescenta: “Quando finalmente você achava que os conhecia, eles se transformavam em algo novo”.<sup>140</sup>

A busca por este “algo novo” levou McCartney a conhecer em Londres a *Better Books* e a galeria de arte *Indica*. Essa última, trabalhava,

<sup>135</sup> TURNER, Steve. *Beatles 1966: o ano revolucionário*. São Paulo: Benvirá, 2018, p. 53.

<sup>136</sup> TURNER, Steve, *Idem*, 2018, p. 55.

<sup>137</sup> TURNER, Steve. *Idem*, 2018, p. 104.

<sup>138</sup> MAGNIN, Lucas. *The Beatles: dialogismo e intertextualidad en Sgt. Pepper y Magical Mystery Tour*. Disponível em [https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo\\_The\\_Beatles\\_dialogismo\\_e\\_intertextualidad\\_en\\_Sgt\\_Pepper\\_y\\_Magical\\_Mystery\\_Tour\\_](https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo_The_Beatles_dialogismo_e_intertextualidad_en_Sgt_Pepper_y_Magical_Mystery_Tour_). Acesso em 24 mai 2017. (Tradução nossa).

<sup>139</sup> TURNER, Steve. *The Beatles: todas as músicas, todas as letras, todas as histórias*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016, p. 126.

<sup>140</sup> LEONARD, Candy. *Beatleness: how the Beatles and their fans remade the world*. Arcade Publishing: New York, 2014, p. 95. (Tradução nossa).

[...] com o experimental e a contracultura. Seu estoque de livros explorava a política da nova esquerda, religiões *new age*, drogas, sexo, estilos de vida alternativos e rock, além de veicular pequenas revistas sobre poesia e jornais underground dos Estados Unidos e da Europa. O *Village Voice*, em Nova York, declarou que a *Indica* era o ‘centro espiritual do novo movimento’.<sup>141</sup>

Em face desse novo posicionamento, os Beatles acabaram se tornando um dos ícones do movimento contracultural, que atingiu, principalmente, alguns países da Europa e os Estados Unidos. Chegou, também, em outros lugares, porém com menos intensidade e com atraso, como no Brasil.

### 1.6.1 Rubber Soul (1965)

A capa do novo álbum, *Rubber Soul*, traz indícios dessa nova fase. Ela apresenta os rostos alongados e levemente distorcidos dos integrantes e o título do álbum “protopsicodélico”, criando expectativa, uma curiosidade. (Figura 15). A tipografia utilizada no título do disco influenciou na produção dos pôsteres psicodélicos que surgiriam nos anos seguintes. Essa tipografia “anunciava um estilo que se tornaria o paradigma da arte do pôster da subcultura do *flower power* que floresceu na costa oeste dos Estados Unidos em 1966”.<sup>142</sup>

---

<sup>141</sup> TURNER, Steve, *idem*, 2018, p. 116.

<sup>142</sup> INGLIS, Ian. *Idem*. P. 239. (Tradução nossa).



Fig. 15 *Rubber Soul*. Lançado em 3 de dezembro de 1965. 8 semanas em primeiro lugar nas paradas. Disponível em: < <https://www.thebeatles.com/rubber-soul>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Como vimos, toda a experiência com a *Beatlemania*, com o uso de drogas, fama e sexo, promoveu uma mudança nas composições, tanto nas letras, quanto nas músicas, e esse disco mostra qual caminho estavam traçando.<sup>143</sup>

Pela primeira vez em um álbum pop a cítara (instrumento indiano), foi utilizado. Na canção *Norwegian wood (this Bird has flown)*, George Harrison a utiliza na execução da melodia, criando uma sensação sonora diferente e inesperada. A letra da música trata de sexo casual e independência feminina, temas que estavam ganhando força em várias sociedades neste

<sup>143</sup> WILLIAMS, Richard. Stretching the boundaries. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. London: Penguin Company, 2006, p. 192. (Tradução nossa).

período. Esse assunto voltaria, posteriormente, em outras canções (*She's leaving home, Lovely Rita*).<sup>144</sup>

Três anos antes, em 1962, ocorreu a “Crise dos Mísseis”. Nesse momento, o mundo vivenciou a experiência de se encontrar à beira de uma catástrofe nuclear. Em 1963, aconteceria o grande protesto pela igualdade de direitos: a “Marcha sobre Washington”, onde o reverendo Martin Luther King Jr. fez o famoso discurso “I have a dream”:

Não podemos caminhar sozinhos. E enquanto caminhamos, devemos fazer a promessa de que sempre marcharemos à frente. Não podemos voltar atrás. [...] Com esta fé, seremos capazes de transformar as discórdias estridentes de nossa nação em uma bela sinfonia de fraternidade. Com esta fé, seremos capazes de trabalhar juntos, rezar juntos, lutar juntos, ir para a prisão juntos, defender a liberdade juntos, sabendo que um dia seremos livres.<sup>145</sup>

Seguindo os passos dos debates sobre a fraternidade, do amor universal sem fronteiras, do respeito às diferenças, os Beatles compuseram a canção *The Word*. Nessa gravação “não há garoto ou garota, [...] nenhum coração partido [...]”.<sup>146</sup> Um anseio por paz, uma possível saída perante uma sociedade problemática, desigual e injusta. Com uma certa dose de inocência.

Diga a palavra e você será livre	<i>Say the word and you'll be free</i>
Diga a palavra e seja como eu	<i>Say the word and be like me</i>
Diga a palavra na qual eu estou pensando	<i>Say the word I'm thinking of</i>
Você ouviu a palavra é amor?	<i>Have you heard the word is love?</i>
É tão bom, é raio de sol	<i>It's so fine, it's sunshine</i>
É a palavra, amor	<i>It's the word, love</i>
No princípio eu entendi mal	<i>In the beginning I misunderstood</i>
Mas agora eu entendo, a palavra é boa	<i>But now I've got it, the word is good</i>
Espalhe a palavra e você será livre	<i>Spread the word and you'll be free</i>
Espalhe a palavra e seja como eu	<i>Spread the word and be like me</i>
Espalhe a palavra na qual eu estou pensando	<i>Spread the word I'm thinking of</i>
A palavra é amor, você ouviu?	<i>Have you heard the word is love?</i>
Está tão bem, é raio de sol	<i>It's so fine, it's sunshine</i>
É a palavra, amor	<i>It's the word, love</i>

Todo lugar aonde vou eu ouço isso ser dito

<sup>144</sup> Vale ressaltar que essas questões do feminino/ ou feminista são importantes e, ainda são discutidas em nossa contemporaneidade.

<sup>145</sup> KING JR., Martin Luther. I have a dream (speech). Disponível em: <<http://www.analytictech.com/mb021/mlk.htm#:~:text=sisters%20and%20brothers-,I%20have%20a%20dream%20today.,This%20is%20our%20hope.>>>. Acesso em: 10 mar. 2023. (Tradução nossa).

<sup>146</sup> DAVIES, Hunter. *As letras dos Beatles: a história por trás das canções*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016, p. 133.



Nos bons e maus livros que eu li

*Everywhere I go I hear it said  
In the good and bad books that I have read*

Diga a palavra e você será livre  
Diga a palavra e seja como eu  
Diga a palavra na qual eu estou pensando  
Você ouviu a palavra é amor?

*Say the word and you'll be free  
Say the word and be like me  
Say the word I'm thinking of  
Have you heard the word is love?*

Todo lugar aonde vou eu ouço isso ser dito  
Nos bons e maus livros que eu li

*It's so fine, it's sunshine  
It's the word, love*

Agora que eu sei o que eu sinto deve estar certo  
Estou aqui para mostrar a luz para todos

*Now that I know what I feel must be right  
I'm here to show everybody the light*

Dê uma chance de dizer a palavra  
A palavra é o caminho

*Give the word a chance to say  
That the word is just the way*

É a palavra na qual eu estou pensando  
E a única palavra é amor  
É tão bom, é raio de sol  
É a palavra, amor

*It's the word I'm thinking of  
And the only word is love  
It's so fine, It's sunshine  
It's the word, love*

Diga a palavra, amor  
Diga a palavra, amor  
Diga a palavra, amor  
Diga a palavra, amor

*Say the word, love  
Say the word, love  
Say the word, love  
Say the word, love<sup>147</sup>*

*In My Life*, outra canção do álbum, teve como principal compositor, John Lennon. As origens dessa canção estão em um poema, em que ele narra seu passado, de maneira nostálgica. No manuscrito original “a letra descreve uma longa viagem de ônibus por Liverpool, de sua casa na Menlove Avenue onde morou com sua tia, às docas, relacionando todas as vistas e sons”.<sup>148</sup> Mas, na versão final, o compositor decidiu caracterizá-la de uma maneira universalizante, e retirou todas as indicações locais da cidade. A letra em sua primeira versão era assim:

Penny Lane é uma de que tenho saudade  
Subindo a Church Road para a torre do relógio

*Penny Lane is one I'm missing  
Up Church Road to the clock tower*

Na rotatória da Abbey  
Vi algumas horas felizes

*In the circle of the Abbey*

<sup>147</sup> TURNER, Steve. *The Beatles: Todas as músicas. Todas as letras. Todas as histórias*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016, p. 138.

<sup>148</sup> DAVIES, Hunter. *As letras dos Beatles: a história por trás das canções*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016, p. 130.

Passando os galpões dos bondes sem bondes	<i>I have seen some happy hours</i>
No ônibus 5 para o centro	<i>Past the tram sheds with no trams</i>
Passando Dutch e São Columbo	<i>On the 5 bus into town</i>
Para o guarda-chuva dos doqueiros que derrubaram	<i>Past the Dutch and St Columbus To the dockers umbrella that they pulled down</i>
Nos parques passei bons momentos	<i>In the parks I spent some good times</i>
Calderstones era bom para (pular)	<i>Calderstones was good for [jumping]</i>
Mas se você quiser mesmo me encontrar	<i>But if you want to really find me</i>
Quiser de verdade me encontrar	<i>Really want to find me</i>
Todos esses lugares têm suas lembranças	<i>All these places have their memories</i>
Alguns com amor (ou vidas) agora esquecidas	<i>Some with love [or lives] forgotten now</i>
Alguns de seus... para estar junto	
Alguns estão mortos e outros vivos.	<i>Some its... to be with Some are dead and some are living<sup>149</sup></i>

*In My Life* tornou-se uma canção sobre memória, passado, identidade e amor. Um libreto universal sobre um local específico (a cidade de Liverpool), que se torna um lugar de todos os que se identificam com as emoções descritas na canção. Cada ouvinte com suas experiências individuais se utiliza da letra e da música para lembrar do seu lugar, das pessoas que se foram, das pessoas que amou. “Uma fã [...] lembra-se vivamente de ‘sentar numa cadeira de balanço na sala de estar, olhar para a capa do álbum e pensar na letra de *In My Life*’, uma canção que legitimou e encorajou a reflexão e introspecção para os fãs [...]”.<sup>150</sup> Rubber Soul trazia em suas canções novos assuntos e discussões para seus fãs. Elvis Costello, guitarrista e vocalista, afirmou:

A primeira reação ao som novo e inovador de *Rubber Soul* foi: ‘Não gostei. Acho que perderam a cabeça. Onde estão com a cabeça? O que é isso? [...] Foi surpreendente ver como a banda tinha mudado tanto. Foi um grande salto de ‘Quero pegar na sua mão’ para ‘Quando ela era jovem, lhe disseram que a dor leva ao prazer?’ Não entendi nada quando ouvi isso. Não achei que era bom. E então, seis semanas depois, era impossível viver sem aquele disco”.<sup>151</sup>

*Rubber Soul* chamou a atenção não só de músicos, mas também da imprensa, que passou a considerá-los de forma mais séria. Isso pode ser exemplificado quando a revista *Newsweek* em “menos de dois anos, depois de dispensar sumariamente os Beatles, [...] chamou-os de ‘Bardos do Pop’ e elogiou o álbum, dizendo que a mistura de gospel, country, contraponto

<sup>149</sup> DAVIES, Hunter, *idem*, 2016, p. 130.

<sup>150</sup> LEONARD, Candy. *Beatleness: how the Beatles and their fans remade the world*. Arcade Publishing: New York, 2014, p. 95. (Tradução nossa).

<sup>151</sup> 8 DAYS A WEEK. Direção: Ron Howard. Escrito por Mark Monroe. Apple films, Imagine Entertainment, White Horse Pictures, 2016, NTSC, colorido. 97 minutos. Título original: 8 days a week. (Tradução nossa).

barroco e até baladas populares francesas ‘criam’ um estilo que era totalmente próprio [...]”.<sup>152</sup> Eles trouxeram novas experiências pessoais para as músicas e essas começaram a construir uma outra visão criativa que seria novamente reorganizada no álbum seguinte, *Revolver*.

Mas a carreira dos Beatles não se resumia apenas ao estúdio. Após a última turnê realizada nos Estados Unidos em 1966, o grupo decidiu não mais fazer concertos. Antes do início das últimas apresentações, em março de 1966, John Lennon disse em uma entrevista a uma jornalista britânica que os Beatles eram mais famosos que Jesus Cristo. Isso fez com que a banda, ao fazer sua segunda turnê nos Estados Unidos, fosse ameaçada de morte pela Ku Klux Klan e tivesse discos queimados e destruídos por fãs mais radicais. Além disso, não conseguiam se ouvir e ser ouvidos nos shows devido à péssima qualidade técnica dos equipamentos, inadequados para os ambientes e as grandes multidões. Havia ainda o cansaço causado pela *Beatlemania* que se tornava cada vez mais evidente. Em uma entrevista realizada em 1969, John Lennon refletindo sobre esse período afirmou: “Não se ouvia a música. Era um tipo de *freak show*; os Beatles eram o show, e, a música não tinha nada a ver com isso”.<sup>153</sup> As turnês se tornaram tediosas, longas e perigosas.

Apesar da crescente insatisfação com as restrições que tal cronograma lhes impunha pessoalmente, e as limitações que se impunha tecnicamente à sua música, de 1963 a agosto de 1966, eles fizeram cerca de 500 shows ao vivo. George Harrison afirmou que o grupo entrou em uma rotina, dando a volta ao mundo. Era um público diferente a cada dia, mas estávamos fazendo as mesmas coisas. Não havia satisfação nisso. Ninguém ouvia nada. [...] Nós pioramos como músicos, tocando a mesma velha porcaria todos os dias. Não havia satisfação alguma.<sup>154</sup>

A partir do momento da decisão de não mais fazer apresentações, as canções gravadas nos álbuns e compactos não tinham mais a obrigação de serem tocadas ao vivo. Assim, a liberdade composicional se tornou mais ampla. E, nessa nova conjuntura, o novo disco foi gravado. A revista *Melody Maker*, de 30 de julho de 1966, trazia a seguinte afirmação: *Revolver* é “[...] um álbum brilhante que marca de uma vez por todas que *Os Beatles*, definitivamente, quebraram as barreiras do que costumávamos chamar de *pop*”.<sup>155</sup> Ao comentar sobre o disco, Paul McCartney afirmou: “Uma coisa que sempre tive orgulho foi como as canções dos Beatles são diferentes umas das outras. Outros artistas achavam uma fórmula e a repetiam. Quando

<sup>152</sup> LEONARD, Candy, *idem*, 2014, p. 103. (Tradução nossa).

<sup>153</sup> THE BEATLES. *Anthology*. San Francisco: Chronicle Books, 2000, p. 229. (Tradução nossa).

<sup>154</sup> DAVIES, p. 232 citado por INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, p. 47. (Tradução nossa).

<sup>155</sup> MURRAY, Charles Shaar. Talking about a revolution. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. London: Penguin Company, 2006, p. p.226. (Tradução nossa).

perguntavam qual era a nossa fórmula, John e eu respondíamos que se encontrássemos uma, nos livraríamos dela rapidamente”.<sup>156</sup>

### 1.6.2 Revolver (1966)

Em abril de 1966 “a revista *Time* publicou sua icônica capa *London: The Swinging City*, que cimentou o conceito de *Swinging London* e deu à capital uma necessária cara nova. “[...] A cidade ‘imersa em tradição’ tinha sido ‘tomada pela mudança’ e ‘libertada pela afluência’”.<sup>157</sup> Lançado quatro meses depois da revista, *Revolver* é um disco que expressa os ideais dessa “nova” Londres. Claramente influenciado pelo ácido lisérgico, o disco é um avanço nas experimentações iniciadas com *Rubber Soul*. Gravações com sons ao contrário, e maior aprofundamento nas influências musicais indianas, diferentes camadas sonoras e *loops*.<sup>158</sup> O produtor Giles Martin afirmou no encarte da nova edição do álbum lançada em 2022, que “depois de *Rubber Soul* a paleta sonora dos Beatles explodiu inundando suas gravações com diferentes sons e estilos criativos”.<sup>159</sup>

Os Beatles combinavam elementos das tradições nacionais das canções do music hall com elementos mais exóticos da música afro-americana (e mais tarde também indiana), e exportavam essas combinações com grande sucesso para o mundo. Suas músicas representavam tanto a abertura de uma cidade multiétnica, como era Liverpool, de onde eles vinham, e uma certa nostalgia das tradições populares inglesas, em especial a das music hall eduardianas.<sup>160</sup>

*Revolver* se tornou um grande passo na carreira dos Beatles, pois o estúdio passou a ser um instrumento, assim como a guitarra ou a bateria. Algumas sessões de gravações tornaram-se *happenings*<sup>161</sup>. *Loops*, trechos invertidos de vozes ou instrumentos, ruídos, diferentes equalizações, andamentos modificados, após as gravações, sons que não tinham ainda sido utilizados pela banda começam a fazer parte da paleta sonora para o álbum.

*Revolver* é um ponto de virada para o desenvolvimento da banda e, também, é uma espécie de bússola para entender o rumo dos anos seguintes. Entre as muitas peculiaridades desse disco, destaca-se a presença de influências clássicas (em canções como *Eleanor Rigby* e *For No One*), lisérgicas (*I'm*

<sup>156</sup> THE BEATLES. *Revolver* (book). Special 50th year anniversary edition. 2022, p. 7. (Tradução nossa).

<sup>157</sup> TURNER, Steve. *Beatles 1966: o ano revolucionário*. São Paulo: Benvirá, 2018, p. 153.

<sup>158</sup> “Os loops tinham sido inspirados tanto por Stockhausen quanto pelo *cut-up* experimental de Willian Burroughs e Brion Gysin [...]. Desde os anos 1950, Burroughs e Gysin vinham recortando aleatoriamente textos de livros e revistas e reagrupando as partes para criar significados novos e inesperados. O mesmo procedimento foi usado mais tarde com fitas que continham gravações de rádio e leituras que os dois faziam do próprio trabalho”. TURNER, Steve, *idem*, 2018, p. 146.

<sup>159</sup> THE BEATLES. *Revolver* (book). Special 50th year anniversary edition. 2022, p. 9. (Tradução nossa).

<sup>160</sup> BURKE, Peter; PALLARES- BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Os Ingleses*. São Paulo: Contexto, 2016, p.313.

<sup>161</sup> Os *Happenings* são ações artísticas não planejadas, ou com o mínimo de planejamento. Baseadas no experimentalismo e no surrealismo, estas ações jamais poderiam ser reproduzidas já que o acaso é aspecto fundamental nestas articulações artísticas.

*Only Sleeping*), oriental (*Love You To*) e sobretudo a incorporação de texto literário e religioso, o Livro Tibetano dos Mortos, como inspiração fundamental de *Tomorrow Never Knows*, música que encerra o álbum.<sup>162</sup>

Os Beatles passaram a ter mais controle sobre a produção dos discos e a dizer como queriam que eles soassem, exigindo mais de seu produtor. “As músicas do disco *Revolver* foram tocadas de maneiras que nunca haviam sido realizadas na música pop... a sofisticação lírica de suas músicas também atingiu novos patamares”.<sup>163</sup> Em um programa de TV, o maestro Leonard Bernstein<sup>164</sup> tocou trechos de canções do álbum *Revolver* para mostrar sua qualidade artística e composicional. Ao tocar *Good Day Sunshine*, ele afirmou que “a música não é somente alegre, mas também não ortodoxa. De um tempo quaternário, ela parte para um ternário. Não víamos isso em música pop. Isso é novo. Há também uma mudança de tom e um cânone ao final”. Ele continua: “Na canção *She said, she said* o tempo é quaternário e novamente muda para ternário no meio da música se estendendo por mais de um compasso inteiro. Na música pop isso é uma novidade”. E termina: “Estes são os Beatles: sempre imprevisíveis e um pouco mais criativos que a maioria”.<sup>165</sup>

Nesse período começam a surgir publicações que tratavam a música pop com seriedade, como a *Crawdaddy* e a *Rolling Stone*. “Os Beatles se beneficiaram desse desenvolvimento quando os escritores que estudaram a nova abordagem do jornalismo musical surgiram como críticos respeitados, e os jornais americanos começaram a discutir a música como arte, em vez de simplesmente como notícia ou entretenimento”.<sup>166</sup> Uma das revistas especializadas em música do período, a *Melody Maker*, em 30 de julho de 1966, publicou um *review* sobre o álbum *Revolver*:

[...] os Beatles (não) poderão reproduzir um décimo deste material em uma apresentação ao vivo. Mas quem se importa? Apenas um punhado das 14 faixas são realmente faixas dos Beatles. A maioria são faixas de Paul, faixas de John, faixas de George ou, no caso de *Yellow Submarine*, a faixa de Ringo. Ainda há mais ideias circulando nas cabeças dos Beatles do que na maioria do mundo pop. John, Paul, George e Ringo estão obviamente curtindo a inebriante liberdade de poder traduzir todos os seus caprichos para o álbum...

<sup>162</sup> MAGNIN, Lucas. *The Beatles: dialogismo e intertextualidad en Sgt. Pepper y Magical Mystery Tour*. Disponível em: [https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo\\_The\\_Beatles\\_dialogismo\\_e\\_intertextualidad\\_en\\_Sgt\\_Pepper\\_y\\_Magical\\_Mystery\\_Tour\\_](https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo_The_Beatles_dialogismo_e_intertextualidad_en_Sgt_Pepper_y_Magical_Mystery_Tour_). Acesso em 24 mai 2017, p. 6. (Tradução nossa).

<sup>163</sup> HERTSGAARD, 1995, p. 176 citado por INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, Unviersity of Northumbria at Newcastle, p. 87. (Tradução nossa).

<sup>164</sup> Leonard Bernstein (1918-1990) foi um dos grandes regentes eruditos do século XX. Vencedor de vários prêmios Grammy, dirigiu a Filarmônica de Nova York.

<sup>165</sup> JUMPSTARTATION. Leonard Bernstein talks about the Beatles. Disponível em: [https://www.youtube.com/results?search\\_query=leonard+bernstein+beatles](https://www.youtube.com/results?search_query=leonard+bernstein+beatles). Acesso em: 27 nov. 2022. (Tradução nossa).

<sup>166</sup> TURNER, Steve. *Beatles 1966: o ano revolucionário*. São Paulo: Benvirá, 2018, p. 86.

um álbum brilhante que sublinha de uma vez por todas que os Beatles definitivamente quebraram os limites do que costumávamos chamar de pop.<sup>167</sup>

As canções tratam de temas como o uso de drogas (*Dr. Robert, Got To Get You Into My Life, She Said, She Said*) solidão (*Eleanor Rigby*),<sup>168</sup> psicodelismo, surrealismo, religiões orientais (*Tomorrow Never Knows*) e amor maduro (*Here, There And Everywhere*). Em entrevista o maestro Howard Goddall<sup>169</sup> disse que,

*Tomorrow Never Knows* ultrapassou muitas barreiras musicais e fez muitas coisas que ninguém havia feito antes. Tem uma base sonora durante todo o tempo, algo comum na música indiana e que existia na música ocidental do século XII. [...] A música popular começava a trazer influências da vanguarda e colocá-las na música convencional, em um álbum que milhões de pessoas ouviriam.<sup>170</sup>

*Rubber Soul* trouxe mudanças consideráveis, em relação a temáticas e instrumentação, mas, *Revolver* vai de encontro ao presente com questionamentos estéticos, enquadrando-se em temáticas coevas e universais, das tradições e da modernidade. Isso foi possível devido ao maior tempo em estúdio e a busca por novas possibilidades de composição e gravação. Assim explica Suárez:

De fato, marca o começo da experimentação que resultará, depois, em uma concepção musical muito diferente dos trabalhos anteriores e que alcançará sua máxima expressão em *Sgt. Pepper's lonely hearts club band*.<sup>171</sup> *Revolver* é uma complexa configuração estética, pacientemente entortada em camadas ou dobras que acabam produzindo texturas sonoras.<sup>172</sup>

A capa foi produzida por Klaus Voorman, amigo da banda do tempo em que passaram em Hamburgo. O design e a arte de Voorman para *Revolver* ganharam o prêmio Grammy de melhor capa de álbum de 1966.<sup>173</sup> (Figura 16).

<sup>167</sup> MURRAY, Shaar. Talking about a Revolution. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. London: Penguin Company, 2006, p.226. (Tradução nossa).

<sup>168</sup> Um túmulo com o nome *Eleanor Rigby* e outro com o sobrenome *Mckenzie* foram encontrados em um cemitério que era frequentado por John Lennon e Paul McCartney durante a infância. Hoje, é um lugar de memória e o túmulo um ponto de peregrinação.

<sup>169</sup> Howard Goodall (1958 - ) compositor erudito inglês. Foi premiado em 2009 no Classical Brit Awards como compositor do ano. Em 2005 apresentou na BBC um programa especial sobre os Beatles e suas origens eruditas intitulado **The Beatles - a musical appreciation and analysis**.

<sup>170</sup> 8 DAYS A WEEK. Direção: Ron Howard. Escrito por Mark Monroe. Apple films, Imagine Entertainment, White Horse Pictures, 2016, NTSC, colorido. 97 minutos. Título original: 8 days a week. (Tradução nossa).

<sup>171</sup> SUARÉZ, Bernardo. "Revolver" y dar de nuevo: Una aproximación semiótica a la música de Los Beatles. In: *La Trama de la Comunicación*. Volumen 21 Número 1, enero a junio de 2017, p. 109. (Tradução nossa).

<sup>172</sup> SUARÉZ, Bernardo, *idem*, 2017, p. 109. (Tradução nossa).

<sup>173</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, Unviersity of Northumbria at Newcastle, p.239. (Tradução nossa).

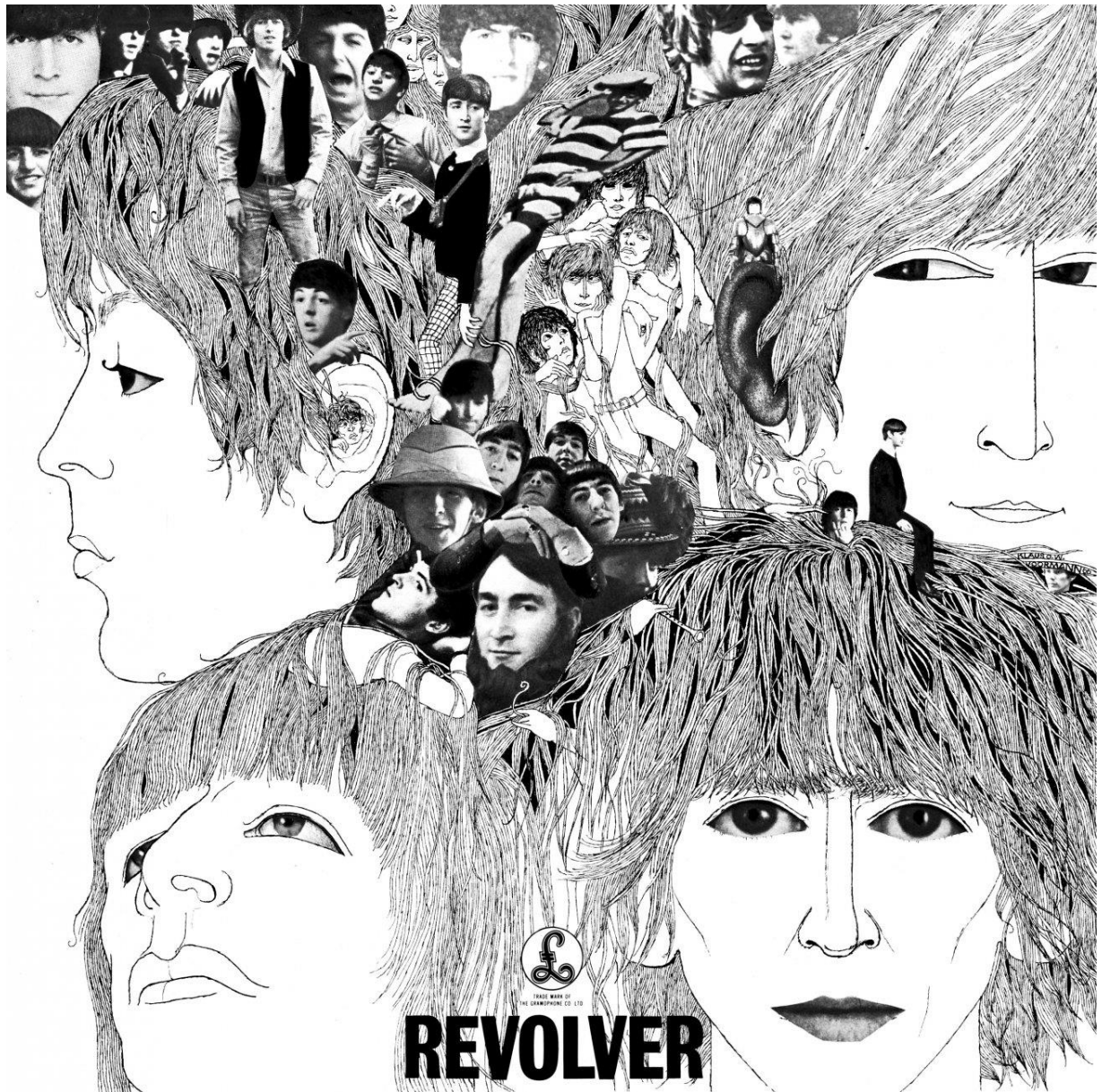


Fig. 16 *Revolver*. Lançado em 5 de agosto de 1966. 8 semanas no topo das paradas. Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/revolver>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

### 1.6.3 Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (1967)

A revista *New Musical Express*, de 20 de maio de 1967, começava sua crítica assim: “Confie nos Beatles para trazer algo diferente!”.<sup>174</sup> Paul McCartney ao falar desse álbum, relatou em entrevista no documentário *The Beatles Anthology*, que essa foi uma grande

<sup>174</sup> ELLEN, Mark. The Complete Picture. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. p.256. (Tradução nossa).

produção quando comparado às gravações anteriores.<sup>175</sup> Ele reforçou sua opinião dizendo: “as pessoas que compram nossos discos já perceberam que não nos repetimos. Temos de mudar”.<sup>176</sup> *Sgt. Peppers* “[...] tornou-se o álbum (ícone) do que ficou conhecido como ‘Verão do Amor’, o breve período em que a ética hippie de São Francisco pareceu se espalhar por todo o mundo ocidental. [...] De forma consciente, os Beatles e George Martin tentavam expandir os limites do que se podia conseguir no estúdio”.<sup>177</sup> As experimentações já haviam começado no disco anterior, mas, agora, o estúdio se confirmou como um instrumento essencial, tanto para o grupo, quanto para seu produtor.

A capa do álbum é multicolorida, com uma variada gama de componentes. Ela foi desenhada por Peter Blake e Jann Haworth, e fotografada por Michael Cooper. O envolvimento dos profissionais, deixou poucas dúvidas de que as capas dos álbuns dos Beatles assumiram uma posição de Obra de Arte, como referencia Evans<sup>178</sup>, indo ao encontro do que o próprio grupo buscava e as opiniões de fãs e críticos. (Figura 17). Procurou-se um afastamento da imagem inicial do grupo, que, inclusive, aparece como uma entidade separada.<sup>179</sup> Os Beatles não são mais os Beatles. São o *Sgt. Peeper’s Lonely Hearts Club Band*.

A capa é sem dúvida a mais celebrada que a música popular já produziu. Combinando imagens piscodélicas, da nostalgia, do conto de fadas, do parque de diversões e da cultura popular, foi a primeira capa a se oferecer especificamente como objeto de investigação e análise aberta; identificar as figuras (que incluíam Aubrey Beardsley, bem como os artistas americanos contemporâneos Simon Rodia, Richard Merkin, Wallace Borman, Richard Lindner e Larry Bell) apresentados no quadro tornou-se um jogo popular e um exercício intelectual. E em 1999, a BBC colocou a capa do álbum em sua lista Arena Top Twenty de obras-primas britânicas de arte e design do século XX - à frente de ícones nacionais como a minissaia de Mary Quant, a cabine telefônica vermelha de Sir Gilbert Scott e o Mini de Sir Alec Issigonis.<sup>180</sup>

---

<sup>175</sup> THE BEATLES. *Anthology*. San Francisco: Chronicle Books, 2000, p. 248. “O primeiro álbum gravado pelos Beatles, Please Please Me, foi gravado em menos de 10 horas. Sgt. Pepper, por sua vez, foi gravado por 129 dias e exigiu cerca de 700 horas no estúdio de gravação”. (Tradução nossa).

<sup>176</sup> THE BEATLES, *idem*, 2000, p. 229. (Tradução nossa).

<sup>177</sup> TURNER, Steve. *The Beatles: todas as músicas, todas as letras, todas as histórias*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016, p. 174.

<sup>178</sup> EVANS, 1984, p. 196, citado por Inglis, Ian. *Sgt Pepper* ganhou o prêmio Grammy de melhor capa de disco de 1967. INGLIS, Ian. *Idem*, 2003, p. 239. (Tradução nossa).

<sup>179</sup> Observa-se a presença duplicada da banda: uma imagem de cera representando o início da carreira (que eles buscavam se afastar) e a segunda como o grupo do Sargento Pimenta.

<sup>180</sup> INGLIS, Ian. *Idem*, 2003, p. 239. (Tradução nossa).





Figura 17 *Sgt. Peppers' Lonely Hearts Club Band*. Lançado em 26 de maio de 1967. Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/sgt-peppers-lonely-hearts-club-band-0>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Praticamente todas as letras estão no tempo presente, tratando do agora e nenhuma abordando o amor romântico.<sup>181</sup> “Inúmeras entrevistas, artigos e livros se dedicaram a examinar a desconcertante variedade de estilos, temas e vocabulários que caracterizam o que é, sem dúvida, o álbum mais celebrado da história da música popular do pós-guerra”.<sup>182</sup>

Além de *Sgt. Peppers Lonely Heart Club Band*, 1967 foi o ano em que os Beatles lançaram o *single All You Need Is Love*. Esse compacto encaixou-se perfeitamente com o espírito da época do *Flower Power*, dos *hippies*, que estava presente em parte do mundo

<sup>181</sup> TURNER, Steve. *Beatles 1966: o ano revolucionário*. São Paulo: Benvirá, 2018, p. 349.

<sup>182</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, Unviersity of Northumbria at Newcastle, p.234. (Tradução nossa).

ocidental com diferentes intensidades. Nesse mesmo ano, na Inglaterra, buscou-se uma visão mais liberal do comportamento sexual e do uso de drogas. As relações homossexuais, consentidas entre adultos maiores de 21 anos, deixaram de ser criminalizadas e o *The Times* publicou uma petição, assinada por figuras conhecidas (inclusive os Beatles), pedindo a legalização da maconha.<sup>183</sup> As décadas de sessenta e setenta ficaram marcadas pela abertura na conduta sexual e o desenvolvimento da pílula anticoncepcional feminina – ela foi fundamental para ocorrer a chamada “Revolução Sexual” e um importante passo na emancipação das mulheres. “Oficialmente essa foi uma era de extraordinária liberalização [...] (com) o aumento de uma cultura juvenil específica, e extraordinariamente forte [...]”.<sup>184</sup> Não há dúvida de que os Beatles foram um dos ícones desses movimentos.

As canções contidas nas faixas de *Long Play* tratam de temas variados. *Lucy in the Sky With Diamonds* traz em seu título as iniciais “LSD” e sua letra trata de experiências alucinógenas e encontros psicodélicos. *She’s leaving home* mostra o choque das gerações; uma moça que foge de casa para “poder se divertir”, já que seus pais lhe dão de tudo, menos a liberdade. Foi baseada na realidade<sup>185</sup> *A Day In The Life* também foi baseada em notícias de jornal.

Essa obra, ainda é considerada inovadora, por possuir a primeira capa dupla de LP, com as letras das canções na contracapa; sendo o primeiro “álbum conceitual” e o primeiro a, declaradamente, ter tido envolvimento com o psicodelismo liberal da década de 1960.<sup>186</sup> “Continha a primeira música dos Beatles a ser banida pela BBC – ‘*A Day in the Life*’. Embora essas características sejam agora comuns, elas foram percebidas na época como imprudentes e inadequadas”.<sup>187</sup> Uma das inovações foi dispor as músicas do disco como se os ouvinte estivessem presentes em uma apresentação ao vivo.

<sup>183</sup> HOWLETT, Kevin. *The Beatles: The BBC Archives 1962-1970*. Londres: Harper Collins Publishers, 2013, p. 203. (Tradução nossa).

<sup>184</sup> HOBBSAWM, Eric J. *História Social do Jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 2012, pp. 316; 317.

<sup>185</sup> “Conta-se que um dia o escritor argentino Jorge Luis Borges ouviu ‘*She’s leaving home*’ e chorou”. MAGNIN, Lucas. *The Beatles: dialogismo e intertextualidad en Sgt. Pepper y Magical Mystery Tour*. Disponível em <[https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo\\_The\\_Beatles\\_dialogismo\\_e\\_intertextualidad\\_en\\_Sgt\\_Pepper\\_y\\_Magical\\_Mystery\\_Tour\\_](https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo_The_Beatles_dialogismo_e_intertextualidad_en_Sgt_Pepper_y_Magical_Mystery_Tour_)>. Acesso em 24 mai 2017, p. 12. (Tradução nossa).

<sup>186</sup>HARRY (1992, p. 970 citado por ETLINGER, S. A). Além da música: repensando Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band. Per Musi, Belo Horizonte, n.30, 2014, p.44. “Segundo Shuker (1999, p. 17) os álbuns conceituais ‘são unificados por um tema que pode ser instrumental, compositivo, narrativo ou lírico’ e que compõem uma homogeneidade narrativa, ou seja, caminha opostamente da maioria dos álbuns, que apresentam músicas desconexas entre si. Então, podemos dizer que os álbuns conceituais carregam em si elementos que transbordam o limite da música, por construírem narrativas lineares, como os capítulos de um livro que, ao se conectarem, formam toda a obra”. MEDIABOX. *O que torna um álbum conceitual?* Disponível em: <http://mediabox.observatorioaudiovisual.com.br/2020/07/o-que-torna-um-album-conceitual-seja.html>. Acesso em: 19 fev. 2023.

<sup>187</sup> INGLIS, Ian. *Idem*, 2003, p.56. (Tradução nossa).

O álbum inteiro é uma espécie de concerto oferecido pela banda do sargento Pepper. Uma atmosfera de festa e celebração pode ser sentida; aplausos e risos são ouvidos da plateia que assiste ao show. Para tentar recriar a atmosfera de um concerto, os Beatles eliminaram alguns dos segundos que eram usados para separar as músicas. Embora na era digital isso não seja mais um problema, não ter uma separação entre as músicas em um disco de vinil significava não ter controle absoluto sobre a audição. Remover os segundos de separação era como estar atrasado para um show.<sup>188</sup>

E, assim como em um show real, a banda se apresenta logo na primeira faixa e, se despede na penúltima, agradecendo a presença do público e introduz a última canção do show antes de ir embora. O acesso a compositores e artistas contemporâneos, em geral, de diferentes áreas, os influenciaram e isso se reflete nas variadas ideias colocadas em prática. “Embora não estivessem tentando soar como Stokhausen e Berio, a exposição do grupo a esses compositores aumentaram as expectativas sobre o que podiam atingir no estúdio. Eles não estavam mais se limitando àquilo que havia sido feito por seus antigos heróis, como Chucky Berry, Elvis Presley ou Smokey Robinson and the Miracles”. Em uma entrevista, datada de 1967, John Lennon relata: “As pessoas que compraram nossos discos no passado devem perceber que não poderíamos continuar fazendo o mesmo tipo de música para sempre”.<sup>189</sup>

A mistura de gêneros musicais é uma das características centrais de *Sgt. Pepper*. Ouvimos rock & roll, músicas de bandas de marcha, música concreta e eletroacústica, pop, música psicodélica, music hall, música da Índia, música de câmara, etc. Esse ecletismo estilístico não é algo tão raro para nós hoje. Na pós-modernidade, a mistura é normal; vivemos em constante coexistência de gêneros e diversas tradições. Mas no tempo de Pepper, tal pastiche era algo bastante incomum; artistas de música popular foram claramente categorizados e as transições raramente ocorreram, ou migrações entre estilos (o que em inglês é conhecido como crossover)<sup>190</sup>.

Sobre o disco, um dos críticos musicais da época, Derek Jewell do jornal *Sunday Times* escreveu:

O novo LP *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* é marcante. Ouvindo as cadências estranhas, as passagens de cítara, as linhas quase atonais, o experiente crítico poderá facilmente descobrir influências que vêm desde a música inglesa do século XVII até Richard Strauss... Mas estão mais para artistas de câmara dos últimos 25 anos e para as imagens que Lennon e McCartney trazem de suas infâncias de Liverpool – lugares, padres, velhas, garotas... Todo o sucesso, todo o acesso a pessoas, informações, conhecimento

<sup>188</sup> MAGNIN, Lucas. *Idem.*, 2017, p. 9. (Tradução nossa).

<sup>189</sup> THE BEATLES. *Anthology*. San Francisco: Chronicle Books, 2000, p. 241. (Tradução nossa).

<sup>190</sup> MAGNIN, Lucas. *The Beatles: dialogismo e intertextualidad en Sgt. Pepper y Magical Mystery Tour*. Disponível em [https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo\\_The\\_Beatles\\_dialogismo\\_e\\_intertextualidad\\_en\\_Sgt.\\_Pepper\\_y\\_Magical\\_Mystery\\_Tour\\_](https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo_The_Beatles_dialogismo_e_intertextualidad_en_Sgt._Pepper_y_Magical_Mystery_Tour_). Acesso em 24 mai. 2017, p. 9. (Tradução nossa).

e muita criatividade possibilitou o surgimento de um disco como “*Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*.”<sup>191</sup>

Os Beatles, com a música, a letra e as experimentações, levaram o surrealismo para a canção e para a capa de seu novo álbum. Nos primórdios, esse movimento buscava uma nova realidade através da pintura, da colagem e da literatura; Apollinaire escreveu que o surrealismo trazia uma verdade além da realidade resultante da combinação de vários elementos.<sup>192</sup> Uma espécie de “invenção de Morel”, onde, por meio de *loops*, a realidade encontra seu paralelo e a verdade passa a estar em segundo plano.<sup>193</sup> Em sua obra de 1928, “*Tentando o impossível*”, Magritte fez aquilo que o levou para “[...] a sempre desconhecida e nova experimentação.” Ao descrevê-la, Gombrich pontua que “Magritte [...] se dá conta de que o que ele está fazendo não é copiar a realidade, e sim criar uma nova, muito como fazemos em nossos sonhos”.<sup>194</sup> Uma música no álbum faz isso de maneira especial: *A day in the life*. Um *crescendo* orquestral atonal associado a efeitos e vozes com ecos nos dão a impressão de estarmos em uma nova realidade, em um sonho psicodélico. A letra do momento de transição torna essa ideia mais clara:

Acordei, me levantei	<i>Woke up, fell out of bed</i>
Penteei meus cabelos	<i>Dragged a comb across my head</i>
Desci as escadas e tomei uma xícara	<i>Found my way downstairs and drank a cup</i>
Então percebi, estava atrasado	<i>And looking up, I noticed I was late</i>
Achei meu casaco e meu chapéu	<i>Found my coat and grabbed my hat</i>
Peguei o ônibus rapidamente	<i>Made the bus in seconds flat</i>
Subi as escadas e fumei	<i>Found my way upstairs and had a smoke</i>

<sup>191</sup> ELLEN, Mark. *The Complete Picture*. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. London: Penguin Company, 2006, p.259. (Tradução nossa).

<sup>192</sup> “O Surrealismo foi um produto de seu período histórico, uma reação, entre outras coisas à devastação sofrida pela Europa durante a Primeira Guerra Mundial, assim como às recentes inovações no campo da arte, da literatura e da ciência”. Um dos seus líderes, André Breton “[...] o definia como o ‘automatismo psíquico em seu estado puro, através do qual alguém se propõe a expressar – por meio da fala, da palavra escrita ou de outra maneira - o real funcionamento do pensamento”. THOMPSON, Laura. *Segredos do Surrealismo*. São Paulo: Publifolha, 2011, p. 6;7.

<sup>192</sup> GOMBRICH, E.H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 591.

<sup>193</sup> AMAZON.COM.BR. Publicado em 1940, invenção de Morel é considerado ao mesmo tempo, o clássico inaugural e a grande obra-prima da literatura fantástica em língua espanhola. [...] Um fugitivo da Justiça, condenado à prisão perpétua em seu país, chega sozinho a uma ilha inabitada. Além de algumas construções abandonadas e de um maquinário de complexo funcionamento, não há nenhum sinal de ocupação humana. Mas eis que um dia ele descobre que não está sozinho. Um misterioso grupo de veranistas aparece e se espalha pela ilha, pondo em risco seu anonimato. O fugitivo começa a seguir os passos, ouvir as conversas e monitorar o cotidiano dos intrusos. Consegue notar padrões recorrentes em suas ações, um intrincado ritual cuidadosamente reencenado semana após semana. Gradualmente, porém, as chaves para o mistério vão sendo fornecidas, mas apenas quando o fugitivo consegue se desprender de sua noção do que é possível e impossível ou real e irreal é que ele se torna capaz de decifrar o enigma em sua totalidade”. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Inven%C3%A7%C3%A3o-Morel-Formato-Convencional/dp/8525428221>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

<sup>194</sup> GOMBRICH, E.H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 591.

Alguém disse algo e eu fui para um sonho *And somebody spoke and I went into a dream*

Como percebemos, nessa obra as letras adquiriram uma maior importância.

[...] os Beatles também quiseram incluir as letras das músicas na arte do álbum. Foi a primeira vez na história da música popular que os textos das músicas foram incluídos como parte essencial de um álbum. A afirmação subjacente é clara: as letras propõem uma experiência autônoma, elas têm sua própria entidade artística. As letras de Pepper não são um mero acompanhamento da música; Os quatro garotos de Liverpool nos convidam a vê-las como poesia.<sup>195</sup>

O disco “[...] vendeu 250 mil cópias na primeira semana do lançamento no Reino Unido. Em um mês venderam mais de 500 mil cópias. No final de agosto, foram mais de 2,5 milhões de cópias vendidas nos Estados Unidos. Na Grã-Bretanha, o disco ficou em primeiro lugar na parada por 27 semanas, e nos Estados Unidos por 19 semanas [...]”.<sup>196</sup> Em entrevista o ator estadunidense, Bryan Cranston afirmou:

Eu tinha 11 anos quando o ‘Sgt. Pepper’s [Lonely Hearts Club Band]’ saiu, e aquilo me pegou de surpresa. Eu pensei: ‘Eles podem realmente fazer isso? Isso aqui são os Beatles mesmo?’ Foi incrivelmente ousado interpretar os personagens com sua música. Eu também estava explorando, como um jovem ator, fazendo peças e teatro. Eu não tinha percebido que bandas podiam interpretar personagens e entrar em um mundo completamente diferente do que eu estava acostumado. [Até hoje] quando ouço, ainda é incrível.<sup>197</sup>

Sua influência ainda é comentada e citada por músicos e artistas que veem o disco como um dos principais momentos da música popular ocidental. Influente e seminal, ultrapassando barreiras além da música.

#### 1.6.4 Magical Mystery Tour (1967)

Brian Epstein, o empresário dos Beatles, morreu em 27 de agosto de 1967, devido à overdose de drogas e bebidas. Alguns projetos iniciados por ele já estavam em andamento, e os Beatles decidiram continuar um deles: um filme para a TV intitulado *Magical Mystery Tour*. O disco, lançado com o filme, traz em sua capa os quatro músicos vestidos fantasias de animais; elas são utilizadas em um dos momentos do filme: a apresentação da canção *I am the walrus*.

<sup>195</sup>MAGNIN, Lucas. *The Beatles: dialogismo e intertextualidad en Sgt. Pepper y Magical Mystery Tour*. Disponível em <[https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo\\_The\\_Beatles\\_dialogismo\\_e\\_intertextualidad\\_en\\_Sgt.\\_Pepper\\_y\\_Magical\\_Mystery\\_Tour](https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo_The_Beatles_dialogismo_e_intertextualidad_en_Sgt._Pepper_y_Magical_Mystery_Tour)>. Acesso em 24 mai. 2017, p. 10.

<sup>196</sup> MARTIN, George. *Paz, Amor e Sgt. Pepper: os bastidores de Sgt. Pepper*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, pp. 179-180.

<sup>197</sup> GARCIA, André. Como os Beatles mudaram a vida de Bryan Cranston, protagonista de *Breaking Bad*. Disponível em: <[https://whiplash.net/materias/news\\_710/349292-beatles.html](https://whiplash.net/materias/news_710/349292-beatles.html)>. Acesso em: 20 fev. 2023.

A cena possui elementos psicodélicos e surreais, resquícios das experiências propostas no disco anterior. (Figura 18). “O projeto central não era o álbum, mas o filme, e para torná-lo realidade, imaginou-se uma coleção de cenas psicodélicas conectadas sem muita coerência”.<sup>198</sup> O roteiro é originalmente constituído de uma folha, com alguns desenhos e sem nenhuma indicação de diálogos – a maioria das falas foi desenvolvida na hora das filmagens.

O filme retrata uma viagem dos Beatles e alguns amigos em um ônibus, esperando que alguma coisa inesperada acontecesse durante uma viagem. Pouca coisa aconteceu, e o filme decepcionou muita gente. Hoje, vários lugares utilizados na filmagem receberam placas de informações para os fãs que os visitam. Também, é possível, fazer um passeio nos lugares relacionados aos Beatles na cidade de Liverpool, a bordo de um ônibus parecido com o utilizado no filme.<sup>199</sup> Esse tipo de empreendimento ajuda a manter viva a memória do filme, principalmente, para aqueles que visitam a cidade.

O álbum fez sucesso, mas não tem a mesma unidade sonora alcançada com *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. O convite para o passeio mágico e misterioso não se concretiza. Pelo fato de algumas das canções, serem sobras de outros discos, elas não dialogam, assim como o filme, o disco passa a ser um agrupamento de músicas descartadas ou já utilizadas em outros projetos. As canções têm qualidades, mas perdem sua potência como unidade pela forma como foram lançadas.

E isso pode ter várias razões: o desgaste do trabalho excessivo no estúdio de gravação, o tédio que implicava a constante abertura de horizontes no nível composicional, a ausência de novos objetivos no nível profissional e, é claro, as disputas com a morte de Brian Epstein. Esses motivos de grupo, reforçados por algumas situações pessoais - como o despertar religioso de Harrison ou a crise conjugal de Lennon - foram canalizados, em um nível criativo, por meio da paródia. O filme *Magical Mystery Tour*, massacrado pela crítica pela sua falta de coesão, pela sua falta de clareza narrativa e falta de ideias, deve ser lido como uma grande paródia: para as viagens de mistério, para o mundo do entretenimento e mesmo para trabalho dos Beatles.<sup>200</sup>

<sup>198</sup> MAGNIN, Lucas. *The Beatles: dialogismo e intertextualidad en Sgt. Pepper y Magical Mystery Tour*. Disponível em <[https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo\\_The\\_Beatles\\_dialogismo\\_e\\_intertextualidad\\_en\\_Sgt.\\_Pepper\\_y\\_Magical\\_Mystery\\_Tour\\_](https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo_The_Beatles_dialogismo_e_intertextualidad_en_Sgt._Pepper_y_Magical_Mystery_Tour_)>. Acesso em 24 mai. 2017, p. 9. (Tradução nossa).

<sup>199</sup> Falaremos em detalhes sobre esse passeio no capítulo 2.

<sup>200</sup> MAGNIN, Lucas. *The Beatles: dialogismo e intertextualidad en Sgt. Pepper y Magical Mystery Tour*. Disponível em <[https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo\\_The\\_Beatles\\_dialogismo\\_e\\_intertextualidad\\_en\\_Sgt.\\_Pepper\\_y\\_Magical\\_Mystery\\_Tour\\_](https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo_The_Beatles_dialogismo_e_intertextualidad_en_Sgt._Pepper_y_Magical_Mystery_Tour_)>. Acesso em 24 mai 2017, p. 16. (Tradução nossa).



Fig. 18 *Magical Mystery Tour* – Lançado em 27 de novembro de 1967. Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/magical-mystery-tour>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Na canção [...] *The Fool on the Hill* aparecem os temas de solidão, isolamento e alienação que já haviam sido explorados em músicas como *Eleanor Rigby* e *She's Leaving Home* de discos anteriores.<sup>201</sup> O surrealismo, o experimentalismo e o *happening* são elementos essenciais na canção *I Am The Walrus*:

A complexidade lírica e a autoconsciência composicional que cercam *I Am the Walrus* fazem desta música não apenas uma das mais respeitadas do catálogo dos Beatles, mas também uma das mais interessantes em seus jogos de intertextualidade e diálogo. [...] A inclusão incidental mais interessante é o fragmento de uma transmissão de rádio do Rei Lear, a tragédia de Shakespeare, através da BBC; essa inclusão não foi um fato premeditado, mas fortuito.<sup>202</sup>

<sup>201</sup> MAGNIN, Lucas. *Idem*. Acesso em 24 mai 2017.

<sup>202</sup> MAGNIN, Lucas. *Idem*. Acesso em 24 mai 2017.

Ao contrário do filme, o disco, mesmo com todos os problemas, teve uma repercussão positiva. “Em 1969, ele foi indicado para disco do ano no Grammy, prêmio que *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* havia vencido no ano anterior”.<sup>203</sup> No álbum ainda aparecem as canções *Strawberry Fields Forever* e *Penny Lane*, que comentaremos com mais detalhes no capítulo seguinte.

### 1.6.5 The Beatles (1968)

O disco “*The Beatles*”, de 1968, foi o único álbum duplo lançado pelo grupo. Em contraste com as capas cheias de informações, imagens e cores, (como ocorreu com *Sgt. Peeper's* e *Magical Mystery Tour*) a capa desse disco apresenta-se totalmente branca, com o nome do grupo em alto-relevo na parte central. Ela é criação de Richard Hamilton, artista plástico autor da celebrada obra *O que faz os lares de hoje tão diferentes, tão acolhedores?* (1956). Hamilton foi um dos grandes artistas da Pop Art, e seu diálogo com os Beatles nos mostra um contato bastante interessante entre diferentes artistas do período. (Figuras 19 e 20).

Pela primeira e única vez, na trajetória do grupo, os integrantes não aparecem na capa. A proposta agora foi diferenciada, ao não dizer nada, ela diz tudo; simplicidade e, ao mesmo tempo uma tela em branco, é uma abertura para a imaginação daqueles que ouviam o disco. Similarmente a *Sgt Pepper*, que introduziu complexidades insuspeitadas na estética do design de capa de discos, os Beatles reagiram contra a tendência instigada anteriormente, revertendo para um design minimalista. Até hoje, o álbum é convencionalmente chamado de *White Album*.<sup>204</sup>

A banda continuou conectada com artistas de outras áreas, dialogando e sendo influenciada, expressando opiniões e sentimentos ligados à contemporaneidade. Interessados por design, por moda, por comportamento, por exemplo, irão pesquisar e ler sobre o grupo, pois a arte também ali se apresentava. Assim, essa conexão dos Beatles com os artistas, também, nos auxiliou, no sentido de reforçar o argumento de que essas inovações da obra artística dos Beatle fazem com que eles estejam presentes e admirados ainda hoje.

<sup>203</sup> MAGNIN, Lucas. *Idem*. Acesso em 24 mai. 2017, p. 16.

<sup>204</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches*: Sociology, popular culture and the Beatles. Doctoral thesis, Unviersity of Northumbria at Newcastle, p.236;239. (Tradução nossa).





Fig. 19 *The Beatles*. Lançado em 22 de novembro de 1968. Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/beatles-0>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Paradoxalmente, o disco nominado apenas com o nome do grupo, que poderia passar a sensação de unidade entre eles, foi o que mais ressaltou as individualidades. São várias as canções em que somente um, dois ou três dos Beatles participam. Eles se organizaram em até três estúdios, gravando músicas diferentes simultaneamente.



Fig. 20 Detalhe da capa do disco com o nome do quarteto em alto relevo. Fotografia de COSTA, Sílvia S. (2020). Arquivo do autor.

O ano de 1968 foi emblemático, com acontecimentos históricos que trouxeram importantes questionamentos políticos e sociais. Em fevereiro, estudantes da Alemanha, Espanha e Itália ocuparam universidades e fizeram manifestações contra a guerra do Vietnã. A embaixada americana foi atacada na Inglaterra e na Alemanha, em março e fevereiro, respectivamente. A “Guerra Fria” se consolidava cada vez mais, expondo o mundo ao risco de um ataque nuclear. Já, em quatro de abril, Martin Luther King Jr. foi assassinado na cidade de Memphis, acirrando ainda mais as tensões raciais nos Estados Unidos. Em cinco de maio, estudantes franceses tentaram ocupar a Sorbonne e foram detidos pela polícia. No Brasil ocorreu em junho a “Passeata dos 100 mil”, organizada para questionar a ditadura militar que se fazia presente no país. No dia 7 de setembro de 1968, em um evento intitulado “Movimento de Libertação das Mulheres” ocorrido em Atlantic City, nos Estados Unidos, ocorreu a comentada “queima dos sutiãs”. Protestava-se, dentre outras questões, contra a exigência de beleza e juventude que oprimia as mulheres.

O Jornalista, Zuenir Ventura, ao escrever sobre a geração que viveu esse período, aponta:

Na verdade, a aventura dessa geração não é um folhetim de capa-e-espada, mas um romance sem ficção. O melhor do seu legado não está no gesto – muitas vezes desesperado; outras autoritárias -, mas na paixão com que foi à

luta, dando a impressão de que estava disposta a entregar a vida para não morrer de tédio. Poucas – certamente nenhuma depois dela – lutaram tão radicalmente por seu projeto, ou por sua utopia. Ela experimentou os limites de todos os horizontes; políticos, sexuais, comportamentais, existenciais, sonhando em aproximá-los todos.<sup>205</sup>

Esses fatos (e muitos outros) serviram de combustível para artistas exporem pontos de vista sobre a realidade conturbada que viviam. Os Beatles expressaram suas visões com canções como *Blackbird*, *Revolution 1*, *Revolution 9* (presentes no “Álbum Branco”) e *Revolution* (lançada como o “lado B” do single *Hey Jude*).

A música *Blackbird* foi composta por Paul McCartney. Na Inglaterra, o termo *bird* era uma gíria muito comum para “garota”. Já, “O termo *blackbird* foi utilizado para se referir a pessoas negras e foi usado durante a época da escravidão e da existência do mercado de escravizados, sempre de forma pejorativa. Nos anos 1960, as campanhas pelos direitos humanos se apropriaram dele e o transformaram em algo positivo”.<sup>206</sup> Nos conceitos de Antropologia Histórica, essas modificações nos significados simbólicos se compõem para, em seguida, se recompor de conforme as necessidades dos indivíduos, seus processos históricos e suas práticas cotidianas. Paul McCartney, em recentes apresentações, afirmou que fez a canção pensando nas mulheres negras americanas, ativistas políticas que se posicionaram firmemente pelos direitos dos negros e das minorias, como Angela Davis.

John Lennon compôs as três versões de *Revolution*. Todas elas com diferentes arranjos e propostas. A diversidade de versões do compositor perante o tema, confirma a ideia de que a mudança, a transformação e a revolta estavam presentes naquele momento. Se posicionar perante essas situações não era tarefa fácil. *Revolution 9* é uma colagem de sons (com características dadaístas), influenciada pelas novas ideias propostas por Yoko Ono (artista japonesa e participante do grupo *Fluxus*). Na realidade, Ono passa a ser uma importante parceira musical de Lennon e essa música confirma esta assertiva. Ela é “[...] de muitas maneiras uma resposta apocalíptica à canção de ninar ingênua *All You Need is Love* [...]”, mostrando que “o rock começou a reinventar a música de consumo, se beneficiando de condições culturais específicas para explorar novas alternativas estéticas em territórios não visitados”.<sup>207</sup>

Também no ano de 1968, os Beatles lançaram sua empresa: Apple. Com escritórios em Savile Row, um investimento inicial de 800.000 libras, cinco divisões separadas

<sup>205</sup> VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. 3ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008, p. 18.

<sup>206</sup> TURNER, Steve. *The Beatles: a história por trás de todas as canções*. São Paulo: Cosacnaify, 2009, p.261.

<sup>207</sup> PAYTRESS, Mark. *The Magic Number*. In: *The Beatles: Ten years that shook the world*. London, Penguin Company, 2006, p. 318 (Tradução nossa); MERHEB, Rodrigo. *O som da revolução: uma história cultural do rock (1965-1969)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 9.

(eletrônicos, filmes, publicações, discos e varejo) e uma política voltada para descobrir novos talentos, ajudar artistas em dificuldades e comercializar invenções. As ambições da Apple eram muito mais amplas do que as organizações anteriores estabelecidas por artistas para orientar suas próprias carreiras e as de outros, como a gravadora *Reprise*, de Frank Sinatra.<sup>208</sup> A Apple seria responsável pelo controle de qualidade dos produtos lançados após o término da banda.

Ainda nesse ano, os quatro integrantes dos Beatles fizeram um retiro na Índia, com Maharishi Mahesh Yogi. Foi nessa viagem que compuseram a maioria das canções que integraram o *Álbum Branco*. Essa temporada, junto ao guru, auxiliou na divulgação da meditação transcendental.

George Harrison foi o que mais identificado com a cultura indiana. Tudo “começou com a música indiana. Eu gosto muito dos instrumentos da Índia, especialmente a cítara. Eu usava uma pequena cítara em nossas gravações”, disse em uma entrevista em áudio presente no documentário *The Beatles and India* lançado em 2021.<sup>209</sup> Após os Beatles adquirirem instrumentos musicais indianos e os utilizar nas gravações, houve um aumento na demanda por cítaras, tablas, entre outros, por músicos ingleses e americanos. No Brasil, uma das canções que utilizou esse instrumento foi a “Balada do Louco”, dos Mutantes, lançada em 1972.<sup>210</sup>

O interesse de Harrison pela música indiana data de 1966, quando entrou em contato com Ravi Shankar, músico indiano e mestre de cítara. Shankar disse em entrevista que o encontro dos dois foi explosivo e que a partir dele a música indiana passou a fazer parte do mundo pop.<sup>211</sup> O músico indiano se apresentou no Festival *Monterey Pop*, que aconteceu em 1967, devido à proximidade com os Beatles. Da mesma forma, a música da banda também chegou à Índia através da popularização da *beat music*. Um músico indiano da década de sessenta afirmou: “Começamos a imitar o que os Beatles faziam”.<sup>212</sup> A banda de Liverpool que estava atrás de influências indianas, servia como modelo para o surgimento de bandas de rock e pop na Índia. Uma relação dialógica artística e global.

### 1.6.6 Yellow Submarine (1968)

<sup>208</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, p.57. (Tradução nossa).

<sup>209</sup> THE BEATLES AND INDIA. Direção: Ajoy Bose; Peter Compton. Produção: Reynold D’Silva. Channel 4, 2021.1 DVD (92 min.). NTSC, colorido e preto-e-branco. Vimos que a cítara já havia sido utilizada no disco *Rubber Soul* de 1965. Título original: *The Beatles and India*.

<sup>210</sup> THE BEATLES AND INDIA, *idem*, 2021.

<sup>211</sup> THE BEATLES AND INDIA, *ibidem*, 2021.

<sup>212</sup> THE BEATLES AND INDIA. Direção: Ajoy Bose; Peter Compton. Produção: Reynold D’Silva. Channel 4, 2021.1 DVD (92 min.). NTSC, colorido e preto-e-branco. Vimos que a cítara já havia sido utilizada no disco *Rubber Soul* de 1965. Título original: *The Beatles and India*.

Outro projeto do falecido empresário, Brian Epstein, concretizado após a sua morte, foi transformar os Beatles em desenho animado. O longa-metragem *Yellow Submarine* deu origem ao disco de mesmo nome, trilha sonora do filme. Ele teve um dos lados dedicado a canções instrumentais compostas pelo produtor do grupo, George Martin. Já, o lado B, continha faixas com canções previamente lançadas e três inéditas. A capa do LP, possui os personagens do desenho animado e alguns elementos do mundo mágico da película, da aventura onde os heróis (os Beatles) enfrentam os vilões (*blue meanies*). (Figura 21). Nessa composição artística, a música é o elemento chave da história.

Esse álbum é carregado de referências dos dois discos anteriores, principalmente, no que trata da psicodelia e do surrealismo. Como observamos, o desenho animado, também segue a mesma linha, valorizando canções e ideias que nos remetem a um mundo de sonhos. O design gráfico do desenho foi o elemento de maior sucesso, e influenciou toda uma geração de artistas.

O visual mod-psicodélico do filme, que tipifica a arte gráfica espirituosa da época, surgiu na mesma época que o trabalho psicodélico de Terry Gilliam, Alan Aldridge e Victor Moscoso, mas tem sua própria estética caprichosa. Os bulbosos Blue Meanies, que personificam o mau-humor como verdadeiros vilões, perseguem os inocentes e bem penteados desenhos animados dos Beatles em um ambiente em constante mudança de mares e buracos misteriosos que podem ser magicamente apanhados e movidos. O próprio submarino amarelo para em um oceano de relógios pulsantes, representando o tempo, para acender um charuto para um simpático monstro marinho. Notavelmente, os designs prefiguravam videocliques contemporâneos, especialmente no uso de tipografia dançante. Letras soletrando a expressão “Love is all you need” se transformam em um padrão de papel de parede neon estroboscópico.<sup>213</sup>

---

<sup>213</sup> HELLER, Steven. *Heinz Edelmann, ‘Yellow Submarine’ Artist, Dies at 75*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2009/07/23/arts/design/23edelmann.html>>. Acesso em: 10 mar. 2013. (Tradução nossa).



Fig. 21 *Yellow Submarine* – Lançado em 17 de janeiro de 1969. Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/yellow-submarine>>. Acesso em 10 mar. 2023.

Al Brodax foi o produtor do filme. Ele já havia produzido desenhos para a TV, como Popeye, Gasparzinho e uma série tendo os próprios Beatles como personagens, em 1965. A banda, em suas práticas empresariais, buscava sempre ter o cuidado de se associar somente a companhias e indivíduos comprovadamente eficientes, ou que poderiam produzir algo de qualidade em seus lançamentos ou produções. E aqui não foi diferente. Seguindo a linha de pensamento do grupo, o desenho foi permeado de diferentes técnicas e estilos, dando uma sensação de dinamicidade para a película. Além disso, aproveitaram para lançar uma linha de produtos, visando atingir uma nova geração de ouvintes e consumidores.

Brinquedos, jogos, quebra-cabeças, livros de souvenirs, relógios, fantasias, roupas de cama, cartões de felicitações, abajures, lancheiras e louças foram

algumas das dezenas de produtos associados comercializados para coincidir com o lançamento do álbum e do filme. Essa segunda onda de merchandising relacionado aos Beatles, quatro anos após a onda que acompanhou seu sucesso inicial nos Estados Unidos, foi o marketing substancial final do grupo como um produto; ele ‘atualizou a imagem moptop das versões de 1964 com uma pitada da psicodelia da moda, como exemplificado pelo próprio filme’.<sup>214</sup>

A canção presente na trilha da animação, e que bem reflete o espírito da época, é *All you need is love*. Essa música, lançada originalmente como *single*, em julho de 1967, teve parte de sua gravação, transmitida no primeiro evento veiculado mundialmente via-satélite. Estimase que, aproximadamente 400 milhões de pessoas, em 25 países, tenham assistido os Beatles em estúdio, gravando e festejando a mensagem da canção.

*All You Need is Love* foi abraçado não apenas pela contracultura hippie, mas já se colocou no mainstream em junho de 1967. O crítico musical do Times, mais acostumado a comentar Bach e Mozart, achou ‘cativante’. Impulsionados pela exposição na TV, os consumidores de discos inevitavelmente fizeram de *All You Need is Love* o hit número 1 daquele verão colorido.<sup>215</sup>

Com *All you need is love*, os Beatles “referem-se ao amor como unidade, e não a paixão de jovens adolescentes. [...] O entendimento do amor amadurece com sua música”.<sup>216</sup> Esse tipo de pensamento os coloca como ícones da chamada “geração paz e amor”. A imagem do grupo se fortalece para as novas gerações, e os coloca nos livros de história, nos documentários e canções de outros artistas que se expressam sobre aquele momento.

### 1.6.7 Get Back (projeto inacabado – 1969)

*Get Back* foi um projeto inacabado pelos Beatles, iniciado em janeiro de 1969. Paul McCartney, no documentário já citado, *Anthology*, comentou que “a ideia era que você veria os Beatles ensaiando, criando, preparando algo e depois ao final tocando ao vivo em algum lugar em um grande show”.<sup>217</sup> Mas, as filmagens e o áudio mostram uma banda em dúvida sobre o que propuseram a fazer. As tensões foram tantas, que durante as filmagens George Harrison decidiu deixar o grupo.

Após algumas reuniões, Harrison, retorna, no entanto, os locais de filmagem e ensaio originais foram abandonados. No início o grupo estava em Twickenham, uma cidade próxima

<sup>214</sup> SCHAFFNER, 1977, p. 100, citado por INGLIS, Ian. *Idem*, 2003, p.240. (Tradução nossa).

<sup>215</sup> WEBB, Robert. *All you need is love*. Disponível em: <<https://www.thehistorypress.co.uk/articles/all-you-need-is-love/>>. Acesso em: 29 nov. 2022. (Tradução nossa).

<sup>216</sup> HELD, Jacob M. Só do que você precisa é amor: Hegel, amor e comunidade. In: *Os Beatles e a Filosofia*. São Paulo: Madras, 2007, p. 39.

<sup>217</sup> THE BEATLES. *Anthology*. San Francisco: Chronicle Books, 2000, p. 315. (Tradução nossa).

a Londres, em um grande galpão, que, segundo Neil Aspinall, o *roadie* da banda: “Twickenham era muito frio em janeiro e um lugar estranho para se gravar um disco”.<sup>218</sup> Após esse momento, combinaram que os trabalhos ocorreriam no prédio da Apple, sua companhia e gravadora no centro de Londres. Sobre isso, Paul McCartney disse em entrevista: “Os ensaios ficaram melhores quando fomos para a Apple e eu me lembro de curtir a música. Eram músicas boas de tocar”.<sup>219</sup> No fim do mês de janeiro, sem concordância de onde realizariam o show programado, os Beatles sobem no terraço do prédio onde estavam ensaiando e fazem sua apresentação. É a última vez que tocam ao vivo.

A capa do disco *Get Back* representa uma releitura da arte do primeiro álbum da banda, *Please, Please Me* (1963); uma foto tirada no mesmo lugar e na mesma posição. Um “retorno”, uma imagem interessante, no sentido de possibilitar comparar como os quatro integrantes se modificaram fisicamente durante os anos ativos do grupo. (Figuras 22 A e B).

O resultado desse projeto, foram 60 horas de filmagens e 150 horas de áudio. Após um mês de ensaio e filmagens, decidiram deixar o projeto de lado e não lança-lo. Todo o material foi engavetado.

---

<sup>218</sup> THE BEATLES. *Idem*, 2000, p. 315. (Tradução nossa).

<sup>219</sup> THE BEATLES. *Ibidem*, 2000, p. 315. (Tradução nossa).



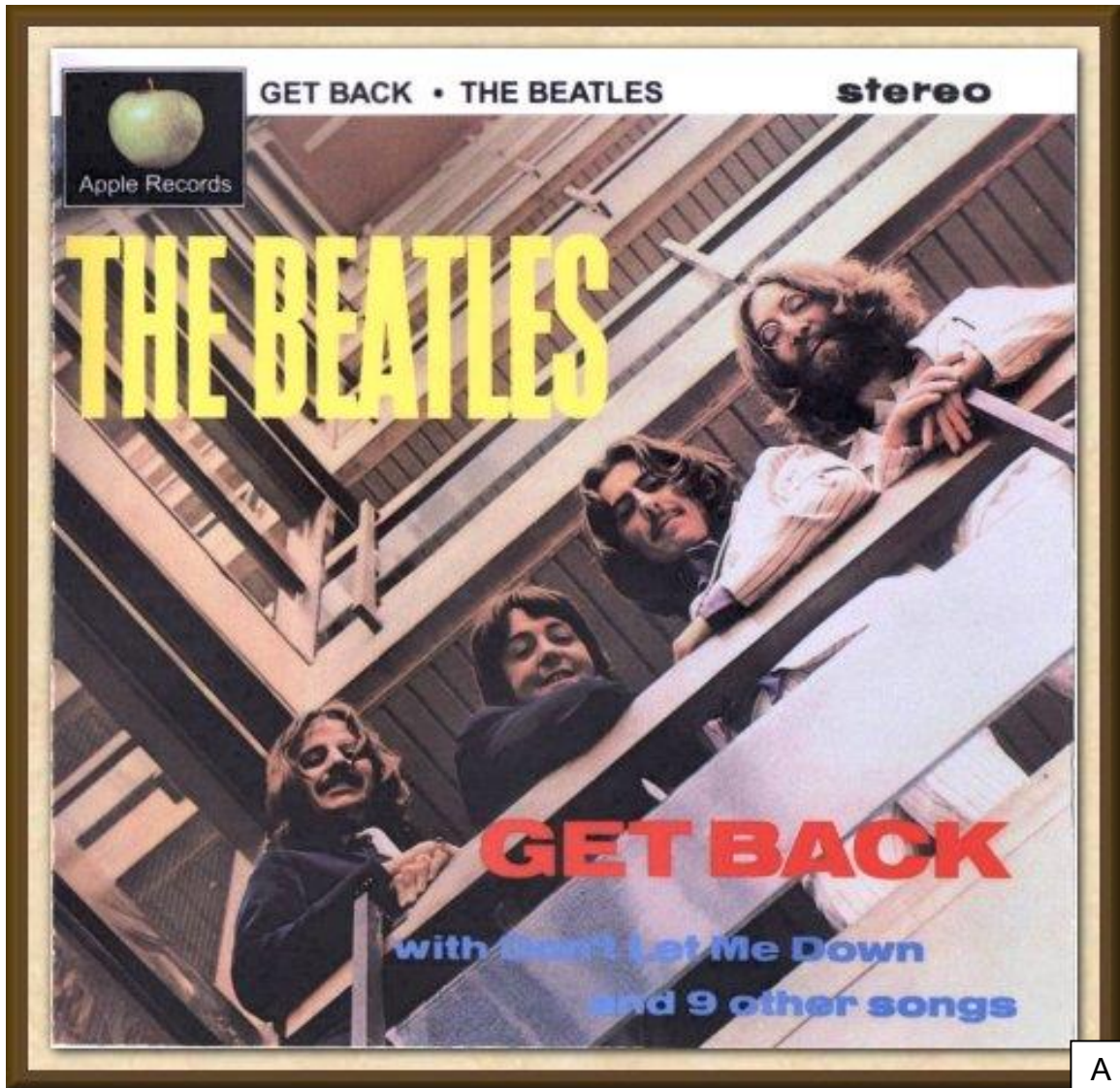


Fig. 22 A Capa rejeitada para o disco *Get Back* que teve o título modificado posteriormente para *Let It Be*. Seu design foi elaborado para fazer um diálogo com a capa do primeiro álbum (22 B). Seis anos separam as duas fotografias, mas as mudanças visuais são claras. 22A disponível em: <<https://ultimateclassicrock.com/beatles-get-back-album-cover/>>. Acesso em: 10 mar. 2023. 22 B disponível em: <<https://www.thebeatles.com/please-please-me>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

### 1.6.8 Abbey Road (1969)

Diferentemente do álbum anterior, *Get Back*, onde o grupo não se preocupou em mixar ou produzir, *Abbey Road*, foi um disco feito com cuidado e foco. George Harrison relata que “O álbum *Get Back* não foi lançado [...]. Então decidimos: ‘Vamos fazer um bom disco de novo’”.<sup>220</sup> A banda voltou para os estúdios da EMI, e grande parte das músicas foram gravadas com os quatro tocando ao mesmo tempo, no estúdio.<sup>221</sup>

A capa desse novo disco, traz os Beatles atravessando uma faixa de pedestres (que fica quase em frente ao estúdio).

A fotografia, tirada por Iain MacMillan, do grupo caminhando com confiança pela faixa de pedestres foi um reconhecimento claro de suas maiores realizações artísticas ocorridas no estúdio de gravação Abbey Road EMI. Liderados, apropriadamente, por John Lennon, cujo grupo Quarrymen, formado em março de 1957, eventualmente evoluiu para os Beatles, a presença do grupo fornece uma forte assinatura visual.<sup>222</sup>

Hoje a capa é celebrada e se tornou uma das imagens mais conhecidas da música popular. (Figura 23).

O local virou ponto de visitação e peregrinação, onde fãs e curiosos tiram fotos imitando a pose feita pela banda. Existe uma câmera na entrada do estúdio que mostra a faixa de pedestres, ao vivo, 24 horas por dia.<sup>223</sup> A quantidade de pessoas que visita o local é tão grande que o estúdio abriu uma loja ao lado para vender produtos relacionados, principalmente, aos Beatles. Esse fenômeno será melhor analisado no capítulo seguinte.

<sup>220</sup> THE BEATLES. *Anthology*. San Francisco: Chronicle Books, 2000, p. 337. (Tradução nossa).

<sup>221</sup> FRICKLE, David. Road to Nowhere. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*, 2006, p. 397. (Tradução nossa).

<sup>222</sup> INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle, pp. 236;240. (Tradução nossa).

<sup>223</sup> ROTHMAN, Lily. Original *Abbey Road* Review: Record 'Crammed With Musical Delights' <https://time.com/3394132/original-abbey-road-review-1969/>. Acesso em 02 dez. 2022. Neste endereço, <https://www.earthcam.com/world/england/london/abbeyroad/> é possível ver a faixa de pedestres em Abbey Road. (Tradução nossa).



Fig. 23 *Abbey Road*. Lançado em 26 de setembro de 1969. Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/abbey-road>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

*Something* e *Here Comes the Sun* foram duas canções compostas por George Harrison. Elas são consideradas clássicos da música popular. Uma crítica feita, por Lily Rothman, na revista *Time* no lançamento do disco, traz a seguinte análise:

[...] apesar da maioria das canções trazer o familiar crédito de Lennon/McCartney, o álbum, também, foi a hora de George Harrison brilhar. Sua música *Something* já estava tocando no rádio, e o tempo que ele passou recentemente com Bob Dylan valeu a pena. “Isso o ajudou a adquirir uma nova confiança em sua própria personalidade musical”, observou o crítico. “Seus três colegas acham francamente que *Something* é a melhor música do disco”<sup>224</sup>

<sup>224</sup> ROTHMAN, Lily. Original *Abbey Road Review*: Record 'Crammed With Musical Delights'

O álbum tem um medley com canções que apareceram durante as sessões de filmagem de *Get Back*. Essas músicas foram reaproveitadas e, por estarem incompletas, foram colocadas lado a lado formando uma só. *Abbey Road* foi o último disco gravado pelos Beatles e *The End*, a última canção. O álbum foi direto para número 1 das paradas de sucesso tanto nos Estados Unidos, quanto no Reino Unido. Nos Estados Unidos foi o disco mais vendido da banda (com mais de 12 milhões de cópias, segundo a *Recording Association of America*.<sup>225</sup> Mas não foi o último álbum lançado pela banda. Este foi *Let it Be*.

### 1.6.9 Let it Be (1970)

O álbum *Let it Be* é a trilha sonora do filme lançado com o mesmo nome, em 1970. Como vimos anteriormente, os Beatles trabalharam em um projeto de filme intitulado *Get Back*. E que, ao final das filmagens e gravações, eles não se importaram em lançar utilizando o material produzido. No entanto, em um segundo momento, foi chamado, o produtor americano Phil Spector para finalizar o disco. Ele contratou uma orquestra e um coral, fazendo do projeto uma superprodução. Assim, o filme foi finalmente lançado no dia 20 de maio de 1970 no Reino Unido e seu título se modificou: de *Get Back* passou a ser *Let it Be*.

A capa traz os quatro integrantes em fotografias separadas por um fundo preto. Diferentemente de *A Hard Day's Night* (1964), que tinha fotografias separadas, remetendo aos frames de um filme, nesta as quatro fotos são estáticas. O título não apresenta a ideia de movimento, de volta ao básico, de volta para casa, para o *rock*, mas, sim, corresponde ao ‘deixa estar’, ‘deixe assim’, mais passivo, resignado, estático. (Figura 24).

---

Disponível em: <<https://time.com/3394132/original-abbey-road-review-1969/>>. Acesso em 02 dez. 2022. (Tradução nossa).

<sup>225</sup> FRICKLE, David. Road to Nowhere. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*, 2006, p. 396. (Tradução nossa).

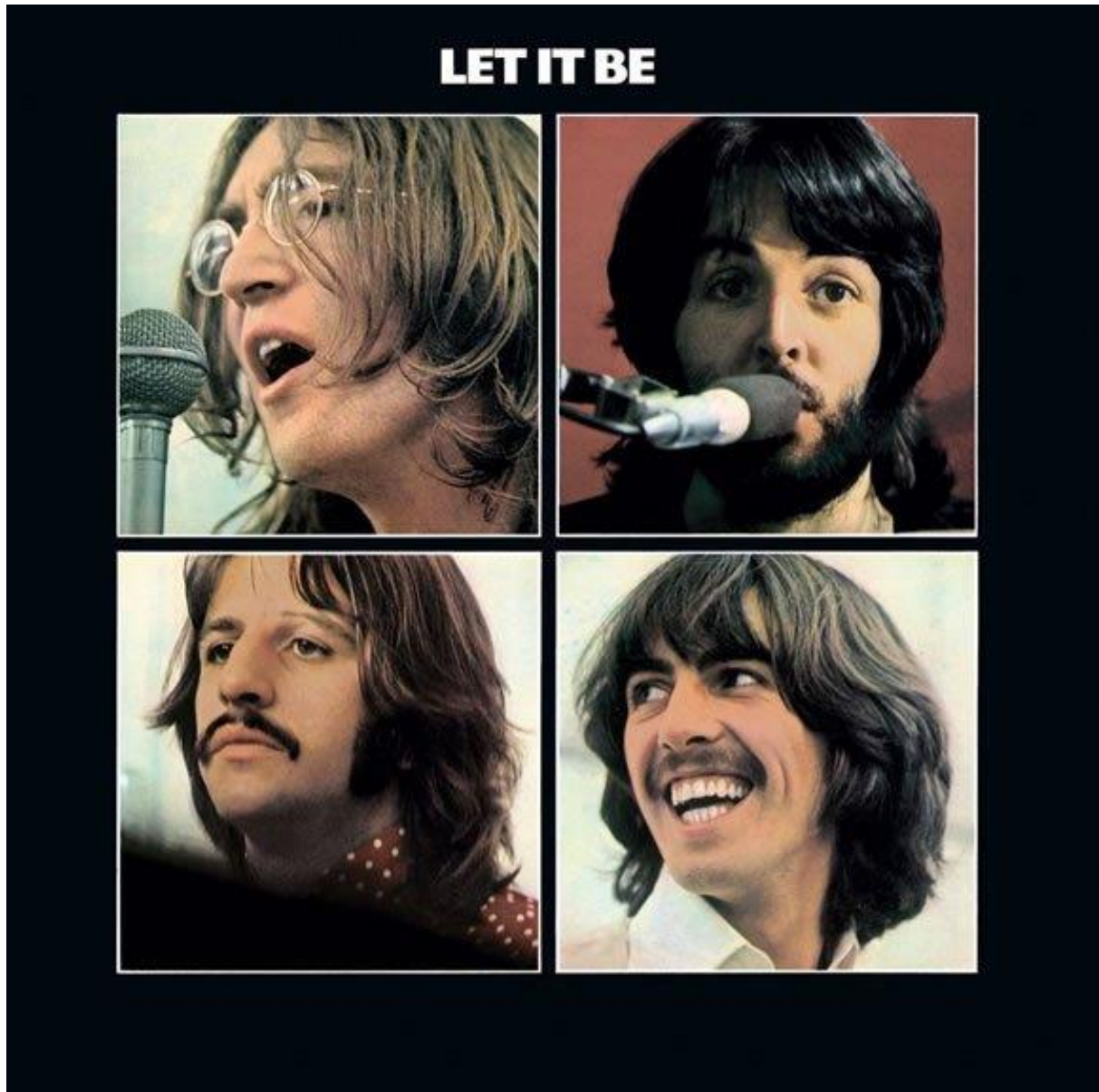


Fig. 24 *Let it Be* Lançado em 13 de maio de 1970. Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/let-it-be-0>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

O projeto foi uma tentativa de fazer o grupo voltar a suas raízes e gravar um álbum sem nenhum tipo de colagem ou efeito. Algo comum nas últimas produções. Mas, a interferência do produtor estadunidense Phil Spector, fez com que isso não acontecesse. O disco se tornou o último lançado (mas não o último gravado).<sup>226</sup> A obra traz uma das primeiras canções compostas pela dupla Lennon/McCartney: *One after 909*. Ela já havia sido tocada no *Cavern Club* e gravada em estúdio, mas nunca lançada oficialmente. Nesse momento, ganhando uma nova versão. A última canção do “lado A” é *Maggie Mae* – uma música folclórica de

<sup>226</sup> O disco *Let it Be* é composto de gravações das sessões do filme *Get Back*, realizadas em janeiro de 1969. O projeto foi engavetado. Em seguida, o grupo iniciou as sessões de *Abbey Road*, que ocorreram entre fevereiro e agosto de 1969. *Abbey Road* foi lançado em 26 de setembro de 1969. *Let it Be* foi lançado em 8 de maio de 1970.

Liverpool, que “trazia associações agradáveis tanto com sua cidade natal quanto com suas raízes musicais”.<sup>227</sup>

### 1.6.10 *And in the end...*

No dia 10 de maio de 1970, Paul McCartney anunciou que estava deixando os Beatles. Esse foi o fim da banda. Durante sua existência, os Beatles fizeram fãs pelo mundo inteiro com um sucesso sem precedentes. O escritor inglês, John Savage, contemporâneo do grupo, afirmou: “Eles cativaram minha imaginação como nenhuma outra banda. Foi o modo como comecei a interpretar o mundo. Cada novo disco refletia o disco anterior. Uma história maravilhosa avançava com os Beatles”.<sup>228</sup> Bateram recordes de vendas, fizeram shows nos cinco continentes e tornaram-se ícones do *rock and roll*. O compositor Aaron Copland disse uma vez: “Quando pedirem para as pessoas recriarem o humor da década de sessenta, elas tocarão a música dos Beatles.”<sup>229</sup>

Como percebemos, existe um interesse constante e que se renova sobre os Beatles, sua produção e sua história. Objetos comuns do dia-a-dia dos quatro músicos, tornaram-se memorabilia vendida em leilões. Hoje seus instrumentos, suas roupas, seus manuscritos são admirados e guardados em museus e em exclusivas coleções particulares que se espalham por todo o mundo. Ficou evidente, também, a importância dos lugares associados a eles nesse aspecto. Locais por onde passaram e que fizeram parte da jornada do grupo. Muitos desses se tornaram lugares de memória, cuidadosamente museificados, preservados para as futuras gerações. Mas, por que isto aconteceu? Uma das explicações está na capacidade de inovar, de ultrapassar barreiras culturais e mostrar um caminho diferente para ser seguido que agradou a muitos e muitas.

Explicando seu apelo duradouro, o jornal estadunidense Washington Post publicou, em 10 de dezembro de 2021, uma reportagem intitulada: “Os Beatles reformularam a cultura americana: o grupo iniciou uma guerra cultural, mudando a música e a moda e desafiando as normas de gênero”.<sup>230</sup> Sua produção musical, sua postura, sua imagem teve grande influência

<sup>227</sup> TURNER, Steve. *The Beatles: Todas as músicas. Todas as letras. Todas as histórias*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016, p. 283.

<sup>228</sup> 8 DAYS A WEEK. Direção: Ron Howard. Escrito por Mark Monroe. Apple films, Imagine Entertainment, White Horse Pictures, 2016, NTSC, colorido. 97 minutos. Título original: 8 days a week. (Tradução nossa).

<sup>229</sup> HEEL, Rudolf. The Beatles and their influence on culture. Disponível em: <[https://is.muni.cz/th/awl4a/The\\_Beatles\\_and\\_Their\\_Influence\\_on\\_Culture.txt](https://is.muni.cz/th/awl4a/The_Beatles_and_Their_Influence_on_Culture.txt)>. Acesso em: 22 fev. 2023. (Tradução nossa).

<sup>230</sup> STEPHENS, Randall J. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/outlook/2021/12/10/beatles-reshaped-american-culture-explaining-their-enduring-appeal/>>. Acesso em: 22 fev. 2023. (Tradução nossa).

sobre a juventude nos Estados Unidos durante a década de sessenta, apoiada pela presença da TV e do rádio naquele período. Mas essa influência não ocorreu somente naquele país. Ela se espalhou pelo mundo, afetando gerações de jovens de todos os continentes.

Contudo, o grupo acabou em 1970. E daí? A Forbes, ainda segundo o The Washington Post, informou recentemente que jovens de 18 a 29 anos representam 47% dos ouvintes dos bilhões de músicas transmitidas pelos Beatles.<sup>231</sup> A obra, construída ao longo de uma década, consegue ser ressignificada e passada de geração em geração.

Eles ajudaram não apenas a alterar ou introduzir uma infinidade de práticas na indústria da música, mas também a inspirar amor em todo o mundo, popularizando a cultura de grupos minoritários e permanecendo como um símbolo de paz e alegria em tempos de guerra. Como essas práticas e ideais ainda são considerados padrão e relevantes para nossa geração devido aos conflitos mundiais modernos, o legado dos Beatles continua sendo um componente vital na cultura de hoje; um legado que provavelmente não desaparecerá nas próximas décadas.<sup>232</sup>

Os Beatles foram um fenômeno cultural; foram artistas. “Arte”, segundo Alois Riegl, é “toda criação humana tangível, visível ou audível, que apresenta valor de arte”.<sup>233</sup> Em seu âmago a arte é universal e o que foi produzido pelos Beatles tem valor de arte. Todos os aspectos levantados ligados à criatividade, ao pioneirismo, à interação com outras áreas e com as questões sociais do período fizeram com que sua produção continue relevante e ainda conquiste fãs entre as novas gerações.

---

<sup>231</sup> STEPHENS, Randall J. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/outlook/2021/12/10/beatles-reshaped-american-culture-explaining-their-enduring-appeal/>>. Acesso em: 22 fev. 2023. (Tradução nossa).

<sup>232</sup> PLAYLOUDREVIEWS. Disponível <[https://playloudreviews.com/index.php/2019/06/06/how-the-beatles-shaped-modern-music-and-pop-culture/?utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=how-the-beatles-shaped-modern-music-and-pop-culture](https://playloudreviews.com/index.php/2019/06/06/how-the-beatles-shaped-modern-music-and-pop-culture/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=how-the-beatles-shaped-modern-music-and-pop-culture)> Acesso em 05 mai 2023.

<sup>233</sup> RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

## CAPÍTULO 2 OS BEATLES E A MANUTENÇÃO DO MITO

### Perdido em Abbey Road

Estava andando pela rua  
Quando de repente eu me vi  
Perdido em Abbey Road

Onde está o caminho  
Que me leve de volta?  
Onde é que eu vim parar?

E os meus amigos dispersos pelo mundo  
A gente não se encontra mais pra cantar  
Aqueles canções  
Que disparavam nosso coração

A menina que saiu de casa  
Numa quarta-feira  
Já voltou há muito tempo  
E dela nunca mais se ouviu falar

E os meus amigos dispersos pelo mundo  
A gente não se encontra mais pra cantar  
Aqueles canções  
Que disparavam nosso coração

Existe algum de nós  
Que não conhece a dor  
De se sentir sozinho  
Perdido em Abbey Road

*Flávio Venturini/Vermelho*

No capítulo 1 descrevemos a carreira dos Beatles apoiados em sua discografia e fatos que consideramos relevantes para compreender a potência de sua obra e presença no cenário artístico mundial. Sua música é, sem dúvida, o elemento mais poderoso em sua *tékne*, explicando sua popularidade durante a década de sessenta e, após o término de sua existência como conjunto, chegando aos dias de hoje. Mas, não é o único. Com o passar do tempo, o grupo se tornou um ponto de referência para a cultura pop, paradigmáticos para várias gerações de artistas que buscaram inspiração em seu legado: seja para elogiar, seja para criticar. Um exemplo disso pode ser visto na canção abaixo:



**Para Lennon e McCartney**

Por que vocês não sabem  
Do lixo ocidental?  
Não precisam mais temer  
Não precisam da solidão  
Todo dia é dia de viver

Por que você não verá  
Meu lado ocidental?  
Não precisa medo não  
Não precisa da timidez  
Todo dia é dia de viver

Eu sou da América do Sul  
Eu sei, vocês não vão saber  
Mas agora sou cowboy  
Sou do ouro, eu sou vocês  
Sou do mundo, sou Minas Gerais

Por que vocês não sabem  
Do lixo ocidental?  
Não precisam mais temer  
Não precisam da solidão  
Todo dia é dia de viver

Eu sou da América do Sul  
Eu sei, vocês não vão saber  
Mas agora sou cowboy  
Sou do ouro, eu sou vocês  
Sou do Mundo, sou Minas Gerais  
Eu sou da América do Sul  
Eu sei, vocês não vão saber  
Mas agora sou cowboy  
Sou do ouro, eu sou vocês  
Sou do Mundo, sou Minas Gerais

*Lô Borges/Márcio Borges/Fernando Brant*

Para entendermos com mais clareza o “fenômeno beatle” e a manutenção de sua popularidade, podemos utilizar da analogia proposta por Norbert Elias acerca das relações entre o indivíduo e a sociedade. Assim, coloca o sociólogo “não se compreende uma melodia examinando-se cada uma de suas notas separadamente, sem relação com as demais. Também sua estrutura não é outra coisa senão a das **relações** entre as diferentes notas”<sup>234</sup> Seguindo esse pensamento, nosso objetivo neste segundo capítulo é analisar o que consideramos os principais motivos que auxiliam na manutenção da relevância do grupo. A pergunta a ser respondida é: o que mantém a popularidade dos Beatles mais de 50 anos após o seu fim?

Um dos motivos já foi citado no parágrafo anterior. Além da qualidade de suas canções, a banda impactou com sua postura frente a indústria musical, que acompanhava com

<sup>234</sup> ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 25. (Grifo nosso).

frequência algumas das mudanças que surgiam em cada novo trabalho do grupo. O conjunto trouxe respostas criativas aos mais variados questionamentos composicionais. Entretanto, existem outros fatores motivadores que podem nos auxiliar, numa análise mais ampla de um cenário tão complexo, pois, não estamos falando de um simples grupo de pop/rock. Na realidade, nessa pesquisa, tratamos de um fenômeno cultural, que se tornou global e transcultural em curto espaço de tempo, mesmo sem ajuda de redes sociais. Com as novas tecnologias de comunicação seu alcance e popularidade seria difícil de mensurar. Mas uma coisa é certa: neste exato momento, alguém em nosso planeta, caminha com uma camiseta preta estampada mostrando quatro silhuetas atravessando uma faixa de pedestres.

## 2.1 *THOSE WERE THE DAYS*: A NOSTALGIA CULTURAL A SERVIÇO DA MANUTENÇÃO DO MITO BEATLE

Caminham dois casais em frente ao Palácio de Versalhes. O dia é claro. Os quatro vestem roupas leves. Três deles conversam animadamente.

Mulher 1 – Ele trabalha em uma *nostalgia shop*.

Mulher 2 – O que é uma *nostalgia shop*?

Homem 1 – Uma daquelas lojas onde se vende brinquedos antigos e velhos rádios. Não entendo porque as pessoas compram essas coisas. Quem quer isso?

Mulher 1 – **Bem, pessoas que vivem no passado... Pessoas que pensam que suas vidas seriam mais felizes se elas vivessem no passado.**

Homem 1 – Ah, entendi. Sem TV, sem aquecimento global, homens-bomba, armas nucleares, cartéis de drogas.<sup>235</sup>

O que lemos acima é um trecho de um diálogo do filme *Meia-noite em Paris*, de Woody Allen. Lançado em 2011, a obra trata de nostalgia. Mais especificamente, de um personagem nostálgico, um escritor (Gil Pender, interpretado por Owen Wilson). Ele acredita que a década de 1920 em Paris seria mais interessante viver, quando comparado ao seu presente, ou seja, o início do século XXI em Hollywood. Viver em nosso tempo, na atual realidade histórica, como percebemos no diálogo, nos coloca frente a circunstâncias perigosamente inesperadas. Situações que não possuem uma solução a curto prazo e, que, podem ter resultados catastróficos para a humanidade. Faz-se necessária uma fuga, ou a busca de mecanismos que auxiliem no enfrentamento desse cenário obscuro, para aliviar as tensões e angústias trazidas por esse panorama.

Para muitas pessoas, os próprios Beatles e o período temporal em que eles se tornaram mundialmente conhecidos servem como um antídoto para essas sensações desfavoráveis.

---

<sup>235</sup> MEIA NOITE EM PARIS. Direção: Woody Allen. Produção de: Gravier Productions; Mediapro; Televisió de Catalunya (TV3). Estados Unidos/Espanha: Sony Pictures Classics/ Alta Films. 2011. 1 DVD. **Negrito nosso.**

Acreditamos que a nostalgia seja um dos motivos centrais da manutenção do interesse pelo grupo ainda hoje. Segundo Henriques e Suarez,

(O termo) foi cunhado no final do século XVII pelo médico suíço Johannes Hofer. Vem do grego *nostos* (voltar para casa) e *algia* (condição dolorosa). A nostalgia foi entendida pela primeira vez como uma saudade que soldados sentiam por ficarem muito tempo longe de casa. [...] Com a chegada da modernidade, [...] seu status de doença médica se desvaneceu ao ser conceituada como uma sensação metafórica de perda e saudade. [...] O termo nostalgia entrou firmemente no discurso popular na década de 1950.<sup>236</sup>

Já, o dicionário Cambridge, define nostalgia como uma sensação de prazer associado a uma leve tristeza ao pensar sobre coisas que aconteceram no passado.<sup>237</sup> Esse sentimento caracteriza uma dicotomia, traz em si uma contradição, ao possuir características reacionárias, melancólicas e, em alguns casos, ao mesmo tempo, subversivas, críticas e utópicas.<sup>238</sup> Diferentes ciências analisam o fenômeno e trazem diferentes conclusões sobre o assunto.

No campo da Psicologia Social, Routledge (2016) criou um programa de pesquisa para investigar empiricamente os aspectos positivos e negativos da nostalgia e identificou que esta aumenta estados psicológicos positivos, como humor, sentimentos de conexão social, autoestima, autocontinuidade e percepções de significado na vida, além de atuar como mecanismo regulador de estados psicológicos negativos, como a angústia e a solidão. Tais resultados, conforme observa o autor, confrontam a visão predominante no campo da Psicologia de que a nostalgia é um fenômeno predominantemente negativo e alienante.<sup>239</sup>

Sensações positivas (saudades) ou não (incertezas ou inseguranças) ligadas a fatos do passado, ou mesmo o contato com determinados artefatos e memórias, podem ser gatilhos para o surgimento dessa percepção. As lembranças de nossa infância, das brincadeiras, de pessoas, de sabores e cheiros têm reflexos nas emoções que sentimos no agora. Essas sensações e sentimentos podem ser canalizados na produção artística. Os próprios Beatles trataram desse tema em uma de suas canções mais populares, *Yesterday* (1965).

<sup>236</sup> HENRIQUES, Flávio Medeiros; SUAREZ, Maribel Carvalho. *Nostalgia como prática? Relendo a pesquisa sobre nostalgia no campo do Marketing*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120200109>. Acesso em: 09 mai. 2023.

<sup>237</sup> CAMBRIDGE DICTIONARY. *Nostalgia*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/nostalgia> Acesso em 21 abr. 2023. (Tradução nossa).

<sup>238</sup> PICKERING, Michael; KEIGHTLEY, Emily. *The modalities of nostalgia*. Disponível em: [file:///C:/Users/jbfr/Downloads/The\\_Modalities\\_of\\_Nostalgia.pdf](file:///C:/Users/jbfr/Downloads/The_Modalities_of_Nostalgia.pdf). Acesso em 02 mai. 2023, p. 919. (Tradução nossa).

<sup>239</sup> HENRIQUES, Flávio Medeiros; SUAREZ, Maribel Carvalho. *Nostalgia como prática? Relendo a pesquisa sobre nostalgia no campo do Marketing*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120200109>. Acesso em: 09 mai. 2023.

Ontem	Yesterday
Todos os meus problemas pareciam tão distantes	All my troubles seemed so far away
Agora parece que eles vieram pra ficar	Now it looks as though they're here to stay
Oh, eu acredito	Oh, I believe
No passado	In yesterday
De repente	Suddenly
Não sou metade do homem que costumava ser	I'm not half the man I used to be
	There's a shadow hanging over me
Existe uma sombra pairando sobre mim	Oh, yesterday
	Came suddenly
Oh ontem	Why she
Veio de repente	Had to go I don't know
	She wouldn't say
Por que ela	I said
Teve que ir eu não sei	Something wrong now I long
Ela não me disse	For yesterday
Eu disse	
Algo de errado e agora eu sinto falta	Yesterday
Do ontem	Love was such an easy game to play
Ontem	Now I need a place to hideaway
O amor era um jogo tão fácil de se jogar	
Agora eu preciso de um lugar pra me esconder	Oh, I believe in yesterday
Oh eu acredito no passado	

A nostalgia está presente nas mais variadas expressões artísticas. A pintora paquistanesa Zahra, é um exemplo da expressão da nostalgia nas artes plásticas. Ela retrata imagens de sua infância em pinturas que possuem o tamanho de pequenas fotografias reais. (Figura 25). Quando explica seu processo de resignificação nostálgica da memória, ela argumenta: “Adoro pintar minha jornada de transformação de, num primeiro momento, ser incomodada por aqueles espaços superlotados, às vezes sufocantes e claustrofóbicos que me assustavam, para, em seguida, ser nostálgica e romântica sobre eles em minhas releituras”.<sup>240</sup>

<sup>240</sup> THE TRIBUNE EXPRESS. *Artists paint nostalgia of memories and heart* Disponível em: <<https://tribune.com.pk/story/1527977/artists-paint-nostalgia-memories-heart>>. Acesso em: 04 mai. 2023. (Tradução nossa).

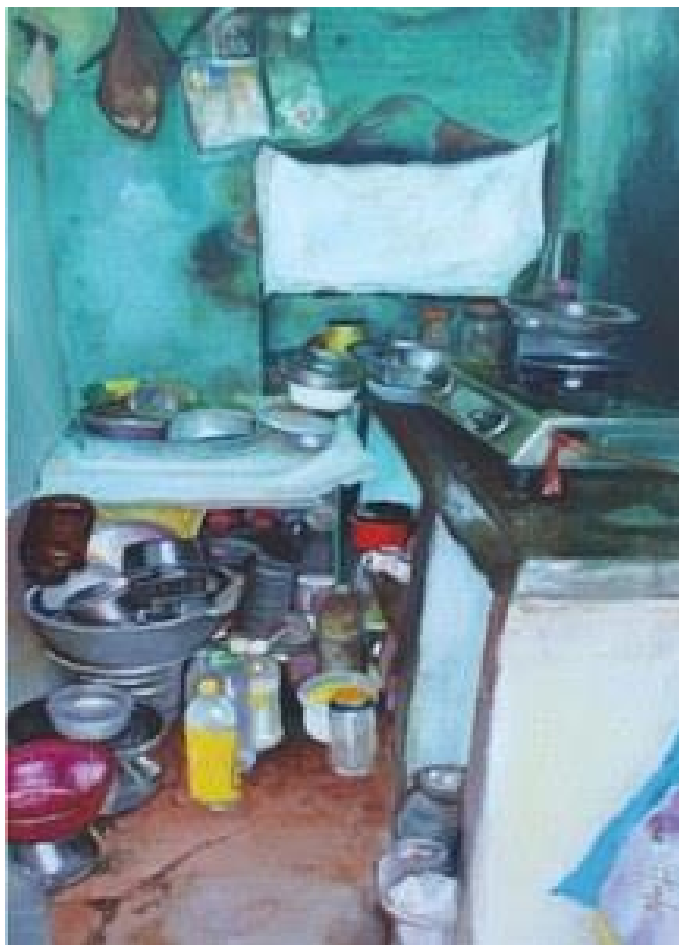


Figura 25 *Bawarchi Khana* — Renuka Singha, Zahra Assim (2021). Disponível em: <<https://www.dawn.com/news/1620194>>. Acesso em: 04 mai. 2023.

O perigo está na possibilidade de se utilizar dessa sensação para construir um tempo idealizado, com características e fatos seletivamente escolhidos.<sup>241</sup> Os momentos negativos são geralmente apagados ou simplesmente deixados de lado. Se isso ocorrer pode-se criar um passado alternativo desvinculado da realidade proposta pelas pesquisas e relatos históricos. “A nostalgia explora essa questão saudosa de explicitar o ‘retorno’ de outros tempos, sendo que, na maior parte dos casos, promove uma romantização das memórias. [...] Mesmo quem não viveu o passado retratado consegue se relacionar com o período e ser seduzido pelo poder desse universo idealizado”.<sup>242</sup>

Tomando-a em sua forma mais simples, como um conceito especificamente moderno, a nostalgia é usada para identificar tanto um sentimento de perda

<sup>241</sup> PICKERING, Michael; KEIGHTLEY, Emily. *The modalities of nostalgia*. Disponível em: <[file:///C:/Users/jbfr/Downloads/The\\_Modalities\\_of\\_Nostalgia.pdf](file:///C:/Users/jbfr/Downloads/The_Modalities_of_Nostalgia.pdf)>. Acesso em 02 mai. 2023, p. 925. (Tradução nossa).

<sup>242</sup> CIRNE, Max. *Nostalgia do passado se explica por características do presente, escreve pesquisador sobre onda de séries e filmes que remetem aos anos 1980*. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2022/01/nostalgia-do-passado-se-explica-por-caracteristicas-do-presente-escreve-pesquisador-sobre-onda-de-series-e-filmes-que-remetem-aos-anos-1980-ckyeerjgo000v015p4liv29kh.html>>. Acesso em: 01 mai. 2023.

pessoal e saudade de um passado idealizado quanto uma versão pública distorcida de um determinado período histórico ou fato específico do passado. Em muitos dos trabalhos mais recentes, a nostalgia tem sido intimamente ligada à noção de memória coletiva, social ou cultural, como uma forma de tentar explicar como as memórias são geradas, alteradas, compartilhadas e legitimadas em ambientes socioculturais particulares, mas em ambos os sentidos, está conectada às características da modernidade [...] como [...] (o) desenraizamento social implacável e erosão de estabilidades consagradas pelo tempo. Tanto o fenômeno em si quanto os comentários sobre ele se intensificaram proporcionalmente à aceleração da mudança social e cultural durante a modernidade e a modernidade tardia.<sup>243</sup>

Por estar conectada a questões íntimas e subjetivas é mais correto nos atermos à possibilidade da utilização do termo *nostalgias*.<sup>244</sup>

Em sua forma mais básica, a nostalgia é um anseio sentimental por um passado irrecuperável - um que é muitas vezes idealizado ou mesmo imaginado - sendo desencadeado por alguma forma de **insatisfação com o presente**. Enquanto a nostalgia é vivida no nível individual devido à essencial subjetividade da experiência pessoal, muitas vezes assume um caráter comunitário. Em situações em que inúmeras pessoas experimentam a nostalgia simultaneamente, tanto em geral quanto direcionada ao mesmo objeto, o termo “nostalgia cultural” torna-se mais apropriado.<sup>245</sup>

A “nostalgia cultural” pode ser experimentada por várias pessoas ao mesmo tempo, tendo como alvo um mesmo elemento. Essa percepção atinge grupos de indivíduos de diferentes localidades que se conhecem ou não, e que estão ou não próximos. No entanto, por terem acesso às mesmas informações, têm sentimentos similares em relação a um mesmo objeto, fato, momento histórico ou a um mesmo fenômeno cultural. Observa-se que a “nostalgia cultural” se revela mais poderosa em momentos de guerra, revolução e mudança de regime, depressão, desastre natural e migração involuntária em massa.<sup>246</sup>

Para Fred Davis, um dos primeiros estudiosos a examinar detalhadamente a nostalgia cultural, ela possui duas “qualidades especiais”: (1) apresenta o passado sob uma luz quase exclusivamente favorável, enfatizando sentimentos de felicidade, alegria e conforto; e (2) considera esse passado favorável como sendo superior ao momento presente em que a nostalgia é

<sup>243</sup> PICKERING, Michael; KEIGHTLEY, Emily. *The modalities of nostalgia*. Disponível em: <file:///C:/Users/jbfr/Downloads/The\_Modalities\_of\_Nostalgia.pdf>. Acesso em 02 mai. 2023, p. 922. (Tradução nossa).

<sup>244</sup> COOPER, Matthew. *Backward glances: The cultural and industrial uses of nostalgia in 2010s Hollywood cinema*. (2021). College of Communication Master of Arts Theses. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1035&context=cmnt>. Acesso em: 21 abr. 2023. (Tradução nossa).

<sup>245</sup> COOPER, Matthew. *Backward glances: The cultural and industrial uses of nostalgia in 2010s Hollywood cinema*. (2021). College of Communication Master of Arts Theses. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1035&context=cmnt>. Acesso em: 21 abr. 2023. (Tradução nossa) **Negrito nosso**.

<sup>246</sup> COOPER, Matthew. *Backward glances: The cultural and industrial uses of nostalgia in 2010s Hollywood cinema*. (2021). College of Communication Master of Arts Theses. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1035&context=cmnt>. Acesso em: 21 abr. 2023. (Tradução nossa).

vivida. Fredric Jameson sugeriu semelhantemente que a nostalgia prioriza os aspectos positivos do passado enquanto exclui ou desenfatura o negativo, ou menos do que o ideal. Em suma, a nostalgia se volta para o conforto do passado conhecido e lembrado seletivamente, e é a segurança ontológica percebida do passado que dá à nostalgia seu apelo central, particularmente quando comparada à insegurança ontológica percebida do presente e do futuro.<sup>247</sup>

Assim, a *nostalgia culture*, como é denominada, “[...] nas palavras de Davis, citado por Cooper ‘prospera na transição, nas descontinuidades subjetivas que geram nosso anseio por continuidade.’”<sup>248</sup> Mas, existem alguns que veem a nostalgia cultural e seus resultados como uma miragem, uma quimera.

### 2.1.1 *Golden age thinking*

O já citado personagem da película de Woody Allen, o nostálgico escritor Gil Pender, volta para os anos vinte do século passado. Suas viagens iniciam com uma carona em um calhambeque que funciona como uma “máquina do tempo”. Enquanto, a fotografia do filme, ao remeter o ano 2010, utiliza cores naturais, o passado é representado sépia, em alguns momentos com um tom dourado e embaçado reconfortante. É nesse passado, que Pender tem contato com uma ampla gama de artistas e celebridades do período como, Salvador Dalí, Pablo Picasso, o casal Fitzgerald, Gertrude Stein, Djuna Barnes e Man Ray; é aqui, também, que conhece seu par romântico, uma moça chamada Adriana. Seguindo a trama, com ela ao seu lado, eles voltam ainda mais no tempo, utilizando, agora, de um novo meio de transporte: uma carruagem. Seu destino é o final do século XIX, pois para Adriana, esse era o período de ouro dos seus sonhos nostálgicos. Durante essa segunda viagem temporal, o casal conhece Toulouse-Lautrec, Paul Gauguin e Degas, que vivem na *Belle Époque* e a celebram no *Maxim's*. No decorrer de uma conversa, Gauguin e Degas afirmam que o período de ouro não seria esse que eles viviam, mas sim a Renascença italiana, de Leonardo e Michelangelo. (Figura 26).

<sup>247</sup> COOPER, Matthew. *Backward glances: The cultural and industrial uses of nostalgia in 2010s Hollywood cinema*. (2021). College of Communication Master of Arts Theses. Disponível em: <<https://via.library.depaul.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1035&context=cmnt>>. Acesso em: 21 abr. 2023. (Tradução nossa).

<sup>248</sup> COOPER, Matthew. *Backward glances: The cultural and industrial uses of nostalgia in 2010s Hollywood cinema*. (2021). College of Communication Master of Arts Theses. Disponível em: <<https://via.library.depaul.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1035&context=cmnt>>. Acesso em: 21 abr. 2023. (Tradução nossa).

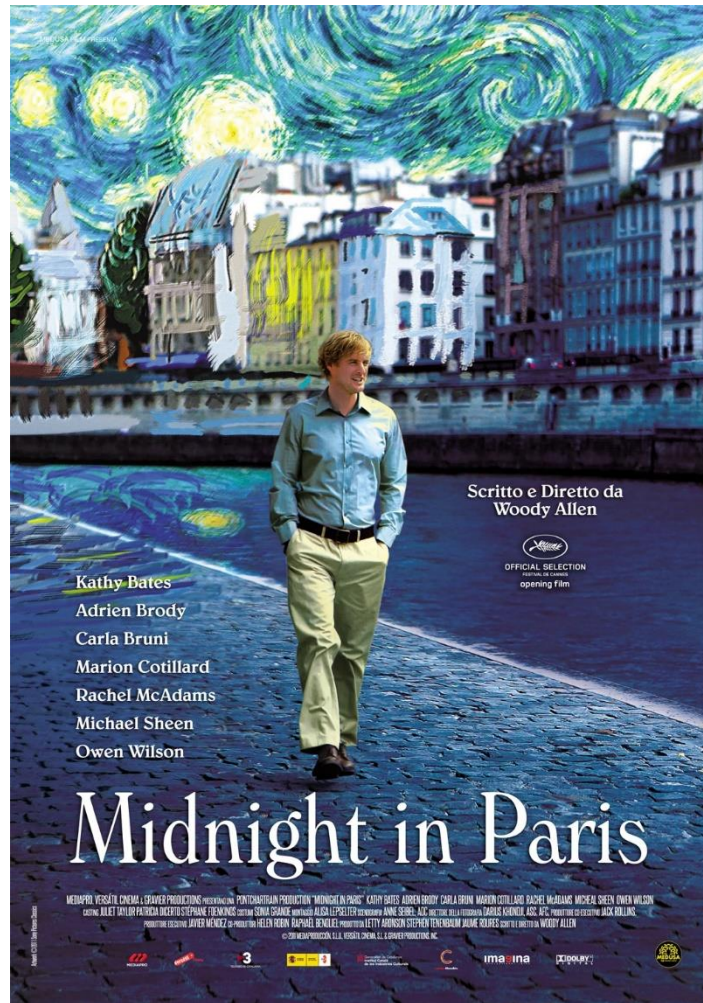


Figura 26 Pôster do filme “Meia-Noite em Paris” de 2010. Perceba a junção das imagens do personagem e da sua realidade temporal/espacial com as pinceladas de Van Gogh que dominam o céu e algumas construções da cidade. É como se as duas realidades se misturassem se completando, mas, ao mesmo tempo, digladiando. O passado influenciando o presente. Disponível em: <<https://metagalaxia.com.br/filmes/meia-noite-em-paris-resenha/>>. Acesso em: 06 mai. 2023.

Na história, vários dos personagens estão insatisfeitos com o presente em que vivem, e veem o passado como um momento mais valioso, único e querem de alguma forma se aproximar dele. Virginia Woolf já havia retratado uma situação semelhante em seu livro *Orlando*. Na obra, o idiossincrático poeta Nicholas Greene, em conversa com o personagem Orlando, volta ainda mais no tempo do que no filme de Allen e afirma que a grande era da literatura havia ficado para trás: “[...] a elisabetana era inferior à grega em todos os aspectos”.<sup>249</sup> A Glória (com “g” maiúsculo) só poderia ser alcançada na Acrópole ateniense que seria, então, a era de ouro das artes. O metal precioso passou a indicar aqui algo que transcende o valor econômico.

<sup>249</sup> WOOLF, Virginia. *Orlando: uma biografia*. São Paulo: Martin Claret, 2019, p. 102.



Mas há um personagem no filme que critica essa noção. O antagonista de Pender, Paul, afirma que a nostalgia é uma negação: “Negação de um presente sofrido. E o nome para essa falácia é *Golden age thinking*. A noção errada de que um diferente período no tempo é melhor do que aquele em que se está vivendo. É uma falha na compreensão das pessoas que acham difícil lidar com o tempo presente”.<sup>250</sup> É compreensível este tipo de análise. E não a consideramos errônea. Como comentamos anteriormente, a nostalgia engloba sentimentos dicotômicos, de saudade e tristeza, por exemplo. É justamente essa relação dialógica e dialética que torna essa sensação tão poderosa. O problema está em nossa realidade, onde o capitalismo é a base das relações econômicas, que se apropria de práticas autênticas e as mercantiliza. Essas visões econômicas influenciam, inclusive, na forma como o passado é interpretado:

A história dos Beatles é regularmente construída e adaptada de acordo com a melhor forma de apoiar a narrativa que melhor se adapte à ideia de regeneração de Liverpool [...] versões brilhantes do passado são valorizadas deixando de lado a autenticidade. Como Johnson e Dawson, do Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS) Grupo de Memória Popular, sugerem, a memória histórica muitas vezes se conforma a “elogiados estereótipos do mito”.<sup>251</sup>

Empacota-se a nostalgia para presente e a transforma em um produto de consumo em sua indústria do entretenimento.

### 2.1.2 A indústria da nostalgia

A indústria da nostalgia trata das representações e produtos que podem ser de alguma forma consumidos para satisfazer as necessidades associadas a esse sentimento. Os estudos sobre esse assunto, no campo do marketing, iniciaram-se na última década do século XX, explorando as preferências do consumidor, os tipos de respostas à publicidade nostálgica e a relação entre nostalgia e construção de identidade.<sup>252</sup> “O número de nostálgicos cresceu e, com ele, a construção de museus, restauração de monumentos e (valorização de) tradições, assim como a origem de uma arte romântica que idealizava e sentia saudades do passado, ganhou força”.<sup>253</sup>

<sup>250</sup> MEIA NOITE EM PARIS. Direção: Woody Allen. Produção de: Gravier Productions; Mediapro; Televisió de Catalunya (TV3). Estados Unidos/Espanha: Sony Pictures Classics/ Alta Films. 2011. 1 DVD.

<sup>251</sup> KINSELLA, Clare; PETERS, Eleanor. ‘There are places I remember’: (Re)constructions of the Beatles as a Liverpool heritage object. In: *The Journal of Beatles Studies*. Autumn (2022), p. 41. (Tradução nossa).

<sup>252</sup> HENRIQUES, Flávio Medeiros; SUAREZ, Maribel Carvalho. *Nostalgia como prática?* Relendo a pesquisa sobre nostalgia no campo do Marketing. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120200109>. Acesso em: 09 mai. 2023.

<sup>253</sup> NAÇÃO DIGITAL. *Já ouviu falar do marketing de nostalgia? Saiba mais!* <<https://nacao.digital/blog/marketing-de-nostalgia/>>. Acesso em 06 mai. 2023.

Nos filmes, nos carros, na música, na moda, nos eventos e destinos turísticos, no *design* dos eletrodomésticos e nas *hashtags* *#throwbackthursday* que se multiplicam nas redes sociais, entre muitos outros produtos e serviços, o passado faz-se presente como importante dispositivo de mercado.[...] Até mesmo uma cor de tinta foi batizada como “verde-nostalgia” por uma importante marca brasileira de tintas. Exemplos como estes ilustram não somente a força da nostalgia como um fenômeno contemporâneo de Marketing, mas também que ela parece estar tomando novas formas e expressões no cenário do consumo.<sup>254</sup>

Essa “cultura” compartilhada que reverencia o passado tornou-se a base dessa indústria. Percebendo esta tendência, o marketing passou a desenvolver técnicas que a encaram como “um fenômeno relevante [...] sendo muito mais do que um modismo”.<sup>255</sup>

De acordo com McCracken (1988), a ideia de que o mundo contemporâneo é percebido como essencialmente inautêntico faz com que o consumidor desloque seus ideais e expectativas para dimensões idealizadas de tempo e espaço, buscando acessá-las materialmente por meio dos objetos. Em comum, tais conceitos ajudam a fundamentar a noção de que a nostalgia se manifesta na confrontação entre real e imaginário, sendo os objetos portadores de significados idealizados, o que parece ter criado terreno fértil para o nascimento de uma concepção cognitivista.<sup>256</sup>

Muitas pessoas idealizam os anos sessenta. Para eles foi um momento de esperança, questionamento, mudanças sociais e enfrentamentos políticos, além de luta pelos direitos civis renegados por tanto tempo. Associou-se essa década à liberdade da juventude ocidental ligada a novas possibilidades de um futuro mais positivo e aberto. Uma época em que os jovens passaram a ter mais independência econômica. “Havia de fato a oferta de um futuro muito melhor nos brilhantes anos sessenta [...] pavimentado e reforçado por revoluções justificadas”.<sup>257</sup> Os Beatles, dentre outros artistas, se tornaram ícones, representantes da criatividade e inventividade dessa geração que ansiava por transformações. Suas canções se associaram aos ideais pregados e por muitos e muitas vividos.

O consumo de itens relacionados aos “jovens de Liverpool” acontece de várias maneiras. Uma delas ocorre de forma espontânea, quando indivíduos “descobrem” o grupo, suas canções, seus filmes e usufruem de artefatos a eles relacionados; através da “passagem

<sup>254</sup> HENRIQUES, Flávio Medeiros; SUAREZ, Maribel Carvalho. Nostalgia como prática? Relendo a pesquisa sobre nostalgia no campo do Marketing. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120200109>. Acesso em: 09 mai. 2023.

<sup>255</sup> NAÇÃO DIGITAL. *Já ouviu falar do marketing de nostalgia? Saiba mais!* <https://nacao.digital/blog/marketing-de-nostalgia/>>. Acesso em 06 mai. 2023.

<sup>256</sup> HENRIQUES, Flávio Medeiros; SUAREZ, Maribel Carvalho. *Nostalgia como prática?* Relendo a pesquisa sobre nostalgia no campo do Marketing. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120200109>. Acesso em: 09 mai. 2023.

<sup>257</sup> ASSMANN, Aleida. *Transformations of the Modern Time Regime*. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/36b1/ac544a01bae663f57d9d16087fd7a6e9f74c.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2018, p. 39. (Tradução nossa).

transgeracional do bastão”, muito comum no caso dos Beatles – em que as gerações mais velhas mostram para as mais novas as músicas, provocando o surgimento de outros de fãs.<sup>258</sup> Outra maneira é através do marketing, com lançamentos de produtos. Essa ocorre com frequência na mídia, seja na forma de documentários, canções inéditas, jogos de videogame, quebra-cabeças, dentre outros – percebe-se no mercado um pouco de tudo, para todas as idades. É importante que itens relacionados ao conjunto estejam acessíveis, pois sua inexistência auxiliaria no enfraquecimento da memória. Também, vale salientar, que essa inserção de produtos para comercialização não se dá de forma indiscriminada, há o cuidado de associar o nome do grupo a práticas positivas e causas nobres, passando até mesmo pelo crivo da empresa, criada pelos próprios Beatles, quando ainda estavam na ativa, que administra todo o legado, a *Apple corps*.<sup>259</sup>

Mas deixemos claro que todas essas ações de marketing, para alimentar a nostalgia dos fãs perante ao fenômeno Beatles, produzem sínteses efêmeras. Isso é balizado por Walter Benjamin, citado por Cooper “A verdadeira imagem do passado passa voando. O passado só pode ser apreendido como uma imagem que surge no instante em que pode ser reconhecido e nunca mais é visto”.<sup>260</sup> Ou ainda, uma espécie de “invenção de Morel”, onde através de *loops* a realidade encontra seu paralelo e a verdade passa a estar em segundo plano. A nostalgia nada mais é do que a tentativa de nos agarrar a esse passado, a essa representação à qual estamos associados de maneira emotiva. No entanto, sabemos que o cachimbo não é verdadeiro, e como as imagens criadas por Bioy Casares são efêmeras e desaparecerão.

Surge, assim, a ideia de que o passado pode ser fruído de maneira concreta e autêntica. Uma das principais ferramentas para essa experiência está nos lugares associados ao grupo, e, um dos locais onde a indústria da nostalgia mais se utiliza de itens relacionados aos Beatles, associando-os à ideia de concretude, autenticidade e legitimidade, é a cidade de Liverpool.

---

<sup>258</sup> HAZRA, Indrajit. *Memories as brands: Why the nostalgia industry works so well*. Disponível em: <https://timesofindia.indiatimes.com/blogs/Undertheinfluence/memories-as-brands-why-the-nostalgia-industry-works-so-well/>. Acesso em: 21 abr. 2023. (Tradução nossa).

<sup>259</sup> A **Apple Corps Limited** foi fundada pelos Beatles em Londres em 1968. Além dos Beatles ela em suas origens foi responsável pelo lançamento de vários artistas, como o cantor James Taylor. Nos dias de hoje ela é responsável por todos os novos produtos relacionados aos Beatles. THE BEATLES. *The story of Apple Records*. Disponível em: < <https://www.thebeatles.com/story-apple-records> >. Acesso em 08 jan. 2024. (Tradução nossa).

<sup>260</sup> COOPER, Matthew. *Backward glances: The cultural and industrial uses of nostalgia in 2010s Hollywood cinema*. (2021). College of Communication Master of Arts Theses. Disponível em: < <https://via.library.depaul.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1035&context=cmnt> >. Acesso em: 21 abr. 2023. (Tradução nossa).

## 2.2 YOU CAN TAKE A BOY OUT OF LIVERPOOL, BUT YOU CAN NEVER TAKE LIVERPOOL OUT OF THE BOY: CONHECER LIVERPOOL PARA CONHECER OS BEATLES<sup>261</sup>

Por que citar Liverpool em uma pesquisa sobre os Beatles? A resposta é: Como não citar? O diretor do filme “*Yesterday*” (2019), Danny Boyle, que tem a banda como tema central, diz: “Fazer uma película sobre os Beatles e não ir a Liverpool é pedir para ser assassinado!”.<sup>262</sup> Parafrazeando: fazer uma pesquisa sobre os Beatles e não analisar a história e a importância de sua terra natal impossibilita um exame adequado do fenômeno musical que eles se tornaram e o reconhecimento que ainda se reflete na contemporaneidade. Assim, para entendermos com clareza a perenidade do legado do grupo e seus anos iniciais, temos que compreender o papel que Liverpool teve em sua formação e agora, manutenção. Acreditamos que um dos grandes motivadores da atual admiração e de sua permanência está diretamente relacionado à urbe e ao que ela representa.

A cidade de Liverpool tem sua importância na manutenção da mitologia beatle, ao mesmo tempo que fortalece o turismo e gera dividendos para a própria cidade. Ela possibilita para muitos fãs ou curiosos uma experiência baseada, principalmente, na autenticidade dos lugares que fizeram parte da história da banda. Liverpool tornou-se, para muitos fãs e peregrinos, sinônimo do grupo, um local de visita onde se amplifica as sensações trazidas pelas canções e, os faz aproximar daquele momento do passado. Devido à popularização e acesso globalizado, a obra dos Beatles e sua urbe natal, se tornaram elementos dialógicos, parte da memória afetiva daqueles que buscam por uma materialização da satisfação das necessidades que surgem com a nostalgia cultural associada à banda.

Desde o início da carreira dos Beatles houve, por parte da mídia inglesa, o costume de associá-los à sua urbe de origem. Em muitas apresentações eles foram descritos como “os quatro rapazes de Liverpool”. Essa expressão se tornou popular também no Brasil. Na primeira apresentação do grupo na TV dos Estados Unidos, com a audiência recorde de 73 milhões de telespectadores, o apresentador Ed Sullivan disse:

Ontem e hoje nosso teatro está lotado de jornalistas e centenas de fotógrafos de todo o país, e esses veteranos concordaram comigo que esta cidade nunca testemunhou a empolgação provocada por esses **jovens de Liverpool** que se chamam The Beatles. Agora, esta noite, você vai se divertir duas vezes com

<sup>261</sup> DAYTRIPPIN’ BEATLES MAGAZINE. “Você pode tirar o garoto de Liverpool, mas nunca vai tirar Liverpool do garoto”. Disponível em: <<https://daytrippin.com/beatles-travel/beatles->liverpool/#:~:text=The%20Beatles%20Liverpool%2C%20England,Liverpool%20out%20of%20the%20boy.%E2%80%9D>>. Acesso em 30 out. 2021. (Tradução nossa).

<sup>262</sup> HUGHES, Lorna. *Liverpool Echo*. Disponível em: <<https://www.liverpoolecho.co.uk/whats-on/film-news/if-you-make-film-beatles-16463828>>. Acesso em: 30 out. 2021. (Tradução nossa).

eles. Agora, e novamente na segunda metade do nosso show. Senhoras e senhores, os Beatles! Vamos trazê-los!<sup>263</sup>

Eles não são apresentados genericamente como um grupo inglês, ou mesmo da Inglaterra, ou Reino Unido, como seria de se esperar. São “jovens de Liverpool”. O discurso da imprensa, utilizado em solo inglês, foi copiado pelo resto do mundo. Isso acabou sendo reforçado pelos próprios Beatles, que não tinham vergonha de suas origens interioranas/nortistas e sempre que possível citavam sua cidade em entrevistas ou canções.

Um dos motivos para Liverpool chamar a atenção dos noticiários da Inglaterra, foi devido à novidade do aparecimento de um grupo musical de sucesso naquela região, pois era incomum ter bandas populares vindas do Norte. Liverpool era reconhecidamente lugar de origem de comediantes, jogadores e times de futebol. Londres era, em meados do século XX, o berço da maioria dos artistas ingleses, um centro de cultura reconhecido mundialmente. Liverpool, por outro lado, era descrita por jornais londrinos como “suja e cheia de lugares devastados pelas bombas, [...] cidade desleixada, (com) bondes imundos, prédios dilapidados e ruas sombrias, [...] as pessoas [...] selvagens mal-educadas, [...] suas mulheres [...] desalinhas, malvestidas e descuidadas”.<sup>264</sup> Para os que viviam na capital, o norte do país, de maneira geral, era visto como atrasado. Até a forma de falar era considerada inferior. No século XIX.

o Liverpool Mercury deu um veredicto condenatório sobre Liverpool: “na maldade e na miséria é incomparável a qualquer cidade do império”. Na visão tendenciosa de um vereador de Birmingham, “Liverpool era uma espécie de esgoto para todos os vagabundos da terra”. Para o The Times, Liverpool era particularmente abominável: “os detritos da humanidade se congregam em suas docas e entulham seus pátios sujos e becos sufocantes”. Embora o jornal tenha admitido que o crime violento não era exclusivo de Liverpool, o que destacou a cidade foi que tal violência parecia ser “aprovada pela população brutalizada” e não foi enfaticamente condenada pelos habitantes respeitáveis.<sup>265</sup>

Uma pesquisa realizada na Inglaterra, em 2013, revelou que os ingleses consideram o *scouse* (sotaque liverpudliano) como sendo utilizado por pessoas mais hostis, indignas de

<sup>263</sup> THE ED SULLIVAN SHOW. Disponível em: < <https://www.edsullivan.com/artists/the-beatles/> >. Acesso em 7 mar. 2023. **Negrilo nosso**. (Tradução nossa).

<sup>264</sup> LEWISOHN, Mark. *All these years*: Volume 1: Tune in. London: Little, Brown Book Group, 2013, p. 48. (Tradução nossa).

<sup>265</sup> MACILWEE, Michael. *The Liverpool Underworld: crime in the city, 1750-1900*. Liverpool: Liverpool University Press, 2011, pp. 13-14. “Por que o Liverpool ganhou essa notoriedade pelo crime e pela violência? Um artigo perspicaz em um jornal local foi direto ao ponto. “Liverpool selvagem” era a manchete em 1886, uma época em que o extremo norte da cidade estava sendo aterrorizado por gangues de bandidos armados de facas, conhecidos como *high rip*: “O mais alto nível civilizacional e o mais baixo são encontrados em Liverpool, existindo lado a lado; e em nenhuma outra cidade do mundo pode ser encontrado um contraste mais surpreendente das duas raças da humanidade - os civilizados e os incivilizados –[...]”. MACILWEE, Michael, *idem*, 2011, p.14. (Tradução nossa).

confiança e com menos inteligência do Reino Unido.<sup>266</sup> Sobre o assunto, John Lennon afirmou, em entrevista realizada em 1970: “Nós éramos tratados como animais pelos sulistas, os londrinos”.<sup>267</sup> “Jornais produzidos em Londres frequentemente retratavam os nortistas como menos civilizados do que os sulistas”.<sup>268</sup> Para muitos ingleses, a “ideia de norte” carrega consigo aspectos negativos: “Dizer ‘vamos para o norte’ traz imediatamente pensamentos de um lugar mais duro, de escassez, [...] clima adverso, lugares remotos”.<sup>269</sup> A distância física entre as duas cidades não é tão grande, mas a cultural baseada em preconceitos, sim. (Figura 27). O grupo, tão visualmente alinhado, educado e com uma postura de palco organizada e atraente, tornou-se para alguns críticos um elemento destoante vindo de um lugar visto como tão decadente.

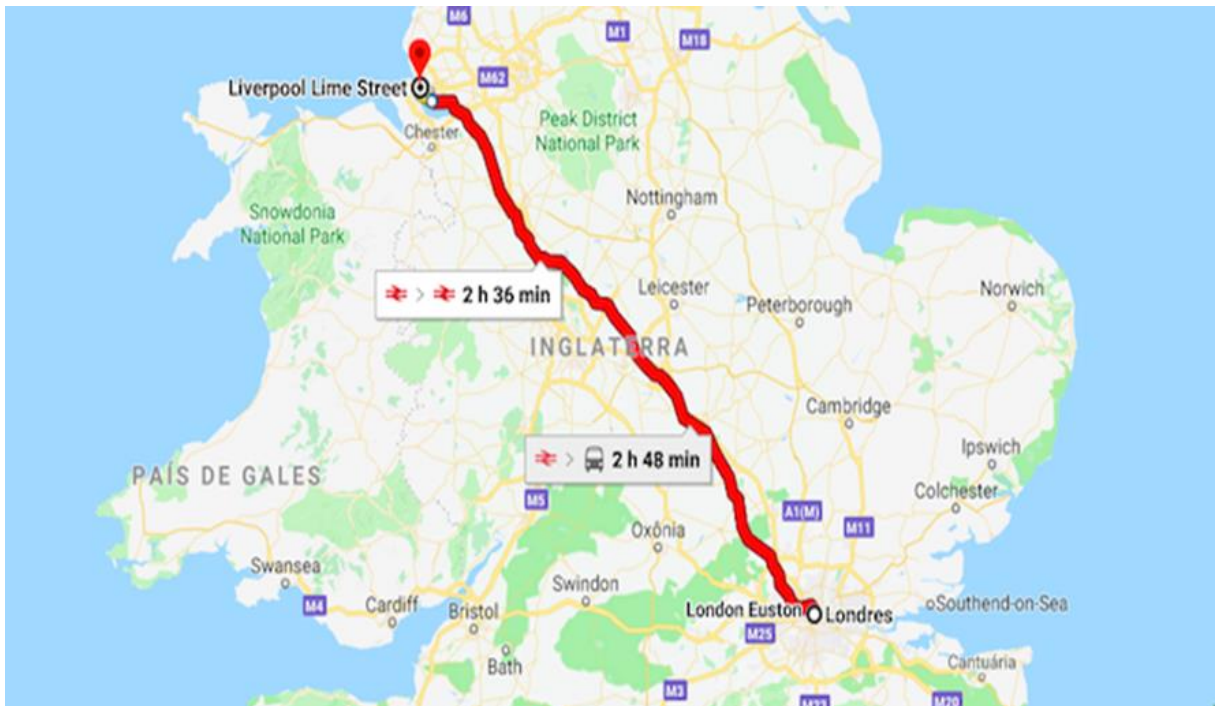


Figura 27 Mapa que possibilita a visualização da distância entre Londres e Liverpool, que é de 356,1 Km. Disponível em:

<<https://www.google.com/maps/dir/Liverpool,+Reino+Unido/Londres,+Reino+Unido/@52.4389272,-4.1976567,7z/data=!3m1!4b1!4m1!4m1!3m1!5m1!1s0x487adf8a647060b7:0x42dc046f3f176e01!2m2!1d-2.9915726!2d53.4083714!1m5!1m1!1s0x47d8a00baf21de75:0x52963a5add52a99!2m2!1d-0.1275862!2d51.5072178!3e0?entry=tту>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

<sup>266</sup> WOOLLASTON, Victoria. *Scousers have the 'least intelligent and least trustworthy' accent* - while Devonians have the friendliest. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-2433201/Scousers-intelligent-trustworthy-accent--Devonians-friendliest.html>. Acesso em: 12 mar. 2023. (Tradução nossa).

<sup>267</sup> THE BEATLES. *Anthology*. San Francisco: Chronicle Books, 2000, p. 8. (Tradução nossa).

<sup>268</sup> MACILWEE, Michael, *op. cit.*, 2011, p.16. (Tradução nossa).

<sup>269</sup> DAVIDSON, Peter. *The idea of north*. London: Reaktion Books, 2017, p. 11. (Tradução nossa).

A associação banda-cidade, que poderia num primeiro momento ser vista como desagradável, mostrou-se prolífica e lucrativa. Para os Beatles, ter se originado em um lugar como Liverpool possibilitou o acesso a diferentes aspectos que os tornaram únicos e sua produção artística diferenciada. Ao mesmo tempo, eles proporcionaram para a cidade uma conexão a um ícone cultural reconhecido mundialmente e que, atualmente, é um grande gerador de renda apoiado, principalmente, no turismo cultural (*heritage industry*) e na peregrinação laica, fenômeno este que será analisado *a posteriori*. Para podermos compreender melhor a importância de Liverpool na formação dos Beatles é relevante conhecermos alguns pontos de sua história até o nascimento de John, Paul, George e Ringo.

### 2.2.1 Liverpool: uma longa história e diferentes identidades hegemônicas

Em 1190 a pequena vila de pescadores era conhecida como “Liuerpul”, cujo significado é “água lamacenta” ou “córrego”.<sup>270</sup> O nome variou na escrita: “Leuerepul”, “Lyuerpole”, “Lytherpole”, “Litherpoole”, “Liderpole”, “Liferpole”, “Lithepool” até chegar à designação hoje utilizada. Ela surgiu às margens do rio *Mersey*, no lado mais estreito de seu estuário.

Muitas cidades foram (e ainda são) construídas perto de rios. A proximidade com a água facilita a vida dos indivíduos, já que é produto indispensável para o desenvolvimento urbano e para a própria sobrevivência dos habitantes. O curso d’água passa a fazer parte da vida dessas cidades, tornando-se muitas vezes importante aspecto formador de sua identidade. Rios que cortam urbes tornam-se geralmente pontos de referência para moradores e turistas. Mas, além de questões básicas de sobrevivência, a água possibilita o avanço do comércio.

Surgem as cidades-porto. Bastava um pequeno curso d’água e um atracadouro de madeira para surgir um povoado. Com ele, a construção do pequeno porto para iniciar as trocas de produtos com outras regiões.<sup>271</sup> Além da independência econômica, a possibilidade de viver em uma povoação medieval (vilarejos, cidades em desenvolvimento), representava a chance de obter segurança e certo grau de liberdade. Uma melhor realidade para àqueles que se achavam

---

<sup>270</sup> “O termo ‘Pool’, utilizado no nome da cidade, era uma entrada natural da maré nas margens do mersey”. (LIVERPOOL, *ibidem*, 2012, p. 10). “Ninguém pode dizer de forma definitiva como o nome ‘Liverpool’ se originou, mas as teorias sugerem que ele poderia ter raízes anglo-saxônicas na palavra ‘livered’, traduzida como ‘grossa ou lamacenta’ e ‘piscina lamacenta’. Também poderia significar simplesmente ‘lugar na piscina’, por causa da ampla entrada de maré que formava seu refúgio natural. Outra teoria é que algas marinhas, conhecidas como ‘laver’, foram encontradas na área e que o nome Liverpool significa ‘pool of laver’”. PYE, Ken. *Liverpool: the rise, fall and renaissance of a world-class city*. Gloucestershire: Amberley Publishing, 2016, p. 25. (Tradução nossa).

<sup>271</sup> LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação editora da Unesp, 1998, p. 44.

em situações periclitantes, vivendo isoladas em lugares ermos ou dependentes de senhores e barões.<sup>272</sup> A cidade medieval é “um lugar de produção e de trocas, onde se articulam o artesanato e o comércio, sustentados por uma economia monetária. É também o centro de um sistema de valores particular, do qual emerge a prática laboriosa e criativa do trabalho, o gosto pelo negócio e pelo dinheiro [...]”.<sup>273</sup>

Liverpool se localiza no noroeste da Inglaterra, a 355 quilômetros da capital, Londres. O povoado ganhou seu nome definitivo e o título de *Borough Charter* (um município livre) no dia 28 de agosto, ano de 1207, batizado pelo rei João Sem-Terra (1167-1216).<sup>274</sup> No início do século XVII, a Rainha Elizabeth I (1533-1603) auxiliou na construção da área das docas para o descarregamento de navios. Durante os dois séculos seguintes, a região foi se firmando como um centro comercial marítimo internacional fortalecido, inclusive, pelo tráfico negreiro (que se tornou frequente) e possibilitou a construção das *Três Graças* na área portuária, prédios que se tornaram marcos identitários da urbe. (Figura 28). “No início da Primeira Guerra Mundial, as ‘Três Graças’, já eram um dos pontos importantes na orla de Liverpool”.<sup>275</sup> “[...] edifícios são [...] personagens da *história*, interagem uns com os outros dentro do jogo de proporções, elementos e cores e tornam-se eles próprios [...] elementos narrativos do texto cidadão imaginado”.<sup>276</sup>

<sup>272</sup> CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 44.

<sup>273</sup> LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Vol. 1. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, p. 223.

<sup>274</sup> O *Borough Charter* era um documento que garantia direitos e privilégios a uma comunidade, comumente uma pequena cidade. No final da Idade Média, o monarca garantia as corporações das cidades o direito a certas liberalidades burocráticas autodeterminantes, como, por exemplo, o direito de realizar as cortes jurídicas. Este processo não era simples e genérico. Envolveria a especificação de leis e direitos particulares em cada caso individualmente analisado. Poderia haver distinção de jurisdição em diferentes áreas da cidade (uma parte era responsabilidade da Igreja e outra de autoridades laicas). As situações cobertas pelo *borough charter* tratavam mais das questões urbanas do que rurais (administração da justiça, construção de muralhas e o controle de entrada e saída de indivíduos na cidade). As muralhas tinham função protetiva militar, mas também serviam como definidoras de limites da cidade. Essas construções auxiliavam ainda no controle do comércio e na exclusão de criminosos, fugitivos e outros personagens de caráter dúbio [...] O *borough charter* era um objeto cerimonial, lido em público e preservado pelas corporações da cidade como um artefato de valor. [...] a necessidade pela precisão e especificação no detalhamento dos direitos e privilégios presentes nestes documentos fazia com que às vezes os mesmos fossem grandes em tamanho e em letras. MEDIEVAL WRITING. Disponível em: <http://medievalwriting.50megs.com/word/borough1.htm>. Acesso em 20 ago. 2018. (Tradução nossa).

<sup>274</sup> A urbanização foi uma característica presente com frequência na Baixa Idade Média europeia. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude, *ibidem*, 2006, p. 221.

<sup>275</sup> RUSSEL, Pamela. *Liverpool during the First World War*. Disponível em: <https://www.thehistorypress.co.uk/articles/liverpool-during-the-first-world-war/>. Acesso em: 15 jan. 2019. (Tradução nossa).

<sup>276</sup> BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. A natureza da cidade e a natureza humana. In: *As cidades da Cidade*. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2006.





Figura 28 “As Três Graças”. No site *Visit Liverpool* temos a seguinte descrição dos prédios: “Esses edifícios majestosos foram concebidos e construídos como símbolos visíveis do prestígio internacional de Liverpool, orgulhosos emblemas de suas proezas comerciais”. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/ell-r-brown/10730608696>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

O aumento da população (que foi acontecendo gradualmente) intensificou a desigualdade social. A pobreza se tornou preocupante para as autoridades locais.<sup>277</sup> Miséria, violência, formação de gangues e prostituição faziam parte da rotina da cidade. Essa situação foi retratada em canções anônimas que se tornaram populares. “*Maggie Mae*” foi uma música gravada pelos Beatles no álbum “*Let it Be*”, lançado em 1970.

Suas raízes datam do início do século XIX, e já houve diversas versões com várias estrofes adicionais. Uma canção tradicional que trata da vida de uma famosa prostituta, Maggie Mae que trabalhava em uma das principais ruas da cidade, a Lime Street. Acusada de roubar um marinheiro, é enviada para a Austrália. [...] Em suas versões mais longas traz referências a locais verdadeiros de Liverpool (Lime Street, Canning Place, Park Lane).<sup>278</sup> (QRcode 1)

Oh Maggie, Maggie May, eles a levaram  
embora  
E ela nunca mais andar  pela rua Lime  
  
Bem, aquele juiz a considerou culpada  
por roubar um marinheiro  
sua suja, roubar n o   certo, Maggie May.  
Agora, fui pago na Pool,  
no porto de Liverpool

*Oh Maggie, Maggie May, they have taken her  
away  
And she'll never walk down Lime street  
anymore  
Well, that judge he guilty found her  
for robbin' a homeward-bounder  
You dirty, robbin' no good Maggie May  
Now, I was paid off at the Pool  
in the port of Liverpool*

<sup>277</sup> MISSELWITZ, Phil. Liverpool City Profile. In: *Manchester/Liverpool: Studies Part 1*. Colophon: Berlin, 2004, p. 114. (Tradu o nossa).

<sup>278</sup> TURNER, Steve. *The Beatles: Todas as músicas. Todas as letras. Todas as histórias*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016, p. 283

Bem, três libras e dez por semana, esse era o meu pagamento	<i>Well, three pound ten a week, that was my pay</i>
Com um bolso cheio de grana, fui logo levado pra dentro	<i>With a pocket full of tin/ I was very soon taken in</i>
Por uma garota com o nome de Maggie May	<i>By a gal with the name of Maggie May</i>
Agora, a primeira vez que vi Maggie, ela me deixou sem fôlego	<i>Now, the first time I saw Maggie she took my breath away</i>
Ela estava passeando para cima e para baixo em Canning Place	<i>She was cruising up and down in Canning Place</i>
Ela era uma figura divina, sua voz era tão refinada	<i>She had a figure so divine her voice was so refined</i>
Bem, sendo um marinheiro eu logo fui atrás	<i>Well, being a sailor I gave chase</i>
Agora, de manhã eu acordei, eu estava liso, meu dinheiro sumiu	<i>Now, in the morning I awoke I was flat and stony broke</i>
Nenhuma jaqueta, calça, colete eu encontrei	<i>No jacket, trousers, waistcoat did I find</i>
Ah, e quando eu perguntei a ela, onde estão minhas coisas?	<i>Oh, and when I asked her, where?</i>
Ela disse: “Meu querido senhor, Eles estão na casa de penhores da Kelly, número nove”	<i>She said, “My very dear sir They're down in Kelly's pawnshop number nine”</i>
Para a casa de penhores eu fui nenhuma roupa lá eu encontrei a polícia tirou a garota de perto de mim	<i>To the pawnshop I did go no clothes there did I find And the police, they took that gal away from me</i>
e o juiz a considerou culpada por roubar um marinheiro ela não vai mais passear na rua Lime. Oh Maggie, Maggie May, eles a levaram embora	<i>And the judge he guilty found her of robbin' a homeward-bounder She'll never walk down Lime Street anymore Oh Maggie, Maggie May, they have taken her away</i>
E ela nunca mais andar­á pela rua Lime	<i>And she'll never walk down Lime street anymore</i>
Bem, aquele juiz a considerou culpada por roubar um marinheiro sua suja, roubar não é certo, Maggie May.	<i>Well, that judge he guilty found her for robbin' a homeward-bounder You dirty, robbin' no good Maggie May.</i>



QR code 1 – Canção *Maggie Mae*. Composta por Wally Whyton. Interpretada por The NowHere Boys. Trilha Sonora do filme *Nowhere Boy* (2005).

As condições de habitação eram muito precárias. “Famílias inteiras, cujos recursos em geral se limitavam às roupas do corpo, aglomeravam-se em bairros-dormitórios impróprios para ocupação humana”.<sup>279</sup>

Pelo menos um milhão e meio de homens, mulheres e crianças irlandesas navegaram para Liverpool entre 1845 e 1854. Muitos continuaram a viagem

<sup>279</sup> “Numa tentativa precipitada de remediar a situação, urbanistas assentaram pessoas em áreas de casas enfileiradas, geminadas de ambos os lados e dando fundos com fundos, de forma que as únicas janelas e a ventilação ficavam na frente. [...] Os irlandeses eram acusados de criar um sem-número de problemas sociais, sendo os mais graves o incêndio premeditado, a violência de gangues e um surto de cólera que devastou todo o centro da cidade”. SPITZ, Bob, *op. cit.*, 2007, p. 18.

para os Estados Unidos, Canadá, México e Austrália, mas um grande número permaneceu e a maioria ficou próxima ao porto na Saltney street. Essa rua ficava perto das docas do imenso porto marítimo de alcance global, com transatlânticos que subiam e desciam o rio Mersey. O rio continua lá hoje, embora os horrores das casas infestadas pela cólera tenham sido varridos.<sup>280</sup>

As duas Grandes Guerras Mundiais reforçaram inimizades históricas, proporcionaram avanços tecnológicos e médicos, fortaleceram uma divisão ideológica mundial. Eric Hobsbawm analisou o período e o descreveu como uma “era de catástrofe”.<sup>281</sup> Suas consequências ainda são sentidas até hoje e os anos que se seguiram trouxeram grandes mudanças sociais, políticas e econômicas, mesmo para os países que não participaram diretamente dos conflitos. Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o porto de Liverpool prosperou e o comércio se fortaleceu. Neste período, mais de 100.000 soldados deixaram a urbe rumo ao combate. Nos *music halls* da cidade ouvia-se o chamado aos jovens para o confronto:

<i>Nós assistimos você jogando críquete e todo tipo de jogo.</i>	<i>We've watched you playing cricket and every kind of game</i>
<i>No futebol, golfe e polo vocês homens fizeram o seu nome.</i>	<i>At football, golf and polo you men have made your name</i>
<i>Mas agora seu país os chama para fazer sua parte na guerra.</i>	<i>But now your country calls you to play your part in war</i>
<i>E não importa o que aconteça a você,</i>	<i>And no matter what befalls you,</i>
<i>Nós te amaremos ainda mais.</i>	<i>We shall love you all the more</i>
<i>Então venha e junte-se às forças,</i>	<i>So come and join the forces</i>
<i>Como seu pai fez antes de você.</i>	<i>As your father did before.</i>
<i>Oh, não queremos perder você, mas achamos que você deveria ir.</i>	<i>Oh, we don't want to lose you but we think you ought to go</i>
<i>Seu rei e seu país precisam de você.</i>	<i>For your King and your country both need you so</i>
<i>Nós te queremos bem e vamos sentir sua falta,</i>	<i>We shall want you and miss you</i>
<i>Mas com todo o nosso poder e principal,</i>	<i>But with all our might and main</i>
<i>Vamos te alegrar, te agradecer, Deus te abençoe.</i>	<i>We shall cheer you, thank you, bless you</i>
<i>Quando você chega em casa novamente.</i>	<i>When you come home again.</i>
<i>Nós queremos vocês de todos os quadrantes, então, nos ajude, Sul e Norte</i>	<i>We want you from all quarters so, help us, South and North</i>
<i>Nós queremos vocês aos milhares, De Falmouth ao Forth,</i>	<i>We want you in your thousands, From Falmouth to the Forth</i>
<i>Quando você estiver em perigo, nunca vamos deixar vocês na mão,</i>	<i>You'll never find us fail you When you are in distress</i>
<i>Então, responda quando te saudarmos e deixe sua palavra ser "sim"</i>	<i>So, answer when we hail you, and let your word be "Yes"</i>
<i>E assim o seu nome, nos próximos anos, o filho de cada mãe abençoará.</i>	<i>And so your name, in years to come each mother's son shall bless.</i>

<sup>280</sup> LEWISOHN, Mark. *All these years: Volume 1: Tune in*. London: Little, Brown Book Group, 2013, p. 15. (Tradução nossa).

<sup>281</sup> HOBSBAWM, Eric J, *idem*, 1995.

<p><i>Mas lembre-se que há um dever para com os homens que primeiro saíram.</i>  <i>As chances contra aquele punhado eram quase quatro para um,</i>  <i>E não podemos descansar até que seja homem para homem e arma para arma!</i>  <i>E obrigação de toda mulher ver esse dever cumprido!</i>  <i>“A canção de recrutamento das mulheres”, por Paul Rubens, 1914, Chappell Music.<sup>282</sup></i></p>	<p><i>But remember there's a duty to the men who first went out</i>  <i>The odds against that handful were nearly four to one</i>  <i>And we cannot rest until it's man for man, and gun for gun!</i>  <i>And every woman's (body's) duty is to see that duty done!</i>  <i>“Woman’s recruiting song”, Paul Rubens, 1914, Chappell Music</i></p>
---	--

Os integrantes dos Beatles John Winston Lennon (1940), Richard Starkey (1940), James Paul McCartney (1942) e George Harrison (1943) nasceram durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Na época dos seus nascimentos e primeira infância, Liverpool foi duramente atingida por bombas alemãs. (Figura 29). A cidade era um dos alvos preferenciais de Hitler, pois ele sabia da sua importância para a Inglaterra e para os aliados. Assim, dizia um relato do período: “[...] O ditador nazista ordenou especificamente ao comandante da Força Aérea Alemã, Reichmarshall Hermann Goering (1893-1946), que destruísse a cidade com os bombardeios ao ponto de levá-la ao esquecimento”.<sup>283</sup> Liverpool não era apenas o centro de comando da Batalha do Atlântico, mas um centro de comunicações e fornecimento de suprimentos para o resto da Grã-Bretanha. Durante o conflito, ela tornou-se um centro de distribuição de suprimentos e soldados. Aproximadamente 76.000 navios chegaram aos seus portos carregados de comida e combustível, que eram distribuídos para o resto do país.<sup>284</sup> Tropas estrangeiras, que auxiliaram no “Dia D” passaram, por ali. Mesmo com toda a morte e destruição, as docas não devastadas permaneciam abertas.<sup>285</sup>

<sup>282</sup>RAWLINSON, Mark (ed.). *First World War Plays*. London: Bloomsbury, 2014, p. 227. (Tradução nossa).

<sup>283</sup> PYE, Ken, *idem*, 2016, p. 158. (Tradução nossa).

<sup>284</sup> LIVERPOOL, *idem*, 2012, p. 25. (Tradução nossa).

<sup>285</sup> BBC, *ibidem*, Acesso em 17 mar. 2018. (Tradução nossa).



Figura 29 Danos causados por ataques aéreos da força aérea nazista em Liverpool. Pessoas caminham e observam os danos causados pelas bombas. Disponível em: <<https://www.liverpoolecho.co.uk/news/nostalgia/gallery/pictures-merseyside-during-world-war-8670226>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

Entre 1941 e 1942, a cidade sofreu 68 ataques aéreos promovidos pela *Luftwaffe*.<sup>286</sup> Os alemães lançaram suas bombas, tirando a vida de aproximadamente 3.966 cidadãos e deixando 3.812 feridos. Cerca de 10.000 casas foram destruídas e 184.000 sofreram avarias (aproximadamente 50% das construções). Os principais ataques sofridos pela cidade ocorreram em maio de 1941, durante a chamada *Blitzkrieg* (*Lightning War*).

Para as crianças nascidas nesse período, como os Beatles, os locais para brincadeiras infantis eram os quarteirões devastados e prédios demolidos. Richard Starkey em uma entrevista para o documentário *Anthology*, relatou: “Nosso bairro foi realmente bombardeado. Tivemos que nos esconder muito. [...] eu me lembro de grandes espaços vazios nas ruas onde antes ficavam as casas. Quando eu era mais velho, costumávamos brincar nos escombros, nos

<sup>286</sup> Há em Liverpool um importante monumento que marca a destruição sofrida pelos bombardeios na cidade. A igreja St. Luke foi quase totalmente destruída. Hoje o espaço é utilizado para apresentações teatrais, música, cinema, etc. e todos os anos é realizado um evento em que projetam luzes simulando os ataques sofridos durante a 2ª Guerra. (Obrigado ao professor Lauro Meller).

abrigos antiaéreos”.<sup>287</sup> A filósofa Hannah Arendt escreveu: Os olhos que viram aqueles tempos se habituaram às sombras.<sup>288</sup>

Mesmo após o fim do conflito, o racionamento de certos alimentos (como bacon e carne) continuou até julho de 1954. Famílias foram separadas durante a guerra e muitos entes se foram. A vida dos cidadãos foi duramente marcada por esse episódio. Suas agruras e feitos são hoje lembrados por meio de canções, poesias, além de monumentos e memoriais espalhados pela cidade.

Após a guerra, as pessoas estavam esgotadas, tanto pela prolongada incerteza, quanto por viver constantemente com o perigo e outras privações. Levava tempo para se livrar dessa profunda exaustão e voltar à vida normal. Em todo caso, as circunstâncias da Grã-Bretanha mudaram imensamente. Após a euforia imediata pelo fim da guerra, houve uma longa luta não só para reconstruir o tecido do país como para refazer a estrutura da sociedade. [...] Regulamentações e restrições não deixaram de existir quando a guerra acabou. Elas continuavam na forma de licenças, formulários e controles. Ainda havia filas e racionamento.<sup>289</sup>

Muitos dos jovens que permaneceram na urbe (que não saíram atrás de melhores oportunidades) se envolveram com o *showbusiness* local, e dentre eles estavam o *Quarrymen*, a banda precursora dos Beatles, dando seus primeiros passos.

### 2.2.2 As identidades urbanas hegemônicas de Liverpool

A identidade é “uma construção social, [...] acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o Outro”.<sup>290</sup> É uma “fonte de significado e experiência de um povo. [...] um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”.<sup>291</sup> A urbe frequentemente se reinventa apoiada nos discursos, numa rotina infinita de novos nós, novas redes de sentidos. As identidades urbanas são dinâmicas, não dogmáticas em suas estruturas e os testemunhos escritos ou orais das variadas gerações têm muita importância na sua constituição.

A localidade urbana (nas pessoas que nela habitam ou não) negocia quais reminiscências deverão prevalecer para a formação, caracterizando o que melhor lhe convém em um determinado momento histórico. Memória e identidade se nutrem, criam o discurso,

<sup>287</sup> THE BEATLES, *idem*, 2000, p. 33. (Tradução nossa).

<sup>288</sup> ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 9.

<sup>289</sup> MORGAN, Janet. *Agatha Christie: Uma biografia*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2018, p. 328-329.

<sup>290</sup> CANDAU, Joel. *Ibidem*, 2016, p. 9.

<sup>291</sup> CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2018, p. 54.

produzem uma trajetória, até mesmo um mito (se for necessário) que irá fortalecer os laços entre os habitantes e que será imposto ou perecerá perante outras urbes, povos, nações e possíveis identidades. A imagem/identidade, limita, molda e enfatiza o que é visto. Mas, sempre que forem necessários, determinados aspectos memoriais serão colocados em foco, e, conseqüentemente, diferentes aspectos identitários também surgirão sob os holofotes e serão proeminentes naquela determinada clivagem temporal.

Identidades urbanas não são automaticamente aceitas. Elas estão ligadas a fatos relevantes que geralmente envolvem a história, características etnográficas, tradições culturais ou até a própria localização geográfica. Não são planejadas, elas podem ser influenciadas por governos, pelas mídias e, atualmente, pelas redes sociais. Na obra *A viagem do elefante*, que se passa no século XVI, José Saramago comenta sobre o processo que fez o sentimento de *saudade* se tornar parte integrante da identidade portuguesa:

Embora já esteja a ser notada aqui certas fermentações de emoções na trabalhosa constituição de uma identidade nacional coerente e coesa, a saudade e seus subprodutos ainda não foram integrados em Portugal como filosofia habitual de vida, o que tem dado origem a não poucas dificuldades de comunicação na sociedade em geral, e também a não poucas perplexidades na relação de cada um consigo mesmo.<sup>292</sup>

No caso específico de Liverpool, diferentes identidades surgiram em variados momentos de sua longa história, apoiadas em fatos que aconteceram em seus limites e fora deles. Destacamos algumas que, em algum momento, se tornaram hegemônicas. Uma delas está ligada ao comércio marítimo, que conecta às suas origens medievais; outro associa-se a um momento polêmico de sua história: sua conexão com o tráfico de escravizados. Os dois momentos, estão presentes na cidade em marcos físicos (memoriais, monumentos, etc.), nas memórias, nos textos históricos, documentos oficiais, nas anedotas, nas canções. “Memoriais e monumentos servem como locais para grupos sociais debaterem ativamente o significado da história e competirem pelo controle sobre o processo comemorativo como parte de lutas mais

---

<sup>292</sup> SARAMAGO, José. *A viagem do elefante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 93.

amplas sobre identidade”.<sup>293</sup> “Eles trazem a legitimação para determinados discursos ao mesmo tempo, em que contestam outros”.<sup>294</sup>

Veremos agora um pouco sobre essas identidades urbanas presentes ainda hoje em Liverpool e como elas dialogam com a nova identidade hegemônica da urbe, que se apoia nos Beatles e que se materializa em monumentos, lugares de memória e museus.

### 2.2.3 Liverpool como cidade-porto

Cidades portuárias possuem atributos que as tornam diferentes dentro de seu cenário nacional. Liverpool não foge à regra. Marselha, New Orleans, Hamburgo e muitas outras cidades portuárias possuem características comuns que as diferenciam das que estão presentes no interior do continente: uma sensação de independência em relação à nação a que pertence, com um denso cosmopolitismo e a presença de diferentes culturas. Em entrevista realizada em 1964, John Lennon afirmou: “Liverpool é o lugar aonde os irlandeses chegaram quando ficaram sem batatas, e é onde os negros foram deixados ou trabalharam como escravizados ou o que quer que seja. Nós éramos uma grande quantidade de irlandeses, descendentes e negros e chineses, todos os tipos”.<sup>295</sup> A considerável variedade de etnias que chegava e saía dos mais diversos navios, trouxe consigo diferentes formas de expressões culturais. Nesse “caldo”, além da Irlanda, Escócia e País de Gales, vinham indivíduos de lugares como África, China, Europa Ocidental e Oriental.<sup>296</sup> A presença dessas pessoas, com todas as suas diferentes práticas e representações, influenciou a produção cultural local, tornando-a mais ampla e socialmente congregada.<sup>297</sup> “No início do século XIX, 40% do comércio mundial passava pelas docas de Liverpool. É em parte a razão pela qual a cidade abriga a *Chinatown* mais antiga da Europa e por que os músicos estão entre os primeiros a serem expostos ao ritmo e ao *blues* do *Deep South*

<sup>293</sup>CLOUDFRONT. <[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/61564608/memorials\\_monuments\\_2nd\\_edition-libre.pdf?1576812333=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMemorials\\_and\\_Monuments.pdf&Expires=1679153171&Signature=Qe7mBkdBRUd~uVaQvhd65Rt6M3Gk~hwkiTN1Ejdd8q1XY5zAqYA9qY10yk72rdT8dvVUXZ9qPP4~9ZXjbyY YOT8loUSvoq~vRVLBU58XRpLr6bhn3j1V58FYCgtvnEGFZWHj~e8ieCLEOCRdgpLuLS243iltmw1b-cG2Yp0OrX00okwJspXK50Qave0oexHtRKnlMsoS17rZv~FFjyxuPst7S4K00xx2sfUfC6ulvvgQy6ys-cf3XuMsBJ-Dpy1Ga0FbSodBbphBJtOR6RCRttWXwwboa53-Yaa1jyXuLGTXFuVWDztAX2L1eeQSk69INgxGyizeScpaemMIcJlxA\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/61564608/memorials_monuments_2nd_edition-libre.pdf?1576812333=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMemorials_and_Monuments.pdf&Expires=1679153171&Signature=Qe7mBkdBRUd~uVaQvhd65Rt6M3Gk~hwkiTN1Ejdd8q1XY5zAqYA9qY10yk72rdT8dvVUXZ9qPP4~9ZXjbyY YOT8loUSvoq~vRVLBU58XRpLr6bhn3j1V58FYCgtvnEGFZWHj~e8ieCLEOCRdgpLuLS243iltmw1b-cG2Yp0OrX00okwJspXK50Qave0oexHtRKnlMsoS17rZv~FFjyxuPst7S4K00xx2sfUfC6ulvvgQy6ys-cf3XuMsBJ-Dpy1Ga0FbSodBbphBJtOR6RCRttWXwwboa53-Yaa1jyXuLGTXFuVWDztAX2L1eeQSk69INgxGyizeScpaemMIcJlxA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA)>. P. 39. (Tradução nossa).

<sup>294</sup>CLOUDFRONT. *Idem*. P. 39 (Tradução nossa).

<sup>295</sup> THE BEATLES, *idem*, 2000, p. 8. (Tradução nossa).

<sup>296</sup> COHEN, Sara. *Decline, Renewal and the City in Popular Music Culture: Beyond the Beatles* (Ashgate Popular and Folk Music Series). Hampshire, England: Ashgate, 2007, p. 15. (Tradução nossa).

<sup>297</sup> As tensões raciais existiam e promoviam a aproximação e a repulsão de certos grupos em determinadas ocasiões. (COHEN, Sara, *idem*, 2007). (Tradução nossa).



USA”.<sup>298</sup> Ao mesmo tempo, em que essas características, como o multiculturalismo, podem ser vistas como positivas, a forma como elas se apresentam (através do porto, da alta concentração de indivíduos, da grande quantidade de trabalho braçal e de mão-de-obra não qualificada, do alto índice de pobreza, violência e exclusão social) aumentam os índices de marginalidade nestas mesmas cidades.<sup>299</sup>

Estudiosos das urbes portuárias que possuem “culturas marítimas” afirmam que esses conglomerados urbanos têm dentre suas características a dinamicidade e a irregularidade em vez da fixidez ou estabilidade. “Liverpool é uma das grandes cidades mercantis do século XIX, ela tem seu lugar no Atlântico, assim como Hamburgo tem o seu no Mar do Norte e Xangai no Mar da China Oriental. Compartilha muito de seu caráter com esses lugares em termos de forma urbana, ambiente e atitude de seus habitantes”.<sup>300</sup> No site do projeto, que tornou Liverpool capital da cultura na Europa, em 2008, há um texto que reafirma as diferenças das cidades portuárias sobre as que se encontram no interior do continente (*inland*):<sup>301</sup>

Grandes cidades portuárias são conhecidas por serem diferentes, têm suas próprias particularidades identitárias, suas próprias noções de independência, liberdade, dissidência e cosmopolitismo. Possuem suas próprias percepções de: trabalho, justiça, política e cultura. Liverpool não é a Inglaterra, Nova Iorque não é a América, Nápoles não é a Itália, Marselha não é a França e Hamburgo não é a Alemanha. Cidades portuárias nem sempre se sentem amadas ou compreendidas por seus compatriotas, elas têm uma maior relação de proximidade umas com as outras do que com seus vizinhos. As cidades portuárias são desordenadas - elas celebram o lazer e o prazer. A noite é sua. Sua paixão por "irregularidade" gera criatividade. Sua rebeldia as coloca no limite. Mas essas cidades estão à beira da onda - a mudança pós-industrial as deixou isoladas e encalhadas? Em vez de olhar para o horizonte, elas agora voltaram seu olhar nostalgicamente para dentro para olhar para seus passados de glória? Ou será que sua criatividade / desordem pode ser aproveitada para produzir um renascimento permanente?<sup>302</sup>

Seguindo a tendência de crescimento do comércio no Atlântico, Liverpool tornou-se um dos grandes centros de distribuição portuária do mundo. Seu porto molhado funcionava

<sup>298</sup> JOHN MOORE UNIVERSITY. *History of Liverpool: A city steeped in history and tradition*. Disponível em: <<https://www.ljmu.ac.uk/discover/liverpool/history>>. Acesso em: 13 fev. 2018. (Tradução nossa).

<sup>299</sup> MAH, Alice. *Port cities and global legacy: urban identity, waterfront work and radicalism*. Basinstoke: Palgrave Mcmillan, 2014, p. 31. (Tradução nossa).

<sup>300</sup> COHEN, Sara; KRONENBURG, Robert. *Liverpool's musical landscapes*. Swindon: Historic England, 2018, p. 2. (Tradução nossa).

<sup>301</sup> “A Capital Europeia da Cultura é uma cidade designada pela União Europeia por um período de um ano, durante o qual é dada a oportunidade de mostrar a sua vida cultural e desenvolvimento cultural. Várias cidades europeias usaram o ano da Cidade da Cultura para transformar completamente a sua base cultural e, ao fazê-lo, a forma como são vistas internacionalmente” [...] Concebida como um meio de aproximar os cidadãos da União Europeia [...] a Capital Europeia da Cultura foi um projeto lançado em 13 de junho de 1985 pelo Conselho de Ministros por iniciativa da Ministra da Cultura da Grécia, Melina Mercouri”. UNeECC. *European Capital of Culture*. Disponível em: <<http://uneecc.org/european-capitals-of-culture/history/>>. Acesso em: 26 mai. 2019. (Tradução nossa).

<sup>302</sup> MAH, Alice, *ibidem*, 2014, p. 32. (Tradução nossa).

vinte e quatro horas por dia, 365 dias por ano. De estrutura precária, era lamacento, difícil para a prática da ancoragem, mas que com o passar do tempo, ajudou a pequena vila a se tornar uma das mais importantes cidades do noroeste da Inglaterra. A expansão do porto modificou o traçado da área central da cidade, trazendo grande desenvolvimento.<sup>303</sup> Também, reforçou a identidade de cidade portuária, marcada por um comércio forte e altamente lucrativo que continuaria por muitos anos. Ela, além disso, se envolveu com a indústria baleeira, chegando a produzir navios para esse fim.<sup>304</sup>

Quando explodiu a revolução industrial inglesa, o mesmo aconteceu com o mercado de têxteis. E Liverpool, à espera de oportunidade semelhante, encontrava-se na posição ideal, em termos financeiros e geográficos, para controlar a indústria. O algodão era desembarcado em Liverpool em tamanha quantidade que havia engarrafamento de barcos no Narrows, [...] aguardando a vez de descarregar. [...] Bancos, alfândegas, uma bolsa mercantil, escritórios de seguros e cartórios se entremeavam no tecido confuso de novos armazéns [...].<sup>305</sup>

Entretanto, a riqueza gerada pelo comércio não será para todos e grande parte da população vai viver seu dia-a-dia cercada de violência, pobreza e exploração.

Hoje, esse passado ligado ao comércio marítimo é celebrado com monumentos, memoriais e o próprio porto, que funciona, mas não freneticamente como no passado. Um dos principais motivos de sua decadência foi o fenômeno que ficou conhecido como *containerization*, que levou à diminuição da necessidade da força de trabalho nas docas.<sup>306</sup> Após um longo período de abandono, um intenso programa de regeneração foi realizado, tornando a área um dos locais mais importantes para o turismo, inclusive com a inauguração da *Tate Liverpool*, renomada galeria de arte moderna.

#### 2.2.4 Liverpool e o tráfico de escravizados

<sup>303</sup> Recentes descobertas arqueológicas encontraram grandes quantidades de casas e armazéns construídas próximas a estas primeiras docas. Presume-se que trabalhadores das docas passaram a viver nesta localidade. Este bairro se chamava “Nova Escócia”. THE HISTORY OF THE CITY OF LIVERPOOL, *ibidem*, 2018. (Tradução nossa).

<sup>304</sup> O trecho a seguir foi retirado de um texto que faz parte da exposição permanente do *International Museum of Slavery* visitado em outubro de 2018: “Liverpool era um porto construído no comércio. Embora a cidade tivesse sua própria frota de pesca, e às vezes fosse usada por navios de guerra e baleeiros, era o fluxo de mercadorias para dentro e para fora das docas que fazia de Liverpool um dos maiores portos do mundo”. (Tradução nossa).

<sup>305</sup> SPITZ, Bob. *The Beatles: a biografia*. São Paulo: Editora Lafonte, 2007, p. 17.

<sup>306</sup> O fenômeno conhecido como *containerisation* trata da utilização de contêineres para o transporte e armazenamento de produtos. Os produtos não precisam mais ser carregados individualmente e o tempo gasto com o carregamento/descarregamento passa a ser reduzido. “*Containerisation* economizava tempo e dinheiro, mas reduzia o número de empregos, levando milhares de trabalhadores das docas de Liverpool a perderem seus trabalhos”. LIVERPOOL, *idem*, 2012, p. 31. (Tradução nossa). COHEN, Sara, *idem*, 2007, pp. 42-43. (Tradução nossa).

Algumas urbes são icônicas, fazendo parte do imaginário mundial. Por vezes elas ficam associadas a particularidades, representações ou fatos históricos que ali ocorreram. Tal situação as leva a receberem “apelidos” que lembram essas características. O Rio de Janeiro é a “cidade maravilhosa”, Nova York é a “*big apple*” e Paris a “cidade luz”. A partir de meados do século XVIII, até o início do século XIX, Liverpool chegou a ser apelidada e conhecida como a “metrópole da escravidão”.<sup>307</sup> Pesquisas sobre o assunto têm sido feitas, e elementos relevantes foram revisitados, mostrando a importância do comércio de escravizados africanos para o seu fortalecimento econômico.

A cidade iniciou sua participação no tráfico negreiro na metade da década de 1690, mas tornou-se regularmente envolvida nessa ação após 1713. No início, o volume desse tipo de prática era inferior ao de outras cidades inglesas, como Bristol e Londres. A partir de 1699 muitos mercadores de Liverpool passaram a se envolver com o comércio transatlântico de escravizados (as transações eram perigosas, porém muito lucrativas). *Em 1780 a cidade já era considerada a capital europeia da prática.*<sup>308</sup> Como consequência, “grande parte da renda da cidade derivou do tráfico, pois Liverpool foi o principal porto europeu neste tipo de comércio até a sua abolição em 1807”.<sup>309</sup>

Pesquisadores da História da Escravidão na Inglaterra afirmam que, o crescimento e a consequente supremacia da cidade no comércio na rota do Atlântico, foram motivados pelo aumento na tonelagem dos portos, pelo crescimento da população (mais mão de obra e cada vez mais especializada), pela melhoria das docas e pelas relações familiares apoiadas por métodos eficientes de proteção ao crédito.<sup>310</sup> Nesse período, a população da cidade já havia chegado a 60.000 habitantes.

---

<sup>307</sup> MORGAN, Kenneth, *op. cit.*, 2010, p. 15. “A partir de 1699 muitos mercadores de Liverpool se envolveram no tráfico transatlântico de escravos e, em 1780, a cidade era considerada a capital europeia deste tipo de comércio”. LIVERPOOL, *ibidem*, 2012, p. 14. (Tradução nossa).

<sup>308</sup> LIVERPOOL, *ibidem*, 2012, p. 14. Por volta de 1740, Liverpool já era reconhecida como referência no tráfico negreiro mundial. RICHARDSON, David; SCHWARZ, Suzanne; TIBBLES, Anthony (Ed.). Introduction. In: *Liverpool and transatlantic slavery*. RICHARDSON, David; SCHWARZ, Suzanne; TIBBLES, Anthony (Ed.). Liverpool: Liverpool University Press, 2010, p. 4. (Tradução nossa).

<sup>309</sup> COHEN, Sara; KRONENBURG, Robert, *ibidem*, 2018, p.7. (Tradução nossa).

<sup>310</sup> LOVEJOY, Paul E.; RICHARDSON, David. African agency and the Liverpool slave trade. In: *Liverpool and transatlantic slavery*. RICHARDSON, David; SCHWARZ, Suzanne; TIBBLES, Anthony (Ed.). Liverpool: Liverpool University Press, 2010, p. 52-53. “Na África, o crédito era comumente chamado de ‘trust’ (confiança). [...] A confiança, ou crédito não garantido, parece ter sido a base na qual os comerciantes de Liverpool conduziram suas operações de escravidão quando confiaram na intermediação por parte de europeus residentes ou seus descendentes na costa [...] O crédito possibilitou em grande parte a aquisição de escravos das áreas do interior”. LOVEJOY, Paul E.; RICHARDSON, David, *op. cit.*, pp. 52-53. (Tradução nossa).

Em 1746, um mercador de nome Alexander Harvie escreveu que “o povo de Liverpool enriqueceu à custa do comércio de escravos com a África”.<sup>311</sup> Os escravocratas John e Thomas Hodgson em 1783 afirmaram que “o comércio com a África fez maravilhas para a cidade [...] e ainda vai fazer mais”<sup>312</sup>.

Não havia interesse em acabar com um negócio tão lucrativo. Isso se confirma quando, em 1788, a *Liverpool Corporation* formalmente declarou sua oposição à abolição.<sup>313</sup> Uma canção entoada nas tavernas da cidade nesse período demonstra a percepção da população sobre o tráfico negreiro:

*Se o nosso Tráfico de Escravos se for, nossa vida se acaba;  
Nossas crianças e esposas se tornarão mendigos;  
Nenhum navio do nosso porto espalharia suas orgulhosas velas,  
Grama cresceria em nossas ruas, alimentando nossas vacas.<sup>314</sup>  
Anônimo.*

Diferentemente da maioria das grandes cidades inglesas, Liverpool não se organizou contra o tráfico de escravos. Pelo contrário. A urbe se posicionou contra a abolição, enviando petições, em abril e maio de 1789, pedindo a manutenção da escravidão.<sup>315</sup> Essas ações comprovam que havia uma consciência da importância desse tipo de comércio, para a estabilidade econômica da cidade. Contudo, nas demais regiões da Inglaterra, os movimentos contra a escravidão já se consolidavam e criavam um cenário de oposição; Liverpool frente ao restante do país, que se reforçaria com o passar dos anos. George F. Cooke (1756-1812) ator abolicionista, quando visitou Liverpool e foi vaiado, devido ao seu desempenho profissional, se dirigiu à plateia com as seguintes palavras: “Eu não vim aqui para ser insultado por um grupo de desgraçados! Todos os tijolos usados na construção desta cidade infernal foram assentados com o sangue africano!”<sup>316</sup>

<sup>311</sup> MORGAN, Kenneth, *idem*, 2010, p. 15. Em seu livro *Memorials of Liverpool* de 1875, o escritor James Picton assevera que “como um tráfico de carne e sangue humanos, baseado na perversão dos instintos da humanidade, poluiu nosso país por sua presença odiosa”. CROWLEY, Tony, op. cit., 2012, p. 3.

<sup>312</sup> PYE, Ken, *Idem*, 2016, p. 76. (Tradução nossa).

<sup>313</sup> INTERNATIONAL SLAVERY MUSEUM, Royal Albert Dock, Liverpool, L3 4AQ. Visitado em out. 2018. “Antes da abolição do comércio britânico de escravos em 1807, o papel de Liverpool nessa prática ajudou a criar uma população afro-americana que contribuiria para todos os aspectos da vida nos EUA. Mais tarde, produtos como o algodão, o açúcar e o tabaco que eram cultivados por africanos escravizados se tornaram tão valiosos que durante a Guerra Civil Americana (1861-65). Liverpool apoiou o sul escravocrata”. INTERNATIONAL SLAVERY MUSEUM, *idem*, 2018. (Tradução nossa).

<sup>314</sup> No ano de 1790, o comércio escravocrata atingiu o ápice: os investimentos nesta prática atingiram 1,4 milhões de libras! Seria difícil imaginar uma fonte de renda tão lucrativa quanto essa (PYE, Ken, *idem*, 2016, p. 76). (Tradução nossa).

<sup>315</sup> “As petições tinham uma clara dimensão de propaganda, mas ainda valem como indicador da natureza e da escala da contribuição do tráfico de escravos para a ascensão (e queda) do início do setor manufatureiro de Liverpool”. LONGMORE, Jane, *idem*, 2010, p. 243. (Tradução nossa).

<sup>316</sup> PYE, Ken, *idem*, 2016, p. 76. (Tradução nossa).

Não há dúvida de que a Inglaterra foi, no século XVIII, o mais “eficiente” Estado escravista da Europa e que Liverpool “[...] prosperou nas costas dos escravos”.<sup>317</sup> Em 1806, o Parlamento inglês aprovou o fim da escravidão e a urbe precisou se adaptar aos novos tempos. Mesmo com a ilegalidade da prática, muitos negociantes ignoraram a proibição e continuaram a comercializar escravizados no mercado clandestino.<sup>318</sup> A escravidão acabou, porém, reflexos de sua existência estão presentes no silêncio das grandes construções e na beleza arquitetônica dos prédios antigos. Muitas ruas da cidade receberam nomes de indivíduos relacionados com esse passado trágico<sup>319</sup>.

“O tema ‘tráfico de escravos’ parece ser um assunto ainda sensível para a maioria dos escritores locais”.<sup>320</sup> Esta afirmação foi feita por Gommer Willians em 1897. A dificuldade de lidar com esse assunto continua até a atualidade, não apenas em Liverpool, mas em várias cidades que se envolveram com escravidão.<sup>321</sup> Estar conectado de alguma maneira à exploração e sofrimento humanos não é nada fácil de ser assimilado e, para muitos, é melhor ser esquecido, apagado do passado. A temática é polêmica, e as pesquisas acadêmicas trazem contestações.<sup>322</sup> O tráfico gerou um complexo “legado cultural” ainda de difícil análise, mesmo com a considerável distância temporal.<sup>323</sup>

É compreensível que os descendentes da elite mercantil do século XVIII desejassem negar qualquer conexão entre seus próprios antepassados e tal atividade desonrada. Um escritor, em 1853, rotulou o tráfico de escravos como uma “fonte odiosa e inumana de emolumento”, mas acrescentou, como forma de consolo, que “Londres, Bristol e outras cidades portuárias da Inglaterra estavam mais ou menos engajadas no tráfico e também devem carregar o fardo”.<sup>324</sup>

<sup>317</sup> SPITZ, Bob. *The Beatles: a biografia*. São Paulo: Editora Lafonte, 2007, p. 16.

<sup>318</sup> HISTORY, *ibidem*, 2018. (Tradução nossa).

<sup>319</sup> Há grandes controvérsias a respeito da importância econômica da escravidão para o desenvolvimento de Liverpool: “Há, no entanto, pouco apoio acadêmico ao argumento de Eric Williams em seu livro *Capitalism and Slavery* de que os lucros do tráfico de escravos financiaram a 'Revolução Industrial'”. Mesmo assim, ainda hoje é possível ver, por exemplo, cabeças de escravos africanos e de animais selvagens entalhados na prefeitura da cidade”. (SCHWARZ, Suzanne, *ibidem*, 2008, p. 8). (Tradução nossa).

<sup>320</sup> SCHWARZ, Suzanne, *ibidem*, 2008 p. 72. (Tradução nossa).

<sup>321</sup> Muita documentação do período traz informações que esclarecem alguns pontos de vista sobre os escravizados comercializados. Comentários do Capitão James Irving ao escrever para sua mulher (carta 4): “Eu acho que vou desistir de escrever como o nosso *Gado Negro* é intoleravelmente barulhento e eu quase me derreti no meio de quinhentos ou seiscentos deles”. Muitos justificaram suas práticas escravocratas apoiando-se na “Divina Providência”: o capitão Hugh Crow, por exemplo, declarou sua “decidida opinião de que o tráfico de negros é permitido por aquela Providência que governa a todos, como um mal necessário”. Refletindo sobre sua participação no tráfico de escravos na década de 1750, John Newton observou que ele pensava que essa era a “linha de vida que a Divina Providência me havia concedido”. (SCHWARZ, Suzanne, *ibidem*, 2008 p. 72). (Tradução nossa).

<sup>322</sup> “[...] alguns estudiosos do Caribe têm argumentado que foi somente a partir do lucro obtido nas plantações de cana e na produção do açúcar sob o regime escravocrata que os ingleses acumularam o capital que lhes permitiu inaugurar a Revolução Industrial”. BURKE, Peter; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Os ingleses*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 357.

<sup>323</sup> LONGMORE, Jane, *idem*, 2010, p. 227). (Tradução nossa).

<sup>324</sup> LONGMORE, Jane, *idem*, 2010, p. 228. (Tradução nossa).

Em agosto de 2000, o *Liverpool City Council* publicou um pedido de desculpas formais pelo papel desempenhado pela urbe no comércio escravocrata durante o século XVIII.<sup>325</sup> Hoje o assunto é debatido pela comunidade científica local através da publicação de livros e de núcleos de pesquisa. A construção de um grande museu, o *International Slavery Museum* foi um passo importante no sentido de resgatar esse passado.<sup>326</sup> (Figura 30).

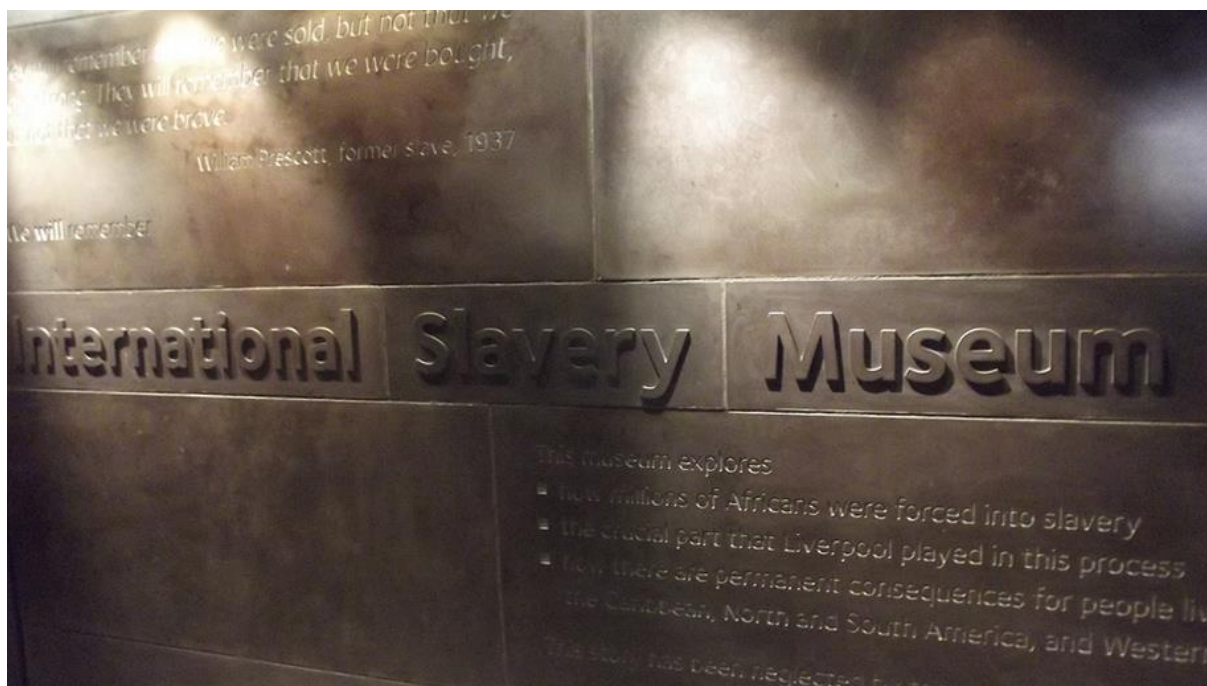


Figura 30 *International Slavery Museum*. Imagem feita dentro do museu. Disponível em: <<https://letsgowiththechildren.co.uk/places-to-go/international-slavery-museum/>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

“[...] O museu é uma instituição de reconhecimento e identidade por excelência. Ele seleciona certos produtos culturais para guarda oficial, para posteridade e exibição pública - um processo que reconhece e afirma algumas identidades, e omite reconhecer e afirmar as outras”.<sup>327</sup> Situado na *Royal Albert Dock*, ele fica em um local acessível para turistas e moradores. A visita mostra haver boa vontade em resgatar o passado dos escravizados e mostrar com detalhes seu sofrimento. A presença desse tipo de instituição indica a percepção da “voz oficial” e de maneira geral, gera contestações. Museus da escravidão e da história colonial em

<sup>325</sup> LONGMORE, Jane, *op. cit.*, 2010, p. 227. (Tradução nossa).

<sup>326</sup> “O museu foi inaugurado em 23 de agosto de 2007, o aniversário de 200 anos da abolição do tráfico de escravos na Grã-Bretanha. Distingue-se como ‘o único museu do gênero a analisar aspectos da escravatura histórica e contemporânea, além de ser um centro internacional de recursos em questões de direitos humanos’ (National Museums Liverpool 2014a). [...] Especialmente, a localização do museu ao longo das docas regeneradas se encaixa com a importância do porto como um centro de escravidão e comércio, mas também se encaixa na paisagem da regeneração liderada pelo turismo - as margens dos rios são locais típicos para a regeneração urbana em cidades pós-industriais e portuárias”. MAH, Alice, *op. cit.*, 2014, pp. 95; 97. (Tradução nossa).

<sup>327</sup> MAH, Alice, *idem*, p. 91. (Tradução nossa).

Liverpool, Marselha e Nova Orleans revelam-se como legados desconfortáveis, sendo enquadrados em narrativas concorrentes sobre a identidade urbana”.<sup>328</sup>

[...] Os legados mais difíceis da escravidão, exploração e violência são apresentados de forma muito mais seletiva, e permanecem espacial e discursivamente desconectados das narrativas mais positivas, e não como dois lados da mesma moeda. Museus da escravidão e da história colonial [...] são particularmente reveladores de identidades urbanas contraditórias. [...] Narrativas do colonialismo são desconfortáveis - elas se misturam com narrativas positivas dominantes promovidas pelos responsáveis pelo marketing da cidade.<sup>329</sup>

Apesar do pedido público de desculpas e da boa caracterização da problemática da escravidão no museu citado, percebemos, ao visitar o local, que ainda há a necessidade de se fazer uma autocrítica mais contundente e um reconhecimento mais claro do que foi a escravidão para os ingleses. O nome do museu - *International Slavery Museum* - em vez de *Liverpool Slavery Museum* ou *English Slavery Museum* propõe determinadas discussões que não estão necessariamente conectadas com aspectos locais.<sup>330</sup> O silêncio em alguns momentos diz muito e reforça a dificuldade de se lidar com esse passado.

### 2.2.5 Os Beatles e a nova identidade hegemônica de Liverpool

Os reflexos e consequências trazidas pelas identidades analisadas anteriormente, do porto e do comércio marítimo, encontram-se presentes, concretamente, na cidade, representados em monumentos, memoriais, nomes de ruas, etc. Há uma tentativa de fortalecer algumas características dessas identidades, ou mesmo ressaltar alguns aspectos, com o investimento no turismo.

A história marítima da cidade, orla, arquitetura e o patrimônio cultural e artístico são os ingredientes-chave para uma oferta turística contemporânea que tem sido aproveitada por empresas e pelo governo local para impulsionar a renovação e regeneração urbana em uma cidade previamente devastada pelo declínio industrial e por uma economia depauperada.<sup>331</sup>

De certa forma, o resultado do surgimento, fortalecimento e declínio dessas identidades auxiliaram na formação de outra, que surgiu ligada ao entretenimento, à cultura, mais especificamente, à música, que confluuiu em seu maior representante: os Beatles. Acreditamos, que o aparecimento dessa identidade musical, deve-se, muito, ao contexto

<sup>328</sup> MAH, Alice, *ibidem*, p. 89. (Tradução nossa).

<sup>329</sup> MAH, Alice, *ibidem*, 2014, p. 90. (Tradução nossa).

<sup>330</sup> MAH, Alice, *idem*, 2014, p. 98. (Tradução nossa).

<sup>331</sup> KINSELLA, Clare; PETERS, Eleanor. ‘There are places I remember’: (Re)constructions of the Beatles as a Liverpool heritage object. In: *The Journal of Beatles Studies*. Autumn (2022), p. 39. (Tradução nossa).

histórico de decadência e de busca por novas possibilidades econômicas. Isso só foi possível graças a uma série de transformações, sociais, políticas e econômicas que ocorreram após o fim da Segunda Guerra Mundial. Falaremos sobre elas agora.

A morte do rei George VI em 1952 trouxe transformações importantes para a Inglaterra. Com a coroação da nova regente Elizabeth II, o otimismo se espalhou com a possibilidade do renascimento de uma nova era Elisabetana de prosperidade. Em um curto espaço de tempo, houve um crescimento industrial (automóveis, aço e carvão) e salarial para a população. O conservador Harold Macmillan chegou ao poder prometendo avanços econômicos. Mas, os planos e sonhos não se traduziram em realidade. Logo em seguida, a inflação voltou a crescer apoiada em débitos relativos à guerra e a perda de várias colônias (dentre elas a Índia), a estabilização econômica não se concretizou.<sup>332</sup>

O porto de Liverpool entrou em declínio rapidamente, juntamente com a infraestrutura urbana e a moradia popular. Um grande fator de empobrecimento para a cidade foi o enfraquecimento do comércio transatlântico internacional ocasionado pelas perdas das colônias e com os novos direcionamentos comerciais iniciados pelos países europeus no pós-guerra. Não podemos deixar de lado ainda a utilização de novas tecnologias de carregamento nos trabalhos portuários que trouxeram consigo altas taxas de desemprego para os trabalhadores braçais das docas.<sup>333</sup>

Essa realidade de incertezas levou a uma busca por diferentes áreas de trabalho, principalmente para os jovens do período. Uma delas foi a música e o entretenimento. Bill Harry, editor da revista *Merseybeat*, amigo de John Lennon e Stuart Sutcliffe, escreveu, entre o final da década de cinquenta e início da de sessenta, que

[..] havia mais de 300 clubes que faziam parte da The Merseyside Clubs Association (para clubes sociais, clubes de trabalho etc., que contratavam as bandas locais). Havia tantos outros locais em Merseyside com grupos em escolas, salões de igrejas, salões de baile, cinemas, sinagogas, clubes, lojas, porões de casas com capacidade crescente, como o Tower Ballroom acomodando 5.000 pessoas. Uma quantidade tão grande de locais foi um fator. Depois, havia os numerosos promotores - Charles McBain, Wally Hill, Brian Kelly, Sam Leach, Ray McFall, Jim Ireland etc., que mantinham os grupos em trabalho regular. Especificamente, importantes eram os clubes do centro da cidade, Cavern, Iron Door, Downbeat e Marti Gras. Em 1961, quando Bob

---

<sup>332</sup> PYE, Ken. *Liverpool: the rise, fall and renaissance of a world-class city*. Gloucestershire: Amberley Publishing, 2016, pp. 162-164. (Tradução nossa).

<sup>333</sup> PYE, Ken. *Liverpool: the rise, fall and renaissance of a world-class city*. Gloucestershire: Amberley Publishing, 2016, pp. 167-169. (Tradução nossa).



Wooler e eu fizemos uma lista de grupos que conhecíamos, publiquei uma lista de quase 300. Após pesquisas adicionais, havia mais de 800 grupos.<sup>334</sup>

Os bares e clubes ofereciam música ao vivo, tocada por grupos profissionais e semiprofissionais que, aproveitavam o espaço para praticar e desenvolver suas técnicas.<sup>335</sup> Era um entretenimento barato e acessível para uma população empobrecida. Além dos bares da região portuária, as salas de concertos, salões de igrejas e de festas, que já existiam em excesso desde o século XIX, também passaram a ser utilizados para apresentações musicais dos novos grupos. Festas particulares, como aniversários e casamentos, também eram locais onde os músicos mostravam suas habilidades.<sup>336</sup> Muitos conjuntos surgiram criando um cenário robusto, tendo seu repertório baseado, principalmente, nos *standards* estadunidenses. “Os anos 1940 e 1950 foram marcados pela invasão da música norte-americana, quando os ingleses dançavam ao som de Bing Crosby, Frank Sinatra, Bill Haley e Elvis Presley”.<sup>337</sup> Todo esse rebuliço e agitação levou, no final dos anos 50, à popularização do *skiffle*: um tipo de um tipo de *country* americano tocado de forma mais rápida. Por sua vez, esse será dominado por uma onda musical mais poderosa conhecida como *Merseybeat*. O *Merseybeat*, foi um estilo musical local, que se caracterizou pela formação básica do rock (duas guitarras-baixo-bateria) e, com uma forte marcação do bumbo. As bandas, sem repertório próprio, copiavam os ídolos americanos, adaptando seus sucessos a esse estilo.

Em uma oportunidade, John Lennon, ao se referir à sua cidade natal e ao acesso às novidades musicais vindas dos Estados Unidos, afirmou: “Liverpool é cosmopolita. É aonde os marinheiros voltavam para casa nos navios com os discos de blues da América. Estávamos ouvindo velhos álbuns de blues em Liverpool que pessoas de toda a Grã-Bretanha ou da Europa nunca ouviram falar, apenas as áreas portuárias tinham acesso”.<sup>338</sup> Sobre o mesmo assunto, Ringo Starr disse que “[...] na área de onde venho, nas outras casas havia um cara na Marinha Mercante, [...]. E eles traziam a música da América. Fomos abençoados: era um porto, então caras de Nova York ou Nova Orleans traziam tudo isso”.<sup>339</sup> Os discos de rock eram preciosidades ouvidas por jovens ansiosos por novidades. Os marinheiros de navios mercantes vindos dos Estados Unidos “[...] deram estes (discos) aos irmãos mais novos, irmãs, filhos e

<sup>334</sup> ENTREVISTA COM BILL HARRY. Entrevista concedida por Bill Harry, editor do jornal *Merseybeat*. Disponível em: < <https://mccartney.com/?p=12016> >. Acesso em: 19 abr. 2023. (Tradução nossa).

<sup>335</sup> COHEN, Sara; KRONENBURG, Robert. *Liverpool's musical landscapes*. Swindon: Historic England, 2018, p. 18. (Tradução nossa).

<sup>336</sup> COHEN, Sara; KRONENBURG, Robert, *idem*, 2018, p. 19. (Tradução nossa).

<sup>337</sup> BURKE, Peter; PALLARES- BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Os Ingleses*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 313.

<sup>338</sup> THE BEATLES. *Anthology*. San Francisco: Chronicle Books, 2000, p. 10. (Tradução nossa).

<sup>339</sup> HARRISON, Olivia. *George Harrison: Living in the material world*. New York, Abrams, 2011, p. 52. (Tradução nossa).

filhas, que começaram a vendê-los e trocá-los em pubs locais, cafés e salões de bailes. Eles eram modernos, [...] tocados em 45 RPM, logo se tornaram comercialmente disponíveis em lojas de discos e rapidamente substituíram os velhos [...] *shellac* que eram tocados a 78 RPM”.<sup>340</sup> Liverpool era, naquele momento, segundo Bill Harry,

[...] um dos portos mais importantes do mundo, ao mesmo tempo, a porta de entrada da Europa para Nova York, o lar dos irlandeses que fugiam da grande fome da batata, o maior número de escoceses vivendo em uma cidade fora da Escócia, uma grande população galesa, um caldeirão de gêneros musicais fabulosos [...] . A mistura cosmopolita foi certamente um dos aspectos mais importantes. Além disso, Liverpool tinha uma longa associação com Nova York, então parecíamos incorporar mais da cultura americana do que outras cidades. Liverpool deveria ter sido geminada com Nova York.<sup>341</sup>

Em 1817, a *Black Ball Line* operava com quatro navios. Ela fazia regularmente o trajeto entre Liverpool e Nova York, saindo da América do Norte no primeiro dia de cada mês.<sup>342</sup> “O comércio expandiu-se tão rapidamente que no ano seguinte várias outras linhas de navegação surgiram entre Liverpool e Nova York, oferecendo uma partida a cada semana”.<sup>343</sup> O contato direto que a cidade teve com as novidades oriundas dos Estados Unidos foi fundamental para a afirmação dessa nova identidade hegemônica, possibilitando que, a grande maioria das bandas, tivessem acesso aos estilos que se popularizavam naquele momento: *o rock and roll* e *o rhythm and blues*.

O interesse pelo cenário musical entre os adolescentes foi estimulado pelo sucesso do Skiffle, embora os grupos se autodenominassem bandas de *rock and roll* e fossem influenciados mais por artistas americanos do que pelo *mainstream* do pop britânico. Houve inúmeras razões para isso, incluindo o grande número de marinheiros que trouxeram seus discos americanos indisponíveis nas lojas britânicas para seus irmãos mais jovens; [...] e ao caráter cosmopolita da população.<sup>344</sup>

Os Beatles e muitos outros grupos, cantores e cantoras, fizeram parte desse cenário artístico e musical agitado que destoava do resto de seu país. Com o passar do tempo, essa nova identidade e os artistas seriam exportados para o mundo inteiro.

<sup>340</sup> ENTREVISTA COM BILL HARRY. Entrevista concedida por Bill Harry, editor do jornal *Merseybeat*. Disponível em: <<https://mccartney.com/?p=12016>>. Acesso em: 19 abr. 2023. (Tradução nossa).

<sup>341</sup> Entrevista concedida por Bill Harry, editor do jornal *Merseybeat*. Disponível em: <https://mccartney.com/?p=12016>>. Acesso em: 19 abr. 2023. (Tradução nossa).

<sup>342</sup> MILES, Barry, *op. cit.*, 1998, p. 2, (Tradução nossa).

<sup>343</sup> MILES, Barry, *op. cit.*, 1998, p. 2, (Tradução nossa).

<sup>344</sup> HARRY, Bill. *Mersey Beat: the beginnings of The Beatles*. England: Omnibus Press, 1977. (Tradução nossa). Para Eric Hobsbawm o rock “[...] se tornou o meio universal de expressão de desejos, instintos, sentimentos e aspirações do público entre a adolescência e aquele momento em que as pessoas se estabelecem em termos convencionais na sociedade, família ou carreira; a voz e a linguagem de uma ‘juventude’ e de uma ‘cultura jovem’ conscientes de seu lugar nas sociedades industriais modernas. HOBBSAWM, Eric J., *op.cit.*, 2012, p. 18.

### 2.3 LIVERPOOL: 8 DE DEZEMBRO DE 1980

Surgidos neste contexto, onde o entretenimento se tornara uma opção viável de trabalho para os jovens, os Beatles dialogaram com o imaginário urbano e produziram obras que cumpriram um papel especial na nova identidade hegemônica de Liverpool.<sup>345</sup> Expuseram peculiaridades, abraçaram a cidade, não a renegaram. Apontaram elementos antes subterrâneos e tornaram-nos universais, através de sua postura, ou mesmo com sua linguagem artística que se mantém influenciadora e atual.

Os Beatles encerraram seus trabalhos como grupo oficialmente no dia 10 de abril de 1970. O pesquisador Mark Lewhisohn, em entrevista online, afirma que até meados dos anos setenta, o grupo não esteve mais em evidência e, acrescenta que aquele que dissesse ser fã da banda era, como estar fora de sintonia com o mundo da música naquele momento.<sup>346</sup> Contudo, já em 1974, os fãs que ainda resistiam, passaram a se reunir para celebrar os Beatles e sua música. A primeira reunião desse grupo, aconteceu fora de Liverpool, em Nova York, no ano de 1974 e foi registrada com uma capa na revista *Rolling Stone*, intitulada *Beatlefest*. (Figura 31). As reuniões continuam acontecendo anualmente, confirmando não só a popularidade do grupo, mas o interesse por seu legado.

Em 1977 aconteceu em Liverpool o primeiro encontro oficial de fãs do grupo intitulado *Beatles Convention*. (Figura 32) Foi organizado por Bob Wooler (DJ do *Cavern Club* quando os Beatles lá se apresentavam) e Alan Willians (primeiro empresário do grupo). O encontro se expandiu e se modificou com o passar dos anos, e ainda hoje é ponto de encontro de fãs/peregrinos de todo o mundo. Com esse encontro acontece a *Beatle Week*, que ocorre anualmente em agosto. Nela se apresentaram bandas cover de vários lugares do mundo, como Japão, Tailândia, Guatemala e Cazaquistão.<sup>347</sup>

<sup>345</sup> A urbe se constitui de “[...] objetos (ou seja, de coisas produzidas) e obras de arte [...]”. E entre estes dois elementos “[...] existe uma diferença hierárquica (ou seja, uma diferença qualitativa, de valor) [...]”. [...] os produtos artísticos são os que qualificam a cidade enquanto tal [...]” ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 51.

<sup>346</sup> LEWISOHN, Mark. *In conversation with the Dutch Beatles Podcast, 2014*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=eh2dtOa\\_vAQ](https://www.youtube.com/watch?v=eh2dtOa_vAQ)>. Acesso em 01 mai. 2022. (Tradução nossa).

<sup>347</sup> *International Beatleweek Fab Facts*. Disponível em: <<https://www.internationalbeatleweek.com/wp-content/uploads/2019/07/International-Beatleweek-Fab-Facts-.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2023. (Tradução nossa).



Figura 31 Capa da revista Rolling Stone de setembro de 1974 noticiando a primeira Beatlefest realizada em Nova York. LAPIDOS, Mark. First FEST began 38 years ago today (9/7/74) <<https://www.thefest.com/first-fest-began-38-years-ago-today-9774/>>. Disponível em: 26 jan. 2023.

Mas, o que realmente chamou a atenção para a cidade, e sua conexão com a banda, foi o assassinato de John Lennon, ocorrido em 8 de dezembro de 1980. Ao pesquisar os jornais de Liverpool, lançados um dia após a tragédia, percebemos que admiradores do músico se dirigiram de maneira simbólica para a *Mathew Street*. “As pessoas em Liverpool ficaram arrasadas hoje pela chocante notícia da morte de John Lennon. A tristeza acompanhava os fãs que se reuniram no frio da *Mathew Street*.<sup>348</sup> O lugar do *Cavern*, onde a *beatlemania* começou, se tornou rapidamente um santuário em sua memória”.<sup>349</sup> Isso também ocorreu em relação ao local do assassinato (Nova York) que se tornou ponto de peregrinação para fãs e curiosos. Após o crime o interesse em relação ao grupo se intensificou e Liverpool passou a receber cada vez

<sup>348</sup> HUGHES, Timothy. *Death of Beatle John Lennon, in a Liverpool newspaper...* Disponível em: <<https://www.rarenewspapers.com/view/562757>>. Acesso em 04 mai. 2022. (Tradução nossa).

<sup>349</sup> HUGHES, Timothy. *Death of Beatle John Lennon, in a Liverpool newspaper...* Disponível em: <<https://www.rarenewspapers.com/view/562757>>. Acesso em 04 mai. 2022. (Tradução nossa).

mais pessoas querendo conhecer os lugares relacionados ao grupo. Com a morte de John Lennon, a possibilidade da volta da banda acabou definitivamente.



Figura 31 – Pôster do primeiro encontro de fãs dos Beatles em Liverpool em 1977. Retirado do site <http://www.beatlesauction.co.uk/2017/07/1970s-beatles-event-posters.html>. Acesso em 21 nov. 2022.

### 2.3.1 Visitar, ver e sentir Liverpool

*Yesterday*, filme de 2019, mostra um mundo após um apagão. (Figura 33) O estranho fenômeno cria uma realidade alternativa onde os Beatles não existiram e, portanto, não fazem parte do imaginário cultural global. Um músico frustrado é aparentemente o único que se lembra do grupo e de grande parte de seu repertório. Ele decide então ganhar fama e dinheiro se dizendo compositor de canções como *Hey Jude*, *Let it be* e *In my life*. O problema é lembrar-se de todas as letras em suas minúcias, dos arranjos, das melodias. Ele se esforça, mas muitas vezes não consegue ter certeza. Para isso ocorrer decide ir a Liverpool. Sai do aeroporto (que naquela realidade paralela não se chama *John Lennon* como hoje) e visita alguns pontos da

cidade: *Strawberry Field*, *Penny Lane* e o túmulo de *Eleanor Rigby*. Sua empresária lhe pergunta: Por que visitar Liverpool? O músico acredita que estar nos locais relacionados aos Beatles e sua obra trará a memória das canções e das emoções que ele necessita para se lembrar das letras e arranjos. Atenção: ele nunca esteve nesses lugares.

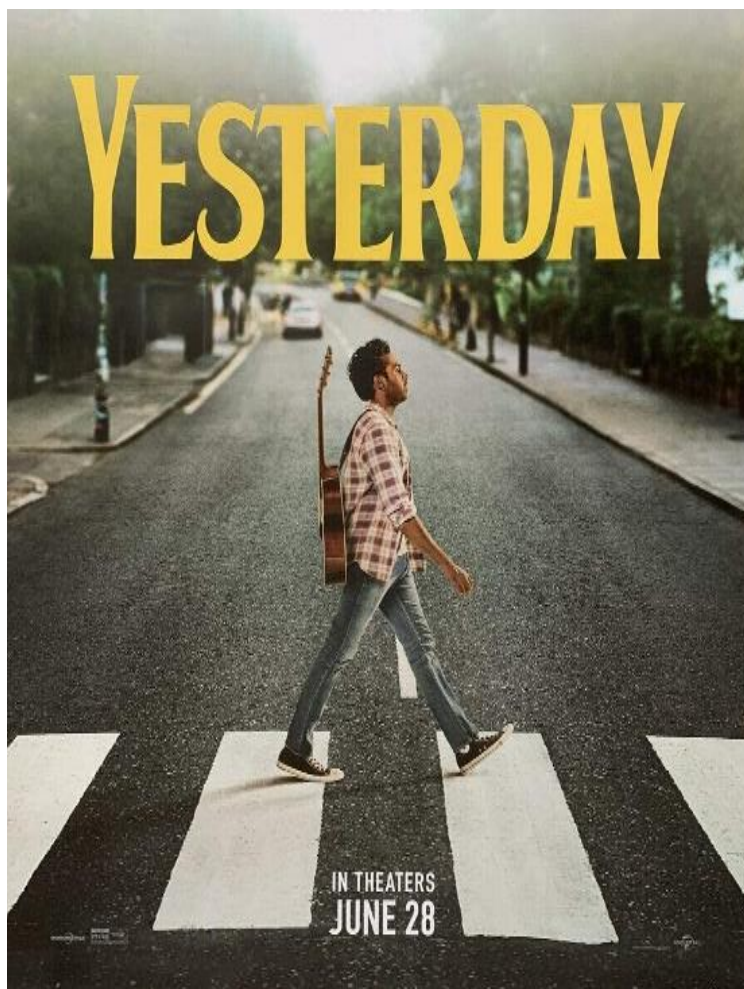


Figura 33 Pôster do filme *Yesterday*. Na imagem, o personagem principal caminha em uma faixa de pedestres, emulando a capa do disco “Abbey Road” dos Beatles lançado em 1969. Observe que o fundo está completamente vazio, retirando todas as referências originais do álbum. Isso ocorre porque em seu roteiro a película mostra um mundo sem a banda. Retirado do site: <<https://www.amazon.com.br/Yesterday-YESTERDAY/dp/B07T4RYGLX>>. Acesso em 02 mai. 2022.

*Yesterday* é uma fantasia cinematográfica que mostra claramente o forte vínculo entre a banda e sua cidade natal. Para muitos fãs é importante conhecer/estar nos lugares associados aos músicos. Seja por simples curiosidade ou a busca por uma experiência estética/emocional, os motivos são inúmeros. Essas práticas tornam a identidade hegemônica de Liverpool em nossos dias cada vez mais conectada aos Beatles e em todo o universo de signos que eles criaram ou inspiraram. A cada ano novas atrações surgem na cidade chamando a atenção de fãs,

peregrinos e turistas. E, ao mesmo tempo, essas práticas mantêm viva a imagem e a lembrança da banda.

Em vários momentos da película citada o músico frustrado, e aparentemente o único que se lembra dos Beatles, descobre diferentes produtos e artistas que não existiam naquela realidade alternativa porque o grupo também não existiu. Harry Potter, Coca-Cola dentre outros. Exageros à parte, sua influência em vários elementos de nossa cultura é inegável. O grupo assumiu “[...] a liderança nas paixões juvenis, conduzindo as transformações para um universo de ideias bem mais amplo e provocador”.<sup>350</sup> Poderia se imaginar que com o passar do tempo sua influência iria desaparecer, mas com a chegada das novas gerações suas obras vão sendo ressignificadas em suas interpretações.<sup>351</sup> O que Mario Vargas Llosa escreveu sobre o romance, pode ser entendido sobre qualquer obra de arte.

Assim como os seres vivos, os romances crescem e, com frequência, envelhecem e morrem. Os que sobrevivem mudam de pele ou de ser, como as serpentes e os vermes que se transformam em borboletas. Esses romances dizem às novas gerações coisas distintas das que disseram aos leitores quando apareceram e, às vezes, coisas que seu autor jamais pensou em comunicar através deles.<sup>352</sup>

Isso ocorre porque o artista produz a obra e a entrega para o seu público que, como organismo vivo, a assimila, a rejeita, a ruma, se deleita. O artista redige e enquadra seu ardor, tornando-o visível, possível, concreto no objeto artístico, letras, filmes ou música, por exemplo.

Hoje, a produção musical dos Beatles está totalmente disponível em diversos sites na internet. Sua obra completa (sejam as canções ou filmes) pode ser adquirida em poucos segundos online. Para muitos, isso é o suficiente, mas para outros se faz necessária uma experiência mais completa, mais concreta. Aí entra o turismo e a visita (que para alguns é uma peregrinação) que leva milhares de pessoas por ano a Liverpool e reforça a identidade cultural associada aos Beatles que se faz prevalente, há algum tempo.

---

<sup>350</sup> MEDAGLIA, Júlio. Iê-iê-iê, alegria, alegoria. In: *Cult: the Beatles: o eterno retorno do mito*. São Paulo: Editora 17, 2003.

<sup>351</sup> CASTELLS, Manuel, *idem*, 2014, p. 54.

<sup>352</sup> LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 206. Sobre o autor, na mesma obra citada, Llosa diz: “Nem o mais racional ou deliberado deles [...], nem aquele que revisa o detalhe até a mania e dá um polimento inflamado às suas palavras, pode evitar que suas histórias, uma vez emancipadas dele mesmo, adotadas por um público, adquiram uma significação, gerem uma mitologia, ou entreguem uma mensagem que ele não previu nem, talvez, aprovaria”. VARGAS LLOSA, Mario, *idem*, p. 97.

### 2.3.2 A peregrinação: do sagrado religioso ao sagrado laico

Em sua obra “*Juliet Nua e Crua*”, de 2010, o escritor inglês Nick Hornby descreveu com criatividade e clareza a relação de um fã (Duncan) com os locais associados ao músico fictício Tucker Crowe, que demonstram a necessidade de ele estar fisicamente presente no lugar dos acontecimentos:

Eles haviam voado da Inglaterra até Minneapolis para examinar um banheiro. Essa verdade simples só ocorreu a Annie quando eles já estavam lá dentro: desconsiderando os rabiscos nas paredes, alguns dos quais faziam uma espécie de referência à importância daquele banheiro na história da música, o ambiente era úmido, escuro, fedorento e completamente desinteressante. [...] – Se os banheiros pudessem falar, heim? Para quem adora Tucker Crowe tanto quanto Duncan [...], aquele banheiro é responsável por muita coisa. E, como Duncan observou acertadamente, o banheiro não pode falar; por isso, os fãs de Crowe têm de falar no lugar dele.<sup>353</sup>

Para chegar ao banheiro onde seu ídolo decidiu encerrar sua carreira devido a um enigmático incidente no distante ano de 1986, o fã faz uma verdadeira peregrinação. Esse termo “[...] deriva do latim *peregrinus*, que significa forasteiro ou caminhante, pessoa que viaja para santuário, ou lugar sagrado”.<sup>354</sup> Seu significado perpassa “[...] um complexo de práticas e rituais no domínio do sagrado e do transcendente, um fenômeno global, [...] que se manifesta de forma [...] poderosa, coletiva e performativa”.<sup>355</sup> Também pode ser definido como

[...] uma viagem baseada na inspiração religiosa ou espiritual, empreendida por indivíduos ou grupos, a um lugar considerado mais sagrado ou salutar do que o ambiente da vida cotidiana, para buscar um encontro transcendental com um objeto de culto específico com o objetivo de adquirir espiritualidade, cura emocional ou física ou benefício.<sup>356</sup>

A definição de Margry, acima descrita, aborda aspectos que se adequam às peregrinações religiosas (sagrado, espiritualidade) ou laicas (encontro transcendental, emocional), que vem ganhando cada vez mais adeptos. Essa visitação a locais associados a personagens e fatos históricos não divinos aproxima-se da ideia da busca pela concretude do intangível, do alívio e consolo da memória notável e passada que deixa de ser uma simples recordação e ganha uma nova roupagem de informações trazidas pelo contato físico com o

<sup>353</sup> HORNBY, Nick. *Juliet nua e crua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, p. 7.

<sup>354</sup> CALVELLI, Haudrey Germiniani. *A Santiago de Compostela brasileira: religião, turismo e consumo na peregrinação pelo Caminho da Fé*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. 2006, p. 23.

<sup>355</sup> MARGRY, Peter Jan. The Pilgrimage to Jim Morrison’s Grave at Père Lachaise Cemetery: The Social Construction of Sacred Space. In: *Shrines and Pilgrimage in the modern world: new itineraries into the sacred*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008, p. 14. (Tradução nossa).

<sup>356</sup> MARGRY, Peter Jan. *Idem*. 2008, p. 17. (Tradução nossa).



“lugar sagrado”.<sup>357</sup> Subsídios que podem proporcionar para alguns momentos sublimes de um encontro muito esperado e para outros, o tédio.

Em suas primeiras manifestações documentadas, as peregrinações estiveram associadas às questões da fé e da religiosidade. É impossível precisar com certeza a gênese dessa atividade, mas temos descrições textuais de sua existência já na Grécia antiga. Em sua obra *Íon*, Eurípedes (480 – 406 a.C.) nos fala das visitas de atenienses ao santuário de Delfos.<sup>358</sup>

Com o cristianismo, Roma se tornou um lugar privilegiado neste cenário, justamente por possuir quantidades de corpos de santos e objetos sagrados.<sup>359</sup> “[...] até pelo menos o século IX, foi possível dizer que dos reinos romano-germânicos saíram reis, bispos, condes e outros personagens importantes para ir a Roma, fosse para visitar uma sepultura, fosse em busca de relíquias”.<sup>360</sup> Elas “representavam a oportunidade de uma comunicação direta com Deus, a materialidade do sagrado, trazendo prestígio ao local em que se encontravam”.<sup>361</sup> Sem dúvida, Jerusalém foi durante o medievo um dos principais lugares de visita “[...] tendo em vista uma aproximação efetiva de Deus, (e) os deslocamentos passaram a ser vistos como um exercício de ascese e de mortificação e por vezes até de martírio”.<sup>362</sup> A prática das peregrinações esteve presente ainda em “[...] outras religiões mundiais, como o islamismo, hinduísmo, budismo e judaísmo”.<sup>363</sup>

Com o passar dos anos, as peregrinações passaram a ter uma nova característica: a laicidade. Assim, o conceito precisou ser reavaliado.

O fenômeno da peregrinação tem sido foco de atenção especial em diversas áreas da pesquisa acadêmica há várias décadas. Como resultado, um amplo corpus de estudos etnográficos, comparativos e analíticos e livros de referência tornou-se disponível, e a peregrinação foi “recuperada”, “localizada”, “reinventada”, “contestada”, “desconstruída”, “explorada”, “interseccionada”, “reformulada” etc. de uma variedade de perspectivas

---

<sup>357</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010, p. 15.

<sup>358</sup> CALVELLI, Haudrey Germiniani. *A Santiago de Compostela brasileira: religião, turismo e consumo na peregrinação pelo Caminho da Fé*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. 2006, p. 24.

<sup>359</sup> FRANÇA, Susani Silveira Lemos. *Idem*. 2018, p. 13.

<sup>360</sup> FRANÇA, Susani Silveira Lemos. *Ibidem*. 2018, p. 34.

<sup>361</sup> NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. Nos passos de Cristo e de seus apóstolos: relatos de viagem e peregrinações. In: *Peregrinos e Peregrinação na Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 63.

<sup>362</sup> FRANÇA, Susani Silveira Lemos. *Idem*. 2018, p. 11.

<sup>363</sup> CALVELLI, Haudrey Germiniani. *A Santiago de Compostela brasileira: religião, turismo e consumo na peregrinação pelo Caminho da Fé*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. 2006, p. 25.

acadêmicas. [...]. Neste contexto, a avaliação dependerá do comportamento e costumes dos visitantes destes modernos santuários.<sup>364</sup>

Assim, como as peregrinações a locais sagrados pela religião, paragens laicas relacionadas a figuras populares das mais diversas áreas, como a política, as artes, a música, a literatura e a ciência, se tornaram espaços de visitação. José Saramago, em suas viagens por Portugal, comenta, ao chegar em uma igreja onde as estátuas estão em processo de degradação, que “não precisa de imagens sacras para orar aos pés delas, mas precisa de que elas sejam defendidas porque são obra do gênio do homem, beleza criada. [...] Assim, contempla e se comove, usa o viajante uma forma particular de oração: admira e ama”.<sup>365</sup> O escritor português descreve as chamadas *non-confessional pilgrimage* (peregrinações não confessionais). Em nossa contemporaneidade essas práticas demonstram o papel relevante que a cultura passou a ocupar no imaginário dos indivíduos. Porém, o que leva as pessoas a ela ainda não foi completamente elucidado.

Um exemplo paradigmático de peregrinação laica a ser citado no mundo da música pop/rock é a sepultura do cantor americano Jim Morrison, vocalista do grupo The Doors, (coevo dos Beatles), morto em 1971 e enterrado em Paris, no cemitério *Père Lachaise*. “Hoje, é o túmulo mais visitado do cemitério e junto a Torre Eiffel, a Notre Dame e o Louvre é uma das principais atrações turísticas da capital francesa”.<sup>366</sup> Nesse caso, não houve nenhum tipo de iniciativa oficial ou atenção das autoridades que visassem tornar esta localidade um ponto turístico. Circunstâncias como acesso à informação, a cultura *pop*, o carisma do indivíduo, a morte precoce e enigmática, dentre outros, foram os aditivos que impulsionaram a criação do lugar de memória e a peregrinação laica. Se John Lennon e George Harrison estivessem enterrados em cemitérios comuns, possivelmente aconteceria algo similar.<sup>367</sup>

Associada à ideia de peregrinação laica está a possibilidade de se deslocar para qualquer lugar do planeta em nossos dias. Vivemos em uma sociedade que viaja. “A globalização tem ativado nossa capacidade de deslocamentos a extremos impensáveis três ou quatro décadas atrás. [...] a prática não é mais só privilégio de aristocratas”.<sup>368</sup> Viagem e turismo são práticas que caminham juntas. O termo “turismo” “[...] refere-se ao ato de viajar, implicando deslocamento, com intenção de retorno ao local de partida, ou seja, ao seu habitat

<sup>364</sup> MARGRY, Peter Jan. The Pilgrimage to Jim Morrison 's Grave at Père Lachaise Cemetery: The Social Construction of Sacred Space. In: *Shrines and Pilgrimage in the modern world: new itineraries into the sacred*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008, p. 13 (Tradução nossa).

<sup>365</sup> SARAGAMO, José. *Viagem a Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p.167-168.

<sup>366</sup> MARGRY, Peter Jan, *idem*, 2008, p. 148. (Tradução nossa).

<sup>367</sup> Segundo informações de familiares, John Lennon e George Harrison foram cremados.

<sup>368</sup> GASTAL, Susana. Prefácio. In: VARGAS, Helena Comin; PAIVA, Ricardo Alexandre (organizadores). *Turismo, arquitetura e cidade*. Barueri, SP: Manole, 2016, p.xii.

original, de moradia permanente. [...] A visita ao local (obedece) a razões espirituais ou vitais, mais próprias e íntimas”.<sup>369</sup> “A atividade turística está fortemente vinculada à produção do simbólico, do lúdico, proporcionando assim uma aproximação com o fenômeno religioso”.<sup>370</sup>

Para que a experiência ocorrer de maneira mais completa, a busca pelo contato físico com os locais visa proporcionar algum tipo de experiência transcendental. Os lugares, as relíquias, a permanência e a força metafísica proporcionada pela visita são, também, responsáveis pela manutenção desta nova identidade hegemônica de Liverpool associada aos Beatles e seu legado. “Tal perspectiva, [...] levaria os fãs ‘além das realidades do cotidiano para novas possibilidades, que os educam e completam, e sua preocupação definidora é aceitar e ter fé nessas realidades mais amplas’”.<sup>371</sup> Todas as hipóteses citadas estão apoiadas na nostalgia. No caso de Liverpool, os Beatles são o principal ponto de referência.

Assim, os peregrinos chegam a Liverpool, e buscam ter acesso a paragens citadas pelos compositores em suas obras e ter contato com os espaços, antes vistos em fotos ou vídeos. “Ninguém viaja pelo único prazer de ver. Excedendo o instante, a viagem estende-se para um futuro que permite ao viajante contemplar-se, memorizar o que há para se ver e saborear o prazer de ver”.<sup>372</sup> As peregrinações acabam por gerar novas memórias culturais que serão levadas pelos turistas de volta para seu lugar de origem. A proximidade com o lugar de memória é uma experiência individual, e as informações retidas nesse encontro irão se mesclar aos discursos prévios e ressignificá-los. Liverpool é o lugar aonde os peregrinos vão para experimentar “seus” Beatles e “sua” nostalgia. “Seus” e “sua” tem um significado importante, pois, cada indivíduo ao experienciar algo relaciona aquilo com suas próprias vivências, com o momento, com a obra, seus detalhes e o ambiente. Novamente Saramago nos esclarece poeticamente esse fenômeno ao reclamar da forma com que as obras são apresentadas ao público:

O Museu Machado de Castro tem a mais rica coleção de estatuária que em Portugal existe [...]. De tal maneira que as imagens, pela proximidade [...] acabam por perder a individualização e formam uma espécie de imensa galeria de personagens cujas feições se esbatem. [...] mas, o viajante quereria ver cada uma destas peças isoladas [...]. São pontos de minúcia que só chamam à

<sup>369</sup> VARGAS, Helena Comin. Turismo: reflexões disciplinares. In: VARGAS, Helena Comin; PAIVA, Ricardo Alexandre (organizadores). *Turismo, arquitetura e cidade*. Barueri, SP: Manole, 2016, p. 4.

<sup>370</sup> REIS, Fábio José Garcia. *Turismo: uma perspectiva regional*. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

<sup>371</sup> MARGRY, Peter Jan, *Idem*, 2008, p. 159. (Tradução nossa).

<sup>372</sup> HARTOG, François. *Memórias de Ulisses: Narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 29.

conversa porque está perante um tesouro de incalculado valor artístico. Não duplicaria o valor, mas seria multiplicado o prazer de olhar, a fruição.<sup>373</sup>

Muitos desses locais possuem rituais que lembram as peregrinações religiosas, onde o peregrino devia tocar ou beijar uma fita, depositar um ex-voto ou reverenciar uma imagem. Eles possuem determinadas práticas esperadas (como atravessar a faixa de segurança em *Abbey Road* ou escrever nos muros do estúdio) com um indeterminável valor simbólico. Estar presente naquele espaço os aproxima de uma memória, de um momento vivido, e, também, do músico, poeta, ou seja, do artista e de sua obra que atingiu o peregrino de uma maneira particular, muitas vezes inexplicável. Concordamos com Benjamin que os lugares de memória, assim como as obras de arte, são transformados de objetos históricos em filosóficos, questionados, afirmados, reafirmados por aqueles que tem interesse.

Esta transformação dos conteúdos objetivos em conteúdos de verdade torna o enfraquecimento da capacidade de repercussão, manifesto no decréscimo do fascínio original da obra ao longo de decênios, no fundamento de um renascer em que toda a beleza efêmera desaparece completamente e a obra como que se afirma enquanto ruína.<sup>374</sup>

Portanto, o lugar, objetivo da peregrinação em sua integridade, torna-se ruína, resto de um passado que é observado, por vezes, com admiração. Essa experiência, que tem origem em uma esfera individual, criará uma lembrança. Como ao ouvir uma canção que marcou um determinado momento da vida e depois ver o local onde a música foi gravada, onde ocorreu a inspiração.<sup>375</sup>

Outro motivo que explica o aumento de peregrinações/visitações a Liverpool associada aos Beatles é justamente a busca pela produção de presença aliada a uma dimensão religiosa. A “[...] cultura tornou-se uma forma substitutiva da religião e a música pop é um dos grandes expoentes deste fenômeno”.<sup>376</sup> Ela é um “[...] fator agregador entre os seres humanos, mais que a religião (tradicional) ou ideais políticos”.<sup>377</sup> “Em termos mais gerais, [...] foi estabelecido que os jovens constroem estruturas pessoais de significado e religiosidade na

<sup>373</sup> SARAMAGO, José. *Viagem a Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 175.

<sup>374</sup> BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 259.

<sup>375</sup> FEINDT, Gregor, et al. Entangled memory: toward a third wave in memory studies. In: *History and Theory: Studies in the Philosophy of History*, 53, Wesleyan University, Feb. 2014, pp. 24-44. (Tradução nossa).

<sup>376</sup> EAGLETON, Terry. *A morte de Deus na cultura*. Rio de Janeiro: Record, 2016, p. 77. Um exemplo a ser citado é o dos museus que “[...] substituem as igrejas enquanto locais onde todos os membros de uma sociedade podem comunicar na celebração de um mesmo culto. Em consequência, o seu número aumenta nos séculos XIX e XX, à medida que cresce a desafeição das populações, sobretudo urbanas, pela religião tradicional”. POMIAN, Krzysztof. Coleção. Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984. p. 84.

<sup>377</sup> SESC, São Paulo. *Entrevista Teixeira Coelho*. Disponível em: <[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/259\\_ENTREVISTATEIXEIRA+COELHO](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/259_ENTREVISTATEIXEIRA+COELHO)>. Acesso em: 28 ago. 2019.

fragmentação cultural em que vivem”.<sup>378</sup> A arte, como elemento presente em uma sociedade massificada, passa assim a ter importante papel em sua estruturação. Margry afirma que a música pop, por exemplo, está associada à religiosidade e que ela tem caráter motivacional.<sup>379</sup>

O que talvez seja diferente em relação ao passado é o fato de que a cultura hoje, especialmente na sociedade ocidental, ao menos por enquanto, se apresenta como o grande substituto de outras coisas que no passado ocupavam esse lugar, como o caso da religião. Como se coloca isso num momento em que a sociedade se desvencilha da religião? Surge um substituto para essa religião, e substituto não em um sentido comum, mas no sentido etimológico, que indica aquele que **religa as pessoas de volta a alguma coisa**.<sup>380</sup>

A cultura toma o lugar da religião em vários de seus aspectos, como refúgio, como aproximação com o inexplicável que é para muitos, capaz de proporcionar conforto e esperança em tempos tão sombrios. “Da Razão Iluminista à arte modernista, todo um espectro de fenômenos imbuíu-se da missão de providenciar formas substitutivas de transcendência [...] o mais eficiente destes substitutos tem sido a cultura [...]”.<sup>381</sup> Acreditamos que a arte conecta os indivíduos que na busca por preencher o vazio existencial, ou simplesmente vivenciar uma memória prazerosa e nostálgica, procuram lugares de memória cultural, pontos de visitação laicos. Desse modo, “[...] a memória se orienta para o passado e avança passado adentro por entre o véu do esquecimento. Ela segue rastros soterrados e esquecidos, e reconstrói provas significativas para a atualidade”.<sup>382</sup>

Qual é a motivação para a peregrinação laica em relação aos Beatles? Eles conseguiram se associar a um sentimento de energia e criatividade. Essa percepção é frequentemente reforçada por projetos de marketing e lançamentos específicos que os aproximam do paradigma da liberdade e consciência universal da juventude pregada na década de 60. Hoje, vivemos em um mundo onde o futuro não parece tão brilhante ou certo; onde a desvalorização da vida humana é diária e os abusos sofridos pela natureza são apoiados por governos ditos democráticos. Um mundo globalizado onde a proximidade virtual reforça a distância física.<sup>383</sup> A “[...] agência, a segurança e o progresso histórico da humanidade

<sup>378</sup> MARGRY, Peter Jan. The Pilgrimage to Jim Morrison 's Grave at Père Lachaise Cemetery: The Social Construction of Sacred Space. In: *Shrines and Pilgrimage in the modern world: new itineraries into the sacred*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008, p. 159. (Tradução nossa).

<sup>379</sup>MARGRY, Peter Jan. The Pilgrimage to Jim Morrison 's Grave at Père Lachaise Cemetery: The Social Construction of Sacred Space. In: *Shrines and Pilgrimage in the modern world: new itineraries into the sacred*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008, p. 159. (Tradução nossa).

<sup>380</sup> SESC, São Paulo. *Idem*, acesso em: 28 ago. 2019. (**Negrito nosso**).

<sup>381</sup> EAGLETON, Terry. *A morte de Deus na cultura*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

<sup>382</sup> ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 53.

<sup>383</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 35.

desapareceram numa memória distante. Apenas nos restam o desejo não redimido, a incerteza e a desorientação”<sup>384</sup>. Em um de seus discos mais famosos, *The Wall*, a banda Pink Floyd (mais especificamente seu letrista Roger Waters) expressa isso de maneira clara:

Se você for patinar	<i>If you should go skating</i>
No gelo fino da vida moderna	<i>On the thin ice of modern life</i>
Arrastando atrás de você a censura silenciosa	<i>Dragging behind you the silent reproach</i>
De um milhão de olhos manchados de lágrimas	<i>Of a million tear-stained eyes</i>
Não se surpreenda quando uma rachadura no gelo	<i>Don't be surprised when a crack in the ice</i>
Aparece sob seus pés.	<i>Appears under your feet.</i>
Você sai de dentro de você e de sua mente	<i>You slip out of your depth and out of your mind</i>
Com seu medo fluindo atrás	<i>With your fear flowing out behind you</i>
Enquanto você arranha o gelo fino.	<i>As you claw the thin ice.</i> <sup>385</sup>

Nesse contexto, essas peregrinações tornaram Liverpool uma atração turística e cultural, transformando sua economia e tornando a cidade cada vez mais associada à cultura, à música, e, particularmente, aos Beatles e à sua história. Sua identidade predominante hoje se associa à imagem do grupo e as peregrinações laicas aos lugares relacionados aos quatro rapazes confirmam essa realidade. Um dos motivos esclarecedores de como o grupo continua relevante globalmente, são as *travelling memories*.

### 2.3.3 As *Travelling Memories*

Em um mundo globalizado e conectado como o nosso, as memórias passaram a circular com mais intensidade. Elas não estão “presas” aos lugares, estáticas e/ou coladas em monumentos e memoriais, por meio de discursos ou descrições históricas presentes em placas comemorativas ou livros. Elementos como “[...] a religiosidade, as diásporas globais, [...], mas, também, o futebol, a cultura musical e a cultura de consumo geram redes transnacionais de memória”.<sup>386</sup> Essas redes são alimentadas pelas *travelling memories*.

O conceito de *travelling memories* foi proposto pela pesquisadora Astrid Erll. Segundo a autora, o termo *travelling* é utilizado de maneira metafórica, “uma abreviação que afirma que na produção de memórias culturais, pessoas, mídias, formas mnemônicas, conteúdos e práticas

<sup>384</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Depois de 1945: latência como origem do presente*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 62.

<sup>385</sup> PINK FLOYD. *The thin ice*. Londres: EMI-ODEON: 1973. CD. (2:27). (Tradução nossa).

<sup>386</sup> EARLL, Astrid. *Travelling Memories*. In: *Parallax*, 2011, vol. 17, n.4, p. 8. (Tradução nossa).

estão em constante e incessante movimento”.<sup>387</sup> Nele, as reminiscências (tanto individuais quanto coletivas) – em nosso caso específico, relacionadas aos Beatles – se movimentam através das pessoas, das mídias e dos conteúdos. As pessoas (*carriers*) carregam consigo as lembranças, eventos históricos e as mitologias passadas para outros indivíduos e gerações em diferentes lugares. Elas compartilham imagens e narrativas individuais e coletivas do passado, selecionam e as transmitem.<sup>388</sup> Mas, além dessas situações, as memórias se movem para além dos lugares e dos grupos. Elas circulam, são transnacionais, transculturais, multidirecionais.<sup>389</sup> Erll considera que “*todas as memórias culturais devem ‘viajar’, ser mantidas em movimento para que possam continuar ‘vivas’, para que possam ter impacto sobre as mentes das pessoas e formações sociais*”.<sup>390</sup>

Embora esse movimento ocorra de forma espontânea, geralmente podem ser utilizadas como ferramentas de controle social ou político. Tendo potencial de serem manipuladas para se tornarem instrumentos de venda ou como criadoras de “necessidades” de consumo. Seu uso não é limitado. Isso ocorre com mais potência quando se associa a instrumentos tecnológicos praticamente sem barreiras ou controles, como a internet.

No caso específico dos Beatles, percebemos uma dinamicidade latente das memórias. Elas são proporcionadas pela sua frequente revisão, por lançamentos de livros, filmes, documentários, revistas, etc. Notícias sobre a banda saem em sites populares, na TV, além dos jornais, que as usam como referências quando o assunto é a década de sessenta ou música popular. Blogs, podcasts, e outras formas de programas online, também a revisitam, mediante a discussão da sua obra e suas carreiras solo. Tudo isso ajuda a manter o grupo presente, mesmo ausente.

Outra importante característica das *travelling memories* é a transnacionalidade. As memórias “viajam”. Elas ultrapassam as fronteiras dos Estados, carregadas por indivíduos e grupos, com suas diferentes culturas as ressignificam conforme as suas experiências, e escolhem se irão transmiti-las. As memórias são dinâmicas e fluídas, justamente pela possibilidade de seleção de seus elementos formadores, principalmente quando associados à nostalgia ou com algum tipo de objetivo específico.

---

<sup>387</sup> EARLL, Astrid, *idem*, 2011, p. 12. (Tradução nossa).

<sup>388</sup> EARLL, Astrid, *idem*, 2011, p. 12. (Tradução nossa).

<sup>389</sup> NITMES – Travelling Memory. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=psV9D09Swho&t=115s>>. Acesso em: 01 jun. 2023. Entrevista com Astrid Erll, realizada em 8 de fevereiro de 2017. (Tradução nossa).

<sup>390</sup> EARLL, Astrid, *idem*, 2011, p. 12. (Tradução nossa).

Os monumentos e memoriais relacionados ao grupo e que estão fora de Liverpool (não são poucos) auxiliam indiretamente na manutenção da popularidade dos Beatles. Eles são um reflexo da força das *travelling memories*. Por meio de um discurso visual, contam uma história que é apreendida, repassada e que continua tendo algum significado para aquele povo, já que os monumentos continuam presentes, fazendo parte de um imaginário social. “Desde o século XIX os monumentos têm um papel especial como expressões públicas de uma visão particular do passado. Os construtos estão presentes para apontar o que é importante ser lembrado sobre o passado”.<sup>391</sup> Eles criam o sentimento de comunidade, e se unem por uma visão comum. Além disso, a presença desses objetos fora de Liverpool, mantém viva a imagem do grupo e mostram a importância e o alcance cultural fora de seu país de origem. Assim, a memória é formada: através das experiências e daquilo que é ensinado.<sup>392</sup>

Esse tipo de visão sobre a memória entra em choque com a estabilidade e a monumentalidade proposta por Pierre Nora, principalmente quando trata das questões das reminiscências associadas aos lugares. A ideia de cristalização da memória e de representações estáticas, contrasta com os ensinamentos de Erll e, acreditamos que no atual contexto onde a transnacionalidade e a transculturalidade estão presentes e atuantes, a dinamicidade e fluidez não são simplesmente possibilidades, são realidades nos estudos de memória e identidade.

### 2.3.4 A produção de presença

Outra explicação, possível, para o excesso de pessoas se dirigirem a Liverpool reforçando a identidade associada ao grupo é o “[...] cotidiano de realidades virtuais em que vivemos, [...] em que as tecnologias modernas da comunicação nos deram onipresença e, dessa forma, eliminaram da nossa presença o espaço, um cotidiano em que a presença real do mundo encolheu e é uma presença na tela [...]”.<sup>393</sup> Um mundo globalizado onde se naturalizou a distância física nas relações humanas.<sup>394</sup> A proximidade com o tangível, com o não virtual proporciona uma experiência que se perdeu com a realidade cartesiana.

*A globalização tem a ver com informação (no mais lato sentido da palavra) e com o fato de as consequências da transferência de informação serem cada vez mais desligadas e independentes de lugares físicos específicos. “Isso significa que se a globalização aumentou para a maior parte de nós a*

<sup>391</sup> Palestra proferida em 2010. (tradução nossa). RIGNEY, Ann. *Memories and Monuments*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jfdJUT2lqas&t=5s>>. Acesso em 23 set. 2018. (Tradução nossa).

<sup>392</sup> ASSMAN, Aleida. NITMES – *Cultural Memory*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Hjwo7\\_A--sg](https://www.youtube.com/watch?v=Hjwo7_A--sg)>. Acesso em: 18 mar. 2019. (Tradução nossa).

<sup>393</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 32.

<sup>394</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Idem*, 2015, p. 35.



possibilidade de fazer uma foto do Taj Mahal, da Ópera de Sidney ou das igrejas barrocas de Ouro Preto com nossas câmeras digitais, também diminuiu a intensidade com que as coisas do mundo estão presentes perante nós, no sentido de serem tangíveis. Se seria difícil defender que uma relação de ‘presença’ e de ‘tangibilidade’ é uma relação verdadeiramente ‘melhor’ com o mundo material que nos rodeia do que uma relação com base na experiência e na informação, é interessante ver que hoje em dia muitos turistas não sabem bem como reagir na verdadeira presença de monumentos que os fizeram investir grandes somas de dinheiro para ver ao vivo. Por isso acabam fazendo centenas de fotos digitais, muito provavelmente inferiores em qualidade às que viram em casa, nos respectivos *websites* – e é esta uma das muitas razões por que provavelmente nunca voltarão a olhar as fotos que fizeram. Tentarei novamente não defender que esta relação – muito ‘digital’ – com o mundo material é existencialmente inferior a uma relação com base na presença. Porém, seja como for, parece omitir – mais do que ativamente excluir – algumas dimensões raramente referidas da vida individual, que parecem tornar-se perceptíveis como reação a esta omissão.<sup>395</sup>

A obra *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir* de Gumbrecht foi importante para esse trabalho na busca de entender e revelar algumas das motivações que levam indivíduos a visitarem locais que estão associados ao legado dos Beatles. Procurou-se apreender, através de entrevistas realizadas nos lugares de memória *beatle* (Liverpool e Londres), as motivações que levam os fãs a se dirigirem a esses lugares atrás de reminiscências conectadas ao grupo. Foram entrevistas feitas com pessoas ligadas às práticas públicas e privadas de turismo musical, com objetivo de entender seu funcionamento. Palavras como *herança, nostalgia, memória afetiva e autenticidade* apareceram com frequência nas conversas realizadas.

A visitação a lugares associados a personagens e fatos históricos aproxima-se da ideia da busca pela concretude do intangível, do alívio e consolo da memória notável e passada. Ela deixa de ser uma simples recordação e ganha uma nova roupagem de informações trazidas pelo contato com o “lugar sagrado”.<sup>396</sup> Visitar o local do acontecimento histórico traz a materialidade, fundamental aspecto para poder ocorrer a produção de presença. Essa noção está relacionada ao afeto, à reminiscência que extrapola o plano metafísico e se incorpora na tangibilidade de um objeto, um ambiente, externo ou interno, uma casa ou uma cidade, por exemplo. Essa curiosidade/necessidade de proximidade física com o reverenciado está intrinsecamente ligada a importantes aspectos de nossa formação mental, por isso, “[...] os efeitos da presença apelam aos sentidos” de maneira visceral.<sup>397</sup> Estar nesses lugares aproxima

<sup>395</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Idem*, 2015, p. 35.

<sup>396</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010, p. 15.

<sup>397</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010, p. 15.

o visitante das pessoas a eles conectados, ocorrendo um fenômeno denominado de “presentificação do passado”, enfatizado pela dimensão espacial.<sup>398</sup> Ao questionar pessoas, de diferentes localidades do mundo, em entrevistas informais realizadas em Liverpool e Londres, do porquê visitar lugares específicos, várias afirmaram que “queriam *estar* naqueles lugares”, “os Beatles estiveram ali”, “queriam ver como era estar no mesmo lugar”, “vi uma foto deles neste lugar”. Estar nas mesmas localidades dá a ilusão de “tocar objetos que associamos ao passado”, de uma conexão mais próxima e corporificada, neste caso, com a banda.<sup>399</sup> Existe uma curiosidade por estes lugares onde “a memória se cristaliza e se refugia”.<sup>400</sup> A experiência relatada é proporcionada pela “produção de presença”. Essa expressão “[...] aponta para todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos itens ‘presentes’ sobre corpos humanos”.<sup>401</sup> No caso dos Beatles, os “objetos” se materializam nos locais que estão conectados ou relacionados ao grupo.<sup>402</sup> A produção de presença é pura e direta. O lugar ou o artefato tem a materialidade, a energia que pode ser experimentada através da presença física.<sup>403</sup>

A conexão dos Beatles com Liverpool é palpável, e visitá-la proporciona ao peregrino a concretização de suas experiências, antes relegadas ao plano metafísico. Um exemplo da situação descrita ocorreu com Goethe, que ao chegar a Vicenza escreveu em seu diário de viagem:

Cheguei aqui há algumas horas, percorri já a cidade e vi o Teatro Olímpico e as edificações de Palladio. Para a comodidade dos estrangeiros, publica-se aqui um livrinho contendo gravuras em cobre e um texto especializado em arte. **Mas é apenas quando se veem essas obras pessoalmente que se constata o seu grande valor; é necessário que elas nos encham os olhos com seu tamanho natural, sua presença física e a bela harmonia de suas dimensões, e que nos satisfaçam o espírito não apenas mediante esboços planos e abstratos, mas também com todo o aprofundar e recuar do olhar por sua visão perspectiva real.**<sup>404</sup>

O sentido se completa com a aproximação física, com a chegada ao local esperado. “O desejo de presença extrapola o momento e nos leva a imaginar como nós teríamos relacionado

<sup>398</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich, *idem*, 2010, p. 154.

<sup>399</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich, *idem*, 2010, p. 154.

<sup>400</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História/Departamento de História, PUCSP*, n. 10, 1993, p. 7.

<sup>401</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010, p. 13.

<sup>402</sup> “Certas culturas da presença atribuem mesmo uma função encantatória à linguagem rítmica, isto é, entendem que possui a capacidade de tornar ausentes coisas presentes e presentes coisas ausentes [...] GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 25.

<sup>403</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich, *ibidem*, 2010, p. 84.

<sup>404</sup> GOETHE, J.W. *Viagem à Itália (1786-1788)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 61-62. **(Negrito nosso)**.

intelectualmente, e os nossos corpos, com determinados objetos (em vez de perguntar o que esses objetos ‘querem dizer’) se tivéssemos encontrado com eles nos seus mundos cotidianos históricos”.<sup>405</sup> É uma ação geralmente positiva que causa efeito pessoal e intransferível.

A produção de presença pode ser caracterizada na busca pela “experiência total”, que se inicia, no caso dos Beatles, com a escuta das canções e a visualização de suas imagens, assistindo aos filmes e clipes (a produção de sentido); e, atinge sua plenitude com a tangibilidade da visita, com a veracidade exposta, com o toque, o cheiro. Quando ocorre o momento do encontro, para alguns, há uma espécie de catarse. “A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva”.<sup>406</sup>

A produção de presença, embora vá além da produção de sentido, não é isolada. O momento histórico em que o ator vive, e conseqüentemente sua cultura, é importante para a existência ou não da sensação: pode ser que hoje tenha amplo impacto e reverência, mas amanhã se torne obscuro e inexpressivo. Por vezes, até repugnante e traumático.<sup>407</sup> Assim explica Assmann: “Ruínas e objetos remanescentes que durante muito tempo existiram como um monte de escombros despercebidos e que com isso se tornaram invisíveis repentinamente podem voltar a ser visíveis, caso recaia sobre eles o feixe de atenção desse novo interesse”.<sup>408</sup>

O contato com o lugar do acontecido e a experiência proporcionada é individual, contudo, as informações retidas nesse encontro irão reconstruir as vivências passadas e resignificá-las, atingindo os indivíduos que estão à volta. Em viagens pela Itália, Goethe escreveu: “Quero relatar brevemente as pinturas que vi ontem, acrescentando alguns comentários. Não estou fazendo esta maravilhosa viagem com o propósito de me iludir, mas sim de me conhecer melhor a partir dos objetos que vejo; com toda a honestidade, digo, pois, a mim mesmo [...]”.<sup>409</sup> Esse contato material nos auxilia a conhecer melhor, trazendo diferentes perspectivas, novos entendimentos de nós mesmos. Tudo isso está relacionado à produção de sentido fundamental para essa relação.

A visitação desses lugares, conecta-se à manutenção e transformação de aspectos de nossa própria identidade social e individual. “[...] O sentimento de continuidade torna-se

<sup>405</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010, p. 155.

<sup>406</sup> CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006, p. 18.

<sup>407</sup> Lugares de Memória geradores de experiências traumáticas, como os relacionados ao Holocausto.

<sup>408</sup> ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 329.

<sup>409</sup> GOETHE, J.W. *Viagem à Itália (1786-1788)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 54.

residual nos locais”.<sup>410</sup> Na visitação busca-se a sensação de preservação, de proteção daquela informação, fato ou personagem que tem um valor intrínseco, seja para uma pessoa ou para todo um grupo. No caso estudado, os lugares de memória (que serão analisados no capítulo 3) são importantes elementos de fortalecimento da identidade urbana associada aos Beatles. Ir a Liverpool, conhecer os locais, ter a experiência da presença é para muitos aproximar-se do grupo, de seu tempo e de sua obra.

#### 2.4 LIVERPOOL E OS BEATLES: UMA UNANIMIDADE?

Não há dúvida que os Beatles se tornaram uma referência quando se fala em Liverpool. Corporificam uma identidade que se fez forte e popular mundialmente. Contudo, para os habitantes ela não é uma unanimidade, pois, as memórias e os significados simbólicos associados ao lugar têm características pessoais e socioculturais diversas. A identidade, nesse sentido, refere-se às características do lugar conforme percebidas pelas pessoas. Essa abordagem se concentra no ponto de vista de seus diferentes usuários e nas suas experiências.

O legado deixado pelos Beatles não é fácil de lidar. “Liverpool levou mais de dez anos para acomodar a ideia de que os Beatles poderiam ser uma atração turística e a música popular deveria ser levada a sério. Depois que decidiram, de má vontade, que era esse o caso, pareciam estar perdidos”.<sup>411</sup> Ainda hoje, percebe-se a dificuldade de conciliar a vontade da população/governança local com o desejo dos visitantes e peregrinos. O turista e o turismo “[...] geram impactos sobre os ambientes físicos, econômicos e socioculturais” na região onde se encontram os monumentos e lugares de memória.<sup>412</sup> Não há dúvida que as práticas turísticas possuem uma verticalidade que abala as ações relacionadas com o cotidiano e com a rotina dos cidadãos. Assim, o governo local parece ter dificuldades de assumir uma posição ativa pertinente ao assunto. Ao mesmo tempo, em que percebe o impacto econômico desse turismo cultural e reconhece sua importância, a sociedade liverpoolitana tem uma postura conservadora quando trata das alterações em sua rotina. Um dos indicadores que representa essa forma de agir, são os elogios e prêmios oficiais dados àqueles que se envolvem e mantêm os negócios relacionados ao turismo beatle, concomitantemente, não executa nenhuma ação governamental para fortalecimento dessa prática. Notou-se, em nosso trabalho de campo, que a maioria dos

---

<sup>410</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História/Departamento de História*, PUCSP, n. 10, 1993, p. 7.

<sup>411</sup> BROCKEN, Michael. *Other voices: hidden histories of Liverpool's popular music scenes, 1930s-1970s*. Surrey: Ashgate, 2010, p.1. (Tradução nossa).

<sup>412</sup> BROCKEN, Michael, *ibidem*, 2010, p.1. (Tradução nossa).

empreendimentos conexos ao legado beatle são coordenados ou mesmo mantidos por particulares.

Dois indivíduos, responsáveis pelo *Cavern City Tours*, receberam um prêmio do governo da cidade de “cidadãos de honra”, por conta de uma ação ligada ao turismo que trata exclusivamente da banda. O prefeito atual (2023), Roy Gladden afirmou que a cidade possui um grande débito com os homenageados.<sup>413</sup> O site oficial da empresa traz o seguinte texto: “O grupo *Cavern City Tours* continua a se desenvolver e se ramificar em novas áreas, colocando-se no epicentro do turismo dos Beatles no mundo”.<sup>414</sup> Assim, vê-se que o governo condecora e agradece o esforço dos empresários, mas não é diretamente responsável pela manutenção dos locais. Os principais pontos como o *Cavern Club*, o museu *Beatles Story* e o passeio guiado *Magical Mystery Tour* são mantidos por particulares. (Figura 34).

Uma pesquisa realizada pelas Universidades John Moore e Liverpool, através do instituto Cultural Capital, o *European Institute of Urban Affairs* e o *Institute of Popular Music*, analisaram o impacto econômico dos Beatles na cidade. Além do valor líquido adicional de £ 81,9 milhões de libras gerados pela herança da banda, o relatório revela que a economia relacionada ao grupo está crescendo até 15% ao ano. O mesmo relatório afirma que o legado do conjunto gera, além dos já citados, quase £ 82 milhões de libras à economia de Liverpool a cada ano, 2.335 empregos diretos.<sup>415</sup>

---

<sup>413</sup> BBC NEWS. *Liverpool's Beatles tourism pioneers receive citizens of honour award*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-england-merseyside-62496679>> . Acesso em: 05 jun. 2023. (Tradução nossa).

<sup>414</sup> CAVERN CITY TOURS. Disponível em: <<https://www.cavernclub.com/cavern-city-tours/>>. Acesso em: 08 jun. 2023. (Tradução nossa).

<sup>415</sup> CULTURE LIVERPOOL. *New report reveals Beatles heritage adds £81.9m to Liverpool economy*. Disponível em: <<https://www.cultureliverpool.co.uk/news/new-report-reveals-beatles-heritage-adds-81-9m-to-liverpool-economy-2/>>. Acesso em: 10 jun. 2023. Mas o que dizer para aqueles que são opositores de uma prática turística que em 2022, segundo o Conselho da Cidade rendeu aproximadamente £ 100 milhões para a economia da cidade e atraiu mais de 600.000 visitantes anualmente? BBC NEWS. *Liverpool's Beatles tourism pioneers receive citizens of honour award*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-england-merseyside-62496679>> . Acesso em: 05 jun. 2023. (Tradução nossa).

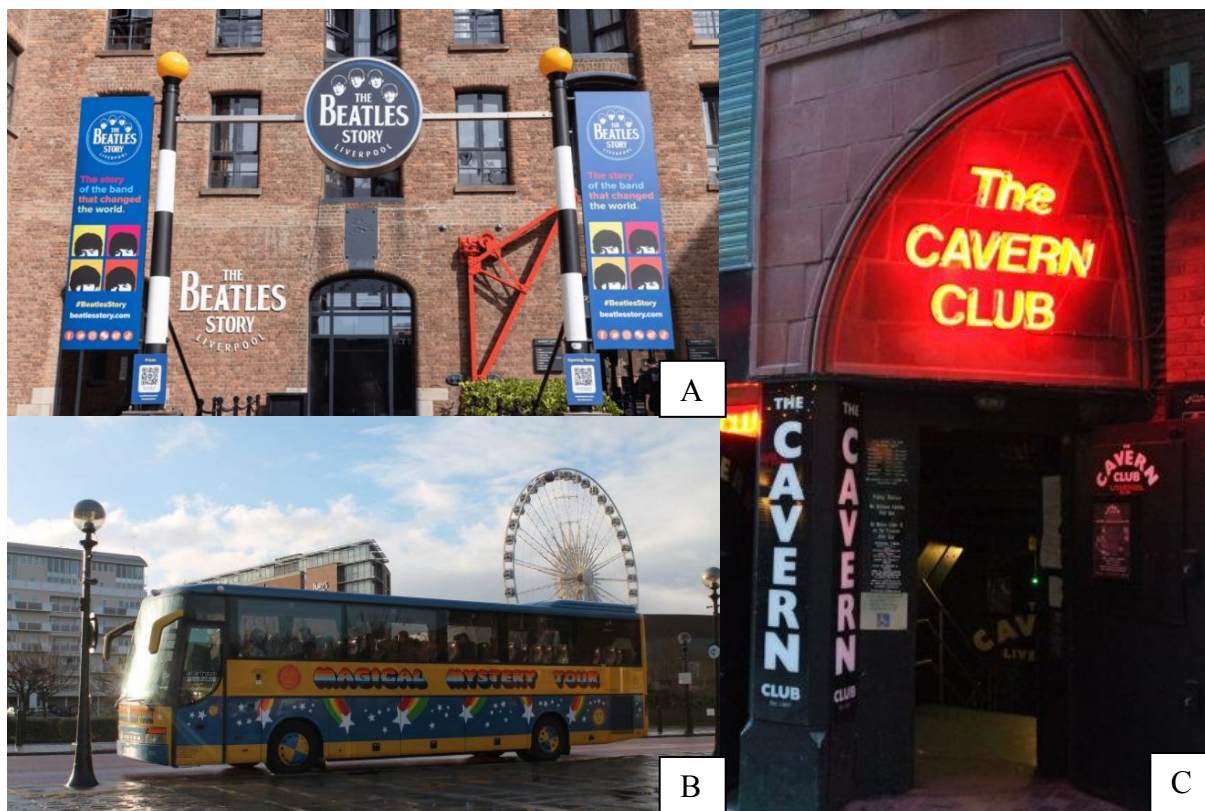


Figura 34 Foto A Museu Beatles Story. Disponível em: <<https://www.visitliverpool.com/listing/the-beatles-story/839301/>>. Acesso em: 27 jun. 2023. Foto B Ônibus do Magical Mystery Tour. Disponível em: <https://www.viagensevivencias.com.br/2017/04/magical-mystery-tour.html>. Acesso em: 27 jun. 2023. Foto C Cavern Club. Disponível em: <<https://todososcaminhos.com/cavern-club-o-clube-mais-famoso-do-mundo-em-liverpool/>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

O relatório também observa que o envolvimento com o legado dos Beatles é um caminho valioso para outros aspectos da herança de Liverpool, incluindo seu passado marítimo, história moderna e cena cultural contemporânea – incluindo a música e as artes. O relatório afirma que um dos principais desafios para a cidade será cuidar e manter a autenticidade da experiência do patrimônio dos Beatles para os fãs e visitantes existentes e futuros – especialmente à medida que as novas gerações de visitantes se envolvem com os Beatles e Liverpool.<sup>416</sup>

O prefeito de Liverpool, à época da pesquisa, 2015, Joe Anderson, afirmou:

Este é um momento emocionante, por ser o primeiro passo em uma jornada para proteger o legado dos filhos famosos de Liverpool e garantir que continue atraindo visitantes para a cidade nas próximas gerações. Queríamos um relatório que usasse evidências e análises tangíveis para nos dizer exatamente qual é o legado dos Beatles para Liverpool. [...] Todos sabem que os Beatles

<sup>416</sup> CULTURE LIVERPOOL. *New report reveals Beatles heritage adds £81.9m to Liverpool economy*. Disponível em: <<https://www.cultureliverpool.co.uk/news/new-report-reveals-beatles-heritage-adds-81-9m-to-liverpool-economy-2/>>. Acesso em: 10 jun. 2023. Mas o que dizer para aqueles que são opositores de uma prática turística que em 2022, segundo o Conselho da Cidade rendeu aproximadamente £ 100 milhões para a economia da cidade e atraiu mais de 600.000 visitantes anualmente? BBC NEWS. *Liverpool's Beatles tourism pioneers receive citizens of honour award*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-england-merseyside-62496679>>. Acesso em: 05 jun. 2023. (Tradução nossa).

tiveram um grande impacto no passado da cidade, mas agora sabemos exatamente o que é isso e o que podemos fazer, com outras partes interessadas, para garantir seu impacto no futuro da cidade. Isso agora nos dá uma base sólida para fazer investimentos e decisões criativas sobre como melhorar o turismo relacionado aos Beatles.<sup>417</sup>

Fica claro, com os dados divulgados, a importância dos Beatles e o que eles representam para a cidade. Porém, agradecer a todos não é tarefa fácil. A urbe cada vez mais se adapta ao momento, ao mesmo tempo, em que críticas surgem para algumas ações consideradas não adequadas. A dimensão dessa controvérsia pode ser observada no artigo publicado online, em 2021: “The Beatles: Inspiration or dead weight?” tradução livre: Os Beatles: Inspiração ou peso morto? de, Jon Eagan faz algumas reflexões:

Quanto mais inflarmos nossa oferta de Beatles e confundirmos sua marca com a própria identidade da cidade, menos espaço teremos para imaginar algo original, contemporâneo ou notável. Juntamente com o futebol (que pelo menos conta novas histórias), eles monopolizaram tanto nossa marca externa quanto nossa autoimagem com curadoria oficial, ocultando facetas de nossa identidade e história que agora estão esquecidas e suprimidas, apenas vislumbradas pela metade na penumbra de um sombrio tempo de sonhos *scouse*.<sup>418</sup>

Parece haver, nessa análise de Eagan, uma tentativa de abrir espaço para outras identidades e práticas culturais que continuam presentes. Ele sugere, não tentar apagar a banda, mas fortalecer outros elementos identitários perante o mundo. Entretanto, como analisamos anteriormente, existe um aspecto de autenticidade na relação entre os Beatles e Liverpool que é difícil sobrepor. As conexões entre os dois foram se fortalecendo durante os anos da existência do grupo. E, após a morte de John Lennon, os laços se intensificaram. Hoje, é praticamente impossível pensar em Liverpool e não pensar nos Beatles.

Ao visitar a cidade, e conversar com os habitantes, ficou claro que não há como fugir da realidade imposta pelos turistas, peregrinos e seus celulares (que hoje estão substituindo as máquinas fotográficas). Um motorista de táxi (com sotaque indiano associado ao *scouse* que tornava quase impossível a compreensão) disse que muitas pessoas querem é visitar o estádio do Liverpool, time de futebol mundialmente conhecido. Muitos turistas com diferentes desejos, todos disputando o mesmo espaço com moradores que possuem sua rotina e necessidades.

---

<sup>417</sup> CULTURE LIVERPOOL. *New report reveals Beatles heritage adds £81.9m to Liverpool economy*. Disponível em: <<https://www.cultureliverpool.co.uk/news/new-report-reveals-beatles-heritage-adds-81-9m-to-liverpool-economy-2/>> . Acesso em: 10 jun. 2023. (Tradução nossa).

<sup>418</sup>EGAN, Jon. *The Beatles: Inspiration or dead weight?*. Disponível em:<<https://www.liverpolitan.co.uk/opinion/dead-weight-beatles>> . Acesso em: 05 jun. 2023. (Tradução nossa).

Negociações são necessárias de ambos os lados (turistas/peregrinos x moradores/governo) para a relação ser relativamente harmoniosa. Atualmente, o poder público de Liverpool parece estar buscando diferentes modos para conciliar a vontade da comunidade, suas necessidades econômicas e a presença cada vez mais incisiva de visitantes. Além de concentrar as atrações turísticas nas docas, há uma constante ação para associar a cidade à cultura em geral e não somente à música. Quando estivemos *in loco*, em 2018, a cidade recebeu uma exposição com vários componentes originais do exército de terracota chinês. As entradas se esgotaram rapidamente.

Hoje, a cidade de origem do grupo musical está se adaptando às necessidades turísticas que exigem transformações. Debates envolvendo a comunidade e os órgãos oficiais acontecem com frequência. Não há dúvida de que, atualmente, a identidade hegemônica da cidade se conecta aos Beatles e sua história, e negar essa realidade talvez não seja o mais adequado.

Como na canção dos Beatles, o caminho é “longo e tortuoso” na busca por uma solução equilibrada. Liverpool tornou-se um lugar de visita para uma geração que cresceu com os Beatles. Mas, essas pessoas não são as únicas que querem conhecer o local de origem da banda, tão citado por eles em entrevistas e em canções. As novas gerações também querem ter essa experiência.



### CAPÍTULO 3 – OS MONUMENTOS, MEMORIAIS, MUSEUS E LUGARES DE MEMÓRIA: A MANUTENÇÃO DA POPULARIDADE DOS BEATLES

A Amazon Prime (canal de *streaming*) lançou, em 2021, uma animação chamada *Invincible* baseada na série homônima de quadrinhos criada por Robert Kirkman. Um *cartoon* adulto, que mostra uma sociedade povoada por super-heróis de caráter duvidoso. Na primeira cena do primeiro episódio, dois seguranças na porta de um prédio público nos Estados Unidos conversam:

- Vou me divertir em Londres. [...]
- Vai ficar de folga o tempo todo? Uma semana?
- Duas. São as férias do Matt (seu enteado). Ele é obcecado pelos Beatles. Quer ir na Abbey Road e visitar a Apple Records. Vou tentar ver o que eu quero, se der tempo.<sup>419</sup>

Lê-se na conversa que alguém quer viajar para conhecer a “terra dos Beatles”, e isso não é estranho ou incomum que apareça em um diálogo de *cartoon*. Pelo contrário, o existir dessa conversa, em um desenho animado produzido no ano de 2021, nos mostra como os Beatles atingem diferentes gerações na contemporaneidade.

São muitos os visitantes e peregrinos, de todas as idades, que viajam para conhecer lugares associados ao grupo, presentes, principalmente, na Inglaterra. Na conversa citada, são duas as localidades mencionadas: a primeira é o estúdio onde os Beatles gravaram a maioria dos seus discos. Ele fica próximo de onde tiraram a famosa foto atravessando a faixa de pedestres (Abbey Road). O segundo, a Apple Records, é o topo do prédio onde fizeram sua última apresentação. Ambos são lugares associados ao grupo e focos de peregrinações laicas e visitas, inseridos em um quadro mais amplo que pode ser nomeado de turismo cultural. Essas localidades ficam em Londres, cidade onde a banda passou grande parte de sua existência.

O turismo cultural pode ser conceituado como “aquele que tem por característica o intercâmbio cultural, o inter-relacionamento entre pessoas de localidades distintas com seus usos e costumes peculiares e o desejo de conhecer o ambiente em que viviam e vivem determinados grupos humanos”.<sup>420</sup> Ele “tem por objetivo conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem”.<sup>421</sup> Essa prática é uma das bases do contínuo fortalecimento

<sup>419</sup> INVINCIBLE. Maude Lewis. Estados Unidos, Amazon Prime, 2021. 8 episódios.

<sup>420</sup> PECLIAR, Paola Luciana Rodriguez. *Turismo Cultural: Um olhar sobre as manifestações de atratividades encontradas nas feiras populares do Brique da Redenção em Porto Alegre-RS, Brasil, e a Feira da Praça Matriz em Montevideú, no Uruguai*. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt6-turismo-cultural.pdf>>. Acesso em 04 jul. 2022.

<sup>421</sup> BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Campinas: Papirus, 1995, p. 21.

das conexões entre os Beatles e a contemporaneidade, ao mesmo tempo, que mantém a popularidade do quarteto e o renovado interesse de novas gerações.

Os lugares de turismo cultural, associados aos “quatro rapazes de Liverpool”, encontram-se espalhados pelo mundo. Estão localizados em países onde o grupo se apresentou, tiraram fotos ou onde aconteceram fatos importantes relacionados aos seus componentes. Em muitos desses lugares, foram instaladas placas comemorativas, monumentos ou memoriais para lembrar o fato. Porém, há outros, em que nada foi colocado, mas isso não impede que sejam visitados. A maioria desses lugares encontra-se em Liverpool. Uma reportagem, exibida pelo Jornal do SBT, em 21 de abril de 2017, com foco na cidade de Liverpool, fala sobre a “presença” dos músicos na sua terra natal:

Liverpool, no interior da Inglaterra, respira música. E não poderia ser diferente, ela é o berço dos Beatles. [...] Bem-vindos a Liverpool! Cidade onde esses motivos (aqui se referindo aos Beatles) estão no chão, na altura dos olhos, imponentes lá no alto, como reis de um tempo que insiste em não passar. Os quatro mudaram o rock and roll e a história da cidade que os revelou.<sup>422</sup>

Apesar da forte conexão da banda com sua urbe de origem, não é só nela que se encontram lugares de memória relacionados ao grupo. Um exemplo é o memorial *Strawberry Fields*, em Nova York. Mesmo estando fora da Inglaterra, associado ao *FabFour*, é um dos espaços mais visitados em Nova York.<sup>423</sup> A figura 35 nos dá a dimensão de sua religiosidade.

---

<sup>422</sup> JORNAL DO SBT. Liverpool: A Cidade da Música. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DH4PFOqbOXw>>. Acesso em 09 jul. 2022.

<sup>423</sup> STRAWBERRY FIELDS. Disponível em: <<https://www.centralpark.com/things-to-do/attractions/strawberry-fields/>>. Acesso em: 31 jul. 2023.



Figura 35 - Memorial situado no *Central Park* em Nova Iorque dedicado a John Lennon. Exemplo de religiosidade associada à cultura pop. Imagem retirada do site: <https://www.dreamstime.com/stock-images-strawberry-fields-john-lennon-memorial-image17358184>.

Diante de todo esse contexto, para o terceiro capítulo planejamos aprofundar a questão dos lugares de memória – dos monumentos, dos museus e dos memoriais – que auxiliam na manutenção e fortalecimento da popularidade dos Beatles em escala global. Esperamos demonstrar que esses objetos, junto à nostalgia, às *travelling memories* e à produção de presença, anteriormente discutidas, nos propiciam compreender o porquê de a mais de 50 anos do fim do grupo, eles ainda serem populares e, reverenciados por fãs e outros artistas. Além de continuamente, serem agraciados por homenagens dos mais variados modelos. Nesse caso, esses elementos agem como égides que protegem o legado dos músicos e não nos deixam esquecer de sua existência em nossa memória coletiva.

Françoise Choay, em sua obra *A alegoria do patrimônio*, ensina que os monumentos têm uma função defensiva.<sup>424</sup> Em uma sociedade, social e culturalmente fragmentada, líquida e que convive com a forte aceleração temporal, o monumento torna-se um “porto seguro”, de igual modo que o memorial e o lugar de memória trazem em si um aspecto estabilizador das lembranças de um passado. Os museus reforçam um discurso e se colocam como parâmetros de uma visão oficial do acontecido, transmitindo ainda mais constância. Com um futuro cheio

<sup>424</sup> CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006, p. 241.

de incertezas, inclusive sobre a nossa própria existência, os Beatles podem ser vistos como tranquilizadores, trazendo lembranças de um passado aparentemente mais positivo. Lembrar de sua existência e, especialmente, de suas canções torna a vida, para muitos e muitas mais prazerosa.

### 3.1 LUGARES DE MEMÓRIA EM LIVERPOOL: MANUTENÇÃO DA POPULARIDADE DOS BEATLES

O que é o lugar de memória? Esse conceito, lugar de memória, presente no questionamento, foi proposto por Pierre Nora (“vivemos o tempo dos lugares”). Entretanto, ele continua sendo rediscutido e atualizado.

Para Nora, os lugares de memória são, primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade – se expressa e se revela. São, portanto, locais carregados de uma vontade de memória.<sup>425</sup>

Assim, os lugares relacionados ao mito *Beatle* passam a ter essa característica memorial “devido a algum acontecimento de relevância religiosa, histórica ou biográfica”.<sup>426</sup> São “a forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa [...] os marcos, as testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade”.<sup>427</sup>

Quando Nora desenvolveu o conceito, sua preocupação era a memória nacional francesa que, para ele, estava “desaparecendo”.<sup>428</sup>

O empreendimento editorial e intelectual de Pierre Nora partiu, portanto, de uma constatação (“a rápida desapareção” da memória nacional francesa), ganhando a forma de diagnóstico histórico mais amplo, ao mesmo tempo que projeto historiográfico. O diagnóstico elegeu privilegiadamente um dado recorte temporal (o tempo presente), uma determinada sociedade (a sociedade francesa) e um pressuposto fundamental (a existência de vínculos entre a permanência de uma memória nacional francesa e certos elementos – “lugares”).<sup>429</sup>

<sup>425</sup> NEVES, Margarida de Souza. Lugares de Memória na PUC-Rio. Disponível em: <<http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/content/lugares-memoria-puc-rio>>. Acesso em: 01 ago. 2023.

<sup>426</sup> ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 25.

<sup>427</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História/Departamento de História, PUCSP*, n. 10, 1993, pp. 12-13.

<sup>428</sup> GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. In: *Historiæ*, Rio Grande, 3 (3): 27-46, 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/jbfr/Downloads/3260-Texto%20do%20artigo-9120-1-10-20130118.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2023.

<sup>429</sup> GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. In: *Historiæ*, Rio Grande, 3 (3): 27-46, 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/jbfr/Downloads/3260-Texto%20do%20artigo-9120-1-10-20130118.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2023, p. 30.

Nesse trabalho vamos utilizar o conceito de lugar de memória, reavaliado por Aleida Assmann, em que discute em um cenário globalizado, auxiliando na compreensão historiográfica que vai além da nação e da identidade nacional, focando nos indivíduos e nas suas particularidades. Locais estes ligados à memória cultural de pessoas comuns e que, ao final, influenciam nas relações sociais e históricas que vivemos na contemporaneidade.

Entendemos os lugares de memória como de valoração individual ou coletiva, que se materializam em locais onde ocorreram fatos que possuem alguma relevância para um indivíduo ou grupo. Os lugares de memória coletiva têm como característica a reconstrução feita “[...] para nós por outros que não nós”.<sup>430</sup>

Lugares podem atestar e preservar um acontecimento, mesmo para além de fases de esquecimento coletivo. Após intervalos de suspensão da tradição, peregrinos e turistas do passado retornam a paragens significativas para eles, e ali encontram uma paisagem, monumentos ou ruínas. Neste encontro ocorrem ‘reanimações’, nas quais tanto o lugar reativa a recordação, quanto a recordação reativa o lugar.<sup>431</sup>

Assmann afirma que esses locais da recordação são muitas vezes abandonados, mas “[...] sua história ainda não acabou; eles retêm objetos materiais remanescentes que se tornam elementos de narrativas e, com isso, pontos de referência para uma nova memória cultural,” se for o caso.<sup>432</sup> Estar nesses lugares proporciona a possibilidade de ir além da imaginação, e aproxima aquele que conhece o passado do local, da ação, do fato.

O acesso a essas estruturas físicas, palpáveis, concretas é fundamental na busca destas sensações. Uma emoção construída por experiências prévias individualizadas.

(E-moção) uma moção, um movimento [...] ela tem de ser uma acção: qualquer coisa como um gesto simultaneamente interior e exterior, pois quando a emoção nos atravessa, a nossa alma revolve-se, treme, agita-se [...]. Jean Paul Sartre dirá que, ao contrário de apartar do mundo, ‘a emoção é uma certa maneira de apreender o mundo’.<sup>433</sup>

E é geralmente essa emoção que se almeja com as visitas. As relações de peregrinação e a busca de emoções estão relacionadas com os lugares de memória, e não são fenômenos recentes. Assmann cita uma carta escrita em 1578, onde o humanista Justo Lipsio escreveu sobre uma viagem à Roma:

Sim, e ademais, o uso que os olhos proporcionam e que te pode ser por si mesmo um guia até o saber. Vê, tu vais agora à Itália, adornada com frutos, homens e cidades afamados em discursos e textos escritos. Lá não pousarás teus pés em lugar algum, nem direcionarás teus olhos a lugar algum sem que

<sup>430</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 131.

<sup>431</sup> ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 25.

<sup>432</sup> ASSMANN, Aleida, *idem*, 2011, p. 328.

<sup>433</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* Lisboa: KKYM, 2015, p. 15.

te depares com algum monumento ou ganhes a recordação de algum antigo costume, alguma história antiga. [...] Quão grande e misteriosa é a alegria por uma visão como essa! Pois aqui não chegam somente ao espírito, mas quase aos olhos, aquelas grandes personalidades, e pisamos o solo que elas mesmas tantas vezes pisaram.<sup>434</sup>

Goethe também descreveu vários lugares de memória, em seu livro “Viagem à Itália (1786-1788)”. Assim, discorre seus pensamentos: “Perguntaram-se: se se tratava de uma ruína, o que podia haver de interessante nela? Ao que, [...] repliquei de forma bastante extensa, dizendo-lhes que, por certo, sabiam quantos viajantes iam à Roma apenas por causa das ruínas [...]”.<sup>435</sup>

Faz parte de nossa cultura a busca compreensiva de estruturas culturais que nos possibilitem entender nosso mundo. Essa busca é válida para atender aos prazeres intelectuais e às fruições de realidades distintas das nossas. Isso nos estimula, nos descansa, nos provoca abstrações que nos aliviam do cotidiano de trabalho. Isso nos leva à busca de prazeres nos momentos de ócio que contemplem o entendimento de culturas, de valores históricos, de manifestações da tradição construída de heranças culturais. [...] Essa demanda por produtos histórico-culturais faz parte de nossa cultura e, assim, deve ser compreendida em sua integridade e em sua dinâmica de construção, passada e presente. O patrimônio que o turista quer e deve ver está vivo.<sup>436</sup>

A busca por esses lugares é, geralmente, para o peregrino/turista, um momento de encontro/reencontro. “Onde qualquer tipo de transmissão de conhecimento esteja interrompido, surgem locais sagrados que ficam à mercê do jogo livre da imaginação ou do retorno de algo que se recalcou”.<sup>437</sup>

Muitas vezes, os lugares de memória surgem de uma forma espontânea, não planejada. São criados pela curiosidade de visitantes, pelo desejo de estar onde algo importante aconteceu. A faixa de pedestres em Abbey Road se tornou um lugar de memória a partir do momento em que fãs dos Beatles a visitavam para ver o local e recriar a famosa foto dos quatro atravessando a rua. Não foi instituído ou programado, foi espontâneo.<sup>438</sup>

Conhecer os lugares nos quais os Beatles estiveram, viveram e compuseram algumas de suas canções, dá a chance de se completar a experiência primeiramente proporcionada pela audição. Ouvir a canção traz o sentido, mas estar no lugar, “vendo o que eles viram, pisando onde eles estiveram” pode tornar a experiência mais completa.<sup>439</sup> Pode gerar emoções e estas

<sup>434</sup> ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 329.

<sup>435</sup> GOETHE, J.W. *Viagem à Itália (1786-1788)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 38.

<sup>436</sup> MENESES, José Newton Coelho. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 30.

<sup>437</sup> ASSMANN, Aleida. *Idem*, 2011, p. 25.

<sup>438</sup> COSTA, Sílvia Sobral. *Downhouse, a casa de Charles Darwin: a preservação da memória através das casas-museus*. Monografia de conclusão de curso. UFJ, 2019.

<sup>439</sup> Afirmação de duas irmãs norte-americanas colhida pelo pesquisador durante visita à casa museu de Paul McCartney em Liverpool, 2018.

“[...] têm uma potência – ou *são* uma potência – de transformação. Transformação da memória para o desejo, do passado para o futuro, ou até da tristeza para a alegria”.<sup>440</sup> Além da visita, da busca por uma pista, um detalhe, há, na maioria das vezes, a necessidade da foto ou da filmagem: a comprovação da presença (como um troféu ou *memória*), a marca pessoal deixada nas proximidades do lugar, ou mesmo na localidade em si. O ato de guardar as relíquias relacionadas ao lugar de memória pode, também, fazer parte da experiência.<sup>441</sup>

Liverpool passou a ser vista como um ponto de peregrinação, por ter em seu território vários lugares de memória associados aos Beatles. Essa ligação se fortaleceu com o passar do tempo e isso reflete na maneira como a cidade é reconhecida mundialmente. Ela se tornou o principal local de visitação para aqueles que têm o desejo de conhecer as origens dos integrantes, as paragens que inspiraram os compositores, inclusive as citadas nas canções. Essas curiosidades ajudam a manter o interesse pelo grupo, citado com frequência em jornais, na TV e nas redes sociais. Com o tempo, esses locais apresentam características de *cultural landscapes* (paisagens culturais).

Uma *cultural landscape* é um lugar com muitas camadas de história que evolui através do design e uso ao longo do tempo. Ela incorpora as associações e usos que evocam um senso de história para um lugar específico. As características físicas das paisagens culturais podem incluir árvores, edifícios, caminhos, móveis do local, cursos d'água - basicamente qualquer elemento que expresse valores culturais e a história de um local. Incluem elementos intangíveis, como usos da terra e associações de pessoas que influenciaram o desenvolvimento de uma paisagem. Incluem ainda bairros, parques e espaços abertos, fazendas e ranchos, lugares sagrados, etc.<sup>442</sup>

Como discutido no capítulo anterior, parte da economia de Liverpool gira em torno do grupo, que se faz presente, não só através dos lugares de memória, mas, também, através dos monumentos, memoriais e museus. Em 2020, o então prefeito de Liverpool, Joe Anderson afirmou:

Os Beatles não precisam de introdução. Sabemos quem eles são. Conhecemos suas músicas. Sabemos que eles amavam Liverpool. Sabemos que pessoas viajam de todas as partes do mundo em peregrinação para conhecer sua terra natal. [...] Os Beatles não são somente uma parte de nossa história, mas também fazem parte de nosso futuro [...].<sup>443</sup>

Isso fez com que essa cidade portuária medieval, em suas origens, fosse um importante ponto de referência para a história da música popular mundial, um *locus* para que milhares de

<sup>440</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* Lisboa: KKYM, 2015, p. 45.

<sup>441</sup> Fala de um entrevistado em frente ao *Cavern Club* em Liverpool (outubro de 2018).

<sup>442</sup> KRUSE II, Robert J. *The Beatles as Place Makers: Narrated Landscapes in Liverpool, England*, Journal of Cultural Geography, England, 2005, p. 87. (Tradução nossa).

<sup>443</sup> LIVERPOOL CITY COUNCIL. *Beatles heritage in Liverpool and its economic and culture sector impact: a report for Liverpool City Council*. Liverpool, 2015. (Tradução nossa).

peregrinos possam prestar suas homenagens, não, a um santo, templo ou deidade, mas para um grupo de rock.

Nos subcapítulos que seguem, apresentaremos alguns dos lugares de memória relacionados aos Beatles em Liverpool. Eles foram selecionados, pois, além de serem visitados regularmente por milhares de pessoas, acreditamos que esse movimento tem um papel fundamental na manutenção da popularidade do grupo perante as novas gerações de fãs.

### 3.1.1 Casas museu

Saber onde os membros da banda moravam é um dos pontos de interesse para os visitantes, assim suas residências se tornaram locais de visitação. Embora eles tenham vivido em diferentes habitações, algumas se destacam. O desejo de conhecer a moradia de personalidades, das mais variadas áreas, ocorre com frequência e é importante para o Turismo Cultural. Alguns desses locais recebem um tratamento museológico e se tornam casas-museu. As casas-museu “são instituições que representam o desvelo da vida privada   curiosidade social. Estes locais de memória [...] nasceram da ânsia de uma parcela social em preservar a memória de um (a) personagem de destaque em um grupo, compartilhar o seu legado e instituir suas raízes no cerne da sociedade”.<sup>444</sup>

As casas museus são residências museificadas e representam 10 a 15 por cento de todos os museus do mundo. [...] Funcionam como estruturas residenciais preservadas, restauradas ou reabilitadas [...]. Após a seleção para museificação, elas são [...] administradas por gestores, historiadores, curadores, intérpretes e voluntários treinados que se baseiam em pesquisas históricas extensas e meticulosas para validar a autoridade institucional da respectiva casa museu para o público.<sup>445</sup>

As casas de John Lennon e Paul McCartney foram transformadas em museus, mantidas pelo *National Trust*, enquanto as de George Harrison e Ringo Starr não estão abertas   visitação, pois são habitadas por particulares.<sup>446</sup>

<sup>444</sup> AFONSO, Micheli Martins e SERRES, Juliane Conceição Primon. Casa-museu, museu-casa ou casa histórica? Uma controversa tipologia museal. In: *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Noviembre 2014, [www.eumed.net/rev/cccss/30/casa-museu.html](http://www.eumed.net/rev/cccss/30/casa-museu.html).

<sup>445</sup> TERRY, Andrea. *House Museums*. Disponível em: <https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780199766567/obo-9780199766567-0243.xml>. Acesso em: 28 ago. 2023. (Tradu o nossa).

<sup>446</sup> “*National Trust for Places of Historic Interest or Natural Beauty*,   uma organização britânica fundada em 1895 e incorporada pelo *National Trust Act* (1907) com o objetivo de promover a preservação - e o acesso público a edifícios de interesse histórico ou arquitet nico e terrenos de interesse natural. beleza. [...] Com sede em Londres, atende a Inglaterra, País de Gales e Irlanda do Norte”. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/National-Trust>. Acessi em: 28 ago. 2023. (Tradu o nossa).



Na avenida *Menlove* está situada a casa, chamada *Mendips* onde John Lennon viveu sua adolescência com sua tia Mimi. Foi adquirida em 2001, por Yoko Ono, viúva de Lennon, e doada para o *National Trust* que a restaurou ao estilo do final dos anos cinquenta.<sup>447</sup> Hoje é possível visitá-la em *tours* guiados e concorridos. Muito bem preservada, ela é uma *semi-detached house*, uma casa geminada, modelo encontrado com frequência em cidades inglesas. A residência onde John Lennon viveu parte de sua vida, antes do sucesso mundial, era uma moradia confortável, com um quintal amplo com árvores frutíferas (com a entrada pelo lado esquerdo). Vitrais na entrada principal mostram preocupação com a estética do lugar. O espaço reservado ao jardim traz privacidade para os moradores. Fotos nessa casa só podem ser tiradas dos ambientes externos. (Figura 36).

Em outra rua, *Forthlin Road*, encontra-se a habitação onde Paul McCartney viveu sua adolescência. Várias de suas primeiras canções foram compostas no local. Em 1998, o *National Trust* adquiriu o imóvel por 47.000 libras.<sup>448</sup> A residência foi restaurada para dar ao visitante a sensação de uma viagem no tempo, com móveis da época e fotografias sobre a lareira.<sup>449</sup> Diferentemente da casa de John Lennon, a de Paul McCartney era bem menor. (Figura 37). Possui um pequeno jardim frontal, a entrada principal e uma entrada lateral compartilhada com a casa vizinha para o quintal. Chamadas de *Council House*, eram propriedades do governo e alugadas para pessoas de baixa renda.<sup>450</sup>

---

<sup>447</sup> LONGMAN, Daniel K. *The Beatles' landmarks in Liverpool*. Great Britain: Amberley Publishing, 2017, p. 15. (Tradução nossa).

<sup>448</sup> LONGMAN, Daniel K. *The Beatles' landmarks in Liverpool*. Great Britain: Amberley Publishing, 2017, p. 20. (Tradução nossa).

<sup>449</sup> O *National Trust* é um Fundo Nacional para Locais de Interesse Histórico ou Beleza Natural. Seus objetivos incluem a conservação e a proteção de lugares “para sempre, para todos”. Em 2020, o fundo completou 125 anos. Seu site oficial: <https://www.nationaltrust.org.uk/>. (Tradução nossa).

<sup>450</sup> Assim como a de John Lennon, a casa de Paul McCartney é geminada. A foto apresenta várias casas, em destaque, a do músico.

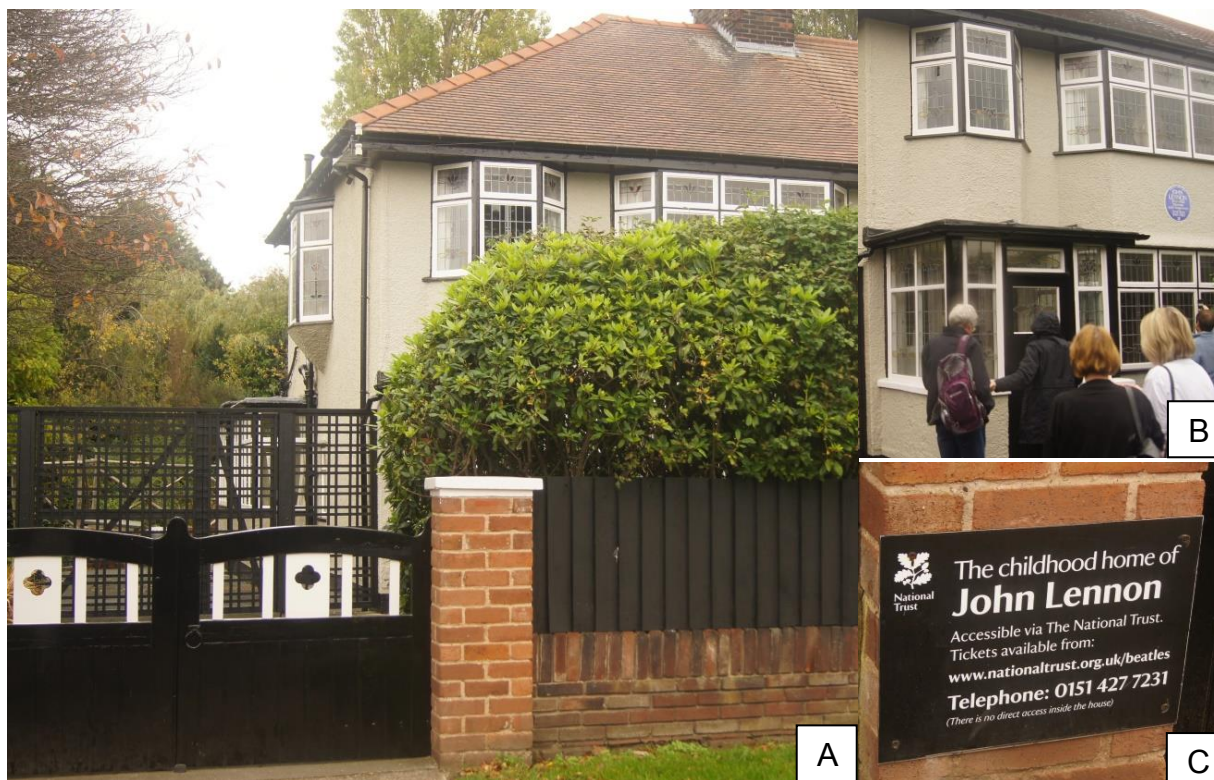


Figura 36: *Mendips*. A – Vista geral da casa. B – Grupo aguardando a entrada para uma visita guiada. Observa-se na parte central, no lado direito, o selo azul representativo de casa histórica. C - Placa no muro de entrada da casa onde se lê: “A casa de infância de John Lennon. Acessível via *National Trust*”. Fotos de COSTA, Sílvia S. (2018).

As casas museus são visitadas por cerca de 10.400 turistas por ano (dados obtidos pelo *National Trust*). Os números são controlados pelo motivo de estarem em áreas residenciais. Já, outros lugares de memória, como *Strawberry Field* e *Penny Lane* (que não possuem nenhum tipo de supervisão oficial), são visitados por 15 a 20 ônibus por dia (sem contar os táxis, empresas particulares ou visitantes autônomos).



Figura 37: *Forthlin Road*: Casa de Paul McCartney. A - A casa em que o músico morou é formada pela porta com batente vermelho, a janela branca à sua esquerda e as duas janelas superiores. A entrada à esquerda leva ao quintal. B – Grupo aguardando a entrada para uma visita guiada. C – Placa na frente da casa onde se lê: “A casa da orgulhosa família McCartney: Jim, Mary, Paul e Mike. Acessível via *National Trust*”. Fotos de COSTA, Sílvia S. (2018).

As casas de George Harrison e Ringo Starr não foram adquiridas pelo *National Trust*, mas fazem parte do passeio particular (*Magical Mystery Tour*) que guia os fãs por Liverpool. A casa de George Harrison (Figura 38) fica em um beco chamado *Arnold Grove*, que possui somente imóveis geminados. Ela pertence a particulares e não está aberta ao público. Menor que a de Paul McCartney, a residência não tem jardim e a porta se abre diretamente para a calçada. Já Ringo Starr, morava em *Admiral Grove* (Figura 39), um conjunto de casas pobres. Em 2018, o bloco habitacional onde ela se encontra estava sendo reformado. A casa é ainda mais simples e menor. A possibilidade de ambas se tornarem casas museus, assim como as demais, é razoável.



Figura 38: “Two up and two down”, Arnold Grove: Casa de George Harrison. A – Vista geral do beco. A coloração deixa clara as divisões entre elas. B – Placa com o endereço na entrada do beco. C- Casa em que morou a Família Harrison. Continua habitada. Não é permitida a visitação interna. Fotos de COSTA, Sílvia S. (2018).



Figura 39: Bloco de casas em reforma. A antiga casa de Ringo Starr encontra-se do lado direito. Foto de COSTA, Sílvia S. (2018).

### 3.1.2 Lugares e acontecimentos

O *St. Peter's Church* foi o local onde John Lennon e Paul McCartney se conheceram. Durante uma festa de igreja de mesmo nome, John Lennon estava se apresentando com seu grupo, *Os Quarrymen*. No intervalo, os dois foram apresentados por um amigo comum e trocaram ideias e canções. O local hoje tem uma placa celebrando o encontro (Figura 40).

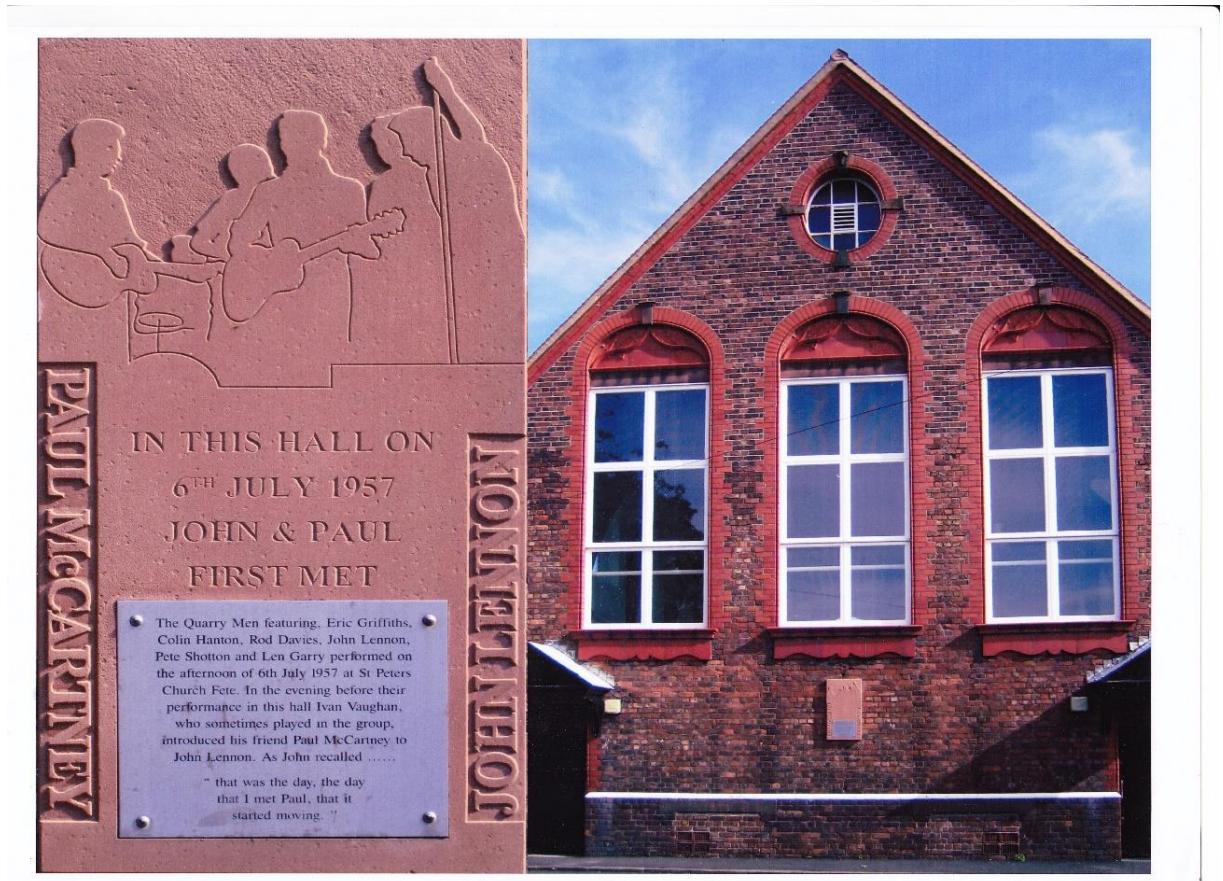


Figura 40. Igreja de St. Peter em Wolton. Na placa está escrito: “Neste salão, em 6 de julho de 1957, John e Paul se conheceram” St. PETER’S CHURCH. The Beatles Connection. Disponível em: <<https://www.stpeters-wolton.org.uk/the-beatles-connection/>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

O *The Grapes* era um dos vários bares onde os grupos de rock de Liverpool se reuniam antes ou depois dos shows no *Cavern Club*, que fica na mesma rua. (Figura 41). Ali, se tornou ponto de encontro das bandas, pois o *Cavern Club* proibia o consumo de bebidas alcoólicas. Neste local, também, os Beatles tiraram uma foto no bar (ainda com Pete Best) e ele se mantém quase sem modificações. Na porta do estabelecimento, está alocada uma placa que reitera a ligação com o grupo.

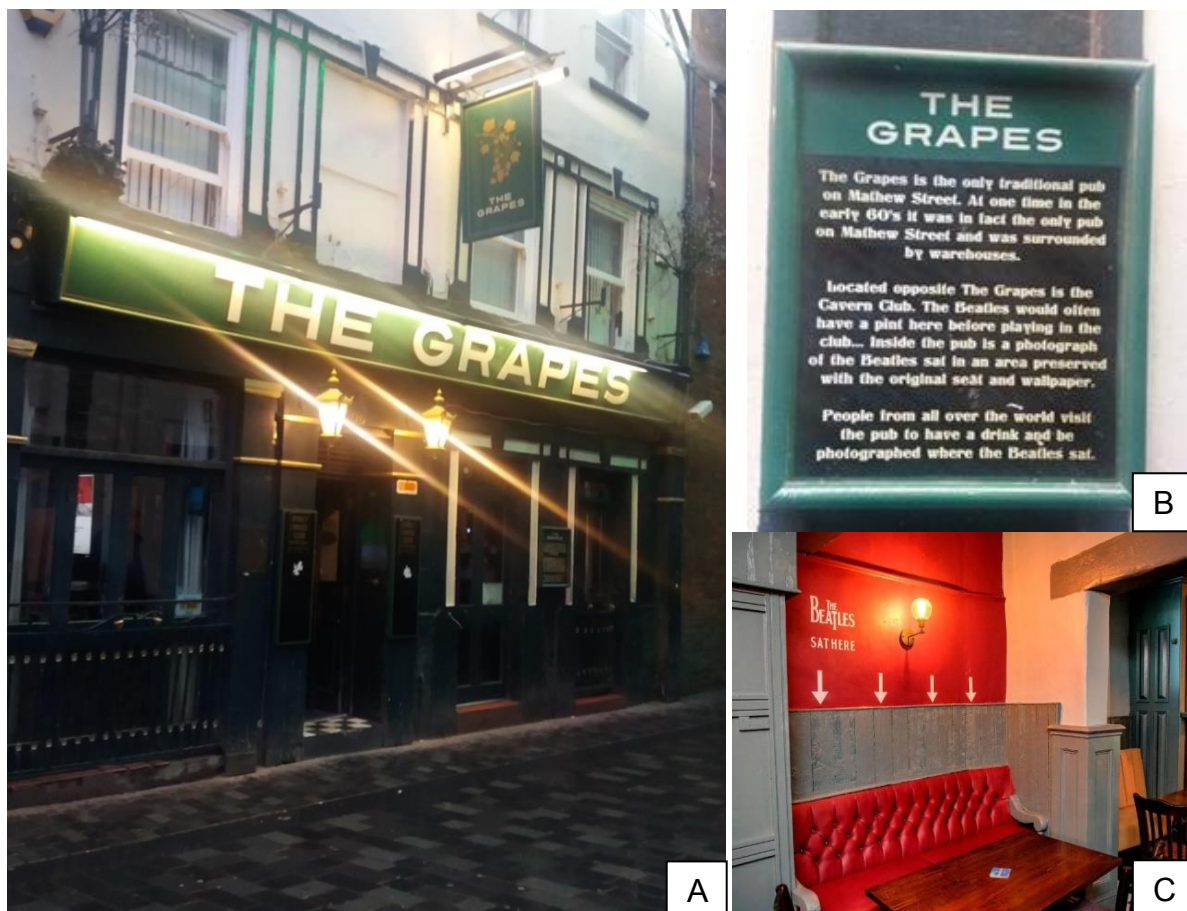


Figura 41: *The Grapes*. A – Fachada do bar situado na *Mathew Street*. B - O *The Grapes* é o único bar tradicional da *Mathew Street*. A placa pode ser assim traduzida: “Durante os anos sessenta, era realmente o único bar na *Mathew Street*, rodeado por armazéns. No lado oposto da rua está o *Cavern Club*. Os Beatles frequentemente vinham aqui tomar algumas antes de tocar no *Cavern*. Dentro do pub, você verá uma fotografia do grupo sentado em uma área onde os assentos e o papel de parede foram preservados. Pessoas de todos os lugares do mundo vêm ao bar para beber e serem fotografadas sentadas no mesmo lugar dos Beatles”. C- Local em que os Beatles sentavam. Fotos de COSTA, Sílvia S. (2018), exceto “C” retirada do site <https://www.liverpoolecho.co.uk/whats-on/whats-on-news/grapes-speak-out-missing-beatles-15893735>. Disponível em: 02 ago. 2023.

Bem preservado, o *Casbah Club* é outro lugar visitado pelos fãs. Isso ocorre, por ser um dos primeiros clubes onde os Beatles se apresentaram (Figura 42). Alguns dos ambientes foram decorados pelos próprios integrantes do grupo. O lugar foi inaugurado em 29 de agosto de 1959 e reinaugurado pelo prefeito Joe Devanny com a presença de Pete Best (baterista dos Beatles antes de Ringo) em 29 de junho de 1999. Ele possui vários ambientes com mobiliário e decoração originais e com pinturas feitas por John Lennon e Paul McCartney. O espaço é mantido por particulares e cobra pela visita.



Figura 42 LIVERPOOL ECHO. *Looking back at Liverpool's Casbah Coffee Club*. O que vemos nesta imagem é um dos ambientes do Casbah que era utilizado como um dos espaços para as bandas se apresentarem. Disponível em: <<https://www.liverpoolecho.co.uk/incoming/gallery/looking-back-liverpools-casbah-coffee-5744376>>. Acesso em: 29 jul. 2023. Um dos palcos do Casbah.

### 3.1.3 Músicas e locais

Nem todos os lugares de memória foram palco de acontecimentos vivenciados pelos Beatles e, sim, ganharam importância por serem citados em canções. Não há fotos dos quatro músicos nesses lugares, contudo sua tradução (de lugar transformado em música, ou que serviram de inspiração) os tornou pontos de visitação *beatle*. As canções são: *Penny Lane*, *Strawberry Fields Forever* e *Eleanor Rigby*. (QR Codes 2, 3 e 4). Essas obras tratam diretamente de lugares que ainda existem na urbe ou se referem a eles. Os Beatles conseguiram escrever sobre locais específicos de sua infância e adolescência, pela prática na composição popular, porém, para muitos, elas adquiriram características universais.

A propaganda de lançamento do *single Strawberry Fields Forever/Penny lane* retrata um mapa da cidade de Liverpool onde aparecem, em destaque, os locais que dão nome às

músicas. (Figura 43). Não há preocupação com detalhamentos visuais ou cores, o mais importante é entender que tanto *Strawberry Field*, quanto *Penny Lane* eram localizações reais.

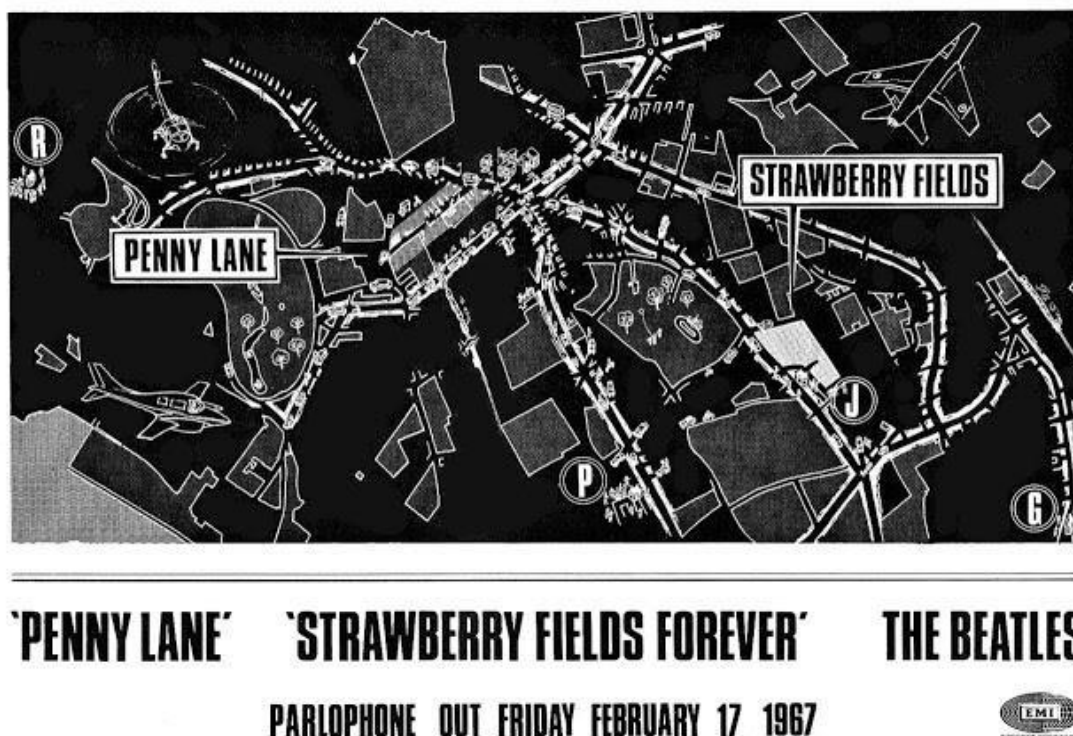


Figura 42 Propaganda de lançamento do single *Strawberry Fields Forever/Penny Lane*. Disponível em: <<https://rateyourmusic.com/release/single/the-beatles/penny-lane-strawberry-fields-forever-18/>>. Acesso em: 18 ago. 2023.



QRcode 2 – Canção *Strawberry Fields Forever*. Composta por Lennon/McCartney. Interpretada por The Beatles. Single (1964).



QRcode 3 – Canção *Penny Lane*. Composta por Lennon/McCartney. Interpretada por The Beatles. Single (1967).

O compositor principal de *Penny Lane*, Paul McCartney, retratou o bairro utilizando-se de nostalgia e de elementos reais, que na canção ganham uma descrição poética. Ele cita, na canção, uma rotatória que ainda existe e faz parte do cenário turístico urbano. Alguns pontos da rua são visitas obrigatórias para o peregrino, como, por exemplo, a placa com o nome. (Figura 44). Esse local é frequentado tanto por turistas como pelos habitantes da cidade. No conjunto de imagens selecionadas, 44A e 44B, vemos a parte traseira do ônibus do *Magical Mystery Tour* (estacionado em cima da ciclovia) e um táxi especializado em turismo ligado aos



Beatles, ambos de empresas particulares. Na imagem, ainda, 43A, observa-se que enquanto visitantes tiram fotos próximos à placa, ciclistas utilizam a ciclovia. O movimento no local é intenso. Sobre esse local, Paul McCartney escreveu: “Penny Lane era próxima à barbearia, ao corpo de bombeiros e todos os lugares reais que apareceram em minhas letras”.<sup>451</sup> Sobre o mesmo lugar, John Lennon comentou: “Penny Lane é um bairro no subúrbio onde morei com meus pais, [...] e meu avô. [...] É o primeiro lugar de que me lembro”.<sup>452</sup>



Figura 44 Penny Lane. A – Turistas tiram fotos, moradores utilizam a ciclovia e passeios guiados acontecem. Tudo ao mesmo tempo. B – Vista da rua com o ônibus do Magical Mistery Tour. C - Placa de rua. Foto de COSTA, Sílvia S. (2018).

*Strawberry Field*, já outro local, era um orfanato mantido pelo Exército da Salvação. Com sua tia, John Lennon participava das festas anuais, objetivando a arrecadação de fundos para sua manutenção. Mas, o que realmente interessava ao jovem Lennon eram os jardins. Após

<sup>451</sup> NATIONAL TRUST. *20 Forthlin Road*. London, Acorn Press, 2018, p. 3. (Tradução nossa).

<sup>452</sup> THE BEATLES. *Anthology*. San Francisco: Chronicle Books, 2000, p. 7. (Tradução nossa).

pularem os muros, ele e seus amigos “desapareciam em meio às árvores com infinitas possibilidades para problemas, aventuras e perigo”.<sup>453</sup> Seus portões vermelhos se tornaram icônicos perante os olhos dos fãs que diariamente visitam o lugar para fotografias e filmagens. (Figura 45A). Próximo a ele, os fãs escrevem seus nomes e deixam mensagens, assim como fazem em *Abbey Road*. Quando da visita em 2018, o local passava por reformas, para no futuro ser aberto à visita em sua parte interna. Embora nem todos os turistas saibam, esse não é o portão original. Uma réplica foi colocada após uma tentativa de furto. O original se encontra no museu *The Beatles Story*, em Liverpool. (Figura 45B). No museu ocorre uma recriação do lugar original com as bases de alvenaria, pichações dos fãs e, ao fundo, uma foto simulando a vista através do portão.

Outro local de visita é o cemitério próximo à igreja *St. Peter*, anteriormente citada. Lá, há um túmulo de uma mulher, chamada Eleanor Rigby, que se tornou local de visita. O nome dela é o título de uma canção lançada por eles no álbum *Revolver*, em 1966.<sup>454</sup> Próximo ao túmulo dela, existe outro, de um homem de sobrenome McKenzie, também referenciado na canção. Paul McCartney escreveu sobre essa composição em um artigo:

A música em si foi escrita conscientemente para evocar o tema da solidão, com a esperança de que pudéssemos fazer com que os ouvintes sentissem empatia. [...] Allen Ginsberg me disse que era um ótimo poema, então vou com Allen. [...] Outro que gostou da canção foi William S. Burroughs [...]. Quando ele ouviu a versão final de “Eleanor Rigby”, ele disse que ficou impressionado com a quantidade de narrativa que eu tinha em apenas três versos. E pareceu um avanço para mim lyricamente – mais como uma música séria.<sup>455</sup>

---

<sup>453</sup> LEWISOHN, Mark. *All these years*: Volume 1: Tune in. London: Little, Brown Book Group, 2013, p. 47. (Tradução nossa).

<sup>454</sup> Não se sabe ao certo se Paul McCartney inspirou o nome da música na lápide ou na imaginação. O que temos certeza é que, em 2017, a sepultura foi colocada em um leilão com uma bíblia em miniatura que pertenceu a uma mulher chamada Eleanor Ribgy.<sup>454</sup> MULLEN, Tom. *The Beatles: What really inspired Eleanor Rigby?* Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-england-merseyside-41162284>> . Acesso em: 02 set. 2023.

<sup>455</sup> McCARTNEY, Paul. *Writing “Eleanor Rigby”*. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2021/10/25/paul-mccartney-writing-eleanor-rigby-beatles>> . Acesso em: 02 set. 2023.



Figura 45 – A - Portão de entrada de *Strawberry Field*. Observe a interação dos fãs através da escrita nos muros. Foto de COSTA, Sílvia S. (2018). B -Portão original de *Strawberry Field*. Agora, peça do museu The Beatles Story em Liverpool. Foto de COSTA, Sílvia S. (2018).



QRcode 4 – Canção *Eleanor Rigby*. Composta por Lennon/McCartney. Interpretada por The Beatles. Single (1966).

Esses são somente alguns dos lugares de memória relacionados aos Beatles existentes em Liverpool. Em seu livro *The Beatles Landmarks in Liverpool* (2017), Daniel K. Longman relaciona outras dezoito localidades.<sup>456</sup> A preservação do lugar de memória evita a degradação e possibilita a renovação do interesse, a conscientização direcionada. “[...] a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais”.<sup>457</sup> Esses lugares associados aos Beatles em Liverpool reforçam sua presença na cidade, o itinerário para a sua visita torna-se uma espécie de via memorial. Os fãs querem conhecer esses lugares, “senti-los”, como declarou uma visitante em conversa informal na porta do *Cavern Club*, em 2018. Essas localizações auxiliam na manutenção do mito *beatle* em sua cidade natal e servem para a peregrinação daqueles que assim desejarem.

### 3.2 O CAVERN CLUB: UMA EXPERIÊNCIA “AUTÊNTICA”

Citamos no item anterior lugares de memória presentes em Liverpool que trazem em si algo ligado à história do grupo e sua jornada na urbe. Inúmeros são os endereços que se tornaram locais de visita devido à memória de signos construídos pela banda durante sua existência. E é na *Mathew Street* que encontramos um dos mais emblemáticos espaços ligados aos Beatles e ao seu legado: o “novo” *Cavern Club*. Esse espaço permite ao visitante o contato com um simulacro que traz sensações legítimas; o encontro com o não autêntico, com a aparência, que possibilita para muitos uma experiência catártica. Este *pub* é um componente importante para a popularização da mitologia *beatle* em Liverpool.

<sup>456</sup> Os outros 18 lugares citados por Longman são: *Liverpool Waterfront, Upton Green, The Liverpool Institute, Stanley Street, Ye Cracke (Rice Street), Slater Street, Seel Street, Litherland Town Hall, Nems of Whitechapel, New Brighton Tower Ballroom, The Liverpool Empire, Mount Pleasant, Hulme Hall, The Majestic (Conway Street), High Street, Odeon Cinema, The Bluecoat School, The Albert Dock*. LONGMAN, Daniel K. *The Beatles' landmarks in Liverpool*. Great Britain: Amberley Publishing, 2017.

<sup>457</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e História: A problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo, (10). Dez 1993, p. 22.

A história do local antecede a do grupo, entretanto seu nome se tornou mundialmente conhecido graças à associação com os *fab four*. A entrada do estabelecimento original fica a poucos metros da atual e é marcada pela presença da estátua da cantora Cilla Black e de cartazes que contam um pouco da história do *Cavern* original. (Figura 46B).

O *Cavern Club* é um dos locais mais visitados pelos turistas e admiradores dos Beatles. Em várias ocasiões, grandes filas formam-se na porta. (Figura 46A). A música ao vivo é diária e começa a partir das 11:00 da manhã, sem hora para acabar. Situado na região central da cidade, o clube foi fundado em 16 de janeiro de 1957 pelo empresário Alan Styner. Sua experiência com clubes em Paris o levou a lançar, com a ajuda financeira de seu pai, o *Cavern Club*. O local escolhido para sua instalação, foi um porão reforçado para ser um abrigo antiaéreo e que serviu, também, de depósito de frutas trazidas das docas próximas ao bar. Originalmente, na sua inauguração, era um clube de jazz. Existia entre os apreciadores desse estilo musical uma “condescendente superioridade [...] que os críticos e, acima de tudo, os músicos profissionais” tratavam para com o rock e seus admiradores.<sup>458</sup> Mas, com o passar dos anos, a popularidade do *skiffle* e, em seguida, do *rock and roll*, fizeram o clube abrir espaço para esses ritmos, tornando-se ponto de encontro da juventude boêmia.

Na primeira aparição dos Beatles nesse local (7 de agosto de 1957), eles ainda eram conhecidos como *Quarrymen*. Tocando *skiffle*, a banda não agradou muito; a situação complicou quando executaram canções *Blue Suede Shoes* e *Hound Dog*, que não eram aceitas pelos puristas do jazz. Como consequência, foram demitidos. Já com o nome *The Beatles*, eles voltariam a tocar em 9 de fevereiro de 1961, momento em que o rock já estava se tornando a atração principal. A partir desse ano, tornaram-se *habitués*. Tocaram 292 vezes,<sup>459</sup> em algumas ocasiões, duas vezes por dia.

---

<sup>458</sup> HOBBSBAWN, Eric. *História Social do Jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 2012, p. 16.

<sup>459</sup> A primeira aparição do grupo foi em 9 de fevereiro de 1961. Sua última apresentação ocorreu em 3 de agosto de 1963. THOMPSON, Phil. *The best of cellars: the story of the world famous Cavern Club*. Liverpool: The Bluecoat Press, 1994. (Tradução nossa).



Figura 46 *Mathew Street*. A - Fila para entrar no novo Cavern Club em uma noite chuvosa de outubro de 2018. A entrada da casa de shows fica no lado esquerdo da imagem. B - Local do *Cavern Club* original: Hoje um pôster explicativo que conta um pouco da história do clube e uma estátua de sua mais famosa atendente, a cantora Cilla Black (1943-2015), estão na porta. Uma das frases do pôster diz: “O clube permanece como um destino global final de peregrinação para fãs dos Beatles”. C – Folder do Cavern Club de 2018 com imagens de uma banda cover dos Beatles e horários de apresentação. Fotos de COSTA, Sílvia S. (2018).

O primeiro fã clube da banda foi fundado no bar. Ali, também, os músicos conheceram seu empresário Brian Epstein. Ele era dono de uma loja de discos nas proximidades e resolveu

assistir a um dos shows do conjunto. Iniciou-se uma relação que durou até 1967 (ano da morte de Epstein) e que os tornou mundialmente conhecidos.<sup>460</sup>

A imagem retratada na figura 47A mostra os Beatles tocando no palco do *Cavern Club*. Ela foi retirada na 218ª apresentação do grupo no local e faz parte da primeira filmagem oficial captada pela TV Granada em 22 de agosto de 1962.<sup>461</sup> Na figura, vemos a banda tocando próxima ao público, em um espaço pequeno, abaixo de um arco de tijolos aparentes. O ambiente está lotado e iluminado para uma melhor captação da imagem pela TV. Logo, na foto 47B, observamos o palco do novo *Cavern Club*. Ele é muito parecido com o original e utilizado para shows dos mais variados ritmos. Atualmente, o clube conta com um segundo ambiente para performances onde o palco é maior e mais confortável para a plateia.

O *Cavern Club* fechou duas vezes. Em sua primeira reinauguração, em 23 de julho de 1966, estava presente o Primeiro-Ministro trabalhista Harold Wilson, dentre outras personalidades da cidade. Em 1972, a *British Rail* tornou-se a dona do prédio. O fechamento definitivo ocorreu no dia 27 de maio de 1973 para a construção de uma parte de um duto de ventilação de uma via do metrô. Embora o prédio original tenha sido demolido, o duto nunca foi construído (QRcode 4). O local tornou-se um estacionamento. Somente em 1982, iniciaram-se as obras para o clube atual. Ele foi reaberto em 25 de abril de 1984, porém o local original não pode ser utilizado, pois a estrutura antiga não suportaria os nove andares do novo projeto.

462



QRcode 5 – Demolição do Cavern Club.

<sup>460</sup> THOMPSON, Phil. *The best of cellars: the story of the world famous Cavern Club*. Liverpool: The Bluecoat Press, 1994. (Tradução nossa).

<sup>461</sup> Canal regional independente do norte da Inglaterra, com sede em Manchester, que teve sua primeira transmissão em 1956. The Beatles Bible. *Live: Cavern Club, Liverpool (lunchtime) – The Beatles' first television appearance*. Disponível em: <<https://www.beatlesbible.com/1962/08/22/live-cavern-club-liverpool-218-beatles-first-television-appearance/#comments>>. Acesso em: 08 mai. 2020. (Tradução nossa).

<sup>462</sup> THOMPSON, Phil. *The best of cellars: the story of the world famous Cavern Club*. Liverpool: The Bluecoat Press, 1994. (Tradução nossa).



Figura 47: Palco do *Cavern Club*. A - Os Beatles em ação no *Cavern Club* original, (1962). Foto retirada do site: [https://www.tripadvisor.co.uk/LocationPhotoDirectLink-g186337-d190108-i111382919-The\\_Cavern\\_Club-Liverpool\\_Merseyside\\_England.html](https://www.tripadvisor.co.uk/LocationPhotoDirectLink-g186337-d190108-i111382919-The_Cavern_Club-Liverpool_Merseyside_England.html); B- Show em um dos palcos do novo *Cavern Club*. Foto de COSTA, Sílvia S. (2018).

Até o início da década de setenta, o bar não havia sido ressignificado como “[...] um lugar imutável e definitivo num conjunto objetivado e fixado pelo saber” onde ocorre a



“conservação incondicional”.<sup>463</sup> Ou seja, não era considerado *patrimônio*. Mas, a importância do local e de suas proximidades ficou evidente, pois, durante o período, após sua destruição, a rua e arredores tornaram-se ponto de encontro para músicos e entusiastas. Exibições de arte começaram a ocorrer; inaugurou-se um mercado de pulgas; e, também, abriu uma disputada cafeteria na *Mathew Street*. Alguns selos independentes se instalaram no lugar, bem como um novo *pub* dialogando com o cenário pós-punk do fim da década de 1970. Quando John Lennon foi assassinado, em 8 de dezembro de 1980, no local do *Cavern Club* original, foram deixadas, de maneira espontânea, mensagens, orações e flores.<sup>464</sup> O que pesava aqui era a *autenticidade* do lugar; sua legitimidade. A ideia de que foi ali que realmente “tudo” aconteceu.<sup>465</sup>

Contudo, algo se perdeu. A veracidade ou, segundo Walter Benjamin, a *aura*. Mas, o que é a *aura*? Baseando-se em seu pressuposto, porém expandindo sua utilização para o lugar de memória, ela seria “o caráter essencialmente transcendente, fugidio, inesgotável e distante [...] inapreensível apesar de qualquer proximidade [...]” com o local.<sup>466</sup> “Uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja”.<sup>467</sup> A *aura* tem em sua essência a autenticidade e a unicidade. Ela é a essência, o halo difuso e luminoso que emana daquilo que é autêntico e singular. O clube original tinha esse elemento, assim como a rua onde ele se encontrava. Com a sua demolição, muito se perdeu.

Depois de alguns anos surge um novo *Cavern Club*. É possível recuperar a *aura* com esse novo construto? Benjamin vem novamente nos socorrer. Para ele, enquanto temos contato com a reprodução, não temos mais a existência única, a singularidade. A cópia resulta “[...] num violento abalo da tradição [...]”. Seu significado social também não é concebível, mesmo em seus traços mais positivos, e precisamente neles, sem seu lado destrutivo e catártico: a liquidação do valor tradicional do patrimônio da cultura”.<sup>468</sup> A *aura* presente nos objetos onde

<sup>463</sup> CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006, p. 27.

<sup>464</sup> LIVERPOOL ECHO. *The Beatles' John Lennon murdered in New York on December 8, 1980*. Disponível em: <<https://www.liverpoolecho.co.uk/news/nostalgia/gallery/beatles-john-lennon-murdered-new-8229577>> . Acesso em: 02 set. 2023. (Tradução nossa).

<sup>465</sup> “É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história à qual ela (objeto, lugar) estava submetida no curso de sua existência. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as cambiantes relações de propriedade em que ela ingressou. [...] O aqui e o agora do original constitui o conteúdo da sua autenticidade, e nela, por sua vez, se enraíza a concepção de uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo”. Nessa observação, Walter Benjamin trata da obra de arte. Mas ele poderia também estar se referindo ao “lugar do acontecimento”, pois a ideia é a mesma. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012, pp. 181-182.

<sup>466</sup> AGUIAR, Sylvia Maria Marteleto. Benjamin e a Aura. In: *Revista Exagium*. Volume I – Abril de 2008.

<sup>467</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

<sup>468</sup> BENJAMIN, Walter. *Idem*, 2012, p. 183.

prevalece a noção de autenticidade se foi. No local original foi colocado um memorial em forma de um grande pôster com imagens e um texto contando sua história. A estátua da cantora Cilla Black, que trabalhou como atendente no clube original antes da fama, dá as boas-vindas para o lugar, mas ele não está mais ali. (Figura 46B).

O novo *Cavern Club* foi inaugurado no mesmo quarteirão do primeiro, mas não no mesmo lugar. Utilizou-se de aproximadamente 15.000 tijolos originais resgatados do antigo porão.<sup>469</sup> Esperou-se talvez que se alcançasse um tipo de autenticidade através da clonagem a partir de uma célula, aqui representada por um tijolo. Mas, Jean Baudrillard nos mostra um problema: “Nem criança, nem gêmeo, nem o reflexo narcisista, o clone é a materialização do duplo por via genética, isto é, a abolição de toda a alteridade e de todo o imaginário”.<sup>470</sup> Isso torna a autenticidade desse local no mínimo problemática. Sua reconstrução a poucos metros do lugar original é uma clara tentativa de se perpetuar a memória, garantindo uma identidade primeva.<sup>471</sup>

No mesmo ano (1984), surgiu o projeto *Cavern Walks*, um centro de compras com lojas dos mais variados tipos que buscava revitalizar a área da *Mathew Street*. Ele possui estátuas e um grande painel relacionado ao grupo. Várias ações foram realizadas visando recriar a experiência de se estar caminhando naquela rua durante os anos 60.

Podemos definir o lugar do bar original e a própria rua como “locais honoríficos”, usando aqui um conceito de Aleida Assmann. Esses:

[...] se notabilizam pela descontinuidade, ou seja, por uma diferença evidente entre passado e presente. No local honorífico, uma determinada história não seguiu adiante, mas foi interrompida de modo mais ou menos violento. Tal história se materializa em ruínas e objetos remanescentes que se destacam nas redondezas.

[...]

Locais da recordação são fragmentos irrompidos da explosão de circunstâncias de vidas perdidas ou destruídas. Pois, mesmo com o abandono e a destruição de um local, sua história ainda não acabou; eles retêm objetos materiais remanescentes que se tornam elementos de narrativas e, com isso, pontos de referência para uma nova memória cultural. [...] Ruínas e objetos remanescentes que durante muito tempo existiram como um monte de escombros despercebidos e que com isso se tornaram invisíveis repentinamente podem voltar a ser visíveis, caso recaia sobre eles o feixe de atenção desse novo interesse.<sup>472</sup>

<sup>469</sup> LONGMAN, Daniel K. *The Beatles' landmarks in Liverpool*. Great Britain: Amberley Publishing, 2017. P. 53. (Tradução nossa).

<sup>470</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água. 1991, p. 120.

<sup>471</sup> WULF, Christoph; GEBAUER, Gunter. *Mimesis na cultura: agir social – rituais e jogos – e produções estéticas*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 10.

<sup>472</sup> ASSMANN, Aleida. *Idem*, 2011, p. 328; 329.

Fica claro, após a análise de sua história, que o local, hoje chamado de *Cavern Club*, é um lugar honorífico. O clube visitado atualmente não é autêntico.

A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico. Como este depende da materialidade, quando ela se esquivava do homem, também o testemunho se perde. [...] o que desaparece com ele é a autoridade da coisa, seu peso tradicional.<sup>473</sup>

Então, qual o motivo de visitar esse lugar que não é o original? Visitá-lo, ou ver uma fotografia de sua fachada com as portas abertas e o nome em neon, nos dá a sensação de que ele é verdadeiro (mesmo sabendo que não). Nos apropriamos dessa experiência pessoal e estética e o imaginário nos auxilia, acrescentando novas qualidades e sensações de caráter subjetivo.<sup>474</sup> E esse é o papel da visita ou peregrinação: provocar uma resposta, uma impressão.

Podemos afirmar que há legitimidade nessa articulação, assim, como existe em todas as suas interpretações e nas leituras feitas por turistas ou visitantes do novo *Cavern Club*.<sup>475</sup> Não podemos afirmar que sua proposta seja inútil, falsa ou degenerada, ela se encaixa dentro das necessidades daqueles que ali vão. Se não houvesse o desejo, o novo bar não existiria. Mesmo sendo cópia, e mantendo um certo padrão ético, as visitas e peregrinações continuarão.

As simulações (como o próprio novo *Cavern Club*), são para aqueles que o visitam uma “verdade”. Porém, não sendo mais ou menos significativas do que a “verdade” para um *expert* na obra dos Beatles.<sup>476</sup> A fruição do objeto não precisa de conhecimento prévio, cada um lê, com a sua própria experiência, opinião e emoção são únicas e reais. Assim, mesmo sendo uma simulação, o novo clube é um dos locais mais associados aos Beatles hoje e um importante ponto de visitação para peregrinos de todo o mundo.

Outra cópia do clube original se encontra dentro do museu *The Beatles Story*. Esse reproduz os arcos, as cadeiras e o palco. Instrumentos, iguais aos utilizados pelos Beatles, foram posicionados junto a ele. São tocadas canções do grupo em alto volume. Uma TV mostra imagens do *Cavern* em seus dias de glória (Figura 48A). Contudo, diferente do novo clube, a ideia de simulacro aqui é assumida.

Além de suas recriações em Liverpool, o *Cavern* tornou-se uma franquia e pode ser visitado também na América do Sul. É possível conhecê-lo no centro de Buenos Aires, próximo

<sup>473</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 182.

<sup>474</sup> WULF, Christoph; GEBAUER, Gunter, *idem*, 2004, p. 23.

<sup>475</sup> SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Editora da USP, 2005.

<sup>476</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água. 1991, p. 9.

a um museu fundado por um fã argentino (Figura 48B). O empreendimento fica em um espaço aberto, acessado por uma galeria comercial. Funciona como lanchonete, restaurante e casa de shows. Mas como isso é possível? Qual o tipo de experiência que alguém, em Buenos Aires, pode ter ao entrar nesse clube? Um escritor argentino parece ter a resposta.

No livro “A Invenção de Morel”, publicado originalmente em 1940, o autor Adolfo Bioy Casares (1914-1999) nos mostra as dificuldades de viver em um presente sombrio e com um futuro cada dia mais incerto. O personagem, um fugitivo da lei e da ordem, passa a viver conectado a simulacros. Em um mundo onde a comunicação real parece cada vez menos presente e as relações cada vez mais efêmeras em todas as suas nuances, os simulacros auxiliam o “fugitivo” (do presente?) na ligação com a realidade. Uma importante figura da trama, Morel, que dá nome ao livro, afirma:

Viveremos para a eternidade. [...] Meu abuso consiste em tê-los fotografado, sem autorização. É claro que não se trata de uma fotografia qualquer; é minha última invenção. Nós viveremos nessa fotografia, para sempre. Imaginem-se num cenário em que se representa completamente nossa vida nestes sete dias. Nós representamos. Todos os nossos atos ficam gravados.<sup>477</sup>

Utilizando-se da ciência, Morel tenta suprimir a ausência, criando uma projeção com imagens, sons, cheiros e tangibilidade. Pessoas, lugares, atos, tudo fica registrado e transmitido pela máquina por ele desenvolvida. O cientista Morel diz ainda: “Congregados os cinco sentidos, surge a alma (aura?). Era de se esperar. Madeleine estava ali para a visão, Madeleine estava ali para a audição, Madeleine estava ali para o paladar, Madeleine estava ali para o olfato. Madeleine estava ali para o tato: Madeleine estava ali”.<sup>478</sup>

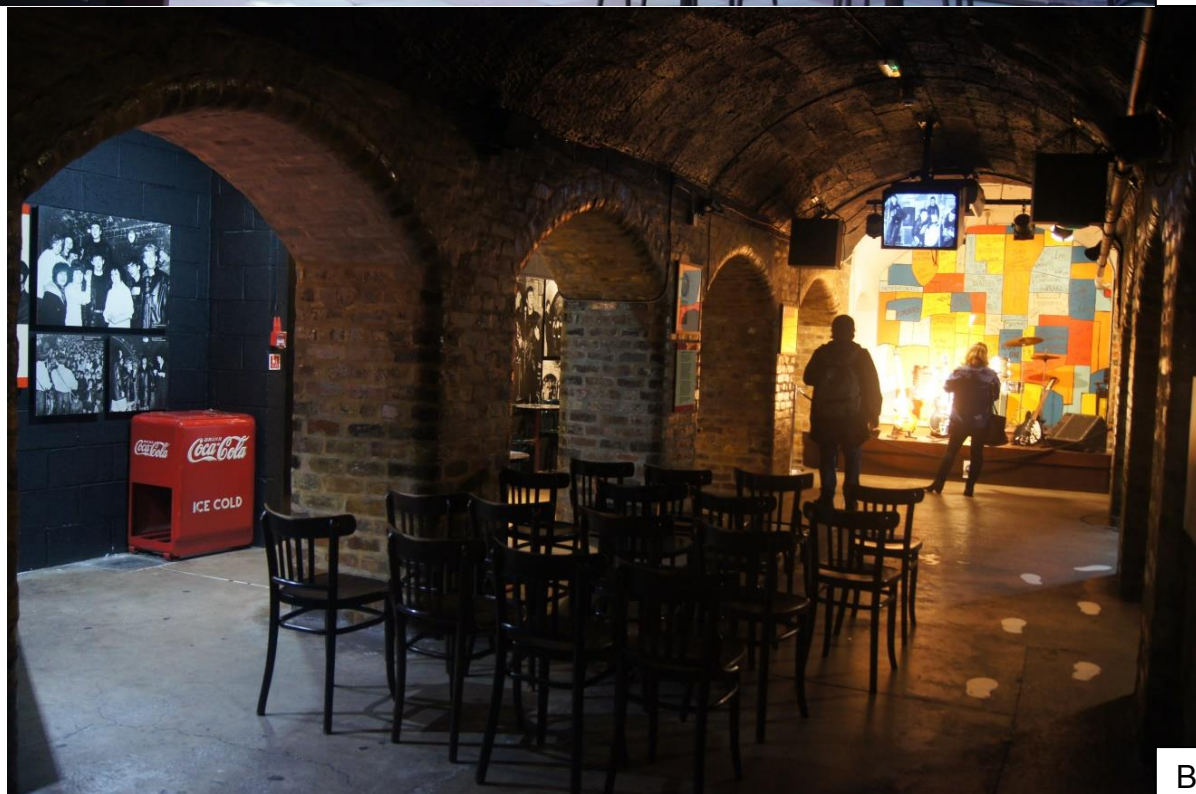
---

<sup>477</sup> CASARES, Adolfo Bioy. *A invenção de Morel*. São Paulo: Cosac Naif, 2006, p. 79.

<sup>478</sup> CASARES, Adolfo Bioy, *idem*, 2006, p. 85.



A



B

Figura 48: A - *Cavern Club* em *Buenos Aires*. A música dos Beatles é celebrada com apresentações de bandas *cover*. B - *The Beatles Museum*. Réplica do *Cavern Club* original. Temos, em Liverpool, duas réplicas do clube. COSTA, Sílvia S. (2018).

O fugitivo se vê perante a representação de um grupo de pessoas que ele, na realidade, nunca conheceu, mas durante a história se tornam parte do seu dia-a-dia. Depois de certo tempo

convivendo com as imagens criadas pela máquina, que ele acredita serem verdadeiras, o personagem desenvolve experiências, dando origem a memórias. Reminiscências em relação a fatos, pessoas e lugares com os quais ele não teve nenhuma real intimidade, no entanto, uma identificação. Situação muito próxima à vivida nas apropriações e ressignificações nos locais urbanos citados, que se tornam significantes mnemônicos.

O mnemotropismo de numerosas sociedades modernas encontra sua origem na “crise do presentismo”, o desaparecimento de referências e a diluição de identidades. A busca memorial é então considerada uma resposta às identidades sofredoras e frágeis, que permitiria “apoiar um futuro incerto em um passado reconhecível”.<sup>479</sup>

A simulação, nessa discussão, traz “uma operação de dissuasão de todo um processo real pelo seu duplo operatório” (simulacro).<sup>480</sup> Essa experiência, nesse contexto, causa segurança e aproxima as pessoas que têm, possivelmente, algum tipo de conexão com aquele ambiente. Apoiada à memória, ela dá a sensação de que é possível haver estabilidade em uma realidade instável. Ou até mesmo um retorno, nem que seja por alguns instantes, para um passado nostálgico.

Em relação aos Beatles e seus lugares de memória, autênticos ou não, surge entre os fãs uma experiência estética proporcionada pela visita que “[...] se concretiza em função da prática social dos significados”, pela representação e pela vivência individual.<sup>481</sup> Suas canções marcaram e marcam as pessoas, gerando sentimentos, fazendo com que a história da banda passe a fazer parte da experiência de seus ouvintes. Uma viagem a Liverpool é uma “peregrinação” para encontrar lugares que já se conhece, mas que nunca foram visitados. Um organizador de excursões local deu o seguinte testemunho, ao ser questionado sobre o que turistas dizem a respeito de Liverpool:

Sabe, parece que eles estão voltando para casa. Uma mulher que nunca visitou a Inglaterra desceu do trem e disse: “Eu sabia que visitaria Liverpool. Parecia estar voltando para casa”. Ela era da Nova Zelândia, mas ela simplesmente sabia. Uma americana desceu do trem na estação de Lime Street e disse para seu marido: “Estou em casa”. Mas ela nunca havia estado ali antes. “Estou em casa” ela disse, “Esta cidade é a minha alma”.<sup>482</sup>

Outro ponto a ser destacado é que os locais de visita, tanto autênticos quanto cópias, produzem a dicotomia liberdade/controle. Liberdade na possibilidade da escolha de experienciar e o controle exercido pelos indivíduos que desenvolveram aqueles cenários, articulados juntamente com os discursos neles presentes. Em uma realidade fortemente apoiada

<sup>479</sup> CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 10.

<sup>480</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991, p. 9.

<sup>481</sup> LIMA, Luiz Costa. *Mimesis e modernidade: forma das sombras*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

<sup>482</sup> COHEN, Sara. *Idem*, 2007, p. 172. (Tradução nossa).

na Indústria Cultural, esses espaços podem, também, ser utilizados como elementos geradores de lucros, ao mesmo tempo, em que perpetuam discursos adequados com especificidade e significações planejadas.

Acreditamos que essa vivência é tão válida quanto qualquer outra, se houver um respeito à ética e à verossimilhança. Cada sujeito terá a sua experiência, e será responsável ou não pelo elemento catártico. O novo *Cavern Club* do século XXI traz um paradoxo: ao mesmo tempo que possui elementos autênticos, ele é um simulacro. Esse lugar proporciona sensações aos indivíduos baseadas em inautenticidade, mas, para muitos, suficientes e verdadeiras, tanto pela sua localização (*Mathew Street*) quanto pela sua estrutura física.

### 3.3 LUGARES DE MEMÓRIA FORA DE LIVERPOOL: MANUTENÇÃO DO MITO BEATLE

Alguns lugares de memória associados aos Beatles estão localizados fora de Liverpool. Neste subcapítulo, trataremos de dois que consideramos os mais importantes. O primeiro deles é o estúdio de gravação *Abbey Road*, localizado no bairro de St. John's Wood, em Londres. Ele foi o mais utilizado pelos Beatles, onde gravaram quase todo o material da banda. Visitado por pessoas de todo o mundo, em 2005, o jornal *The Guardian* afirmou que em média 120.000 pessoas por ano iam ao local.<sup>483</sup>

Quem visita o local reproduz vários rituais popularizados. Um deles é atravessar a faixa de segurança, que fica próxima ao estúdio, emulando a capa do disco *Abbey Road*. Essa ação provoca um embate entre a população local e os turistas, já que esses últimos fazem inúmeras travessias buscando a melhor foto. Por ser uma faixa de segurança, os carros, motos e ônibus são obrigados a parar. Em dias úteis, em horário de pico, a situação se complica. Outra prática comum de turistas e peregrinos é escrever o nome ou mesmo uma mensagem no muro que cerca o edifício. Atualmente, os visitantes estão utilizando as delimitações das edificações próximas para deixar suas marcas e pensamentos. Nas intermediações, são vistas placas solicitando a utilização exclusiva dos muros do estúdio, que servem como cenário para fotos. Quando estive pela primeira vez no local, em 1997, era possível adentrar no pátio interno para o registro fotográfico. Hoje esta prática está proibida e as fotos são feitas a partir da calçada. (Figura 49).

---

<sup>483</sup> TAYLOR, Nick. Recording history. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/2005/mar/11/abbeyroadfilmfestival.festivals2#:~:text=About%20120%2C00%20people%20come%20to,name%20on%20the%20wall%20outside>>. Acesso em: 03 ago. 2023.

Em 3 de novembro de 2015, foi inaugurado o *The Abbey Road Shop*, que vende diversos produtos relacionados aos músicos, que foram produzidos no estúdio. Objetos relacionados aos Beatles são os mais requisitados. Além disso, existe uma câmera que funciona 24 horas por dia exibindo a famosa faixa de segurança. É possível acessá-la em <http://www.abbeyroad.com/Crossing>. (Figura 50).

Algumas pistas podem ser analisadas em conversas com visitantes: “Maggie, de Minnesota [...] diz que ‘é realmente excitante saber que eles estiveram aqui em algum momento de suas vidas’”.<sup>484</sup> Outros, dois brasileiros no local, informaram que não eram fãs dos Beatles, mas o ato de tirar a foto atravessando a faixa de pedestres já virou uma atração na cidade e estavam tirando fotos para uma amiga. O último relato nos mostra que a visitação à *Abbey Road* não é só um ato de fãs. Conhecer e fotografar o local tornou-se rota de visita à grande Londres. Sobre isso, Assmann esclarece que as buscas por “heranças intelectuais do passado” estão ao alcance dos olhos dos observadores ao se depararem com resquícios concretos do período. “Com isso, espera-se, que uma centelha do passado deve saltar em direção ao presente – não obstante todas as rupturas e os esquecimentos”.<sup>485</sup>

A faixa de pedestres está atualmente listada pelo *National Trust* como local de interesse histórico.<sup>486</sup> Ao mesmo tempo, em que ela atrai visitantes diariamente, gerando lucro para a cidade, traz confusão por ainda ser um local utilizado regularmente pela população. Esse tipo de situação é comum em cidades turísticas. E como a população lida com estas circunstâncias? “Os habitantes das regiões visitadas começam a sentir [...] um certo rancor em relação aos efeitos negativos do êxodo das massas turísticas. Essas populações têm, cada vez mais, a impressão de que são invadidas por esse desenvolvimento e, ao mesmo tempo, dele excluídas”.<sup>487</sup> Existe constantemente uma busca pelo equilíbrio, um esforço de adaptação tanto por parte dos habitantes quanto do governo.

<sup>484</sup> NOBLE, Will. *Why The Hell Do People Go To Abbey Road?* Disponível em: <<https://londonist.com/london/features/why-the-hell-do-people-go-to-abbey-road>>. Acesso em 16 fev. 2020.

<sup>485</sup> ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 330.

<sup>486</sup> ENGLISH ONLINE. *Abbey Road Crossing Becomes National Heritage Site*. Disponível em: <<https://www.english-online.at/news-articles/travel/abbey-road-becomes-national-heritage-site.htm>>. Acesso em: 03 set. 2023. (Tradução nossa).

<sup>487</sup> KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2009, p. 15.





Figura 49: *Abbey Road*. A – Vista mais conhecida da faixa de pedestres. No primeiro plano, turistas tiram fotos atravessando a faixa em meio ao tráfego pesado de automóveis. Ao fundo, do lado esquerdo, vemos o muro branco com grade do estúdio. B – Faixa de pedestres por outro ângulo. Observamos o acúmulo de pessoas esperando para tirar a fotografia e carros aguardando a liberação da via. C – Turistas fotografando a entrada principal do estúdio. D – Foto tirada por ocasião da primeira visita à Abbey Road em 1997, quando ainda era possível entrar no espaço do estacionamento. Fotos de COSTA, Sílvia S. (Fotos A; B e C de 2018 e foto D de 1997).



Figura 50: Estúdios *Abbey Road*. A - A entrada da loja fica na lateral do estúdio. Caminha-se por um estreito corredor que leva ao estabelecimento. B- *Earth Cam* apontada para a faixa: a faixa de pedestres está online 24 horas por dia. Atualmente, possui mais de 57. 000.000 de visualizações. C- Placa localizada em frente ao estúdio com pichação e os seguintes dizeres: “NÃO ENTRE. Os estúdios Abbey Road estão fechados para o público. Por favor, visite nossa loja ao lado em Abbey Road, 5”. D- Mensagens deixadas pelos fãs nos muros de Abbey Road. - Fotos de COSTA, Sílvia S. (2018).

Outro ponto de visitação em Londres é o prédio onde se situava o estúdio e a gravadora dos Beatles, *Apple*. Foi no terraço desse local que a banda fez o seu último show, registrado para o filme *Let it Be*, lançado em 1970. (Figura 51). No entanto, o máximo que os peregrinos podem fazer é tirar fotos do prédio, pois agora ele é de um escritório de advocacia. Para Assmann, lugares como esse

[...] codificam tanto o esquecimento quanto a recordação. Marcam uma vida passada que se extinguiu e foi esquecida, que se tornou estranha e se perdeu na dimensão da história; e marcam também, ao mesmo tempo, a possibilidade de uma recordação que, na dimensão da memória, desperta e refaz com novo vigor o que o tempo arrancou e erradicou.<sup>488</sup>

No site *Tripadvisor*, é possível ler as impressões de viajantes sobre os mais variados lugares do mundo. Sobre o prédio da *Apple* encontra-se este comentário:

Claro que você não pode subir no telhado ou mesmo no prédio e acredito que a fachada seja um pouco diferente (deveria ter persianas nas janelas em 69). NO ENTANTO, apenas para ficar na frente do prédio (fiz um vídeo e imprimir algumas fotos) foi para mim uma experiência bastante religiosa. No contexto de um fã dos Beatles, acredito que este lugar seja mais significativo do que os estúdios de Abbey Road, pois essa instalação foi e é usada por muitos artistas... este lugar é especial!! *FabFourFan9* Escrito em 7 de janeiro de 2008.<sup>489</sup>



Figura 51 A – O prédio da gravadora dos Beatles, *Apple*. No topo desse edifício, os Beatles fizeram seu último show, em janeiro de 1969. B – Placa oficial que registra local de interesse histórico na cidade de Londres. O texto diz: “Os Beatles: tocaram ao vivo pela última vez no terraço deste edifício. 30 de janeiro de 1969”. Fotos retiradas do site *Tripadvisor*. Disponível em: <[https://www.tripadvisor.com/Attraction\\_Review-g186338-d189039-Reviews-3\\_Savile\\_Row-London\\_England.html](https://www.tripadvisor.com/Attraction_Review-g186338-d189039-Reviews-3_Savile_Row-London_England.html)>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Os lugares de memória, autênticos ou não, dentro ou fora de Liverpool, mantidos pela oficialidade ou por particulares, são elementos que auxiliam na manutenção da popularidade dos Beatles. Pessoas visitam a cidade na busca por vestígios. Compram lembranças, tiram fotos, escrevem em sites de internet e redes sociais comentando sobre a visita a esses locais. A sua

<sup>488</sup> ASSMANN, Aleida. *Idem*, 2011, p. 331-332.

<sup>489</sup> TRIPADVISOR. Disponível em: <[https://www.tripadvisor.com/Attraction\\_Review-g186338-d189039-Reviews-3\\_Savile\\_Row-London\\_England.html](https://www.tripadvisor.com/Attraction_Review-g186338-d189039-Reviews-3_Savile_Row-London_England.html)>. Acesso em: 21 ago. 2023. (Tradução nossa).

manutenção e visitação mostram que os Beatles ainda são importantes, não apenas por terem existido, mas, também, para serem lembrados e celebrados.

### 3.4 O REFORÇO NA MANUTENÇÃO DA POPULARIDADE DOS BEATLES EM LIVERPOOL: OS MONUMENTOS E OS ESPAÇOS MEMORIAIS

Não há dúvidas de que Liverpool e os Beatles são conectados historicamente. É difícil ler uma frase sobre a cidade sem que o grupo seja citado. Com o final da banda e, principalmente, após a constatação da alta popularidade dos músicos, começaram a surgir vários elementos memoriais que buscam reforçar esta conexão. São vários os encontros de fãs organizados na cidade visando celebrar o legado do grupo e atrair cada vez mais visitantes e peregrinos. Festivais de música, reuniões de colecionadores de *memorabilia* ou competições de bandas covers são alguns exemplos a serem citados. Contudo, um dos objetos que parece efetivo e atraente para os turistas rememorarem o conjunto em Liverpool é o monumento.

Não há como precisar quando surgiram os monumentos em nossa sociedade. O termo latino *monumentum* “[...] remete à raiz indo-europeia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*).<sup>490</sup> [...] O *monumentum* é um sinal do passado”, é um marco, uma lembrança. Essa palavra é derivada de *monere* (lembrar).

[...] monumento é aquilo que memoriza, que traz à lembrança algo que se quer guardar, algo que é digno de memória e de co-memorar (memorizar com; no coletivo). Ele é ‘edificação’ que dá sentido a um processo educativo e revela as intenções da instituição educadora; apresenta informação essencial para que acontecimentos, ritos, crenças, saberes não sejam esquecidos. A sua forma de apresentar a informação não é neutra, mas, ao contrário, é caracterizada pela afetividade, pelo discurso que comemora um fato caro a determinado grupo social ou comunidade. O monumento, assim, busca tornar viva a memória de algo importante e identitário socialmente. Nesse caso, ele tem, necessariamente, como mediadores a memória construída e a história.<sup>491</sup>

Para Alois Riegl, monumento é uma obra criada pela mão do homem e elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas ou destinos (ou a combinação de ambos).<sup>492</sup> É muito comum a construção de estátuas que representem artistas populares. O rock já gerou uma grande quantidade desses construtos pelo mundo. E, além dos monumentos, há também os memoriais.

<sup>490</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013, p. 486.

<sup>491</sup> MENESES, José Newton Coelho. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 31.

<sup>492</sup> RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem*. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 31.

Memorial é uma edificação realizada com o intuito de rememorar sujeitos, ações, datas, etc. Ele, também, tem valor simbólico para uma determinada comunidade ou para alguns de seus membros. É, segundo Matheus Pereira, um:

[...] espaço que respeitosa e tem como objetivo dar memória àqueles que se foram em atos heroicos ou lamentavelmente vítimas de cruéis eventos históricos, que pode então ser entendido como um [...] edifício cujo propósito é fundamentado em materializar a emoção do intangível, criando uma memória coletiva e lembrada através do tempo.<sup>493</sup>

Esse espaço pode trazer em si monumentos, construções, imagens, tudo o que for necessário para lembrar de algo, alguém, de qualquer coisa que seja considerada digna de ser rememorada. Os memoriais são:

[...] objetos ‘abertos a diferentes interpretações e maleáveis de acordo com as necessidades de poder do Estado e forças religiosas’[...]. Mesmo sendo feitos por particulares, possuem objetivos a ser alcançados com a sua existência. São, assim, objetos cujos significados podem ser recriados e apropriados por instituições e grupos com motivações, interesses e práticas distintas e, por vezes, contraditórias.<sup>494</sup>

Os Beatles estão presentes em vários monumentos na cidade de Liverpool.<sup>495</sup> Guias turísticos os descrevem e ensinam a encontrá-los. Geralmente estão localizados próximos a locais de importância na história dos músicos. Em uma sociedade culturalmente fragmentada, líquida que convive com uma forte aceleração temporal, o monumento torna-se o “porto seguro”, traz em si um aspecto de estabilidade identitária, ao mesmo tempo, em que não deixa esquecer daqueles que são homenageados, destacando a importância deles para a comunidade.

George Harrison e John Lennon ainda estavam vivos quando o primeiro monumento aos Beatles foi erguido. Após a demolição do *Cavern Club*, um DJ local, Pete Price, conseguiu fundos para a produção de uma estátua; ela foi produzida pelo artista plástico Arthur Dooley. A estátua está exposta na *Mathew Street* e sofreu alterações após o assassinato de John Lennon (Figura 52).

A primeira imagem mostra a escultura original como foi instalada em 1974, e a segunda mostra a escultura como é hoje, alterada após a morte de John Lennon. Na escultura original, a Madonna (representando Liverpool como a cidade mãe dos Beatles) está segurando três bebês (representando John,

<sup>493</sup> PEREIRA, Matheus. *Materializando o intangível: 8 memoriais ao redor do mundo*. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/946089/materializando-o-intangivel-8-memoriais-ao-redor-do-mundo>>. Acesso em: 08 ago. 2023.

<sup>494</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. *Monumentos, política e espaço*. In: Scripta Nova. *Revista eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*.

Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98. Vol. IX, núm. 183, 15 de febrero de 2005. (Tradução nossa).

<sup>495</sup> No caso destes últimos, eles – como estruturas simbólicas que carregam em si aspectos compartilhados por grupos de indivíduos em um determinado contexto e localidade – constituem importantes elementos de formação da memória coletiva.

George e Ringo), com um quarto bebê representando Paul McCartney, que Dooley afirma, ‘... um querubim por razões óbvias’. Na escultura posterior, o querubim alado de Paul McCartney foi removido e outro bebê adicionado a um lado para representar John Lennon, com as palavras ‘Lennon Lives’ e trechos de ‘Imagine’.<sup>496</sup>



Figura 52 *Four lads who shook the world*, de Arthur Dooley (1974). Metal, pedra, plástico e tecido. A – A primeira versão antes da morte de John Lennon com um querubim representando Paul McCartney. B A segunda versão com o boneco com a inscrição “Lennon lives” (Lennon vive). As duas imagens foram retiradas do site: <<https://ljmulibrary.wordpress.com/2014/08/15/photo-friday-four-lads-who-shook-the-world/>>. Acesso em: 09 ago. 2023.

Na *Mathew Street* existe ainda uma estátua de John Lennon, retratada igual à capa do álbum *Rock ‘n’ Roll*, lançado pelo músico em 1975. O cabelo apresenta o corte do período *beatle*, diferindo da foto original do disco que foi tirada na época em que o grupo tocava em Hamburgo. Temos, então, uma releitura da foto original, transformada para atingir o objetivo do monumento, de lembrar um John Lennon conectado diretamente ao momento em que a banda estava ativa e com alta popularidade. A estátua fica quase em frente ao novo *Cavern Club*, indicando a conexão entre o grupo e o local. Atrás dela tem-se um mural com nome de artistas que tocaram no clube. Como outros monumentos, esse também é procurado por turistas, que interagem, tirando fotos dia e noite, com sol ou chuva (Figura 53).

<sup>496</sup> LJMU Library (Library News and Information from Liverpool John Moores University). *Photo Friday: Four Lads Who Shook the World*. Disponível em: <<https://ljmulibrary.wordpress.com/2014/08/15/photo-friday-four-lads-who-shook-the-world/>>. Acesso em: 09 ago. 2023. A título de curiosidade: Após o fim dos Beatles, Paul McCartney fundou seu grupo, *Wings*. Daí o querubim. (Tradução nossa).



Figura 53 - *Mathew Street Lennon*, de David Webster (1996). Turista posa ao lado da estátua de John Lennon. Em geral, os monumentos e memoriais dos Beatles são acessíveis ao público e tornam-se locais de visitação, brincadeiras e de fotos. Foto de COSTA, Sílvia S. (2018).

Dentro do *Cavern Walks* (anexo de lojas na *Mathew Street*, situadas no lugar exato do *Cavern* original), há um conjunto de estátuas que representam os Beatles em ação. (Figura 54). Essas imagens são acessíveis ao público e utilizadas pelas lojas para chamar a atenção dos consumidores.

Sob múltiplas formas (o monumento) parece presente em todos os continentes e em praticamente todas as sociedades, dotadas ou não de escrita. O monumento, dependendo do caso, recusa as inscrições ou as acolhe, ora com parcimônia, ora de forma bem liberal, chegando às vezes a se deixar cobrir por elas, tendendo a acumular outras funções.<sup>497</sup>

Assim, essas estátuas tornaram-se bases para propagandas ou, simplesmente, um chamariz para as pessoas que querem vê-las, ao serem expostas às lojas do shopping.

<sup>497</sup> CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006, p. 18.



Figura 54 *Sem título*. De John Doubleday (1984). Bronze. Conjunto de estátuas representando os Beatles dentro do *Cavern Walks*. Vemos ao fundo um mural com imagens do filme *Yellow Submarine*. Do lado esquerdo da imagem, vê-se uma foto de John Lennon. O monumento torna-se um local onde ocorre uma contínua corrente de homenagens e interações. Foto de COSTA, Sílvia S. (2018).

Na região das docas, próximo à *Mathew Street*, existe outro conjunto de estátuas relacionadas ao grupo. Ele foi inaugurado em dezembro de 2015, para comemorar os cinquenta anos do último show realizado pela banda em Liverpool. Seu visual lembra a capa do álbum *Live at BBC*, lançado em 1994. Intitulada *Pier Head Beatles Statue*, os Beatles são retratados jovens, em sua imagem mais conhecida, típica do auge da *beatlemania*, com ternos e cabelos redondos. As estátuas fazem uma alusão dos músicos caminhando rumo ao Rio Mersey, como se estivessem deixando o local e partindo para as suas várias turnês. De certa forma, estão em Liverpool, mas, ao mesmo tempo, não ficarão somente ali, sairão pelo mundo e farão parte do imaginário global. Assim como a estátua de John Lennon citada previamente, essa também é muito fotografada e de fácil acesso aos fãs, e tornou-se um ponto de referência na urbe. (Figura 55). Vale mencionar que o *Pier Head Beatles Statue* fica próxima às “Três Graças” e ao novo *Pier*.

O reposicionamento da área urbana contemporânea através de representações do seu passado tem sido identificado como uma característica definidora das cidades europeias, com as paisagens urbanas a tornarem-se locais de memória e representações de identidade continuamente reescritas em resposta à mudança social e política. No contexto europeu, o patrimônio tem estado diretamente ligado à conservação do passado (imaginado), aspecto importante do seu poder, decorrente da tentativa de o reviver, recriar ou, mais precisamente, imitá-lo.

[...]



Isso ocorre porque as políticas de conservação das heranças culturais se modificaram. Anteriormente, preocupava-se com a preservação do passado, as políticas posteriores de conservação e revitalização são sobre um futuro para o passado.<sup>498</sup>



Figura 55 *Pier Head Beatles Statue*, Andy Edwards (2016). Bronze. A – As estátuas com as “Três Graças” ao fundo. O monumento mostra os quatro músicos caminhando e conversando. As roupas apropriadas ao frio os colocam adequadamente em Liverpool, cidade ao norte da Inglaterra. B – Turistas interagindo com as estátuas. Observe o cão que está sendo “conduzido” por Ringo Starr. C – Família se posiciona próxima ao monumento. Observe que as estátuas são maiores que o tamanho natural. Fotos de COSTA, Sílvia S. (2018).

<sup>498</sup> VILCEA, Cristiana et al. *Historical Buildings and Monuments as Cultural Heritage In Situ—Perspectives from a Medium-Sized City*. In: *Heritage* 2023, 6(6), 4514-4526; <https://doi.org/10.3390/heritage6060239>.

Além dos músicos, uma personagem das canções dos Beatles também se transformou em monumento: *Eleanor Rigby*. Ela ganhou suas formas humanas de maneira concreta em bronze.<sup>499</sup> Inaugurada em 1982, localiza-se na *Stanley Street*, próxima à *Mathew Street*, uma rua não muito movimentada, dá à estátua um ar de tristeza e abandono, que condiz com o tema retratado pela música, a solidão. Seu rosto não é definido, assim como seu corpo parece se derreter de saudades ou tristeza. Suas roupas são de inverno e típicas do período pós-guerra. Mesmo sendo um pouco fora da rota de turistas, é um ponto para fotografias e está presente nos mapas de lugares relacionados aos Beatles a serem visitados em Liverpool. (Figura 56). “Há muito espaço para você sentar com ela e deixar flores ao seu lado, já virou tradição local”.<sup>500</sup>

Em 2001, o aeroporto internacional de Liverpool passou a se chamar *John Lennon*. Logo, em 2002, ganhou uma estátua do músico. Ela representa um artista mais maduro, diferente do jovem desafiador em frente ao novo *Cavern*, associado a causas humanitárias e à sua composição *Imagine*, de 1971. (Figura 57). Foi inaugurada por Yoko Ono, viúva do músico.

No ano em que John Lennon completaria 70 anos, a *Global Peace Initiative*, uma organização artística americana dedicada a criar monumentos de paz e espalhar pelo planeta, doou para a cidade o monumento *Peace & Harmony monument*. (Figura 58). Ele foi inaugurado pela primeira esposa de Lennon, Cynthia, e seu primogênito, Julian. Vemos na parte superior da estátua uma pena. Segundo palavras de Julian: “Papai me disse uma vez que, se ele morresse, se houvesse alguma maneira de me avisar que ele ficaria bem - que todos nós ficaríamos bem - a mensagem viria para mim na forma de uma pena branca”.<sup>501</sup>

---

<sup>499</sup> Um dos pontos de visitação descoberto recentemente foi o túmulo de uma mulher chamada Eleanor Rigby localizado no cemitério da St. Peter's Parish Church (local onde Paul McCartney e John Lennon se conheceram). Tornou-se um memorial que não foi construído com este fim (é uma sepultura real), mas é frequentemente visitado por peregrinos e turistas.

<sup>500</sup> SLATER, Chris. *I saw them standing there*. Liverpool: Sam Flaco, 2017. (Tradução nossa).

<sup>501</sup> SLATER, Chris. *I saw them standing there*. Liverpool: Sam Flaco, 2017. (Tradução nossa).



Figura 56 *Eleanor Rigby- "All the lonely people"*. Tommy Steele, (1982). Liverpool.<sup>502</sup> A - Solitária em seu banco, à espera do registro dos turistas e peregrinos, tendo apenas um pássaro como companhia. B – Vista geral do monumento. C – Placa indicativa do título da obra e trecho da canção “Eleanor Rigby”. Fotos de COSTA, Sílvia S. (2018).

<sup>502</sup> A estátua de bronze nomeada Eleanor Rigby está próxima à *Mathew Street*. Foi criada pelo músico Tommy Steele e inaugurada em 1982, período em que os Beatles voltaram a estar em evidência em sua cidade natal, logo após a morte de John Lennon.



Figura 57 *John Lennon*, por Tom Murphy (2002). Bronze. Quando jovem, John Lennon trabalhou por pouco tempo no aeroporto em um restaurante. Foto disponível em: <[https://twitter.com/LPL\\_Airport/status/1171791334161747968](https://twitter.com/LPL_Airport/status/1171791334161747968)>. Acesso em: 09 ago. 2023.



Figura 58 *Peace and Harmony*, por Lauren Voiers (2008). Alumínio. “O monumento faz parte de um memorial pela paz no *Chavasse park* em Liverpool”. Retirada do site: <<https://br.pinterest.com/pin/259097784791116141/>>. Acesso em: 09 ago. 2023.

Perto do aeroporto, há ainda outro monumento. Esse homenageia o filme *Yellow Submarine*. (Figura 59).

Esta réplica em tamanho real do Yellow Submarine dos Beatles foi construída para o International Garden Festival de 1984. [...] Feito por aprendizes da *Cammell Lairds*. Em seguida, foi levado para o Garden Festival em Apple Gardens em 1984. Depois do festival, só foi abandonada no próprio local. A *Liverpool Architecture & Design Trust* assumiu o controle no ano de 2000 e o levou para um depósito, tendo sido restaurado por estagiários de reparo e manutenção.<sup>503</sup>

<sup>503</sup>

YELLOW SUBMARINE. Disponível em: <<https://www.lydiatesliverpoolens.com/2010%20update/yelsub.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2023.



Figura 59 *Yellow Submarine*, Aprendizes de Cammell Lairds, 2005. Disponível em: <<https://www.pinterest.co.uk/pin/yellow-submarine-liverpool-john-lennon-airport--11259067794187866/>>. Acesso em: 09 ago. 2023.

Um memorial relacionado aos Beatles em Liverpool é o *George Harrison Woodland Walk*. Idealizado pela prefeitura de Liverpool, se localiza em um parque perto do local onde o músico nasceu. (Figura 60). Após o fim dos Beatles, dentre outras coisas, George se dedicou à jardinagem e ao paisagismo. Na época da inauguração do espaço a viúva de George, Olivia Harrison, disse: “George era um jardineiro ávido que encontrava consolo e alegria em estar ao ar livre. Acho não haver melhor maneira de homenageá-lo em Liverpool do que com um jardim que se torne um lugar de tranquilidade e reflexão para todos”.<sup>504</sup>

<sup>504</sup> REILLY, Nick. *George Harrison woodland memorial to open in Liverpool*. Disponível em: <[https://www.nme.com/en\\_au/news/music/a-woodland-memorial-to-george-harrison-is-opening-in-liverpool-2614768](https://www.nme.com/en_au/news/music/a-woodland-memorial-to-george-harrison-is-opening-in-liverpool-2614768)>. Acesso em 08 ago. 2023. (Tradução nossa).



Figura 59 *George Harrison Memorial*. A placa diz: “Em memória de um grande humanitário que tocou o mundo como um artista, um músico e um jardineiro”. “Para uma floresta ser verde, cada folha deve ser verde” George Harrison (1943-2001). Imagem retirada do site: <<https://www.liverpoolecho.co.uk/news/liverpool-news/beatles-george-harrison-memorial-tree-7476516>>. Acesso em: 03 set. 2023.

Vimos, nesse subcapítulo, que a quantidade de monumentos em Liverpool relacionados aos Beatles (em grupo ou individualmente) é considerável. Os locais mais recentes foram escolhidos pensando em uma identidade cultural mais ampla, não somente a hegemônica *beatle*. Há, visivelmente, um direcionamento dos investimentos públicos para a região das docas, bem próxima à área central da cidade. No local está situado um *Tate Museum*, o *Liverpool Museum*, o *Maritime Museum*, o *International Slavery Museum*, o *The Beatles Story*, restaurantes, bares, lojas, e a *M&S Bank Arena* que recebe shows e convenções. Nesse mesmo espaço, foi iniciada a construção do novo estádio de futebol do *Everton*, outro conhecido time da cidade. O governo preferiu perder o status de patrimônio da humanidade dado pela Unesco para as docas, cais e beira-mar e, transformou a região em um ponto de práticas culturais diversas, atraindo turistas, ao mesmo tempo, em que funciona como um centro cultural e de entretenimento para a população local.<sup>505</sup> Vê-se uma preservação selecionada, de uma maneira que atenda às necessidades do governo local que, nesse caso, privilegiou as mudanças e descaracterizações, deixando alguns elementos intactos e adicionando novos.

Os monumentos ligados ao grupo celebram seu passado e, concomitantemente, criam um discurso que ressalta os pontos positivos de suas carreiras, tanto como grupo quanto

<sup>505</sup> THE GUARDIAN. *Unesco strips Liverpool of its world heritage status*: UN body says years of development have caused ‘irreversible loss’ to historic value of Victorian docks. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk-news/2021/jul/21/unesco-strips-liverpool-waterfront-world-heritage-status>>. Acesso em: 02 set. 2023. (Tradução nossa).

individualmente. Percebemos sua importância quando vemos o interesse com que as novas gerações acolhem essas peças. Assim, elas vão se tornando parte da memória afetiva de muitos, que pode ser traduzida, compreendida, assimilada e repassada.<sup>506</sup> Os Beatles estão ausentes fisicamente, mas sua imagem sugere presença.<sup>507</sup>

Como dissemos anteriormente, existe atualmente uma conexão entre a geração de empregos, principalmente em relação ao turismo, que depende da existência de objetos relacionados aos Beatles. Esses elementos, que pretendem salvaguardar a memória e, ao mesmo tempo, preservar a permanência de uma identidade, que não é de aceitação unânime e que gera disputas, auxiliam na economia e na manutenção da popularidade do grupo.<sup>508</sup>

### 3.5 MEMORIAIS E MONUMENTOS BEATLE FORA DE LIVERPOOL

Os monumentos e memoriais que estão fora de Liverpool auxiliam diretamente na manutenção da popularidade dos Beatles, além de mostrar a sua relevância em regiões que aparentemente não teriam nenhum tipo de conexão. Através de um discurso visual, eles contam uma história apreendida por muitos e repassada por gerações. Estabelece-se um imaginário social com espectro mundial que tem o grupo como ícone da música jovem, pois é assim que formamos a memória: através de nossas próprias experiências e daquilo que nos é ensinado.<sup>509</sup>

Mesmo em seu silêncio, os monumentos e memoriais dizem muito. “Desde o século XIX, os monumentos têm um papel especial como expressões públicas de uma visão particular de um tempo que já se foi. Os construtos estão presentes para apontar o que é importante ser lembrado sobre o passado”.<sup>510</sup> Eles criam o sentimento de comunidade, nos unem por uma visão que se pretende comum.

Encontramos outros monumentos e memoriais relacionados aos Beatles em lugares onde eles fizeram shows ou estiveram de passagem, como Hamburgo (Alemanha), Nova Iorque e Houston (Estados Unidos) e Hong Kong (China). A existência desse tipo de objeto não é considerada estranha, pois em um determinado momento da história eles estiveram ali e o memorial ou monumento ativa a produção de presença. Mas, o que é peculiar em relação aos

<sup>506</sup> ASSMAN, Aleida. NITMES – Cultural Memory. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Hjwo7\\_A--sg](https://www.youtube.com/watch?v=Hjwo7_A--sg)>. Acesso em: 18 mar. 2019. (Tradução nossa).

<sup>507</sup> GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 85.

<sup>508</sup> CHOAY, Françoise, *idem*, 2006, p. 241.

<sup>509</sup> ASSMAN, Aleida. NITMES – Cultural Memory. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Hjwo7\\_A--sg](https://www.youtube.com/watch?v=Hjwo7_A--sg)>. Acesso em: 18 mar. 2019. (Tradução nossa).

<sup>510</sup> RIGNEY, Ann. *Memories and Monuments*. Palestra proferida em 2010. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jfdJUT2lqas&t=5s>>. Acesso em 23 set. 2018. (Tradução nossa).



Beatles, é a existência dessas peças em locais onde eles não estiveram, não se apresentaram como um grupo. Muitos dos lugares não têm o inglês como língua oficial, não fazem ou fizeram parte do Reino Unido, são regiões onde não ocorreu nenhuma performance musical do quarteto (às vezes nem individualmente) e que nunca foram por eles citados em entrevistas. Temos como exemplos as cidades de Almaty (Cazaquistão), Ulaanbaatar (Mongólia), Praga (República Checa) Blokker (Holanda), Obertauern (Áustria), Donetsk (Ucrânia), La Coruna (Espanha), Reykjavik (Islândia), Durness (Escócia), Tlalnepantla (México), Dorsington (Inglaterra), Yekaterinburg (Rússia), Havana (Cuba), Plymouth (Inglaterra), Los Angeles (Estados Unidos), Pereira (Colômbia), Walnut Ridge (Estados Unidos), Ilhas Bermudas, San Jose (Costa Rica), Lima (Peru), Tampa (Estados Unidos), Trinidad (Cuba), Bayamo (Cuba) e Varadero (Cuba), Benton, Illinois (Estados Unidos).<sup>511</sup> No Brasil, existe uma estátua de John Lennon em Brasília, na UnB e praças nomeadas “John Lennon” em São Paulo (capital), Campinas (São Paulo) e Belém (Pará). Há um memorial no qual os Beatles estão presentes em Curitiba e havia uma estátua de Paul McCartney em um bar temático na mesma cidade. Causa estranheza a presença dessas obras em locais públicos nesses países. Que tipo de relação identitária elas possuem com as localidades ou com sua população? Quais as motivações que levaram indivíduos, sem aparente conexão com o grupo, a celebrar o seu legado com estátuas e praças? John Lennon esteve em Almeria em 1966; nos anos 2000, Paul McCartney fez um show em Tampa; e os quatro filmaram parte de *Magical Mystery Tour* em Plymouth. Mas e as outras localidades?

Os Beatles já tinham uma popularidade mesmo sem a Internet e as redes sociais. Através do rádio, do cinema, da TV, dos jornais e das revistas, eles se tornaram conhecidos no mundo todo. Com a chegada da Internet e das redes sociais, o som e a imagem do grupo passaram a circular intensivamente pelo mundo. “Em um nível mais fundamental, podemos afirmar que é a troca contínua de informações entre indivíduos e o movimento entre mentes e mídia que, em primeiro lugar, gera o que Hallbwachs denominou memória coletiva”.<sup>512</sup> Associamos, ainda, outra característica, a da transnacionalidade. “Existe uma crescente relevância que as formações, além do Estado-nação, têm para a lembrança cultural: a religiosidade, as diásporas globais, a Esquerda Europeia, mas, também, o futebol, a cultura musical e de consumo geram redes transnacionais de memória”.<sup>513</sup> Essas redes são alimentadas pelas *travelling memories*. (comentadas no capítulo 2). Nelas, as reminiscências, tanto individuais quanto coletivas (no nosso caso específico, relacionadas aos Beatles), se

<sup>511</sup> Consideramos ‘monumentos dos Beatles’ com os quatro presentes ou somente com um deles.

<sup>512</sup> ERL, Astrid. Travelling Memories. In: *Parallax*, 2011, vol. 17, no 4, p. 12. (Tradução nossa).

<sup>513</sup> ERL, Astrid, *idem*, 2011, p. 8. (Tradução nossa).

movimentam através das pessoas, das mídias e dos conteúdos. Os indivíduos (*carriers*) carregam consigo as lembranças, eventos históricos e as mitologias compartilhadas. Conjuntamente às tecnologias, movem-se livremente pelas fronteiras, carregando imagens e fatos assimilados por diferentes indivíduos e grupos que as ressignificam e, se acharem conveniente, irão transmiti-las. Elas também podem ser utilizadas como ferramentas de controle social ou político. Seu uso não é limitado.

Na sequência desse texto, conheceremos e analisaremos alguns dos monumentos e memoriais que estão fora de Liverpool. Não atentaremos para a análise de todos, por serem muitos, e isso tornaria a leitura enfadonha. Selecionamos os mais significantes e exóticos em nossa visão. O primeiro deles se encontra em Hamburgo. Como vimos no capítulo 1, essa cidade portuária teve uma importância na formação musical dos Beatles. Lá, fizeram vários shows em boates e clubes, além de desenvolverem um repertório que os influenciou para o resto de suas carreiras. George Harrison afirmou em uma entrevista: “Tivemos que aprender milhões de músicas porque ficávamos tocando por horas [...]. Hamburgo foi realmente como nosso aprendizado, aprendendo a tocar na frente das pessoas.”<sup>514</sup> Hoje, turistas visitam os locais onde a banda se apresentou, e uma praça foi inaugurada com monumentos para homenagear os “cinco rapazes de Liverpool”. (Figura 61). Mas assim como sua cidade natal, Hamburgo tem dificuldades de lidar com esse legado. Seus planos de regeneração urbana esbarram nas escolhas políticas e em como os investimentos deveriam ser feitos.

Os poderosos da cidade querem que Hamburgo explore sua cultura e invista num turismo em escala global. No entanto, ao examinar a falta de investimento na infraestrutura circundante e as práticas de memória seletiva baseadas em agendas ideológicas, percebe-se a dificuldade de se chegar a bons resultados.<sup>515</sup>

Há 10 anos, Fremaux e Fremaux já falavam que o governo local acreditava que os planos de regeneração urbana se afastavam da ideia de nostalgia.<sup>516</sup> A história dos Beatles em Hamburgo se aproxima de uma vida boêmia decadente. Para muitos, está associada à violência, sexo e drogas. Esse não é o discurso que se quer para a urbe. Hoje, quando se pesquisa na página de turismo oficial da cidade, não existe nenhuma menção da conexão da cidade com os Beatles

---

<sup>514</sup> DAVIS-MARKS, Isis. *How a Stint in Hamburg Helped Catapult the Beatles to Superstardom*. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/smart-news/trove-beatles-memorabilia-sale-180977408/>>. Acesso em: 11 ago. 2023. (Tradução nossa).

<sup>515</sup> FREMAUX, Stephanie; FREMAUX, Mark. Remembering the Beatles' legacy in Hamburg's problematic tourism strategy In: *Journal of Heritage Tourism*. Volume 8, Issue 4, 2013, p. 1. (Tradução nossa).

<sup>516</sup> FREMAUX, Stephanie; FREMAUX, *Idem*, 2013, p.1. (Tradução nossa).

na sua *homepage*. Com muita procura, e após três links, chega-se a um *Beatles Tour* que aparentemente não é oficialmente mantido.

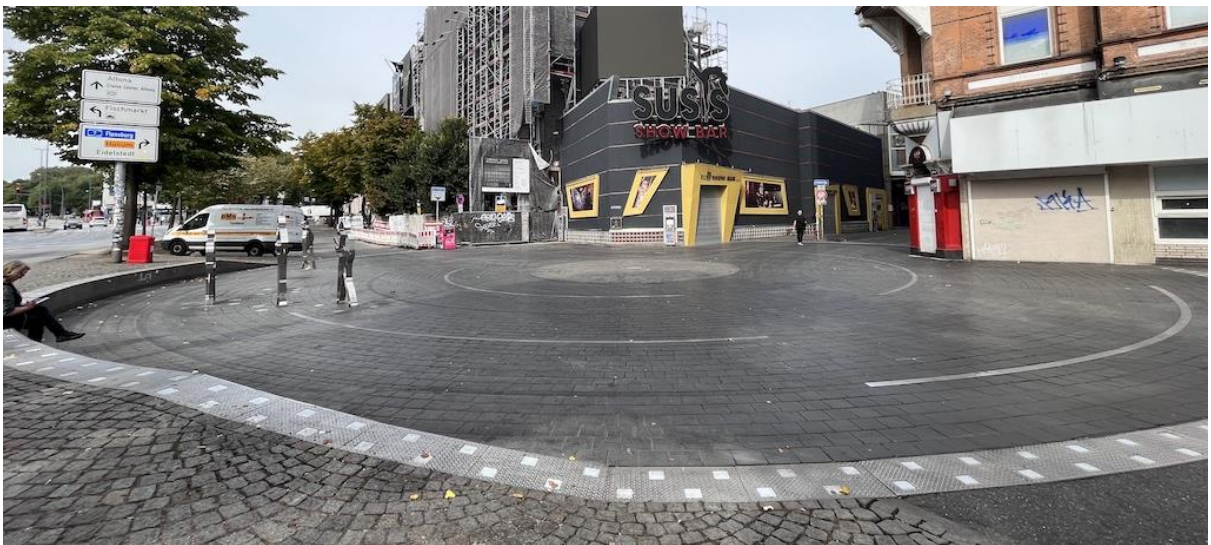


Figura 61 *Beatles Platz*, de Doshe & Stich (2008). Aço e granito preto. Hamburgo. Na imagem superior estão representados os Beatles em sua formação no período de suas apresentações em Hamburgo, com Pete Best e Stuart Sutcliff. A inferior mostra o chão da praça está disposto como um disco de vinil preto com 30 metros de diâmetro e embelezado com ranhuras douradas, nas quais você pode ler os títulos das canções mais famosas do grupo. Imagens retiradas do site: <<https://www.hamburgausflug.de/beatles-platz/>>. Acesso em: 11 ago. 2023. (Tradução nossa).

Os monumentos e memoriais, vistos como elementos urbanos estão continuamente interagindo com os espaços públicos onde se fazem presentes. Apesar de estáticos, seu cenário é a cidade, ou seja, seu palco é marcado pela dinamicidade. “A cidade, que, no passado, era o lugar fechado e seguro por antonomásia, o seio materno, torna-se o lugar da insegurança, da

inevitável luta pela sobrevivência, do medo, da angústia, do desespero”.<sup>517</sup> O memorial age, com sua rigidez, em um cenário agitado, como um porto seguro para as memórias.

Outro exemplo de espaço memorial que se tornou ponto de peregrinação secular relacionado aos Beatles fora de Liverpool é o *Strawberry Fields Memorial*. (Figura 62). Ele se situa no *Central Park* em Nova York, próximo ao local onde John Lennon foi assassinado. Tornou-se ponto oficial de visitação para homenagens ao artista, que morreu aos 40 anos. O crime ocorreu no dia 8 de dezembro de 1980. Logo após a sua morte, uma multidão se aglomerou na porta do edifício Dakota, em frente ao Central Park, local exato do seu homicídio. Muitos fãs se dirigiram para o local e seguiram deixando flores, velas, mensagens. Na época, músicas foram cantadas e discos de John Lennon venderam como nunca. “Na noite do assassinato, uma pessoa enlutada não identificada disse: ‘Eu sei que não vou vê-lo, mas costumava ouvi-lo quando criança, e eu simplesmente queria estar aqui’”<sup>518</sup> O homicídio modificou aquele local específico da cidade, transformando-o em alvo de visitas e peregrinações frequentes. Espontaneamente, as pessoas rezam, cantam ou simplesmente permanecem.

A construção do memorial foi a forma encontrada para a organização daquele ponto urbano, tirando os peregrinos da porta do prédio e os levando para dentro do *Central Park*, evitando problemas relacionados ao tráfego de automóveis e à circulação de pessoas. Nesse caso, temos um lugar de peregrinação que surgiu naturalmente e foi substituído por outro. Os fãs continuam passando pela porta do edifício, todavia é no memorial que depositam flores, conversam, tocam canções e fazem suas homenagens. Ele é um espaço cercado por bancos e com um mosaico no piso onde se lê no centro a palavra *imagine*. O termo é o título da canção de maior sucesso da carreira solo de John Lennon, lançada no álbum de mesmo nome. Sua letra trata de igualdade, respeito e paz entre os povos. O local foi inaugurado no dia 9 de outubro de 1985. Quando George Harrison morreu, os fãs e admiradores se reuniram ali para fazerem um minuto de silêncio. Depois dos ataques de 11 de setembro, o memorial foi ressignificado e tornou-se também um lugar de vigília e orações pelos mortos no atentado. Para os habitantes

---

<sup>517</sup> ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 214. Se antes muitos fugiam do campo pela segurança da cidade, agora, o inverso está ocorrendo. Ou, aqueles que resolveram ficar, se têm condições econômicas, passaram a viver em “feudos modernos”, os condomínios fechados.

<sup>518</sup> CHILDRESS, David. *Fields of Change: the many faces of Strawberry Fields*. Disponível em: <[https://topslide.net/view-doc.html?utm\\_source=fields-of-change-the-many-faces-of-strawberry-fields-david-childress](https://topslide.net/view-doc.html?utm_source=fields-of-change-the-many-faces-of-strawberry-fields-david-childress)>. Acesso em 24 mai 2018. (Tradução nossa).

da cidade, ele é um ponto de encontro com uma forte carga emocional e, compartilhado com os peregrinos e visitantes que frequentemente encontram-se por ali.



Figura 62: *Strawberry Fields Memorial* em New York. A – Vista geral com o edifício Dakota ao fundo. Bancos situados ao redor do memorial possibilitam sua contemplação. B – Turistas ocupando os bancos e fotografando os mosaicos. C – Detalhes do mosaico. Fotos de COSTA, Sílvia S. (2012).

A memória social é, muitas vezes, reforçada através da produção e preservação de seus monumentos e memoriais que ainda auxiliam no equilíbrio da coletividade e de suas representações identitárias.<sup>519</sup> Mas, existe outro aspecto neles esclarecedor em nossos questionamentos: o afeto. “A natureza afetiva do seu propósito é essencial”.<sup>520</sup> Existe então um fator relevante intrínseco ao objeto que é a emoção que ele provoca, o sentimento de conexão, o vínculo que atinge os indivíduos de um determinado grupo. O monumento faz o passado vibrar como se fosse presente com a mediação e mobilização da afetividade.<sup>521</sup> Como vimos,

<sup>519</sup> O autor que deu origem a esse pensamento foi o sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945). Ele afirmava que a Memória Social é a essência do conhecimento coletivo, culturalmente conhecido por determinado grupo e balizado por um determinado contexto.

<sup>520</sup> CHOAY, Françoise, *idem*, 2006, p.17.

<sup>521</sup> CHOAY, Françoise, *idem*, 2006 p.18.

eles tornam-se pontos de encontro na cidade, locais de visitação de turistas e moradores, às vezes, objeto de culto.<sup>522</sup> Ocasionalmente, recebem um tratamento específico, como luzes e efeitos visuais. Podem, também, manter-se intocados, serem, frequentemente, decorados ou virarem ponto de *happenings*, onde artistas e indivíduos em geral interagem com a obra. Em contrapartida, o monumento ou memorial pode simplesmente ser esquecido, ou destruido.

O *John Lennon Wall*   um bom exemplo de uma constru o coletiva marcada pela intera o. Ele é um memorial localizado em Praga, na República Checa. No dia 10 de dezembro de 1980, em um muro da cidade, alguém escreveu “John Lennon 1940-1980”. No dia seguinte, a parede foi limpa pelas autoridades.   noite, escreveram novamente a mesma frase. Foi apagada. Essa disputa continuou. A parede se tornou um símbolo de liberdade em um regime ditatorial. A época os Beatles foram banidos do país, tornando-se um fenômeno da cultura underground.<sup>523</sup> Em 1988, apareceram grafites contra o governo e, em uma ponte próxima, centenas de estudantes entraram em confronto com a polícia. O grupo que protestava naquele momento se autointitulou *Lennonism*, se opondo ao *Leninismo* do período. Com o fim da União Soviética, a República se instalou elegendo seu primeiro presidente, V clav Havel, um *lennonista*. O muro continua no mesmo local, se renovando com novas mensagens sobre todos os tipos de assuntos. (Figura 63).<sup>524</sup>

---

<sup>522</sup> Um exemplo desta situa o é o túmulo do cantor americano Jim Morrison. O vocalista do grupo *The Doors* morreu em Paris em 1971 e foi enterrado no Cemitério *P re Lachaise*. Venerado por seus f s, teve seu monumento tumular roubado, e o local de sua sepultura tornou-se ponto de encontro para festas e bebedeiras e até rela es sexuais. Em 15 de abril de 2004 os administradores do local colocaram barreiras ao redor do túmulo, visando trazer uma certa organiza o e controle.

<sup>523</sup> SLATER, Chris. *I saw them standing there*. Liverpool: Sam Flaco, 2017. (Tradu o nossa).

<sup>524</sup> SLATER, Chris. *I saw them standing there*. Liverpool: Sam Flaco, 2017. Já foram escritas mensagens contra o aquecimento global, homenagens ao ativista Marco Leung Ling-kit, etc. (Tradu o nossa).



Figura 63 *The John Lennon Wall*, anônimo, (1980). Concreto e tintas variadas. Duas diferentes imagens do muro. Imagens retiradas do site: <<https://praguetouristinformation.com/en/sightseeing/lesser-town/john-lennon-wall>>. Acesso em: 02 set. 2023.

Já no Brasil, descreveremos um monumento e um memorial em homenagem aos Beatles. O primeiro deles encontra-se em Curitiba: “Beatles, Shakespeare e a icônica cabine telefônica estão entre as atrações do Memorial Inglês, o mais novo ponto turístico de Curitiba, localizado no Parque Gomm no Batel, onde foi o primeiro consulado britânico da capital. O local é uma homenagem aos imigrantes ingleses na capital do Paraná”.<sup>525</sup> Dividindo as atenções, no mesmo mural têm-se as figuras e um pequeno texto explicativo sobre Shakespeare,

<sup>525</sup> FIORI, Eduarda, et al. *Memorial Inglês em Curitiba tem Beatles e Shakespeare entre atrações*. Disponível em <<https://www.portalcomunicare.com.br/memorial-ingles-em-curitiba-tem-beatles-e-shakespeare-entre-atracoes/>>. Acesso em: 08 ago. 2023.

William Blake e os Beatles. Os quatro rapazes de Liverpool estão posicionados no mesmo patamar de grandes escritores da literatura universal (Figura 64).

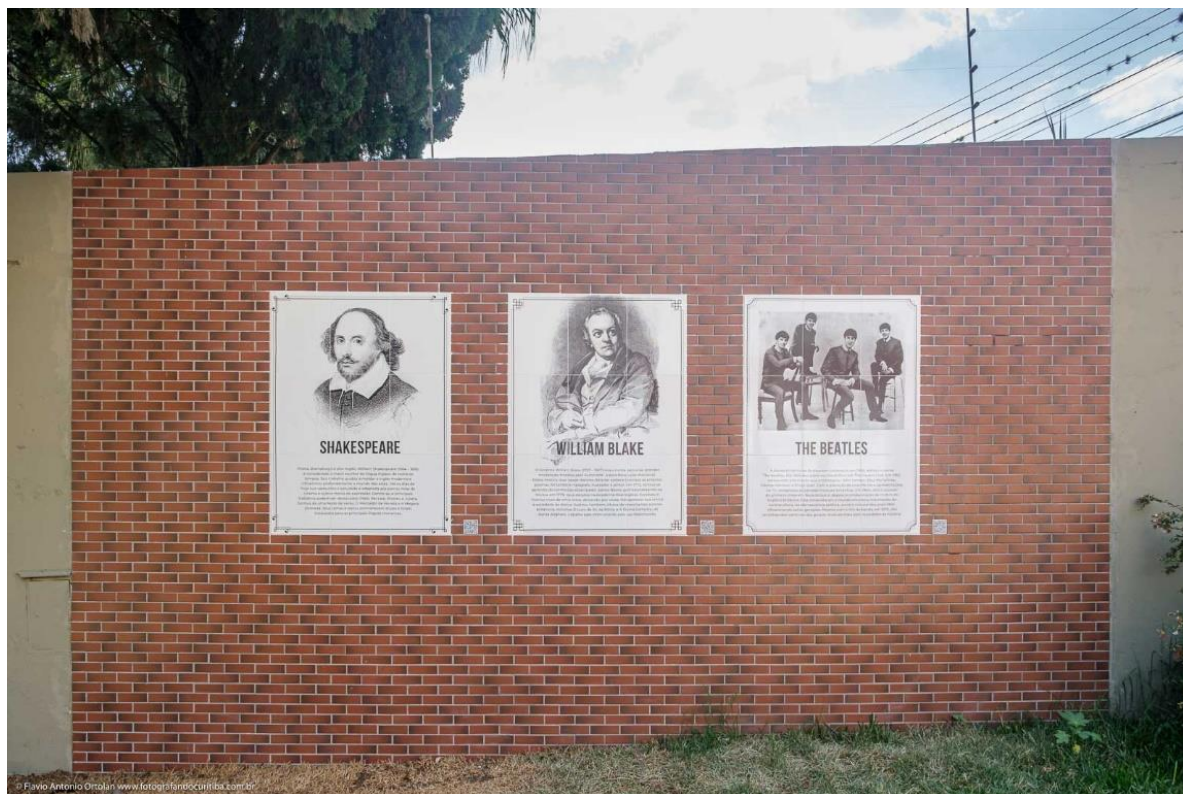


Figura 64 Imagens de três ícones da cultura inglesa. Curitiba- Paraná. O terceiro são os Beatles. Imagem disponível em: <<https://www.fotografandocuritiba.com.br/2020/04/outros-tres-paineis-de-azulejos-no.html>> . Acesso em: 08 ago. 2023.

A praça “John Lennon” fica no bairro da Lapa, em São Paulo. Ela é uma homenagem ao beatle assassinado, um local de passeios com cães, celebrações cívicas e ponto de encontro para moradores do bairro. (Figura 65).

[...] a praça como um lugar representa uma certa permanência no espaço, em oposição aos não-lugares produzidos pela modernidade excessiva e pela mobilidade crescente. [...] Ao contrário das ruas, que encarnam baixas de circulação física através da cidade, as praças representam períodos de descanso e de pausa.<sup>526</sup>

Em Campinas, no estado de São Paulo, há outra praça que, também, recebeu o nome do cantor; isso ocorreu em 12 de março de 1981.

<sup>526</sup>LEVY, Bertrand. *Urban Square as the Place of History, Memory, Identity*. Disponível em: <[file:///C:/Users/jbfr/Downloads/Urban\\_Square\\_as\\_the\\_Place\\_of\\_History\\_Mem.pdf](file:///C:/Users/jbfr/Downloads/Urban_Square_as_the_Place_of_History_Mem.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2023, pp. 156-157. (Tradução nossa).





Figura 65 Praça “John Lennon”. São Paulo. Placa com o nome do músico. Foto de Sílvia S. Costa (2020).

Além de monumentos, em 2016 foi inaugurado o primeiro museu que trata dos Beatles no Brasil. Ele é particular e possui uma exposição permanente com mais de 1000 itens. Ele fica em Canela, no Rio Grande do Sul. A cidade se especializou em museus com os mais variados assuntos. Lá encontramos desde museu do vapor, de moda, do automóvel, do Egito, do espaço sideral, do caminhão, etc. Junto a esse universo de diferentes tópicos populares, aparecem os “quatro rapazes de Liverpool”.

Para concluir esta relação de monumentos, apresentaremos um inusitado, presente em Plymouth, Inglaterra. Em 1967, os Beatles passaram por aquela localidade durante as filmagens de *Magical Mystery Tour*. Lá, eles sentaram-se na grama e fotos foram tiradas do momento. A partir desse registro, Thrussell & Thrussell criaram moldes de cobre simbolizando os traseiros dos quatro músicos. Agora, qualquer pessoa pode se sentar onde eles se sentaram. Há uma página do instagram *#Beatlebums* para obter mais detalhes sobre a obra. (Figura 66).



Figura 66 *Beatle Bums*, Thrussell & Thrussell (2016). Moldes de cobre. Plymouth, Reino Unido. Esquerda- Foto tirada em 1967 que deu origem à ideia de criação dos moldes. Direita – Os moldes dos traseiros, pernas e mãos dos Beatles na grama. Imagens disponíveis em: <<https://www.atlasobscura.com/places/beatle-bums>>. Acesso em: 03 set. 2023.

Como vimos, existem muitos monumentos e espaços memoriais relacionados aos Beatles em Liverpool e em outras localidades do mundo. Esses itens mantêm a memória do grupo presente e mostram o alcance da sua popularidade. Na busca por satisfazer o peregrino, os lugares de memória, memoriais e monumentos passaram a ser valorizados e preservados (algo que não ocorreu no início) e até reconstruídos quando não existiam mais. Mas, não pensemos que a banda é uma unanimidade em sua cidade natal: novas atrações são planejadas com certa frequência, gerando, em alguns momentos, debates entre a população e o poder público sobre o que deve ou não ser feito. Um exemplo disso ocorreu em 2022, quando Rishi Sunak, o primeiro-ministro do Reino Unido, estabeleceu um plano para investir £ 2 milhões em outro museu dos Beatles em Liverpool. Parte dos moradores não ficou satisfeita. Uma pessoa descreveu o plano como “absurdo, sem sentido, éa manchete que ninguém precisa ou quer”.<sup>527</sup> Até Paul McCartney respondeu dizendo que o dinheiro seria melhor gasto em outro lugar.<sup>528</sup> Sobre esse assunto, a revista *TimeOut* lançou um artigo com o seguinte questionamento: *Is Liverpool getting fed up with Beatles tourism?* (Será que Liverpool está cansada do turismo *beatle*?).

Além do debate sobre construir novas atrações, também existe a questão de como os músicos devem ser retratados na cidade. Há um cuidado com as escolhas de que tipo de representação são mais interessantes. Aspectos que poderiam ser vistos como fora dos padrões:

<sup>527</sup> PORTER, Alice. *Is Liverpool getting fed up with Beatles tourism?* Disponível em: <<https://www.timeout.com/uk/things-to-do/is-liverpool-finally-fed-up-with-beatles-tourism>>. Acesso em: 17 ago. 2023. (Tradução nossa).

<sup>528</sup> PORTER, Alice. *Is Liverpool getting fed up with Beatles tourism?* Disponível em: <<https://www.timeout.com/uk/things-to-do/is-liverpool-finally-fed-up-with-beatles-tourism>>. Acesso em: 17 ago. 2023. (Tradução nossa).

[...] são retirados da história e fatos do passado são contados de forma cuidadosa e comercialmente remitologizada. [...] o discurso dominante sobre os Beatles usado para representar lugares em Liverpool enfatiza a juventude, a jovialidade e a inocência, em detrimento de referências, por exemplo, à contracultura dos anos 1960, o ativismo político de esquerda ou o uso amplamente divulgado de drogas.<sup>529</sup>

A ressemantização negociada que ocorreu no discurso *beatle* em Liverpool se reflete nos vários monumentos e no memorial existentes na cidade. No resto do mundo, esses objetos possuem os mais variados vieses, dependendo do tipo de conexão da banda com o lugar ou do aspecto que quer chamar a atenção.

No caso dos Beatles, o que fica evidente é que, como fenômeno da cultura pop, eles são vistos de diferentes formas, seja para agências de turismo, para a cidade de Liverpool, para moradores locais e também para visitantes. [...] assim como o significado cultural dos Beatles não é único, os lugares associados ao grupo estão abertos a múltiplas leituras, justamente por serem textos culturais.<sup>530</sup>

Esse entendimento é dinâmico e renovado a cada geração de ouvintes que possuem diferentes origens. Mas, ao final, concluímos que o legado dos Beatles se popularizou ainda mais após o fim do grupo, o tornando um dos mais conhecidos do globo. A presença de monumentos e memoriais (seja qual for a sua forma ou mensagem) nos cinco continentes corrobora com essa afirmação.

---

<sup>529</sup> KRUSE II, Robert J. *The Beatles as Place Makers: Narrated Landscapes in Liverpool, England*, Journal of Cultural Geography, England, 2005, p. 111. (Tradução nossa).

<sup>530</sup> KRUSE II, Robert J. *Idem*, 2005, p. 88. (Tradução nossa).

## E NO FIM... FIM?

*Os Beatles* encerrou oficialmente suas atividades como banda no ano de 1970. Contudo, o ocaso do grupo não significou o fim de lançamentos originais e, conseqüentemente, um declínio da fama ou até mesmo o esquecimento. Pelo contrário. Novos produtos, direta ou indiretamente ligados a eles, continuaram surgindo de forma constante e significativa. A lista abaixo é uma amostra de lançamentos somente dos últimos 20 anos, apresentados com as respectivas datas e comentários de reportagens de divulgação:

- 17 de novembro de 2003 - “Hoje é o lançamento mundial de *Let it be... naked*, a nova versão do último álbum oficial dos Beatles.”<sup>531</sup>
- 30 de junho de 2006 - Estreia do espetáculo “*Love*”, produzido pelo *Cirque du Soleil* com músicas dos Beatles. Show fixo em Las Vegas.
- 5 de março de 2009 - *The Beatles: Rock Band* chega ao mercado em setembro. “Game chega às lojas com controles no formato de instrumentos usados pelo Fab Four”.<sup>532</sup>
- 24 de dezembro de 2015 - Músicas dos Beatles chegam aos serviços de streaming. “Canções podem ser ouvidas no Spotify, Deezer e Apple Music. 'Estou emocionado, espero que vocês também', disse Ringo Starr”.<sup>533</sup>
- 15 de setembro de 2016 - Lançamento do documentário *8 days a week*, sobre os Beatles e sua carreira de shows ao vivo. Dirigido por Ron Howard (diretor de *Forrest Gump*).
- 5 de abril de 2017 - “The Beatles vai lançar um pack de 'Sgt. Pepper 'Anniversary Edition' em 26 de maio [...]. O álbum foi recém-mixado por Giles Martin e Sam Okell em estéreo e áudio surround 5.1 e expandido com as primeiras tomadas das sessões de estúdio, incluindo não menos de 34 gravações inéditas”.<sup>534</sup>
- 12 de junho de 2018 - *Yellow Submarine* – Livro de fotos. “Comemorando o 50º aniversário do Yellow Submarine dos Beatles, chega essa adaptação de história em quadrinhos totalmente autorizada”.<sup>535</sup>
- 4 de maio de 2019 - Lançamento do filme “*Yesterday*”. (Ver capítulo 2).

<sup>531</sup> OMELETE. Disponível em: < <https://www.omelete.com.br/musica/o-lancamento-mundial-de-ilet-it-be-nakedi>>. Acesso em: 15 out. 2023.

<sup>532</sup> ROLLING STONE. Disponível em: < <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/the-beatles-rock-band-chega-ao-mercado-em-setembro/>>. Acesso em: 19 out. 2023.

<sup>533</sup> g1. Disponível em: < <https://g1.globo.com/musica/noticia/2015/12/musicas-dos-beatles-chegam-aos-servicos-de-streaming-20151223234003499182.html>>. Acesso em: 17 out. 2023.

<sup>534</sup> THE BEATLES SHOP. Disponível em: <<https://www.thebeatleshop.com.br/cd-sgt-pepper-s-lonely-hearts-club-band-anniversary-edition>>. Acesso em: 20 out. 2023.

<sup>535</sup> OMELETE. Disponível em: < <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/adaptacao-em-quadrinhos-de-beatles-yellow-submarine-chega-ao-brasil>>. Acesso em 15 out. 2023.

- 4 de outubro de 2019 - Lançamento da edição comemorativa de 50 anos do álbum *Abbey Road*. “‘Abbey Road’, dos Beatles, volta ao topo das paradas 50 anos após lançamento”.<sup>536</sup>
- 17 de junho de 2020 - ‘The Beatles: Get Back’ chega ao Disney+ em 25 de novembro. “O documentário de seis horas ‘The Beatles: Get Back’ foi dividido em uma série de três partes e vai ser disponibilizado em três dias.”<sup>537</sup>
- 13 de junho de 2023 – “Os Beatles lançarão um novo e ‘último disco’ este ano, diz Paul McCartney – com uma pequena ajuda da IA”.<sup>538</sup>
- 2 de novembro de 2023 – Lançamento da “última canção dos Beatles”.<sup>539</sup>

O principal objetivo com essa tese foi compreender por que os Beatles continuam sendo uma das bandas mais populares de rock do mundo e como o interesse pelo grupo se renova perante as novas gerações, já que, na prática, ela não mais existe. Como vimos nos três capítulos da pesquisa, essas são perguntas que não possuem uma única resposta. Fenômenos culturais como os Beatles surgem a partir de variados contextos sociais, culturais e econômicos. E percebemos que esses mesmos aspectos auxiliam em sua manutenção. Assim, pontuaremos as respostas encontradas durante o percurso.

Como foi disposto durante o texto, o primeiro aspecto está relacionado à qualidade e à variada gama de estilos e ritmos das mais de 250 composições. Devido à origem da banda, constituída em Liverpool, uma cidade portuária, os quatro músicos tiveram acesso a variadas práticas e tipos musicais provenientes de álbuns trazidos, principalmente, dos Estados Unidos por marinheiros e comerciantes. Suas composições foram, ao longo de sua carreira, construídas baseadas na variedade, nas misturas, muitas vezes vistas como improváveis e que foram atingindo novos patamares qualitativos e criativos com o passar do tempo. Nelas, os compositores fizeram uma fusão de elementos da música afro-americana (*rhythm and blues*, *gospel*, *rock*), *folk*, *country* e *western* (também vindos dos Estados Unidos), da música indiana (a partir de 1965) e do *music hall*, que fez parte da formação tradicional britânica. Em meados dos anos 60, passaram a utilizar orquestras eruditas, colagens sonoras, trechos repetidos (os futuros *samplers*) e psicodelismo, ampliando sua paleta composicional. Na maioria, o repertório autoral dos Beatles tratou de diferentes temáticas, trazendo à baila discussões acerca do

<sup>536</sup> UOL. Disponível em: < <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/reuters/2019/10/04/abbey-road-dos-beatles-volta-ao-topo-das-paradas-50-anos-apos-lancamento.htm> >. Acesso em: 17 out. 2023.

<sup>537</sup> OLHAR DIGITAL. Disponível em: < <https://olhardigital.com.br/2021/06/17/cinema-e-streaming/the-beatles-get-back-chega-ao-disney-em-25-de-novembro/> >. Acesso em: 17 out. 2023.

<sup>538</sup> SMITH, Patrick. Disponível em: < <https://www.nbcnews.com/news/world/beatles-release-final-record-artificial-intelligence-paul-mccartney-rcna88998> >. Acesso em: 14 out. 2023.

<sup>539</sup> g1. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2023/10/26/beatles-anuncia-lancamento-de-now-and-then-ultima-musica-escrita-por-john-lennon.ghtml> >. Acesso em: 20 nov. 2023.

comportamento social e das relações humanas de seu tempo. Além disso, durante sua carreira, eles se aproximaram de artistas das mais variadas áreas (como artes plásticas e cinema), dialogando e tornando suas obras ainda mais conectadas com o seu tempo.

Tiveram um empresário (Brian Epstein) que lutou com afinco pela sua colocação no mercado musical possibilitando o primeiro passo dentro de um cenário muito restrito, principalmente para grupos de fora de Londres. Seu produtor, George Martin, tinha, parafraseando John Lennon, um grande conhecimento musical e uma postura inovadora perante as novas possibilidades composicionais trazidas pelos Beatles.

Os “quatro rapazes de Liverpool” foram uns dos primeiros a dar voz a sentimentos políticos. O comum no período era o não posicionamento dos artistas pop. Várias das canções surgiram com temas relacionados às situações vividas e observadas pelos jovens de uma Inglaterra pós-guerra, que não deixava de ser tradicionalista, e buscava por novos caminhos e ares para respirar no contexto social que se firmava. Com o passar do tempo, seu *songbook* foi se universalizando, seus tópicos que, inicialmente, tratavam de questões locais passaram a abordar assuntos globais, como o gênero e a luta pelos direitos civis. Muitas de suas músicas são populares e ouvidas pelas novas gerações, sendo apresentadas ou procuradas espontaneamente em diferentes fontes. A partir do surgimento da internet, seu alcance se tornou mais dinâmico e ágil e sua produção mais acessível.

Vê-se a obra dos Beatles como transcultural, reconhecida e absorvida por indivíduos de diferentes países, línguas e culturas. Ela tem fortes características inglesas, mas a variedade de ritmos, sons, influências, melodias e soluções musicais a universaliza tornando-a aberta. A utilização do inglês se torna um facilitador. Ressignificada ou não, acaba se imbricando com as múltiplas realidades de seus apreciadores. As experiências que ouvintes têm com as canções geram memórias onde uma de suas características é a transculturalidade, ou seja, são associadas à multipolaridade, à temporariedade e a uma “rede” negociável sujeita a constantes mudanças. Reminiscências surgem através de um compartilhamento de conhecimento e experiências do passado, por meio de símbolos e narrativas possibilitadas por diferentes canais de comunicação.<sup>540</sup> Em um mundo onde a informação está disponível para grande parte da população global de maneira multiforme e veloz, as memórias passaram a circular também com mais intensidade e rapidez. Elas, que antes estavam associadas a modelos rigorosos de prática memorial, passam a não respeitar as fronteiras, se imbricando com outras vivências e

---

<sup>540</sup> CARRIER, Peter; KABALEK, Kobi. Cultural Memory and Transcultural Memory - A Conceptual Analysis. In: BOND, Lucy; RAPSON, Jessica. *The Transcultural Turn: interrogating memory between and beyond borders*. Berlin: De Gruyter, 2014, p. 53; 54. (Tradução nossa).

possibilitando o nascimento de novas memórias transculturais. Acreditamos serem esses importantes aspectos para o surgimento de novos ouvintes – são as *moving memories, travelling memories* propostas pela pesquisadora Astrid Erll, que se movimentam, circulam, interconectam. Com sua dinamicidade, colocam a banda e sua obra presentes em vários lugares do mundo, na vida de muitas pessoas que as ressignificam, que as associam com os mais variados aspectos culturais, não permitindo que o grupo e o seu catálogo desapareçam.

Mesmo sendo uma banda comercial em sua essência, os Beatles apresentaram uma postura inovadora, se tornando paradigmas na moda, nas condutas sociais e nas criações musicais. Abriram novos caminhos na indústria musical, tornando-se modelos para artistas de seu tempo e das novas gerações. Essa influência sobre músicos de todo o mundo também auxilia na manutenção de seu nome na ribalta. É comum, compositores em entrevistas, mencionarem a importância do grupo e de suas obras no próprio trabalho. Suas canções são com frequência regravadas pelos mais diferentes artistas do globo, atualizando seu repertório e tornando-o ainda mais presente. Algumas capas de seus discos se transformaram em imagens icônicas (quem não se lembra dos Beatles ao ver uma foto de pessoas atravessando uma rua em uma faixa de pedestres?) e, também, foram revisitadas inúmeras vezes. (Figura 67). Este tipo de procedimento os coloca em evidência perante novas plateias.

Eles foram, também, o primeiro grupo pop a não aceitar tocar para plateias segregadas. Fugiram da obrigatoriedade da duração das canções pop, que na época era de no máximo 3 minutos, lançando, em 1968, a canção *Hey Jude*, com 7 minutos e 11 segundos. Além disso, não esconderam o uso de drogas, como a maconha e o LSD, chegando até se posicionarem pela descriminalização da primeira. Escreveram sobre o amor universal – bandeira que seria defendida pela geração hippie, e se popularizou, principalmente, a partir de 1969. A banda se tornou um dos precursores da contracultura (movimento fundamental para a compreensão da década de sessenta do século XX). Vistos como subversivos, símbolos do consumismo ocidental, foram banidos de países como Cuba e União Soviética, onde eram descritos como “poluição capitalista”.<sup>541</sup> O posicionamento social do grupo, os coloca como personagens

<sup>541</sup> BBC. *Beatles for sale: The vinyl underground in the USSR*. Disponível em: < <https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-19827438>>. Acesso em: 08 nov. 2023. (Tradução nossa).

“Hoje, em Havana, você pode visitar o Parque Lennon, você pode encontrar um *Submarino Amarillo* em Havana, ir ao Beatles Bar em Varadero, ou o Yesterday Bar em Camagüey e Trinidad. Há também outro bar temático dos Beatles em Holguín chamado *La Caverna*. Há também o Beatles Bar em Bayamo [...]. Esses lugares possuem estátuas de bronze dos Beatles”. Disponível em: < <https://cubanews.de/en/cuba-and-the-beatles-from-hate-to-love/#:~:text=of%20the%20Beatles-,The%20Sixties%3A%20The%20Beatles%20as%20%E2%80%9CAmerican%20Influence%E2%80%9D,musicians%20that%20they%20really%20were>>. Acesso em 07 nov. 2023.

históricos, sendo frequentemente lembrados em discussões sobre arte, música e indústria cultural.



Em São Petersburgo, é possível visitar a Rua John Lennon. Uma pequena passagem com um sinal azul apontando para o céu indica o lugar. Disponível em: <<https://www.atlasobscura.com/places/john-lennon-street>>. Acesso em: 08 nov. 2023. (Tradução nossa).



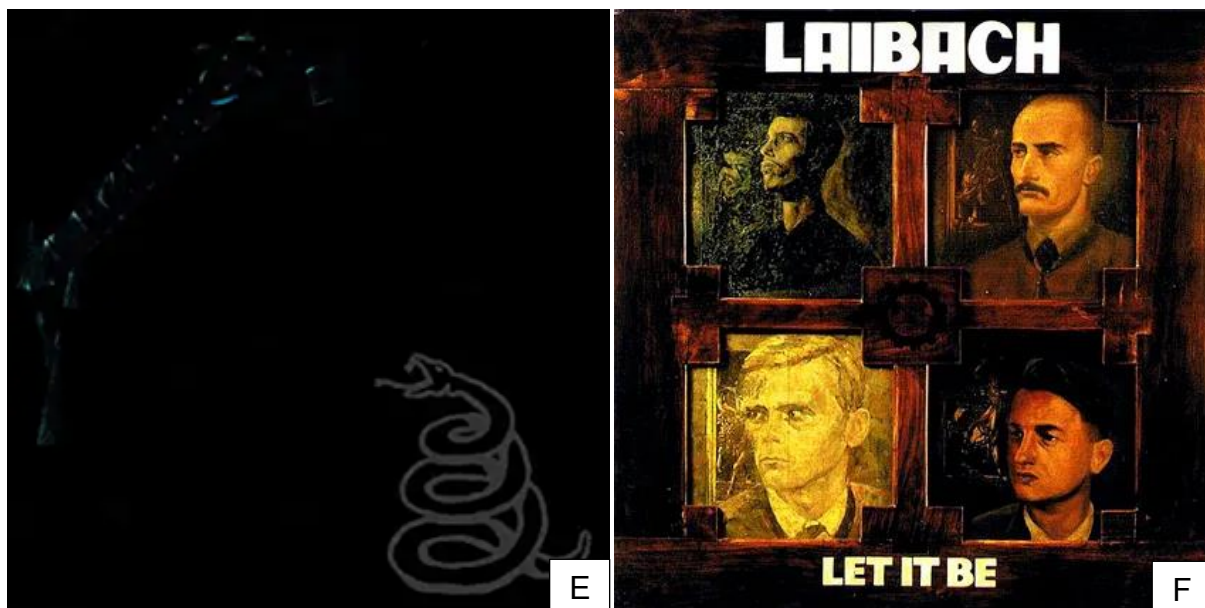


Figura 67 Capas de discos de diferentes artistas influenciados pelos Beatles. A Os Rolling Stones lançaram ‘Their Satanic Majesties Request’ em 8 de dezembro de 1967. B Álbum “Tropicália ou Panis et Circencis”, lançado em julho de 1968 por Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outros. C Disco de Frank Zappa and the Mothers of Invention intitulado “We’re only in it for the Money” lançado em 4 de março de 1968. D “The Abbey Road EP” lançado em maio de 1988 pela banda The Red Hot Chilli Peppers. E “Metallica” também conhecido como “Black Album” foi lançado pelo grupo Metallica em 12 de agosto de 1991. F “Let it Be” foi lançado em 24 de outubro de 1988 pelo grupo Laibach.

A partir da década de 80 (após a morte de John Lennon), começaram a acontecer com certa frequência lançamentos de filmes, livros, documentários e canções que ainda não haviam sido disponibilizadas no mercado. Por trás desses projetos está uma empresa criada pelos próprios Beatles quando ainda estavam na ativa: a *Apple Corps Limited*. Além do firme controle sobre tudo que é lançado envolvendo o nome da banda, a companhia só age com o aval dos Beatles sobreviventes (Paul e Ringo) e das viúvas de John Lennon (Yoko Ono) e George Harrison (Olivia Harrison). O cuidado com tudo que é colocado no mercado e com o selo do conjunto evita o desgaste da marca ou mesmo a sua superexposição. Observamos, também, a preocupação de permitir que a obra do grupo esteja ao alcance de seus ouvintes. Percebe-se que a disponibilização e a associação às novas mídias acontecem com agilidade, focando nas novas gerações. Isso faz com que se tornem atraentes para novos públicos, chamando a atenção da imprensa e gerando curiosidade.

Pouco tempo após o surgimento dos *compact discs* e do *streaming*, já era possível adquirir canções dos Beatles nessas plataformas. Um *game* celebrando sua trajetória e contando sua história foi lançado, possibilitando desenvolver um jogo com qualidade. Essas são outras áreas de interesse de possíveis novos ouvintes que, se desejarem, têm acesso à obra do grupo em dispositivos populares e frequentemente acessados. Além do controle de qualidade ativo,

busca-se manter a disponibilidade dos produtos ajustados às novas tecnologias desenvolvidas com o passar do tempo. (Figura 68).

Como vimos anteriormente, a conexão entre os Beatles e os lugares associados a eles é real, tendo sido cultivada pelo grupo, principalmente quando se trata de Liverpool – a banda sempre valorizou sua cidade natal. A associação banda-cidade mostrou-se prolífica e lucrativa, gerando interesses nos fãs que, ultrapassam os limites das canções, se voltando para a história, os lugares e a *memorabilia*. Para muitos, surge o desejo de conhecer os locais e os objetos relacionados aos *Fab Four*, e, para suprir essa vontade, surgiram os museus com a temática do grupo, da sua jornada e de seus integrantes.



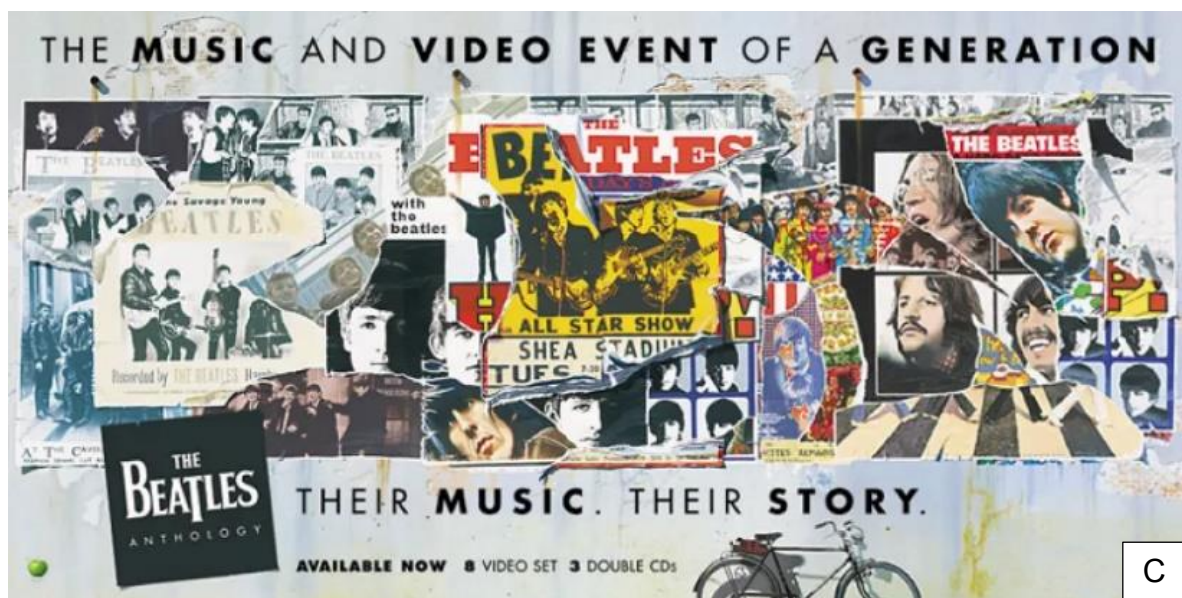


Figura 68 Alguns produtos lançados pelos Beatles após o término da banda. A - O game RockBand e os controles com o formato dos instrumentos usados pelos Beatles. B - O lançamento de seus álbuns em streaming. C - Propaganda do documentário *Anthology*, lançado em 1995 em VHS e posteriormente em outras mídias.

Como vimos no decorrer do trabalho, são várias as cidades conectadas com a banda e que passaram a ser visitadas por quem quer estar próximo fisicamente dos locais onde tudo aconteceu. Muitos desses lugares carregam elementos autênticos, geradores da *aura*, conceito desenvolvido por Walter Benjamin e que muito bem explica por que tantas pessoas se movimentam pelo mundo atrás de localizações específicas. A *aura* é o elemento validador que necessita da presença para realizar a sua potência. A proximidade física com o objeto ou lugar (Hans Gumbrecht) pode produzir ou reforçar sensações. Autenticidade, *aura*, sentido e presença possibilitam (ou não) o surgimento de emoções importantes para aqueles que querem, de alguma forma, estar perto da “história real”, do acontecido. Assim, os Beatles proporcionaram para Liverpool se conectar com um ícone cultural reconhecido mundialmente e que, atualmente, é gerador de renda apoiado, principalmente, no turismo cultural (*heritage industry*). A identidade urbana predominante de Liverpool tem os Beatles como ícones. (Figura 69). A existência dos pontos físicos da memória beatle é mais um motivo de sua permanência no imaginário global, por serem locais visitados com frequência por fãs devotados.

Estes movimentos de deslocamento e visitação, transformam os turistas em peregrinos de uma cultura pop com características religiosas; onde, se aproximar de “lugares sagrados” de John, Paul, George e Ringo ou, ver de perto um violão, uma caderneta escolar, uma peça de roupa ou um tijolo original do *Cavern Club*, torna-se um sonho e um objetivo. (Figura 70). São relíquias da cultura pop. Essa “religiosidade” gerou o que se denomina de peregrinação laica,

apoiada pela indústria da nostalgia e pelo *Golden age thinking*. Para muitos, o ritmo acelerado de nossas vidas é demais para enfrentar, obrigando-nos a parar para recuperar o fôlego.<sup>542</sup> Desse modo, a ideia de um passado brilhante e melhor, pode servir como refúgio diante de um presente marcado por sofrimentos, desilusões e desesperança. As relações com esse passado romantizado (presente/corporificado em objetos, lugares, canções, imagens) aparecem com a experiência pessoal.



Figura 69 Dois folders de turismo da cidade de Liverpool em dois momentos de história. Esquerda: Produzido em 1997. Mostra uma imagem da banda cercada por figuras de catedrais e do porto. Os Beatles são um dos elementos.

<sup>542</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Uma latente filosofia do tempo*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

Direita Produzido em 2018. Algumas imagens presentes anteriormente desapareceram. A fotografia mostra as estátuas dos quatro músicos e ao fundo as Três Graças. A banda aparece em primeiro plano na composição.



Imaged by Heritage Auctions, HA.com

Figura 70 Tijolo original do Cavern Club, leiloado em 2009. Para muitos, objeto de admiração. O certificado colocado no tijolo afirma que ele é autêntico e que, com outros cinco mil, foram vendidos, sendo o dinheiro doado para caridade. Disponível em: <<https://entertainment.ha.com/itm/music-memorabilia/memorabilia/the-beatles-brick-from-the-cavern-club/a/7011-49400.s>>. Acesso em 20 out. 2023.

No capítulo 3 trouxemos os monumentos e memoriais dos Beatles que estão espalhados pelo mundo. Esse tipo de ação também fortalece o nome da banda e a continuidade da obra. Vistos diariamente, tornam-se pontos de referência e lembretes da existência do grupo, fazendo parte da rotina dos moradores. Embora não haja dúvidas, que nesse aspecto, Liverpool se destaca perante as outras urbes.

Após minha imersão durante alguns anos no assunto “Beatles”, com leituras específicas, as questões sobre a sua popularidade e manutenção ficaram claras. Tanto o sucesso quanto a presença do grupo na atualidade estão associadas à qualidade de sua produção e ao cuidado com que se tem ao revisitar a obra e a lançar para as novas gerações. Seja um show com o *Cirque du Soleil* ou um simples livro de fotografias, espera-se o selo “beatle de qualidade” acompanhado de preços altos. Esses quesitos restringem o consumo, mas, em contrapartida, transformam esses produtos em objetos de desejo, de conquista, tão importantes para a manutenção do mito. Os fãs farão fila para adquirir, encomendarão pela internet e ficarão felizes em possuir pela terceira ou quarta vez o mesmo disco (com algumas diferenças), as novas capas, as novas mídias. Terão a sensação de comprar algo novo da banda que amam.

Não há dúvida do talento dos Beatles, de sua criatividade e inventividade. Essas características foram fundamentais para o início da carreira de sucesso. Contudo, para manter sua popularidade em alta após tantos anos, existe, também, um apoio logístico de práticas comerciais e econômicas, usando o sentimento de nostalgia junto a uma crescente indústria, tão comum aos nossos dias.

Seguindo o padrão de lançamentos e novidades, em 2 de novembro de 2023 os Beatles lançaram o que foi chamada a “última canção”. Ela conta com a voz de John Lennon (gravada pouco antes de sua morte), a guitarra tocada por George Harrison (gravada em 1995) e instrumentos e vocais gravados por Paul McCartney e Ringo Starr atualmente. Logo, no dia 10 de novembro, chegou ao número 1 das paradas britânicas.<sup>543</sup>

Termo essa tese, deixando como últimas palavras, dois comentários de internautas no site *Youtube* sobre a nova canção intitulada *Now and Then*. O primeiro deles (@adrianlewis732) escreveu:

“Que tremenda nostalgia amigos. Siempre hay un último adiós, un último beso y una última canción. Así es la vida, pero duele”.

E o segundo, @viniciusmellokraemer4567:

“Que privilégio ouvir uma música inédita dos Beatles em 2023. Um momento de luz, beleza e paz num mundo de guerras, intolerância e sofrimento”.

---

<sup>543</sup> THE GUARDIAN. *The Beatles set record 54-year gap between No 1 singles as Now and Then tops UK chart*. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/music/2023/nov/10/the-beatles-54-years-no-1-singles-now-and-then-uk-chart>>. Acesso em: 12 nov. 2023. (Tradução nossa).

## CODA

Em 1968, os Beatles ficaram várias semanas na Índia, sendo tutorados pelo Maharishi Mahesh Yogi. O que eles queriam era fugir da imprensa, dos fãs e meditar. Após alguns anos de utilização, o local foi abandonado. Hoje as ruínas são chamadas de *Beatle's Ashram*. (Figura 71). O governo local cuida do espaço e cobra 150 rupes para indianos e 600 para estrangeiros pelo ingresso. Ali está a aura conceituada por Walter Benjamin como “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja”.<sup>544</sup> Os Beatles não estão mais ali. Mas vale a pena dar uma última olhada. Quem sabe...



Figura 70 Imagens atuais do Ashram frequentado pelos Beatles em 1968. A - Placa indicativa do lugar hoje nomeado de *Beatle's Ashram*, hoje, mais um ponto de visitação. B - Grande salão de reuniões do Ashram. C Grande salão por outro ângulo, com turistas sentados no chão. D Cabanas em Rishikesh, na Índia, onde os Beatles meditavam. Imagens retiradas do site: < <https://www.atlasobscura.com/places/maharishi-mahesh-yogi-ashram>>. Acesso em: 3 nov. 2023.

<sup>544</sup> BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 170.

## 4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 4.1 FONTES PRIMÁRIAS

#### 4.1.1 Entrevistas

COHEN, Sara. Entrevista concedida a João Bosco F. Brandão. Liverpool, 2018.

BROKEN, Michael. Entrevista concedida a João Bosco F. Brandão. Liverpool, 2018.

#### 4.1.2 Discografia

JOBIM, Antonio Carlos; MENDONÇA, Newton. *Desafinado*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tCMhuN3053o>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

THE BEATLES. *Please, please me*. Londres: EMI, 1963, digital, estéreo, AA0012000.

THE BEATLES. *With the Beatles*. Londres: EMI, 1963, digital, estéreo, AA0007000.

THE BEATLES. *A Hard Day's Night*. Londres: EMI, 1964, digital, estéreo, AA0009000.

THE BEATLES. *Beatles for sale*. Londres: EMI, 1964, digital, estéreo, AA0008000.

THE BEATLES. *Help!* Londres: EMI, 1965, digital, estéreo, AA0015000.

THE BEATLES. *Rubber Soul*. Londres: EMI, 1965, digital, estéreo, AA0009000.

THE BEATLES. *Revolver*. Londres: EMI, 1966, digital, estéreo, AA0010000.

THE BEATLES. *Sgt. Pepper's lonely heart club band*. Londres: EMI, 1967, digital, estéreo, AA0012000.

THE BEATLES. *Magical Mystery Tour*. Londres: EMI, 1967, digital, estéreo, AB0006000.

THE BEATLES. *The Beatles*. EMI, 1968, digital, estéreo, AB0005000.

THE BEATLES. *Yellow Submarine*. Londres: EMI, 1968, digital, estéreo, AA0007000.

THE BEATLES. *Abbey Road*. Londres: EMI, 1969, digital, estéreo, AA0017000.

THE BEATLES. *Let it Be*. Londres: EMI, 1970, digital, estéreo, AA0012000.

THE BEATLES. *Past Masters*. Londres: EMI, 1987, digital, estéreo, AA0015000.

THE BEATLES. *Anthology 1*. Londres: EMI, 199, digital, estéreo, CDP 7243 8 34446 2 5/ CDP 7243 8 34446 2 6.



THE BEATLES. *Anthology 2*. Londres: EMI, 199, digital, estéreo, 7243 8 34448 2 3/ 7243 8 34449 2 2.

THE BEATLES. *Anthology 3*. Londres: EMI, 199, digital, stereo, 7243 8 34452 2 6/ 7243 8 34451 2 7.

PINK FLOYD. *The thin ice*. Londres: EMI-ODEON: 1973. CD. (2:27).

#### 4.1.3 Filmes e vídeos

8 DAYS A WEEK. Direção: Ron Howard. Escrito por Mark Monroe. Apple films, Imagine Entertainment, White Horse Pictures, 2016, NTSC, colorido. 97 minutos. Título original: 8 days a week.

A HARD DAY'S night. Direção: Richard Lester. Fotografia: Gilbert Taylor. [S.I.]: Miramax, 1964. 1 DVD (88 min), NTSC, preto e branco. Título original: A hard day's night.

ANTHOLOGY, The Beatles. Direção: Bob Smeaton. Roteiro: Bob Smeaton. [S.I.]: Apple films, 1995. 5 DVDs (600 min), NTSC, colorido. Título Original: The Beatles Anthology.

ARTSANDARCH. Vincent Benitez and Walter Everett discuss the Beatles. *Youtube, 2014* Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=WZgdYH648dU>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ASSMAN, Aleida. NITMES – *Cultural Memory*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Hjwo7\\_A--sg](https://www.youtube.com/watch?v=Hjwo7_A--sg)>. Acesso em: 18 mar. 2019.

GOOD O' FRIDA. Direção: Ryan White. Escrito por: Jessica Hargrave e Ryan White. Magnolia Pictures, 2013, NTSC, colorido. 86 minutos. Título original: Good Ol' Freda.

HOW THE BEATLES CHANGED THE WORLD. Direção: Tom O'Dell. 2018. (1h 30 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vo1XboQXOAE&t=2761s>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

INVINCIBLE (Série). Maude Lewis. Estados Unidos, Amazon Prime, 2021. 8 episódios.

JORNAL DO SBT. *Liverpool: A Cidade da Música*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DH4PFOqbOXw>>. Acesso em 09 jul. 2022.

JUMPSTARTATION. Leonard Bernstein talks about the Beatles. Disponível em: <[https://www.youtube.com/results?search\\_query=leonard+bernstein+beatles](https://www.youtube.com/results?search_query=leonard+bernstein+beatles)>. Acesso em: 27 nov. 2022.

LEWISOHN, Mark. *In conversation with the Dutch Beatles Podcast, 2014*. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=eh2dtOa\\_vAQ](https://www.youtube.com/watch?v=eh2dtOa_vAQ)>. Acesso em 01 mai. 2022.

MCCARTNEY, Paul. *Writing "Eleanor Rigby"*. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2021/10/25/paul-mccartney-writing-eleanor-rigby-beatles>> . Acesso em: 02 set. 2023.

MEIA NOITE EM PARIS. Direção: Woody Allen. Produção de: Gravier Productions; Mediapro; Televisió de Catalunya (TV3). Estados Unidos/Espanha: Sony Pictures Classics/ Alta Films. 2011. 1 DVD.

NITMES – Travelling Memory. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=psV9D09Swho&t=115s>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

RIGNEY, Ann. *Memories and monuments*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jfdJUT2lqas>>. Acesso em 23 set. 2018.

THE BEATLES AND INDIA. Ajoy Bose; Peter Compton. Escrito por Ajoy Bose; Peter Compton. Renoir Pictures, Silva Screen. 2021, NTSC, colorido. 92 minutos. Título original: The Beatles and India.

THE BEATLES IN AUSTRALIA. *Beatles 1994 may 10 "In Australia" documentary original showing The Beatles in Australia*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HIA9Ws5fqA8>>. 1994.

THE COMPLEAT BEATLES. Direção: Patrick Montgomery. Escrito por: David Silver. Distribuído pela MGM, 1982. 1 VHS (119 min), NTSC, colorido e preto-e-branco. Título Original: The Compleat Beatles.

THE ED SULLIVAN SHOW. Disponível em: <<https://www.edsullivan.com/artists/the-beatles/>>. Acesso em 7 mar. 2023.

THE HISTORY OF THE CITY OF LIVERPOOL. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H8dbSA-TuRg>> Acesso em: 23 abr. 2018.

YESTERDAY. Direção: Danny Boyle. Escrito por: Richard Curtis. Distribuído por Universal Pictures, 2019. 1 DVD (116 min), colorido. Título Original: Yesterday.

#### 4.1.5 BIBLIOGRAFIA REFERENTE AOS BEATLES

AMAZON. Disponível em: <<https://alexaanswers.amazon.com/question/6kplEDaMuA7pZJbe11dfgW>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ATLASOBSCURA. Disponível em: <<https://www.atlasobscura.com/places/john-lennon-street>>. Acesso em: 08 nov. 2023.

BBC. *Beatles for sale: The vinyl underground in the USSR*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-19827438>>. Acesso em: 08 nov. 2023.

BBC NEWS. *Liverpool's Beatles tourism pioneers receive citizens of honour award*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-england-merseyside-62496679>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

CAVERN CITY TOURS. Disponível em: <<https://www.cavernclub.com/cavern-city-tours/>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CHILDRESS, David. *Fields of Change: the many faces of Strawberry Fields*. Disponível em: <[https://topslide.net/view-doc.html?utm\\_source=fields-of-change-the-many-faces-of-strawberry-fields-david-childress](https://topslide.net/view-doc.html?utm_source=fields-of-change-the-many-faces-of-strawberry-fields-david-childress)>. Acesso em 24 mai. 2018.

CUBANEWS. Disponível em: < <https://cubanews.de/en/cuba-and-the-beatles-from-hate-to-love/#:~:text=of%20the%20Beatles-,The%20Sixties%3A%20The%20Beatles%20as%20%E2%80%9CAmerican%20Influence%E2%80%9D,musicians%20that%20they%20really%20were>>. Acesso em 07 nov. 2023.

CULTURE LIVERPOOL. *New report reveals Beatles heritage adds £81.9m to Liverpool economy*. Disponível em: <<https://www.cultureliverpool.co.uk/news/new-report-reveals-beatles-heritage-adds-81-9m-to-liverpool-economy-2/>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

DAYTRIPPIN' BEATLES MAGAZINE. *Você pode tirar o garoto de Liverpool, mas nunca vai tirar Liverpool do garoto*". Disponível em: <<https://daytrippin.com/beatles-travel/beatles-liverpool/#:~:text=The%20Beatles%20Liverpool%2C%20England,Liverpool%20out%20of%20the%20boy.%E2%80%9D>>. Acesso em 30 out. 2021. (Tradução nossa).

DAVIES, Hunter. *As letras dos Beatles: a história por trás das canções*. Tradução de Maria da Anúnciação Rodrigues. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

DAVIS-MARKS, Isis. *How a Stint in Hamburg Helped Catapult the Beatles to Superstardom*. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/smart-news/trove-beatles-memorabilia-sale-180977408/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

EAGAN, Jon. *The Beatles: Inspiration or dead weight?*. Disponível em: <<https://www.liverpolitan.co.uk/opinion/dead-weight-beatles>> . Acesso em: 05 jun. 2023.

ETLINGER, S. A. *Além da música: repensando Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Tradução de Fausto Borém. Per Musi, Belo Horizonte, n.30, 2014.

ELLEN, Mark. The Complete Picture. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*.

FIORI, Eduarda, et al. *Memorial Inglês em Curitiba tem Beatles e Shakespeare entre atrações*. Disponível em <<https://www.portalcomunicare.com.br/memorial-ingles-em-curitiba-tem-beatles-e-shakespeare-entre-atracoes/>>. Acesso em: 08 ago. 2023.

FREMAUX, Stephanie; FREMAUX, Mark. Remembering the Beatles' legacy in Hamburg's problematic tourism strategy In: *Journal of Heritage Tourism*. Volume 8, Issue 4, 2013.

FRICKLE, David. Road to Nowhere. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. Britain: Dorling Kindersley Limited, 2006.

g1. Disponível em: < <https://g1.globo.com/musica/noticia/2015/12/musicas-dos-beatles-chegam-aos-servicos-de-streaming-20151223234003499182.html> >. Acesso em: 17 out. 2023.

g1. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2023/10/26/beatles-anuncia-lancamento-de-now-and-then-ultima-musica-escrita-por-john-lennon.ghtml>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

GARCIA, André. Como os Beatles mudaram a vida de Bryan Cranston, protagonista de *Breaking Bad*. Disponível em: <[https://whiplash.net/materias/news\\_710/349292-beatles.html](https://whiplash.net/materias/news_710/349292-beatles.html)>. Acesso em: 20 fev. 2023.

GOODALL, Howard. *The Story of Music From Babylon to the Beatles: How Music Has Shaped Civilization*. England: Pegasus Books, 2015.

HARRISON, Olivia. *George Harrison: Living in the material world*. New York, Abrams, 2011.

HARRY, Bill. *Mersey Beat: the beginnings of The Beatles*. London: Book Sales, 1977.

HISTORY. *History of Liverpool*. Disponível em: <<https://www.history.co.uk/article/history-of-liverpool>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

HARRIS, John. Snanner's delight. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*, London: Penguin Company, 2006.

HEEL, Rudolf. The Beatles and their influence on culture. Disponível em: <[https://is.muni.cz/th/awl4a/The\\_Beatles\\_and\\_Their\\_Influence\\_on\\_Culture.txt](https://is.muni.cz/th/awl4a/The_Beatles_and_Their_Influence_on_Culture.txt)>. Acesso em: 22 fev. 2023.

HELD, Jacob M. Só do que você precisa é amor: Hegel, amor e comunidade. In: *Os Beatles e a Filosofia*. São Paulo: Madras, 2007.

HELLER, Steven. *Heinz Edelmann, 'Yellow Submarine' Artist, Dies at 75*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2009/07/23/arts/design/23edelmann.html>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

HOWLETT, Kevin. *The Beatles: The BBC Archives 1962-1970*. Londres: Harper Collins Publishers, 2013.

HUGHES, Lorna. *Liverpool Echo*. Disponível em: <<https://www.liverpoolecho.co.uk/whats-on/film-news/if-you-make-film-beatles-16463828>>. Acesso em: 30 out. 2021.

HUGHES, Timothy. *Death of Beatle John Lennon, in a Liverpool newspaper...* Disponível em: <<https://www.rarenewspapers.com/view/562757>>. Acesso em 04 mai. 2022.

INGLIS, Ian (2003) *Burning matches, lifting latches: Sociology, popular culture and the Beatles*. Doctoral thesis, University of Northumbria at Newcastle.

INGLIS, Ian (org.). *The Beatles, Popular Music and Society: a thousand voices*. London: Palgrave, 2000.

*International Beatleweek Fab Facts*. Disponível em: <<https://www.internationalbeatleweek.com/wp-content/uploads/2019/07/International-Beatleweek-Fab-Facts-.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

KINSELLA, Clare; PETERS, Eleanor. 'There are places I remember': (Re)constructions of the Beatles as a Liverpool heritage object. In: *The Journal of Beatles Studies*. Autumn (2022).

KRUSE II, Robert J. *The Beatles as Place Makers: Narrated Landscapes in Liverpool, England*, Journal of Cultural Geography, England, 2005.

LAPIDOS, Mark. First FEST began 38 years ago today (9/7/74) <<https://www.thefest.com/first-fest-began-38-years-ago-today-9774/>>. Disponível em: 26 jan. 2023.

LEONARD, Candy. *Beatleness: the fans' eye view- how the Beatles and their fans remade the world*. New York: Arcade Publishing, 2016.

LEWISOHN, Mark. *All these years: Volume 1: Tune in*. London: Little, Brown Book Group, 2013.

LEWISOHN, Mark. *The complete Beatles chronicle: The only definitive guide to the Beatles' entire career on stage, in the studio, on radio, TV, film and video*. London: Hamlyn, 1996.

LEWISHOHN, Mark I wanna be your fan. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*, London: Penguin Company, 2006.

LIMA, Luiz Costa. *Mimesis e modernidade: forma das sombras*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LIVERPOOL ECHO. *The Beatles' John Lennon murdered in New York on December 8, 1980*. Disponível em: < <https://www.liverpoolecho.co.uk/news/nostalgia/gallery/beatles-john-lennon-murdered-new-8229577>> . Acesso em: 02 set. 2023.

LIVERPOOL CITY COUNCIL. *Beatles heritage in Liverpool and its economic and culture sector impact: a report for Liverpool City Council*. Liverpool, 2015.

LJMU Library (Library News and Information from Liverpool John Moore University). *Photo Friday: Four Lads Who Shook the World*. Disponível em: <<https://ljmulibrary.wordpress.com/2014/08/15/photo-friday-four-lads-who-shook-the-world/>>. Acesso em: 09 ago. 2023.

LONGMAN, Daniel K. *The Beatles's landmarks in Liverpool*. Great Britain: Amberley Publishing, 2017.

MASTERCLASS. *Inside the British Invasion: 5 Popular British Invasion Bands*. Disponível em: < <https://www.masterclass.com/articles/british-invasion-explained#7181RGjykaTUEkGF822z2o>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

McGUINNESS, Paul. *The Beatles Album Covers Explained*. Disponível em:<<https://www.udiscovermusic.com/stories/the-beatles-album-covers-explained/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

MAGNIN, Lucas. *The Beatles: dialogismo e intertextualidad en Sgt. Pepper y Magical Mystery Tour*. Disponível em < [https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo\\_The\\_Beatles\\_dialogismo\\_e\\_intertextualidad\\_en\\_Sgt.\\_Pepper\\_y\\_Magical\\_Mystery\\_Tour\\_](https://www.academia.edu/37892459/Art%C3%ADculo_The_Beatles_dialogismo_e_intertextualidad_en_Sgt._Pepper_y_Magical_Mystery_Tour_)>. Acesso em 24 mai 2017.

MARTIN, George. *Paz, Amor e Sgt. Pepper: os bastidores de Sgt. Pepper*. Traduzido por Marcelo Fróes. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

McCULLOUGH, Madeline. *Mass Hysteria Case Study: Don't Worry it's Just Beatlemania*, 2019.

McGUINNESS, Paul. *The Beatles Album Covers Explained*. Acesso em: <<https://www.udiscovermusic.com/stories/the-beatles-album-covers-explained/>>. Disponível em: 15 nov. 2022.

McGUIRE, Megan. *Covering Music: tracing the semiotics of Beatles album covers*. Thesis. Submitted to the Graduate College of Bowling Green State University in partial fulfillment of the requirements for the degree of MASTER OF ARTS, 2005.

MEDAGLIA, Júlio. Iê-iê-iê, alegria, alegoria. In: *Cult: the Beatles: o eterno retorno do mito*. São Paulo: Editora 17, 2003.

MILES, Barry. *Many Years from now*. New York: Owl Books, 1998.

MISSELWITZ, Phil. Liverpool City Profile. In: *Manchester/Liverpool: Studies Part I*. Colophon: Berlin, 2004.

MULLEN, Tom. *The Beatles: What really inspired Eleanor Rigby?* Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-england-merseyside-41162284>> . Acesso em: 02 set. 2023.

MURRAY, Charles Shaar. Talking about a revolution. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. London: Penguin Company, 2006.

NASSAR, Nourhan. *Arabs love the Beatles too, here's how the mania hit the region*. <<https://stepfeed.com/arabs-love-the-beatles-too-here-s-how-the-mania-hit-the-region-2020#:~:text=They%20took%20the%20Arab%20world%20by%20storm.&text=Crowds%20of%20admiring%20%2D%20sometimes%20even,fever%20hit%20the%20Arab%20world.>>. Acesso em: 30 set. 2023.

NATIONAL TRUST. *Mendips*. London, Park Lane Press, 2018.

NATIONAL TRUST. *20 Forthlin Road*. London, Acorn Press, 2018.

NOBLE, Will. *Why The Hell Do People Go To Abbey Road?* Disponível em: <<https://londonist.com/london/features/why-the-hell-do-people-go-to-abbey-road>>. Acesso em 16 fev. 2020.

NSF MAGAZINE. *What Famous People Said About Beatles: 33 Celebrities Quotes on Beatles*. Disponível em: < <https://www.needsomefun.net/what-famous-people-said-about-beatles-celebrity-quotes-on-beatles/>> . Acesso em: 15 set. 2023.

OLHAR DIGITAL. Disponível em: < <https://olhardigital.com.br/2021/06/17/cinema-e-streaming/the-beatles-get-back-chega-ao-disney-em-25-de-novembro/>>. Acesso em: 17 out. 2023.

OMELETE. Disponível em:< <https://www.omelete.com.br/musica/o-lancamento-mundial-de-ilet-it-be-nakedi>>. Acesso em: 15 out. 2023.

OMELETE. Disponível em: < <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/adaptacao-em-quadrinhos-de-beatles-yellow-submarine-chega-ao-brasil>>. Acesso em 15 out. 2023.

OXFORD LANGUAGES. *Americana.* Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-en/>. Acesso em 17 fev. 2023.

PAYTRESS, Mark. The Magic Number. In: *The Beatles: Ten years that shook the world*. London, Penguin Company, 2006.

PETERS, Mitchell. *Paul McCartney Recalls The Beatles Refusing to Play for a Segregated Audience in 1964*. Disponível em: <<https://www.billboard.com/music/music-news/paul-mccartney-recalls-the-beatles-refusing-to-play-for-a-segregated-audience-in-1964-9397386/>>. Acesso em 11 nov. 2022.

PLAYLOUDREVIEWS. Disponível em: <[https://playloudreviews.com/index.php/2019/06/06/how-the-beatles-shaped-modern-music-and-pop-culture/?utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=how-the-beatles-shaped-modern-music-and-pop-culture](https://playloudreviews.com/index.php/2019/06/06/how-the-beatles-shaped-modern-music-and-pop-culture/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=how-the-beatles-shaped-modern-music-and-pop-culture)>. Acesso em: 5 mai. 2023.

PORTER, Alice. *Is Liverpool getting fed up with Beatles tourism?* Disponível em: <<https://www.timeout.com/uk/things-to-do/is-liverpool-finally-fed-up-with-beatles-tourism>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

REILLY, Nick. *George Harrison woodland memorial to open in Liverpool*. Disponível em: <[https://www.nme.com/en\\_au/news/music/a-woodland-memorial-to-george-harrison-is-opening-in-liverpool-2614768](https://www.nme.com/en_au/news/music/a-woodland-memorial-to-george-harrison-is-opening-in-liverpool-2614768)>. Acesso em 08 ago. 2023.

ROLLING STONE. Disponível em: < <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/the-beatles-rock-band-chega-ao-mercado-em-setembro/> >. Acesso em: 19 out. 2023.

ROTHMAN, Lily. Original *Abbey Road* Review: Record 'Crammed With Musical Delights' <https://time.com/3394132/original-abbey-road-review-1969/>. Acesso em 02 dez. 2022.

SLATER, Chris. *I saw them standing there*. Liverpool: Sam Flaco, 2017.

SMITH, Patrick. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/news/world/beatles-release-final-record-artificial-intelligence-paul-mccartney-rcna88998>>. Acesso em: 14 out. 2023.

SPENCER, Neil. Beatles for Sale: Why not? Out there was Beatle wall-paper, jackets, wigs, boots, posters". In: *The Beatles: 10 years that shook the world*, London: Penguin Company, 2006.

SPENCER, Neil. Some Product. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. London: Penguin Company, 2006.

SPITZ, Bob. *The Beatles: a biografia*. Traduzido por Mariana Varella *et al.* São Paulo: Editora Lafonte, 2007.

STEPHENS, Randall J. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/outlook/2021/12/10/beatles-reshaped-american-culture-explaining-their-enduring-appeal/>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

SUÁREZ, Bernardo. “*Revolver*” y dar de nuevo: Una aproximación semiótica a la música de Los Beatles. *La Trama de la Comunicación*, Volumen 21 Número 1, enero a junio de 2017.

THE BEATLES. *Anthology*. San Francisco: Chronicle Books, 2000.

THE BEATLES. Encarte. In: *Please, please me*. Londres: EMI, 1963, digital, estéreo, AA0012000.

THE BEATLES, Encarte. In: *With the Beatles*. Londres: EMI, 1963, digital, estéreo, AA0007000. (Tradução nossa).

THE BEATLES BIBLE. *US single release: I Want To Hold Your Hand*. Disponível em: <<https://www.beatlesbible.com/1963/12/26/us-single-i-want-to-hold-your-hand/>>. Acesso em: 08 nov. 2022.

THE BEATLES. *Revolver* (book). Special 50th year anniversary edition. 2022.

THE BEATLES SHOP. Disponível em: <<https://www.thebeatleshop.com.br/cd-sgt-pepper-s-lonely-hearts-club-band-anniversary-edition>>. Acesso em: 20 out. 2023.

THE BEATLES. The story of Apple Records. Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/story-apple-records>>. Acesso em 08 jan. 2024.

THE GUARDIAN. *The Beatles set record 54-year gap between No 1 singles as Now and Then tops UK chart*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/music/2023/nov/10/the-beatles-54-years-no-1-singles-now-and-then-uk-chart>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

THE GUARDIAN. *Unesco strips Liverpool of its world heritage status: UN body says years of development have caused ‘irreversible loss’ to historic value of Victorian docks*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk-news/2021/jul/21/unesco-strips-liverpool-waterfront-world-heritage-status>>. Acesso em: 02 set. 2023.

THOMPSON, Phil. *The best of cellars: the story of the world famous Cavern Club*. Liverpool, The Blue Coat Press, 1994.

TRUST, Gary. *April 4, 1964: The Beatles Control Entire Top Five On Billboard Hot*. Disponível em: <<https://www.billboard.com/pro/april-4-1964-the-beatles-control-entire-top-five-on-billboard/>>. Acesso em 18 fev. 2023.

TURNER, Steve. *Beatles 1966: o ano revolucionário*. Traduzido por Marcelo Hauck. São Paulo: Benvirá, 2018.

TURNER, Steve. *The Beatles: todas as músicas, todas as letras, todas as histórias*. Traduzido por Jaime Biaggio. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.



UOL. Disponível em: < <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/reuters/2019/10/04/abbey-road-dos-beatles-volta-ao-topo-das-paradas-50-anos-apos-lancamento.htm> >. Acesso em: 17 out. 2023.

YELLOW SUBMARINE. Disponível em: <<https://www.lydiatesliverpoollens.com/2010%20update/yelsub.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2023.

WEBB, Robert. *All you need is love*. Disponível em: <<https://www.thehistorypress.co.uk/articles/all-you-need-is-love/>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

WILLIAMS, Richard. The immaculate inception. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. London: Penguin Company, 2006.

WILLIAMS, Richard. Stretching the boundaries. In: *The Beatles: 10 years that shook the world*. London: Penguin Company, 2006.

WITH THE BEATLES. Disponível em: <<https://www.thebeatles.com/beatles>>. Acesso em: 16 out. 2022.

#### 4.2 BIBLIOGRAFIA

AFONSO, Micheli Martins e SERRES, Juliane Conceição Primon. Casa-museu, museu-casa ou casa histórica? Uma controversa tipologia museal. In: *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Noviembre 2014, [www.eumed.net/rev/cccss/30/casa-museu.html](http://www.eumed.net/rev/cccss/30/casa-museu.html).

AGUIAR, Sylvia Maria Marteleto. Benjamin e a Aura. In: *Revista Exagium*. Volume I – Abril de 2008.

AMAZON.COM.BR. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Inven%C3%A7%C3%A3o-Morel-Formato-Convencional/dp/8525428221>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como história da cidade*. Traduzido por Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ARENDR, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Traduzido por Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSMANN, Aleida. *Transformations of the Modern Time Regime*. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/36b1/ac544a01bae663f57d9d16087fd7a6e9f74c.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2018, p. 39.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Traduzido por Paulo Soethe (coord.). Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

ASSMANN, Aleida. Transformations between History and Memory. In: *Social Research: An International Quarterly*, vol. 75 no 1, 2008, pp. 49-72.

ASSMANN, Aleida. *How history takes place*. Disponível em: <[https://perspectivia.net/servlets/MCRFileNodeServlet/ploneimport\\_derivate\\_00000169/assmann\\_history.pdf](https://perspectivia.net/servlets/MCRFileNodeServlet/ploneimport_derivate_00000169/assmann_history.pdf)> . Acesso em: 09 out. 2023.

BARRETTO, Margaritta. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Traduzido por Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água. 1991.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Traduzido por Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Diários de Viagem*. Traduzido por João Barrento. Porto: Porto Editora, 2022.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Traduzido por João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BONALDO, Rodrigo Bragio. *O que é história pública?* Disponível em: <<https://historiapublica.sites.ufsc.br/o-que-e-historia-publica/>> . Acesso em 01 out. 2023.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (org.). *As cidades da cidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BRITANNICA. *Globalization*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/money/topic/globalization>>. Acesso em: 10 out. 2023.

BRITANNICA. *National Trust*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/National-Trust>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

BRITANNICA. *Skiffle*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/art/skiffle>>. Acesso em 04 nov. 2022.

BROCKEN, Michael. *Other voices: hidden histories of Liverpool's popular music scenes, 1930s-1970s*. Surrey: Ashgate, 2010.

BURKE, Peter; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Os ingleses*. São Paulo: Contexto, 2016.

CALVELLI, Haudrey Germiniani. *A Santiago de Compostela brasileira: religião, turismo e consumo na peregrinação pelo Caminho da Fé*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. 2006.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Traduzido por Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMBRIDGE DICTIONARY. *Nostalgia*. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/nostalgia>> Acesso em 21 abr. 2023.

CAMBRIDGE DICTIONARY. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/scouse>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Traduzido por Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

CARRIER, Peter; KABALEK, Kobi. Cultural Memory and Transcultural Memory - A Conceptual Analysis. In: BOND, Lucy; RAPSON, Jessica. *The Transcultural Turn: interrogating memory between and beyond borders*. Berlin: De Gruyter, 2014, p. 53; 54.

CASARES, Adolfo Bioy. *A invenção de Morel*. Traduzido por Alexandre Boide. São Paulo: Cosac Naif, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Traduzido por Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Traduzido por Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CIRNE, Max. *Nostalgia do passado se explica por características do presente, escreve pesquisador sobre onda de séries e filmes que remetem aos anos 1980*. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2022/01/nostalgia-do-passado-se-explica-por-caracteristicas-do-presente-escreve-pesquisador-sobre-onda-de-series-e-filmes-que-remetem-aos-anos-1980-ckyeerjgo000v015p4liv29kh.html>>. Acesso em: 01 mai. 2023.

CLOUDFRONT. Disponível em: <[https://d1wqztxts1xzle7.cloudfront.net/61564608/memorials\\_monuments\\_2nd\\_edition-libre.pdf?1576812333=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMemorials\\_and\\_Monuments.pdf&Expires=1679153171&Signature=Qe7mBkdBRUd~uVaQvhd65Rt6M3Gk~hwkiTN1Ejdd8q1XY5zAqY9qY10yk72rdT8dvVUXZ9qPP4~9ZXjbyYYOT8IoUSvoq~vRVLBU58XRpLr6bhn3j1V58FYCgtnvEGFZWHj~e8ieCLEOCRdgpLuLS243iltmw1b-cG2Yp0OrX00okwJspXK50Qave0oexHtRKnIMsoS17rZv~FFjyxuPst7S4K00xx2sfUfC6ulvvgQy6ys-cf3XuMsBJ-Dpy1Ga0FbSodBbphBJtOR6RCRttWXwwboa53-Yaa1jyXuLGTXFuVWDztAX2L1eeQSk69INGxGyizcScpaemMlcJlxA\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqztxts1xzle7.cloudfront.net/61564608/memorials_monuments_2nd_edition-libre.pdf?1576812333=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMemorials_and_Monuments.pdf&Expires=1679153171&Signature=Qe7mBkdBRUd~uVaQvhd65Rt6M3Gk~hwkiTN1Ejdd8q1XY5zAqY9qY10yk72rdT8dvVUXZ9qPP4~9ZXjbyYYOT8IoUSvoq~vRVLBU58XRpLr6bhn3j1V58FYCgtnvEGFZWHj~e8ieCLEOCRdgpLuLS243iltmw1b-cG2Yp0OrX00okwJspXK50Qave0oexHtRKnIMsoS17rZv~FFjyxuPst7S4K00xx2sfUfC6ulvvgQy6ys-cf3XuMsBJ-Dpy1Ga0FbSodBbphBJtOR6RCRttWXwwboa53-Yaa1jyXuLGTXFuVWDztAX2L1eeQSk69INGxGyizcScpaemMlcJlxA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA)>. Acesso em 22 ago. 2023.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Traduzido por Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

COHEN, Sara. *Decline, Renewal and the City in Popular Music Culture: Beyond the Beatles* (Ashgate Popular and Folk Music Series). Hampshire, England: Ashgate, 2007.

COHEN, Sara; KRONENBURG, Robert. *Liverpool's musical landscapes*. Swindon: Historic England, 2018.

COOPER, Matthew. *Backward glances: The cultural and industrial uses of nostalgia in 2010s Hollywood cinema*. (2021). College of Communication Master of Arts Theses. Disponível em: <

<https://via.library.depaul.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1035&context=cmnt>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Monumentos, política e espaço*. In: Scripta Nova. *Revista eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*.

Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98.

Vol. IX, núm. 183, 15 de febrero de 2005.

COSTA, Sílvia Sobral. *Down house, a casa de Charles Darwin: a preservação da memória através das casas-museus*. Monografia de conclusão do curso de História. Jataí: UFJ, 2019.

DAVIDSON, Peter. *The idea of north*. London: Reaktion Books, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* Traduzido por Mariana Pinto dos Santos. Lisboa: KKYM, 2015.

DW. *Os efeitos perversos do turismo de massa*. Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-br/os-efeitos-perversos-do-turismo-de-massa/a-45156496#:~:text=Sobretudo%20o%20n%C3%BAmero%20de%20viagens,parecidos%20com%20os%20da%20gentrifica%C3%A7%C3%A3o.>> Acesso em: 04 dez. 2023.

EAGLETON, Terry. *A morte de Deus na cultura*. Traduzido por Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2016.

EARLL, Astrid. Travelling Memories. In: *Parallax*, 2011, vol. 17, n. 4, p. 4-18.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Traduzido por São Paulo: Perspectiva, 2014.

ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. Traduzido por Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ENGLISH ONLINE. *Abbey Road Crossing Becomes National Heritage Site*. Disponível em: <<https://www.english-online.at/news-articles/travel/abbey-road-becomes-national-heritage-site.htm>>. Acesso em: 03 set. 2023.

ENTREVISTA COM BILL HARRY. Entrevista concedida por Bill Harry, editor do jornal *Merseybeat*. Disponível em: <https://mccartney.com/?p=12016>>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FEINDT, Gregor, *et al.* Entangled memory: toward a third wave in memory studies. *History and Theory: Studies in the Philosophy of History*, 53, Wesleyan University, Feb. 2014, pp. 24-44.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. *Peregrinos e centros de peregrinação*. In: *Peregrinos e Peregrinação na Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll: uma história social*. Traduzido por A. Costa. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GASTAL, Susana. Prefácio. In: VARGAS, Helena Comin; PAIVA, Ricardo Alexandre (organizadores). *Turismo, arquitetura e cidade*. Barueri, SP: Manole, 2016.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Traduzido por Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOETHE, J.W. *Viagem à Itália (1786-1788)*. Traduzido por Sérgio Tellaroni. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. In: *Historiæ*, Rio Grande, 3 (3): 27-46, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/jbfr/Downloads/3260-Texto%20do%20artigo-9120-1-10-20130118.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

GOMBRICH, E.H. *A história da arte*. Traduzido por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Depois de 1945: latência como origem do presente*. Traduzido por Ana Isabel Soares. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. Traduzido por Ana Isabel Soares. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Traduzido por Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Traduzido por Jacinto Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HAZRA, Indrajit. *Memories as brands: Why the nostalgia industry works so well*. Disponível em: <https://timesofindia.indiatimes.com/blogs/Undertheinfluence/memories-as-brands-why-the-nostalgia-industry-works-so-well/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

HENRIQUES, Flávio Medeiros; SUAREZ, Maribel Carvalho. *Nostalgia como prática? Relendo a pesquisa sobre nostalgia no campo do Marketing*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120200109>. Acesso em: 09 mai. 2023.

HOBBSAWM, Eric J. *Tempos Fraturados: cultura e sociedade no século XX*. Traduzido por Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOBBSAWM, Eric J. *História Social do Jazz*. Traduzido por Angela Noronha. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. Traduzido por Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORNBY, Nick. *Juliet nua e crua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

JOHN MOORE UNIVERSITY. *History of Liverpool: A city steeped in history and tradition*. Disponível em: <<https://www.ljmu.ac.uk/discover/liverpool/history>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

KING JR., Martin Luther. I have a dream (speech). Disponível em: <<http://www.analytictech.com/mb021/mlk.htm#:~:text=sisters%20and%20brothers.-,%20have%20a%20dream%20today.,This%20is%20our%20hope.>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

KOSELLECK, Reinhart. *Uma latente filosofia do tempo*. Traduzido por Luiz Costa Lima. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Traduzido por Contexto Traduções. São Paulo: Aleph, 2009.

LAWRENCE, D.H. *O amante de Lady Chatterley*. Traduzido por Maria Teresa Pinto Pereira. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2010.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Vol. 1. Coordenação da tradução: Hilário Franco Júnior. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Traduzido por Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Traduzido por Bernardo Leitão, Irene Ferreira, Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEVY, Bertrand. *Urban Square as the Place of History, Memory, Identity*. Disponível em: <[file:///C:/Users/jbfr/Downloads/Urban\\_Square\\_as\\_the\\_Place\\_of\\_History\\_Mem.pdf](file:///C:/Users/jbfr/Downloads/Urban_Square_as_the_Place_of_History_Mem.pdf) >. Acesso em: 02 set. 2023, pp. 156-157.

LIVERPOOL. *Liverpool: the story of a city*. Liverpool: Liverpool University Press, 2012.

LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Traduzido por Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LONGMORE, Jane. Cemented by the blood of a negro? The impact of the slave trade on Eighteenth-Century Liverpool. In: *Liverpool and transatlantic slavery*. LOVEJOY, Paul E.; RICHARDSON, David. African agency and the Liverpool slave trade. In: *Liverpool and transatlantic slavery*. RICHARDSON, David; SCHWARZ, Suzanne; TIBBLES, Anthony (Ed.). Liverpool: Liverpool University Press, 2010.

MACILWEE, Michael. *The Liverpool Underworld: crime in the city, 1750-1900*. Liverpool: Liverpool University Press, 2011.

MAH, Alice. *Port cities and global legacies: urban identity, waterfront work and radicalism*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

MARGRY, Peter Jan. *Shrines and Pilgrimage in the modern world: new itineraries into the sacred*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008.

MEDIABOX. *O que torna um álbum conceitual?* Disponível em: <http://mediabox.observatoriodoaudiovisual.com.br/2020/07/o-que-torna-um-album-conceitual-seja.html>. Acesso em: 19 fev. 2023.

MEDIEVAL WRITING. Disponível em: <http://medievalwriting.50megs.com/word/borough1.htm>. Acesso em 20 ago. 2018.

MENESES, José Newton Coelho. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MERHEB, Rodrigo. *O som da revolução: uma história cultural do rock (1965-1969)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MISSELWITZ, Phil. Liverpool City Profile. In: *Manchester/Liverpool: Studies Part 1*. Colophon: Berlin, 2004.

MORGAN, Janet. *Agatha Christie: Uma biografia*. Traduzido por Patrícia Azeredo. Rio de Janeiro: BestSeller, 2018.

MORGAN, Kenneth. Liverpool's dominance in the British Slave Trade, 1740-1807. In: *Liverpool and transatlantic slavery*. RICHARDSON, David; SCHWARZ, Suzanne; TIBBLES, Anthony (Ed.). Liverpool: Liverpool University Press, 2010.

NAÇÃO DIGITAL. *Já ouviu falar do marketing de nostalgia? Saiba mais!* <https://nacao.digital/blog/marketing-de-nostalgia/>. Acesso em 06 mai. 2023.

NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. Nos passos de Cristo e de seus apóstolos: relatos de viagem e peregrinações. In: *Peregrinos e Peregrinação na Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NEVES, Margarida de Souza. Lugares de Memória na PUC-Rio. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/content/lugares-memoria-puc-rio>. Acesso em: 01 ago. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. *História e Música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Traduzido por Yara Aun Khoury. Projeto História, *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História/ Departamento de História, PUCSP*, n. 10, 1993, p. 12-13.

NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO. Lugares de Memória. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/colecoes/lugares-memoria#:~:text=Os%20lugares%20de%20mem%C3%B3ria%20t%C3%AAm,se%20expressa%20e%20se%20revela.>. Acesso em: 30 mar. 2024.

PECLIAR, Paola Luciana Rodriguez. *Turismo Cultural: Um olhar sobre as manifestações de atratividades encontradas nas feiras populares do Brique da Redenção em Porto Alegre-RS, Brasil, e a Feira da Praça Matriz em Montevidéu no Uruguai*. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt6-turismo-cultural.pdf>. Acesso em 04 jul. 2022.

PEREIRA, Matheus. *Materializando o intangível: 8 memoriais ao redor do mundo*. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/946089/materializando-o-intangivel-8-memoriais-ao-redor-do-mundo>>. Acesso em: 08 ago. 2023.

PICKERING, Michael; KEIGHTLEY, Emily. *The modalities of nostalgia*. Disponível em: <[file:///C:/Users/jbfbfbr/Downloads/The\\_Modalties\\_of\\_Nostalgia.pdf](file:///C:/Users/jbfbfbr/Downloads/The_Modalties_of_Nostalgia.pdf)>. Acesso em 02 mai. 2023.

POMIAN, Krzysztof. *Colecção*. Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984.

PYE, Ken. *Liverpool: the rise, fall and renaissance of a world-class city*. Gloucestershire: Amberley Publishing, 2016.

RAWLINSON, Mark (ed.). *First World War Plays*. London: Bloomsbury, 2014, p. 227.

REIS, Fábio José Garcia. *Turismo: uma perspectiva regional*. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

RICHARDSON, David; SCHWARZ, Suzanne; TIBBLES, Anthony (Ed.). Introduction. In: *Liverpool and transatlantic slavery*. RICHARDSON, David; SCHWARZ, Suzanne; TIBBLES, Anthony (Ed.). Liverpool: Liverpool University Press, 2010.

RICHARDS, Greg. The scope and significance of Cultural Tourism. In: *Cultural Tourism in Europe* (Edited by Greg Richards). UK: Atlas, 2005, pp. 19-20.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem*. Traduzido por Werner Rotschild Davidsohn, Anat Fallbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RUSSEL, Pamela. *Liverpool during the First World War*. Disponível em: <https://www.thehistorypress.co.uk/articles/liverpool-during-the-first-world-war/>. Acesso em: 15 jan. 2019.

SARAMAGO, José. *A viagem do elefante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARAMAGO, José. *Viagem a Portugal*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. Traduzido por Mirian Senra. São Paulo: Editora da USP, 2016.

SCHWARZ, Suzanne. Slave Captain: The career of James Irving in the Liverpool Slave Trade. In: *Liverpool and transatlantic slavery*. Liverpool: Liverpool University Press, 2010.

SESC, São Paulo. *Entrevista Teixeira Coelho*. Disponível em: <[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/259\\_ENTREVISTATEIXEIRA+COELHO](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/259_ENTREVISTATEIXEIRA+COELHO)>.

Acesso em: 28 ago. 2019.

SOUSA COLANTUONO, Aline Correia de. O processo histórico da atividade turística mundial e nacional. *Cadernos da Fucamp*, v.14, n.21, 2015.



STRAWBERRY FIELDS. Disponível em: <<https://www.centralpark.com/things-to-do/attractions/strawberry-fields/>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

TAYLOR, Nick. Recording history. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/2005/mar/11/abbeyroadfilmfestival.festivals2#:~:text=A+bout%20120%2C000%20people%20come%20to,name%20on%20the%20wall%20outside>>. Acesso em: 03 ago. 2023.

TERRY, Andrea. *House Museums*. Disponível em: <<https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780199766567/obo-9780199766567-0243.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

TITCHENER, E.B. Affective Memory. In: *The Philosophical Review*, Vol. 4, No. 1 (Jan, 1895), pp. 65-76. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2175845>>. Acesso em: 03 out. 2023.

THE TRIBUNE EXPRESS. *Artists paint nostalgia of memories and heart* Disponível em: <<https://tribune.com.pk/story/1527977/artists-paint-nostalgia-memories-heart>>. Acesso em: 04 mai. 2023.

THOMPSON, Laura. *Segredos do Surrealismo*. Traduzido por Eliana Rocha. São Paulo: Publifolha, 2011.

TRIPADVISOR. Disponível em: <[https://www.tripadvisor.com/Attraction\\_Review-g186338-d189039-Reviews-3\\_Savile\\_Row-London\\_England.html](https://www.tripadvisor.com/Attraction_Review-g186338-d189039-Reviews-3_Savile_Row-London_England.html)>. Acesso em: 21 ago. 2023.

VARGAS, Helena Comin. Turismo: reflexões disciplinares. In: VARGAS, Helena Comin; PAIVA, Ricardo Alexandre (organizadores). *Turismo, arquitetura e cidade*. Barueri, SP: Manole, 2016.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. 3ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

VILCEA, Cristiana et al. *Historical Buildings and Monuments as Cultural Heritage In Situ—Perspectives from a Medium-Sized City*. In: *Heritage* 2023, 6(6), 4514-4526; <https://doi.org/10.3390/heritage6060239>.

UNeECC. *European Capital of Culture*. Disponível em: <<http://uneecc.org/european-capitals-of-culture/history/>>. Acesso em: 26 mai. 2019.

WOOLF, Virginia. *Orlando: uma biografia*. Traduzido por Eliane Fittipaldi Pereira e Katia Maria Orberg. São Paulo: Martin Claret, 2019.

WOOLLASTON, Victoria. *Scousers have the 'least intelligent and least trustworthy' accent - while Devonians have the friendliest* Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-2433201/Scousers-intelligent-trustworthy-accent--Devonians-friendliest.html>. Acesso em: 12 mar. 2023.

WULF, Christoph; GEBAUER, Gunter. *Mimese na cultura: agir social - rituais e jogos - e produções estéticas*. Traduzido por Sílvio Luiz Lofego. São Paulo: Annablume, 2004.